

a
esposa
perfeita

UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT —LIVRO I

BLAKE PIERCE



a e s p o s a p e r f e i t a

(um thriller psicológico de jessie hunt —livro 1)

b l a k e p i e r c e

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho); da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright © 2018 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book está licenciado apenas para seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright nikita tv, usada com autorização da Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

CAPÍTULO UM

Jessie Hunt, exausta e suada, deixou cair a última das caixas de embalagem no tapete da sala de jantar. Ela já sentia seus músculos começando a ceder e sabia que ia estar cheia de dores amanhã.

Mas ao olhar para Kyle, ela não pôde deixar de sorrir. Eles tinham oficialmente mudado de cidade. O largo sorriso no rosto dele disse a Jessie que ele estava pensando a mesma coisa. A camisa dele estava encharcada, mas ela não se importou quando ele se aproximou e a envolveu num abraço apertado.

“Agora vivemos aqui”, ele sussurrou em seu ouvido, antes de beijá-la gentilmente no pescoço. “Acho que temos direito a celebrar com uma bebida, você não acha?”

“Certamente”, ela concordou.

“Champanhe? Cerveja?”

“Talvez uma cerveja”, sugeriu Jessie, “E um Gatorade a seguir. Eu sinto como se todo meu corpo pudesse paralisar a qualquer segundo.”

“Volto já”, disse Kyle, se dirigindo para a cozinha.

Jessie foi da sala de jantar para a sala de estar e se deixou cair no sofá, sentindo a blusa encharcada de suor pressionada contra o lençol que o cobria. Era final de agosto e, mesmo na comunidade costeira de Westport Beach, no condado de Orange, o tempo estava quente e úmido. A temperatura facilmente atingia os noventa e poucos.

Claro que isso não era nada comparado com o centro de Los Angeles, onde eles tinham morado até hoje de manhã. Cercada pelo asfalto, concreto e arranha-céus brilhantes, Jessie costumava sair do apartamento para o calor do verão e enfrentar temperaturas acima dos cem graus. Em comparação, a temperatura aqui era um alívio.

Ela lembrou a si mesma que isso era exatamente o tipo de privilégio que justificaria que ela se afastasse da vida informal que tinha aprendido a adorar na cidade. Ela estaria trocando o entusiasmo da excitação das ruas frenéticas de Los Angeles por uma brisa fresca do oceano. Em vez de restaurantes novos e na moda, eles iriam visitar cafés à beira-mar. Em vez de irem de

metrô ou de Uber à abertura de uma galeria, eles iriam ver uma corrida de iates no porto. E claro, havia a questão de todo o dinheiro adicional. Levaria algum tempo para se acostumar. Mas ela tinha prometido ao seu marido que abraçaria sua nova vida e ela pretendia manter sua palavra.

Kyle entrou na sala, segurando cervejas e *Gatorades*. Ele havia despido sua camisa molhada. Jessie fingiu não reparar nos impressionantes abdominais e peito do marido. Ela não entendia como é que ele conseguia manter aquele físico, estando tantas horas na empresa trabalhando. Mas ela não estava reclamando.

Ele se aproximou dela, entregando as bebidas e sentando ao seu lado.

“Você sabia que havia um frigorífico de vinhos na despensa?”, ele perguntou.

“Sim”, ela disse, rindo incrédula. “Você não reparou nisso quando viemos ver a casa nas últimas duas vezes?”

“Eu simplesmente presumi que fosse mais um armário, pelo que, na verdade, nunca abri ele a não ser agora. Bastante interessante, hein?”

“Sim, bastante interessante, rapaz bonitão”, ela concordou, maravilhada em como seus pequenos caracóis loiros se mantinham perfeitamente penteados, independentemente do quão desalinhado ele estivesse.

“Você é que é bonita”, disse ele, desviando os cabelos castanho-claros de Jessie, que lhe davam pelos ombros, de seus olhos verdes e olhando para ela com seus olhos azuis penetrantes. “Ainda bem que tirei você de Los Angeles. Estava cansado de todos aqueles *hipsters* de chapéu *Fedora* dando em cima de você.”

“Os *fedoras* não eram muito apelativos, devo dizer. Eu mal conseguia ver seus rostos para decidir se eles eram meu tipo.”

“Isso é porque você é uma mulher Amazona”, disse ele, fingindo não ficar com ciúmes com sua leve provocação. “Qualquer cara com menos de seis pés de altura tem que esticar o pescoço para olhar para um mulherão como você.”

“Mas você não”, Jessie murmurou baixinho, subitamente esquecendo suas dores quando o puxou para perto dela. “Quando olho para você, olho sempre para cima, bonitão.”

Os lábios dela tinham acabado de tocar nos dele quando a campainha tocou.

“Só podem estar brincando comigo”, ela gemeu.

“Porque não vai atender?” Kyle sugeriu. “Vou buscar uma camisa lavada para vestir.”

Jessie foi até à porta da frente, com a cerveja na mão. Era sua pequena rebelião contra ser interrompida a meio da sedução. Quando abriu a porta, foi saudada por uma ruiva alegre que parecia ter mais ou menos sua idade.

Ela era engraçada, com um pequeno nariz de botão, dentes brancos brilhantes e um vestido justo o suficiente para provar que nunca perdia uma aula de Pilates. Nas suas mãos estava uma bandeja com o que pareciam ser *brownies* caseiros. Jessie não pôde deixar de reparar na enorme aliança de casamento em seu dedo. Brilhava com o sol da tarde.

Quase sem pensar, Jessie deu por si a traçar o perfil da mulher: trinta e poucos anos; se casou jovem; dois, talvez três filhos; não trabalha para tomar conta dos filhos, mas tem muita ajuda; intrometida, mas não de uma maneira maliciosa.

“Oi”, disse a mulher com uma voz animada. “Eu sou Kimberly Miner e moro no outro lado da rua. Eu só queria dar a vocês as boas-vindas ao nosso bairro. Espero não estar incomodando.”

“Oi, Kimberly”, respondeu Jessie em sua voz mais amigável de nova vizinha. “Eu sou Jessie Hunt. Nós, na verdade, acabamos de trazer nossa última caixa poucos minutos atrás, pelo que este é um ótimo momento. E isso é tão gentil de sua parte, literalmente! *Brownies*?”

“Sim”, disse Kimberly, entregando a bandeja. Jessie viu que ela intencionalmente fingiu não ver a cerveja em sua mão. “É uma espécie de especialidade minha.”

“Bem, entre e coma um”, Jessie convidou, embora fosse a última coisa que ela agora queria. “Peço desculpa por a casa estar tão desarrumada, assim como Kyle e eu. Transpirámos o dia todo. Na verdade ele está procurando uma camisa nova neste momento. Aceita alguma coisa para beber? Água? Gatorade? Uma cerveja?”

“Não obrigada. Eu não quero incomodar. Você provavelmente nem sequer ainda sabe em que caixa tem os copos. Eu ainda me lembro do processo de mudança. Demoramos meses. De onde é que vocês vêm?”

“Oh, nós vivíamos no CLA”, Jessie disse, e vendo o olhar confuso no rosto de Kimberly, acrescentou: “Centro de Los Angeles. Nós tínhamos um condomínio no distrito de *South Park*.”

“Oh... uau, gente da cidade”, disse Kimberly, rindo um pouco de sua própria piada. “O que trouxe vocês para o Condado de Orange e nossa pequena comunidade?”

“Kyle trabalha para uma empresa de gestão de fortunas”, explicou Jessie. “Eles abriram um escritório satélite aqui no início do ano e recentemente o negócio aqui se expandiu. É uma coisa grande para eles porque o PFG é uma operação bastante conservadora. De qualquer forma, perguntaram a Kyle se ele ajudaria a administrar o negócio. Nós achamos que era um bom momento para fazer uma mudança, já que estamos pensando em começar uma família.”

“Oh, com o tamanho desta casa, eu assumi que vocês já tivessem filhos”, disse Kimberly.

“Não, apenas sendo otimista”, respondeu Jessie, tentando esconder o constrangimento repentino do qual ela se surpreendeu sentir. “Você tem filhos?”

“Dois. Nossa filha tem quatro e nosso filho dois. Na verdade, vou agora buscá-los na creche.”

Kyle chegou e passou um braço pela cintura de Jessie enquanto estendia o outro para cumprimentar Kimberly.

“Oi”, ele disse calorosamente.

“Oi, seja bem-vindo”, ela respondeu. “Meu Deus, a avaliar por vocês dois, seus futuros filhos serão gigantes. Ao lado de vocês eu me sinto pequena.”

Houve um breve e constrangedor silêncio quando Jessie e Kyle questionaram a si próprios em como responder.

“Obrigado?”, ele finalmente disse.

“Lamento. Foi inconveniente de minha parte. Eu sou Kimberly, sua vizinha daquela casa”, disse ela, apontando para o outro lado da rua.

“Prazer em conhecer você, Kimberly. Eu sou Kyle Voss, o marido de Jessie.”

“Voss? Eu pensei que era Hunt.”

“Ele é Voss”, explicou Jessie. “Eu sou Hunt, pelo menos por agora. Eu tenho adiado tratar da papelada para mudar isso.”

“Estou vendo”, disse Kimberly. “Tem quanto tempo que vocês estão casados?”

“Tem quase dois anos”, disse Jessie timidamente. “Eu tenho problemas *reais* com adiamentos. Isso pode explicar porque ainda ando na escola.”

“Oh”, Kimberly disse, claramente aliviada por se afastar do delicado último assunto. “O que você está estudando?”

“Psicologia Forense.”

“Uau - isso parece empolgante. Quanto tempo falta até você ser oficialmente uma psicóloga?”

“Bem, eu deixei as coisas atrasarem um pouco”, disse Jessie, compartilhando a história obrigatória de todas as festas a que eles tinham ido nos últimos dois anos. “Eu comecei por estudar psicologia infantil quando éramos estudantes na USC - foi lá que nos conhecemos. Eu estava até fazendo um estágio para meu mestre quando entendi que não conseguia lidar com isso. Lidar com os problemas emocionais das crianças era demais para mim. Então eu mudei.”

Ela intencionalmente não referiu alguns dos outros detalhes do motivo pelo qual tinha abandonado o estágio. Quase ninguém sabia e ela certamente não iria compartilhar isso com uma vizinha que acabara de conhecer.

“Então você acha que lidar com a psicologia de criminosos é menos perturbador do que lidar com a das crianças?” Kimberly perguntou, estupefacta.

“Estranho, hein?” Jessie admitiu.

“Você ficaria espantada”, Kyle entrou. “Ela tem esse talento para entrar na cabeça dos bandidos. Ela um dia vai ser uma grande especialista em perfis criminais. Qualquer potencial *Hannibal Lecter* que haja por aí é melhor que fique atento.”

“É sério?”, disse Kimberly, parecendo devidamente impressionada. “Você já teve que lidar com assassinos em série e coisas do gênero?”

“Ainda não”, admitiu Jessie. “A maior parte de minha formação tem sido acadêmica. E com a mudança, tive que mudar de escola. Portanto, a partir deste semestre vou fazer minhas aulas práticas em UC-Irvine. Este é meu último semestre, pois em dezembro me vou formar.”

“Aulas práticas?”, Kimberly perguntou.

“É um pouco como um estágio, apenas menos intenso. Irão me atribuir uma prisão ou um hospital psiquiátrico, onde irei observar e interagir com presidiários e pacientes. É do que eu tenho estado esperando.”

“A oportunidade de encarar os malfeitores nos olhos e ver para dentro de suas almas”, acrescentou Kyle.

“Isso me parece ser um pouco exagerado”, disse Jessie, lhe dando um soco brincalhão no ombro. “Mas, eventualmente, sim.”

“Isso é muito emocionante”, disse Kimberly, parecendo genuinamente intrigada. “Tenho a certeza que você terá ótimas histórias para contar. Falando nisso, você disse que vocês dois se conheceram na escola?”

“Residência dos calouros”, disse Kyle.

“Oh”, Kimberly reforçou. “Ligados enquanto lavavam a roupa, esse tipo de coisa?”

Kyle olhou para Jessie e antes mesmo dele dizer uma palavra, ela sabia que ele ia mergulhar na história de suas habituais festas.

“Aqui vai a versão abreviada”, ele começou. “Nós éramos amigos, mas começamos a namorar na metade do primeiro semestre, depois que um idiota qualquer deixou a Jessie pendurada esperando quando eles iam sair. Ele foi expulso da escola, mas não por ter faltado ao encontro, acho eu. De qualquer forma, na minha opinião ela se deu bem em se livrar daquele cara. Nós terminamos no primeiro ano, mas voltamos a namorar quando éramos veteranos. Depois namoramos durante um ano e, depois, fomos morar juntos. Ao fim de um ano de morarmos juntos ficamos noivos. Nos casamos dez meses depois. Vamos fazer dois anos de felicidade conjugal em outubro.”

“Então vocês são namorados de faculdade. Isso é tão romântico.”

“Sim, é isso”, disse Kyle. “Mas demorou um pouco para conquistar Jessie. E eu tinha que estar sempre a afastar a concorrência. Como você pode imaginar, praticamente todos os caras que viam ela ficavam imediatamente apaixonados pela menina Jessica Hunt. E isso é só de olhar para ela. Depois de conhecer ela, você fica ainda mais obcecado.”

“Kyle”, Jessie disse, com seu rosto a ficar corado. “Você está me envergonhando. Guarde alguma coisa para outubro.”

“Sabem”, disse Kimberly com um sorriso, “acabei de me lembrar que preciso de ir buscar meus filhos agora. E, de repente, sinto que estou interrompendo o plano de um casal feliz para batizar sua nova casa. Por isso, eu me vou embora. Mas prometo apresentar vocês por aí. Nós temos um bairro muito amigável. Todos se conhecem. Temos churrascos de rua semanais. As crianças dormem em casa dos amigos muitas vezes. Todo o mundo pertence ao clube náutico local, mesmo que não tenha um barco. Assim que estiverem instalados, vocês vão descobrir que este é um ótimo lugar para viver.”

“Obrigado, Kimberly”, disse Kyle, caminhando para a porta. “Estamos ansiosos para conhecer todo o mundo. E muito obrigado pelos *brownies*.”

Depois de ela sair, ele fechou a porta e fez questão em trancar ela.

“Ela pareceu simpática”, ele disse. “Espero que todos sejam assim.”

“Sim, eu gostei dela”, concordou Jessie. “Ela foi um pouco intrometida, mas talvez as pessoas sejam assim aqui no sul. Acho que devia me acostumar a já não ter mais privacidade.”

“Vai ser uma adaptação”, Kyle concordou. “Mas acho que a longo prazo, vamos preferir conhecer os nomes dos nossos vizinhos e poder deixar nossas portas destrancadas.”

“Eu notei que você trancou ela agora mesmo, porém”, Jessie salientou.

“Isso é porque eu estava pensando sobre o que Kimberly disse em relação ao batismo da nova casa”, disse ele enquanto se aproximava dela, tirando sua segunda camisa em dez minutos. “E eu não gosto de nenhuma interrupção quando estou batizando”.

*

Mais tarde naquela noite, Jessie estava deitada na cama olhando para o teto com um sorriso no rosto.

“A este ritmo, teremos esses quartos extras preenchidos num instante”, disse Kyle, aparentemente lendo seus pensamentos.

“Duvido que consigamos manter este ritmo quando você começar a trabalhar no escritório e eu iniciar meu novo semestre.”

“Estou disposto a encarar de frente se você estiver”, disse ele, suspirando profundamente. Ela pôde sentir todo seu corpo a relaxar ao lado dela.

“Você não está minimamente nervoso?” ela perguntou.

“Com o quê?”

“Com tudo isto - maior salário, nova cidade, nova casa, novo estilo de vida, novas pessoas, tudo novo.”

“Não é tudo novo”, ele lembrou. “Você já conhece o Teddy e a Melanie.”

“Eu estive com Teddy três vezes e com Melanie uma. Eu mal conheço ele e apenas me lembro dela vagamente. Só porque seu melhor amigo do colégio mora a poucos quarteirões, não significa que, de repente, eu esteja confortável com nossa nova vida.”

Ela sabia que estava arranjando uma discussão, mas não conseguiu se conter. Kyle não mordeu o isco. Em vez disso, ele rolou e se virou para ela, passando um dedo levemente ao longo de seu ombro direito, ao lado da longa cicatriz rosada em forma de lua, com cinco polegadas de comprimento e que ia desde seu braço até a base de seu pescoço.

“Eu sei que você está apreensiva”, disse ele ternamente. “E você tem todos os motivos para estar. Tudo é novo. E eu sei que isso pode ser assustador. Não consigo te dizer o quanto eu aprecio o sacrifício que você está fazendo.”

“Eu sei que vai valer a pena”, disse ela, suavizando. “Mas é muita coisa ao mesmo tempo.”

“É por isso que encontrarmos com Teddy e Mel amanhã vai ajudar. Nós vamos restabelecer essa relação e então teremos pessoas na vizinhança com quem nos darmos quando nos estabelecermos. Até mesmo conhecer duas pessoas facilitará a transição.”

Ele bocejou profundamente e Jessie entendeu que ele estava prestes a adormecer. Esse grande bocejo normalmente significava que ele estaria dormindo em sessenta segundos ou menos.

“Eu sei que você tem razão”, disse ela, determinada a terminar a noite com uma boa nota. “Tenho certeza que vai ser ótimo.”

“Vai ser”, Kyle concordou preguiçosamente. “Eu te amo.”

“Eu também te amo”, disse Jessie, sem ter a certeza se ele a ouvira antes de adormecer.

Ela escutava suas respirações profundas, tentando que elas a ajudassem a dormir. O silêncio era inquietante. Ela estava acostumada aos sons reconfortantes do centro da cidade enquanto adormecia.

Ela sentia falta das buzinas dos carros lá em baixo na rua, dos gritos dos bancários bêbados a ecoarem entre os arranha-céus quando saíam dos bares, do som dos apitos dos caminhões a fazerem marcha-ré. Eles haviam servido como seu ruído branco durante anos. Agora, tudo o que ela tinha para os substituir era o zumbido suave do filtro de ar no canto do quarto.

De vez em quando, ela pensava ouvir um rangido distante. A casa tinha mais de trinta anos, portanto era de se esperar algum ajuste ocasional. Ela tentou fazer uma série de respirações profundas e relaxantes, tanto para abafar outros sons como para relaxar. Mas um pensamento continuava a incomodá-la.

Você tem certeza de que será ótimo por aqui?

Ela passou a hora seguinte com sua dúvida, a afastando culposamente para longe, antes de finalmente ceder ao cansaço e se acomodar num sono intermitente.

CAPÍTULO DOIS

Apesar dos gritos intermináveis, Jessie tentava lutar contra a dor de cabeça que mordiscava as bordas de seu crânio. Daughton, o doce, mas incrivelmente barulhento, filho de três anos de idade de Edward e Melanie Carlisle, havia passado os últimos vinte minutos jogando um jogo chamado Explosão, que consistia basicamente em ele gritar 'boom!' o tempo todo.

Nem Melanie ('chama-me Mel') nem Edward ('Teddy' para os amigos) pareciam incomodados com os gritos intermitentes, e, por isso, Jessie e Kyle agiam como se fosse normal também. Eles estavam sentados na sala de estar dos Carlisle, colocando os assuntos em dia, antes de uma caminhada planejada até ao porto para um brunch. Os Carlises moravam a apenas três quarteirões de lá.

Kyle e Teddy tinham ficado conversando lá fora na última meia hora enquanto Jessie se familiarizava novamente com Mel na cozinha. Ela apenas se lembrava dela vagamente do encontro anterior, mas apenas alguns minutos depois já havia uma boa vibração entre elas.

“Eu teria pedido a Teddy para fazer uns grelhados, mas eu não quero que vocês fiquem doentes em sua primeira semana aqui em baixo”, Mel disse sarcasticamente. “Ficamos muito mais seguros se formos comer à beira-mar.”

“Não é o melhor cozinheiro de todos os tempos?”, Jessie perguntou com um pequeno sorriso.

“Digamos. Se ele se oferecer para cozinhar, finja ter uma emergência para onde ir. Porque se você comer qualquer coisa que ele tenha feito, terá realmente uma emergência em mãos.”

“O que se passa, querida?”, Teddy perguntou quando ele e Kyle entraram. Ele era um tipo barrigudo e de aparência mole, com cabelo loiro recuado e pele pálida, que parecia que se queimaria se estivesse cinco minutos ao sol. Jessie também sentiu que sua personalidade seria muito parecida - mole e maleável. Um instinto profundo que ela não conseguia descrever, mas no qual aprendera a confiar ao longo dos anos, lhe disse que Teddy Carlisle era um homem fraco.

“Nada, querido”, ela disse casualmente enquanto piscava o olho para Jessie. “Apenas estou dando à Jessie algumas informações essenciais sobre como sobreviver em Westport Beach.”

“Muito bem” disse ele. “Se certifique de avisar sobre o tráfego na Rua Jamboree e na Autoestrada *Pacific Coast Highway*. Pode ser um pesadelo.”

“Essa era a próxima em minha lista”, Mel disse inocentemente quando se levantou do banco da cozinha.

Enquanto ela se dirigia até à sala de estar para recolher do chão os brinquedos de Daughton, Jessie não pôde deixar de notar que, em sua saia de tênis e top, sua pequena estatura era toda musculosa. Seus músculos da barriga da perna eram protuberantes e seus bíceps se flexionavam de uma forma impressionante enquanto ela pegava cerca de uma dúzia de carros da Matchbox num único movimento rápido.

Tudo nela, incluindo seu cabelo preto curto, sua energia sem limites, e sua voz projetada, era forte, de uma garota não fútil de Nova York, o que era exatamente o que ela tinha sido antes de se mudar para o oeste.

Jessie gostou dela imediatamente, embora não conseguisse entender o que a atraía numa pessoa como Teddy. Isso a deixou ligeiramente pensativa. Jessie se orgulhava de conseguir ler as pessoas. E esse buraco em seu retrato informal de Mel era levemente inquietante.

“Estamos prontos para ir?”, Teddy perguntou. Ele também estava vestido elegantemente com uma camisa folgada e calças brancas.

“Pegue seu filho e estaremos todos prontos”, disse Mel bruscamente.

Teddy, aparentemente acostumado com o tom dela, saiu para encontrar a máquina do jogo 'Explosão' sem uma palavra. Alguns segundos depois, eles ouviram gritos quando ele voltou segurando Daughton, que estava lutando poderosamente, de cabeça para baixo agarrado pelos tornozelos.

“Pai, pare!”, o menino gritava

“Ponha-o no chão, Edward”, disse Mel.

“Ele respondeu”, disse Teddy enquanto punha o filho no chão. “Eu só precisava de o lembrar que esse tipo de comportamento não é correto.”

“Mas e se ele escorregasse e batesse a cabeça?”, Mel quis saber.

“Nesse caso ele teria aprendido uma lição valiosa”, Teddy respondeu casualmente, aparentemente não se incomodado com a perspectiva.

Kyle riu em aprovação e só parou quando Jessie lhe lançou faíscas com os olhos. Ele tentou transformar o riso em tosse, mas já era tarde demais e ele encolheu os ombros para ela se desculpando.

Enquanto se dirigiam para o porto, descendo o trilho bem conservado, paralelo à estrada principal, Jessie reparou na forma como ela e Kyle estavam vestidos em comparação com seus amigos. Até mesmo Daughton, que tinha a pele pálida do pai, mas o cabelo escuro da mãe, estava vestido com uns calções engomados e uma camisa de colarinho. Kyle estava de calções e uma *t-shirt* e Jessie vestira um vestido esvoaçante de camponesa no último minuto.

“Tem certeza de que estamos vestidos adequadamente para um brunch em seu clube?”, ela perguntou a Mel com apreensão.

“Oh, não se preocupe com isso. Vocês são nossos convidados. As políticas de código de vestimenta não se aplicam a vocês. Apenas os membros recebem chicotadas por trajes inapropriados. E Daughton como é pequeno, apenas lhe fariam uma marca com um ferro em brasa.” Mel deve ter visto o olhar nos olhos de Jessie, porque ela imediatamente colocou a mão em seu pulso e acrescentou: “Estou brincando”.

Jessie sorriu sem graça devido à sua incapacidade de se descontraír. Precisamente naquele momento, Daughton passou por ela com um impressionante 'boom' que a fez pular.

“Ele tem muita energia”, disse ela, tentando parecer admirada. “Eu gostaria de a engarrafar.”

“Sim”, Mel concordou. “Ele dá algum trabalho. Mas eu o amo. É estranho como coisas que incomodam outras pessoas são encantadoras quando se trata de seu filho. Você vai entender o que eu quero dizer quando for com você. Quero dizer, assumindo que é isso que você quer.”

“É”, disse Jessie. “Nós conversámos sobre isso durante um tempo. Houve apenas alguns... contratempos ao longo do caminho. Mas esperamos que a mudança de ambiente ajude.”

“Bem, eu deveria já te avisar. É provável que este assunto surja frequentemente entre as mulheres que você vai conhecer hoje. Elas adoram falar sobre crianças e tudo o que esteja relacionado com elas. Vão provavelmente lhe perguntar sobre seus planos. Mas não se preocupe. Esse é o tipo de conversa padrão por aqui.”

“Obrigada pelo aviso”, disse Jessie ao chegarem no final do caminho.

Ela parou por um momento para admirar a vista. Estavam à beira de um penhasco com vista para a Ilha Balboa e para a baía do Promontório. A seguir, ficava a Península de Balboa, o último pedaço de terra antes do Oceano Pacífico. A água azul profunda se estendia até onde ela conseguia

ver, se fundindo finalmente com o céu azul mais claro, pontilhado com algumas nuvens brancas e fofas. Era de cortar a respiração.

Mais perto, ela via a movimentada marina, com barcos a se aproximarem e a se afastarem em algum sistema tácito que era muito mais organizado e bonito do que a autoestrada. As pessoas, pequenas como formigas daqui de cima, estavam passeando ao redor do complexo do pontão e de suas muitas lojas e restaurantes. Parecia que talvez pudesse estar havendo um mercado de agricultores.

O trilho deu lugar a uma enorme escadaria de pedra que descia até ao complexo. Apesar dos corrimões de madeira de ambos os lados, era um pouco assustador.

“O trilho recomeça a cerca de cinquenta jardas à frente e desce em ziguezague até ao porto”, disse Mel, sentindo a reticência de Jessie. “Podíamos ir por esse caminho em vez de irmos pelos degraus, mas demoramos mais vinte minutos e a vista não é tão agradável.”

“Não, tudo bem”, garantiu Jessie. “Eu apenas não tenho mantido meus treinos de *Stairmaster* e, de repente, estou me arrependendo disso.”

“Suas pernas apenas doem no início”, disse Daughton ao saltar para a frente dela, assumindo a liderança.

“Nada como uma criança para nos envergonhar para agir”, disse Jessie, tentando rir.

Eles começaram descendo o longo lance de escadas, Daughton primeiro, seguido por Mel, Jessie e Kyle, com Teddy a ocupar o último lugar. Passado um minuto Daughton estava bem à frente deles e Mel correu para o alcançá-lo. Jess conseguia ouvir os homens a falarem atrás dela, mas não conseguia entender o que eles estavam dizendo. E com os degraus traiçoeiros, ela hesitou em se virar para descobrir.

Mais ou menos na metade do caminho, ela viu uma garota de faculdade subir as escadas, usando apenas biquíni e chinelos, com uma bolsa de praia pendurada no ombro. Seu cabelo ainda estava molhado da água e gotas de suor escorriam pela sua pele bronzeada e exposta. Suas curvas eram impressionantes e o traje de banho mal as continha. Parecia que ela poderia explodir em vários lugares a qualquer momento. Jess, tentou não olhar ao passarem e perguntou a si mesmo se Kyle estaria fazendo o mesmo.

“Caramba, que bunda”, ela ouviu Teddy dizer alguns segundos depois.

Jessie ficou involuntariamente tensa, não apenas com a grosseria, mas porque a garota com certeza estava suficientemente perto para ouvi-lo. Ela

estava tentada a se virar e a fazer má cara a Teddy quando ouviu a voz de Kyle.

“Certo”, ele acrescentou, rindo como um garoto de escola.

Ela parou de andar. Quando Kyle a alcançou, ela agarrou seu antebraço. Teddy parou também, com um olhar surpreendido no rosto.

“Continue, Teddy”, disse ela, colocando um sorriso de plástico no rosto. “Eu só preciso de meu homem por um segundo.”

Teddy deu a Kyle uma expressão de conhecimento antes de prosseguir sem comentários. Quando ela teve a certeza de que ele estava fora do alcance da voz, ela se virou para seu marido.

“Eu sei que ele é seu amigo do colégio”, ela sussurrou. “Mas você poderia não agir como se ainda estivesse lá?”

“O que é que foi?”, ele perguntou defensivamente.

“Aquela garota provavelmente ouviu Teddy e seu tom malicioso. E depois você o vai incitar? Não é bom.”

“Não tem mal nenhum, Jess”, ele insistiu. “Ele estava apenas mexendo com ela. Talvez ela se sentisse lisonjeada.”

“E talvez ela se sentisse assustada. De qualquer maneira, eu preferia que meu marido não reforçasse o meme 'mulher como objeto sexual'. É um pedido razoável?”

“Cruzes. É assim que você vai reagir sempre que uma garota de roupa de banho passar?”

“Não sei, Kyle. É assim que você vai reagir?”

“Vêm ou não?”, Teddy gritou. Os Carlisle estavam uns bons cinquenta degraus mais abaixo na escada.

“Estamos indo”, Kyle gritou de volta antes de baixar a voz. “Isto é, se por você ainda estiver bem.”

Ele seguiu em frente antes que ela pudesse responder, descendo dois degraus de cada vez. Jessie se esforçou para respirar longa e lentamente antes de o seguir, esperando poder exalar sua frustração juntamente com o ar em seus pulmões.

Ainda nem acabamos de nos mudar completamente e ele já está se transformando no tipo de idiota que eu tentei evitar minha vida toda.

Jessie tentou se lembrar que um comentário idiota, embora sob a influência de um amigo do colégio, não significava que o marido estivesse subitamente se tornando um Filisteu. Mas ela não conseguia se livrar da sensação desconfortável de que aquilo era apenas o começo.

CAPÍTULO TRÊS

Cinco minutos depois, com Jessie ainda a ferver em silêncio, eles entraram na recepção do Clube Deseo, sentindo o ar condicionado, o que era um alívio muito necessário para o dia que já estava quente. Jessie olhou em volta, assimilando o lugar. Ela não podia deixar de pensar que o nome, que de acordo com Teddy significava “Clube dos Desejos”, era um pouco imponente, considerando o que estava diante dela.

Por pouco ela quase não via a entrada do clube, uma grande porta de carvalho velha, não identificada, numa estrutura de aparência modesta na parte mais tranquila do porto. A entrada em si era indescritível, com uma simples recepção atualmente ocupada por uma morena linda e diligente de vinte e poucos anos.

Teddy se inclinou e falou com ela em voz baixa. Ela assentiu e deu indicação para o grupo passar por um pequeno corredor. Foi só quando outra jovem, loira, igualmente bela, pediu a ela para colocar sua bolsa num cesto que Jessie entendeu que o corredor também tinha um detector de metais elegante.

Depois de passar pelo corredor, a mulher lhe devolveu sua bolsa e indicou que ela deveria seguir os outros através de uma segunda porta com painéis de madeira que se parecia misturar com a parede ao lado da porta. Se estivesse sozinha, ela poderia não ter visto de todo a porta.

Depois de passarem pela segunda porta, toda a modéstia da recepção do edifício desapareceu rapidamente. A sala circular cavernosa para a qual ela estava olhando tinha dois níveis. O topo, onde ela estava, tinha mesas em círculo com vista para o nível mais baixo, que tinha acesso por uma larga escada.

O nível mais baixo tinha uma pequena pista de dança central cercada por várias mesas. O lugar inteiro parecia ter sido projetado usando madeira reaproveitada de velhos veleiros. Os painéis ao lado uns dos outros, que compreendiam as paredes, tinham diferentes tons e cores. A mistura não deveria ter resultado, mas, de alguma forma, resultava, dando ao espaço uma vibração náutica que era reverente, e não ridícula.

No outro extremo da sala estava a característica mais impressionante. O lado voltado para o oceano do clube era todo composto por uma enorme janela de vidro, metade da qual estava acima da água, metade abaixo. Dependendo de onde uma pessoa se sentasse, a vista poderia ser o horizonte ou cardumes de peixes a nadarem abaixo da superfície. Era incrível.

Eles foram encaminhados para uma grande mesa no nível inferior, onde um grupo de cerca de quinze pessoas os esperava. Teddy e Mel os apresentaram, mas Jessie nem sequer tentou memorizar seus nomes. Ela viu que eram quatro casais, com cerca de sete filhos divididos entre eles.

Em vez disso, ela sorria e acenava educadamente enquanto cada um deles a agredia com mais informações do que aquelas que ela conseguia processar.

“Estou no marketing das redes sociais”, alguém chamado Roger ou Richard lhe disse. Ele se mexia constantemente e mexia no nariz quando pensava que ninguém estava olhando.

“Estamos escolhendo tapetes para a parede agora”, disse a mulher ao lado dele, uma morena com madeixas loiras no cabelo que podia ou não ser sua esposa, mas que definitivamente tinha olhos para o tipo bronzeado do outro lado da mesa.

E assim continuou. Mel apresentou uma pessoa. Jessie não fez nenhuma tentativa séria de se lembrar de seu nome, mas em vez disso tentou descobrir algo sobre sua verdadeira natureza com base em sua aparência, linguagem corporal e estilo de falar. Era uma espécie de jogo, um que ela empregava frequentemente em situações desconfortáveis.

Depois das apresentações, mais duas garotas bonitas entraram e reuniram todas as crianças, incluindo Daughton, para as levarem para a Enseada dos Piratas, que, segundo uma das esposas lhe disse, era o nome da zona de diversão juvenil. Jessie assumiu que devia ser fantástica, porque todas as crianças saíram sem qualquer sinal de ansiedade com a separação.

Depois deles saírem, a refeição prosseguiu como Mel a advertira. Duas mulheres que eram gêmeas ou eram tão semelhantes que poderiam muito bem ser, contaram uma história sobre um acampamento religioso de verão que era basicamente sobre a terrível voz para cantar da líder de louvor.

“Ela parecia que estava prestes a dar à luz”, disse uma delas enquanto a outra dava gargalhadas. Na medida da atenção que Jessie prestava, ela se perdia quando elas interrompiam e falavam as duas ao mesmo tempo sem parar.

Um sujeito com cabelos longos e encaracolados e um colar fino de couro ao pescoço estava muito apaixonado a contar os detalhes de um jogo de hóquei que ele tinha ido ver na primavera passada. Mas não havia nada de memorável nisso. Toda a história de cinco minutos foi composta por quem marcou gols e quando. Jessie continuou esperando por algo diferente, como quando um polvo foi atirado para o gelo ou quando um fã saltou o muro. Mas não houve nada de diferente.

“De qualquer forma, foi um jogo incrível”, ele finalmente concluiu, o que deu a Jessie sua pista para sorrir com apreço.

“A melhor história de sempre”, Mel disse baixo e secamente, dando a Jessie seu único momento feliz até ao momento e algo perto de um segundo fôlego.

Grande parte da conversa foi consumida com a discussão de vários eventos do clube, incluindo a festa do Dia das Bruxas, o 'Trazer os Barcos em Festa' (o que quer que isso fosse) e o Baile do Feriado.

“O que é o 'Trazer os...’”, ela começou perguntando antes de ser cortada pela mulher dois lugares ao lado, que gritou quando uma garçonete acidentalmente entornou um copo de água, a molhando um pouco.

“Sua vaca”, ela murmurou demasiado alto depois da garçonete sair. Logo depois, todos os homens se levantaram, beijaram suas esposas e se despediram. Kyle olhou perplexo para Jessie, mas seguiu o exemplo.

“Acho que vejo você mais tarde?”, ele perguntou mais do que disse.

Ela concordou educadamente, embora estivesse igualmente confusa. Parecia que eles estavam naquela cena do *Titanic*, quando todos os homens saíram depois do jantar para discutir negócios e política acompanhados por conhaque na sala dos fumadores.

Jessie observou os homens a passarem por entre as mesas até chegarem a uma ornamentada porta de madeira no canto da sala com um homem musculoso e sem graça parado diante dela. Ele parecia um segurança numa discoteca, só que estava usando um smoking. Quando os homens de sua mesa se aproximaram, ele se desviou para os deixar passar. Ele pareceu olhar para Kyle com um olhar cético até Teddy murmurar algo para ele. O segurança assentiu e sorriu para Kyle.

O resto do brunch passou num redemoinho. Como Mel prometera, a conversa girou em torno de crianças e gravidez, já que pelo menos duas das mulheres do grupo estavam claramente grávidas.

“Estou apenas me preparando para dar uma bofetada ao próximo garçom que olhar para mim com um ar nojento quando eu estiver amamentando”, disse uma delas, Katlyn ou Kaitlyn. “Eu fiquei muito transigente depois do Warner nascer.”

“Ameaçar para processar”, disse a morena com as madeiras loiras. “Eu fiz isso e recebi um vale-presente de cem dólares como desculpa. A melhor parte era que ninguém havia feito nada de errado. Eu apenas reclamei sobre um 'ambiente de desconforto'.”

Jessie era a única não-mãe na mesa, mas tentou participar da discussão, fazendo perguntas educadas sobre a escola primária local ('uma lixeira') versus a escola particular para onde todos eles pareciam mandar seus filhos.

Enquanto Jessie ouvia os desentendimentos sobre as melhores opções de creche e pré-escola e o consenso geral sobre o melhor supermercado, ela sentiu sua mente divagar. Ela se beliscou debaixo da mesa algumas vezes, enquanto eram expressas opiniões sobre boas igrejas, o melhor ginásio local e onde encontrar um espetacular vestido para o Baile do Feriado.

Mas, por fim, ela desistiu de tentar acompanhar quem estava dizendo o quê, ou até mesmo de oferecer afirmações brandas, e assumiu o papel de observadora passiva, como se estivesse a observar o comportamento social de algumas espécies incomuns na natureza.

Foi com esta vida que me comprometi? Almoços com senhoras que se focam em qual o ginásio que tem a melhor aula de spinning? É este o mundo do qual Kyle tem estado ansioso por fazer parte? Se for, me matem já.

Em determinado momento, ela notou que Mel estava batendo no ombro dela para dizer que o brunch tinha terminado e que ela precisava de ir buscar Daughton. Aparentemente Teddy e Kyle iriam se encontrar com elas na recepção.

Jessie assentiu, se despediu graciosamente das mulheres cujos nomes ela não se conseguia lembrar, e seguiu Mel melancolicamente até à Enseada dos Piratas. Ela se sentia desorientada e exausta e não queria mais nada a não ser ir para casa, tomar um banho, tomar um copo de vinho e ir dormir. Ela olhou para o relógio e ficou espantada ao descobrir que ainda nem sequer era uma hora da tarde.

Ela só conseguiu relaxar horas depois. Após a caminhada de volta para a casa dos Carlisle e a paragem obrigatória lá durante um bom tempo, eles finalmente voltaram para casa. Mas não antes de uma paragem no *Costco* para comprar algumas coisas de primeira necessidade. Jessie imaginou os rostos de reprovação de seus companheiros de brunch.

Mais tarde naquela noite, enquanto lavava o rosto e Kyle escovava os dentes, eles já tinham recuperado o suficiente para conversar um pouco sobre o dia.

“O que aconteceu na sala secreta para onde você foi?”, ela perguntou. “Obrigaram você a ficar de cuecas e lhe deram dez chicotadas?”

“Eu fiquei realmente um pouco preocupado com o que pudesse estar por detrás daquela porta”, Kyle admitiu enquanto eles se iam para o quarto. “Mas era essencialmente um bar muito bem equipado com jogos. Eles tinham jogos nas TVs, um garçom andando por ali a tomar nota dos pedidos das bebidas e alguns caras a vestirem ou a despirem trajes de golfe.”

“Portanto, não era uma sala para fumar com conhaque?”, ela perguntou, imaginando se ele apanharia a referência.

“Não que eu tenha visto, embora eu tenha reparado em Leonardo DiCaprio vagueando sem rumo pelo provador.”

“Bom trabalho, marido”, disse Jessie, com apreço, ao se deitar. “Você ainda é especial.”

“Obrigado, esposa”, respondeu ele, deslizando sob os lençóis ao lado dela. “Na verdade, ouvi dizer que tinha uma sala de charutos em algum lugar por ali, mas não fui procurar. Eu acho que está escondida em algum canto que está isento das regras de 'não fumar' do clube. Mas aposto que poderia ter conseguido um conhaque se tivesse pedido.

“Conheceu alguém interessante?”, ela perguntou ceticamente enquanto desligava a luz do quarto.

“Surpreendentemente, sim”, disse ele. “Eles eram todos muito simpáticos. E uma vez que dois deles estavam à procura de potenciais investimentos, isso os tornou interessantes para mim. Eu acho que esse clube pode ser um recurso real para pessoas realmente interessadas em negócios. “E você?”

“Foram todas muito simpáticas”, Jessie disse hesitante, esperando que a escuridão do quarto escondesse sua testa franzida. “Muito amigáveis, se oferecendo para me ajudar com qualquer coisa que eu precise.”

“Porque é que ouço um 'mas' aí?”

“Não. É só que durante o tempo todo em que estive com elas sozinha, nenhuma delas falou de mais nada a não ser de crianças, escolas ou família. Nenhuma menção aos seus trabalhos ou eventos atuais. Me pareceu muito provinciano.”

“Talvez elas só quisessem evitar assuntos controversos num brunch com alguém novo?”, Kyle sugeriu.

“Os empregos são controversos atualmente?”

“Eu não sei, Jessie. Tem a certeza de que não está interpretando demais a partir de um encontro inocente?”

“Eu não estou sugerindo que elas são as Esposas de Stepford nem nada disso”, ela insistiu. “Mas exceto a Mel, elas eram implacavelmente narcisistas. Eu não tenho a certeza se alguma delas já teve mais do que um pensamento passageiro sobre o mundo para lá de suas janelas. Só estou dizendo que depois de um tempo, começou a parecer um pouco... claustrofóbico.”

Kyle se sentou na cama.

“Esse fraseado parece familiar”, disse ele, com uma voz de preocupação. “Não fique chateada comigo. Mas a última vez que você falou sobre se sentir claustrofóbica foi quando...”

“Eu me lembro da última vez”, ela interrompeu, irritada. “Isto não é a mesma coisa.”

“Tudo bem”, ele respondeu delicadamente. “Mas você vai entender se eu perguntar se você está confortável com seus medicamentos atualmente. A dosagem ainda é suficiente? Acha que você devia marcar uma consulta com a Dra. Lemmon?”

“Eu estou bem, Kyle”, disse ela, saindo da cama. “Nem tudo tem a ver com isso. Não posso expressar algumas reservas sem que você tire conclusões precipitadas?”

“Claro”, disse ele. “Lamento. Por favor, volte para a cama.”

“É sério. Você não estava lá. Enquanto você estava relaxando com os rapazes, eu tinha um sorriso congelado no rosto enquanto aquelas mulheres falavam sobre trivialidades. Isso não é uma questão de medicação. É uma questão de que aquelas garotas são insuportáveis.”

“Sinto muito, Jess”, ele repetiu. “Eu não deveria ter assumido que eram os medicamentos.”

Jessie olhou para ele, dividida entre querer perdoar e querer voltar ao assunto um pouco mais. Ela decidiu não fazer nem uma coisa nem outra.

“Volto em alguns minutos”, disse ela. “Eu só preciso relaxar. Caso você esteja dormindo quando eu voltar, digo já boa noite.”

“Ok”, ele disse com relutância. “Boa noite. Eu te amo.”

“Boa noite”, disse ela, lhe dando um beijo, apesar de sua falta de entusiasmo naquele momento. “Eu também Eu te amo.”

Ela saiu do quarto e andou pela casa, esperando que sua frustração passasse enquanto se movia pela casa fora. Ela tentou não pensar mais no desprezo dele, mas este teimava em voltar, irritando ela apesar de seus melhores esforços.

Ela estava precisamente se acalmando o suficiente para voltar para a cama quando ouviu o mesmo rangido distante da outra noite. Só que esta noite não era tão distante. Ela seguiu o som até encontrar o que lhe pareceu ser a fonte - o sótão.

Ela havia parado no corredor do andar de cima logo abaixo da porta de acesso ao sótão. Depois de um momento de hesitação, ela agarrou a corda da porta e a puxou para baixo. O rangido definitivamente soou mais pronunciado.

Ela subiu a escada de acesso o mais silenciosamente que pôde, tentando não pensar em como esse tipo de decisão terminava sempre mal em filmes de terror. Quando ela subiu as escadas, pegou o celular e usou a lanterna do mesmo para observar o espaço. Mas, para além de algumas caixas de papelão velhas e vazias, o espaço estava vazio. E o rangido parou.

Jessie recuou com cuidado, recolocou a escada e, demasiado assustada para dormir, retomou sua inquieta caminhada. Por fim, ela se viu no quarto que eles esperavam usar para o bebê, quando e se algum se juntasse a eles.

Estava vazio agora, mas Jessie podia imaginar onde o berço iria ficar. Ela o imaginou contra a parede do outro lado, com um móvel pendurado por cima. Ela encostou na parede e deslizou para baixo, ficando sentada com os joelhos na frente de seu rosto. Ela colocou os braços ao redor deles e os abraçou, tentando se convencer de que a vida neste novo lugar estranho seria melhor do que tinha parecido até agora.

Estou entendendo tudo isso mal?

Ela não podia deixar de se perguntar se seus medicamentos não precisariam efetivamente de ser ajustados. Ela não tinha certeza se estava sendo muito dura com Kyle ou se estava julgando as mulheres do Clube Deseo muito duramente. Kyle estava se ajustando tão facilmente a este lugar enquanto ela não. Seria isso um reflexo da adaptação dele? Da fragilidade

dela? Ou de ambos? Ele já parecia estar em casa, como se vivesse aqui tem anos. Ela se perguntou se alguma vez ela chegaria a esse ponto.

Ela não tinha a certeza se estava nervosa porque seu último semestre de aulas começava amanhã e ela ia, assim, ter que mergulhar de volta ao mundo dos estupros estudantis, dos predadores infantis e dos assassinos. E ela não tinha a certeza se aquele rangido que ela continuava a ouvir era real ou era de sua cabeça. Neste momento, ela não tinha certeza de muita coisa. E isso assustava Jessie.

CAPÍTULO QUATRO

Jessie estava com dificuldade em respirar e seu coração estava palpitante. Ela estava atrasada para a aula. Esta era sua primeira vez no campus da Universidade da Califórnia em Irvine e encontrar sua sala de aula tinha sido assustador. Depois de percorrer o último quarto de milha pelo campus, no calor sufocante do meio da manhã, ela entrou pela porta. Sua testa estava a formar gotas de suor e seu top estava ligeiramente úmido.

O professor Warren Hosta, um homem alto, magro, de cinquenta e poucos anos, com olhos estreitos e desconfiados e um tufo solitário e triste de cabelo preto acinzentado no alto da cabeça, estava claramente no meio da frase quando ela entrou às 10:04 da manhã. Ela tinha ouvido rumores sobre sua impaciência e comportamento geral grosseiro e ele não desapontou. Ele parou e esperou que ela encontrasse seu lugar, olhando para ela durante o tempo todo.

“Posso continuar?”, ele perguntou com sarcasmo.

Ótimo começo, Jessie. Bela maneira de causar uma primeira impressão.

“Desculpe, professor”, disse ela. “O campus é novo para mim. Me perdi um pouco.”

“Espero que suas habilidades de dedução sejam mais fortes do que seu sentido de orientação”, ele respondeu arrogantemente antes de retornar à sua palestra. “Como eu estava dizendo, para a maioria de vocês, este será o curso final antes de assegurarem seu mestrado em Psicologia Forense. Não será um caminho fácil.”

Jessie abriu a mochila o mais silenciosamente possível para tirar uma caneta e um caderno, mas o som do zíper passando por todos os dentes pareceu ressoar na sala. O professor olhou para ela com o canto do olho, mas não parou de falar.

“Eu vou passar o programa de estudos rapidamente”, disse ele. “Mas, em geral, é isto que se espera de vocês. Além do trabalho normal do curso e dos exames associados, aqueles que ainda têm de completar um irão apresentar e defender sua tese. Além disso, todos - que tenham ou não concluído a tese - terão aulas práticas. Alguns de vocês serão afetos a uma instituição correcional, seja o Instituto da Califórnia para Homens em Chino ou o

Instituto da Califórnia para Mulheres em Corona, os quais abrigam um número de agressores violentos. Outros visitarão a unidade de alto risco do DSH-Metropolitan, que é um hospital estadual em Norwalk. Eles tratam pacientes habitualmente chamados de “criminosos dementes”, embora as preocupações da comunidade local os impeçam de aceitar pacientes com histórico de homicídio, crimes sexuais ou fuga.”

Um frenesi tácito percorreu a sala enquanto os estudantes olhavam uns para os outros. Era disto que eles estavam à espera. O resto da palestra foi bastante simples, com uma descrição do trabalho do curso e indicações sobre como escreverem suas teses.

Por sorte, Jessie tinha completado e defendido sua ainda na USC, não prestando, por isso, muita atenção àquela discussão. Em vez disso, sua mente retornou ao estranho brunch no clube náutico e em como, apesar do calor e da generosidade de todos, ela se tinha sentido perturbada com isso.

Foi só quando a conversa voltou às aulas práticas que ela realmente voltou a se concentrar. Os estudantes estavam fazendo perguntas logísticas e acadêmicas. Jessie também tinha uma, mas decidiu esperar até depois da aula. Ela não queria compartilhar com o grupo.

A maioria de seus colegas de classe claramente queria trabalhar numa das prisões. A menção de uma proibição da comunidade a agressores violentos no hospital de Norwalk pareceu limitar sua popularidade.

Por fim, o Professor Hosta sinalizou o fim da aula e as pessoas começaram a sair da sala. Jessie deliberadamente demorou algum tempo a colocar outra vez seu caderno na mochila, enquanto alguns alunos faziam perguntas a Hosta. Só quando todos se foram embora e o próprio professor começou a se dirigir à saída é que ela se aproximou dele.

“Desculpe novamente pela chegada tardia, Professor Hosta”, disse ela, tentando não parecer muito adúladora. Ao longo de apenas uma aula, ela tinha ficado com a forte sensação de que Hosta desprezava a humilhação covarde. Ele parecia preferir a curiosidade ao respeito, mesmo que isso fosse limitado pela falta de educação.

“Você não parece muito apologética, menina....”, ele observou com uma sobrelanceira levantada.

“Hunt, Jessie Hunt. E na verdade, não sou”, ela admitiu, decidindo naquele momento que teria mais sucesso com esse homem se fosse direta. “Eu apenas imaginei que precisava ser educada para obter uma resposta à minha verdadeira pergunta.”

“Que é...?”, ele perguntou, com suas sobrancelhas levantadas intrigado e surpreso.

Ela tinha capturado sua atenção.

“Eu reparei que você disse que o DSH-Metro não aceita pacientes com histórico de violência.”

“Exatamente”, disse ele. “É a política deles. Eu estava basicamente a citar o site deles.”

“Mas Professor, nós dois sabemos que isso não é exatamente assim. O hospital de Norwalk tem uma pequena seção isolada para tratar pacientes que cometeram alguns crimes terrivelmente violentos, incluindo homicídios em série, estupros e transgressões variadas contra crianças.”

Ele olhou para ela impassivelmente por um longo momento antes de responder.

“De acordo com o Departamento de Hospitais Estaduais, o DSH-Atascadero em São Luis Obispo lida com esses casos”, ele respondeu sem emoção. “Metro lida com agressores não-violentos. Por isso, não sei do que você está falando.”

“Claro que tem”, Jessie disse com mais confiança do que ela mesma esperava. “É a chamada Divisão Não-Reabilitativa, ou DNR, abreviadamente. Mas esse é apenas o termo chato que eles usam para consumo público. Internamente e dentro dos círculos de justiça criminal, a DNR é conhecida como a unidade de 'alto risco' do DSH-Metro, que, por acaso, entendi é o termo usado para a descrever na aula.”

Hosta não respondeu. Em vez disso, ele a estudou inescrutavelmente por vários segundos antes de finalmente permitir que seu rosto se abrisse num leve sorriso. Era a primeira vez que ela via nele algo parecido com um sorriso.

“Venha comigo”, disse ele, apontando para ela sair da sala. “Você ganha o prêmio especial, senhorita Hunt. Tem mais de três semestres que nenhum aluno captava este meu truque verbal. Estão todos tão acomodados aos padrões da comunidade que ninguém se pergunta em que consiste o 'alto risco'. Mas é claro que você estava familiarizada com a DNR antes de entrar na aula hoje. O que é que você sabe sobre isso?”

“Bem”, ela começou cuidadosamente, “eu fiz os primeiros semestres de meus estudos na USC e a DNR é uma espécie de segredo mal guardado por lá, com elas estando tão próximas.”

“Senhorita Hunt, você está a dissimular. *Não* é um segredo mal guardado. Mesmo entre agentes da lei e a comunidade psiquiátrica, é um segredo muito bem guardado. Eu arriscaria que menos de duzentas pessoas na região estão cientes de sua existência. E menos de metade dessas pessoas conhecem a natureza completa da instituição. E, ainda assim, de alguma forma, você conhece. Por favor, se explique. E desta vez, vamos deixar cair a cautelosa forçada timidez.”

Agora era a vez de Jessie decidir se seria extrovertida.

Você chegou até aqui. Você pode muito bem dar esse salto final.

“Minha tese foi sobre isso”, disse ela. “Isso quase me expulsou do programa.”

Hosta parou de andar e pareceu brevemente atordoado antes de recuperar a compostura.

“Então era você?” ele perguntou, parecendo impressionado e começando a voltar pelo corredor. “Essa tese é lendária entre aqueles que a leram. Se bem me lembro, o título era qualquer coisa na linha de “O impacto do encarceramento não-reabilitativo de longo prazo no criminoso com perturbações mentais.” Mas ninguém conseguia descobrir quem era o verdadeiro autor. Afinal, não tem nenhum registro oficial de *'Jane Don't'*.”

“Eu tenho que admitir que estava muito orgulhosa desse nome. Mas usar um nome falso não foi decisão minha”, admitiu Jessie.

“O que é que isso quer dizer?”, Hosta perguntou, claramente intrigado.

Jessie se questionou se estaria passando dos limites do que ela podia falar. Mas então se lembrou do motivo pelo qual ela foi, desde logo, designada para trabalhar com Hosta e decidiu que não havia nenhum motivo para ser tímida.

“Meu orientador enviou a tese ao reitor”, explicou ela. “Ele imediatamente trouxe vários agentes da lei e médicos aos quais não me posso referir a não ser através do charmoso termo 'O Painel'. Fui interrogada durante nove horas seguidas antes deles determinarem que eu estava mesmo a escrever um trabalho acadêmico e não uma reportagem secreta ou algo pior.”

“Isso parece emocionante”, disse Hosta. Ele parecia sincero.

“Parece. Mas na época, aterrorizante era a palavra mais apropriada. Por fim, decidiram não me prender. Afinal, eles é que tinham uma prisão psiquiátrica secreta não oficial, não eu. A escola concordou que eu não tinha feito nada tecnicamente errado e concordou em não me dispensar, embora tudo sobre a tese fosse declarado confidencial. O departamento determinou que o interrogatório que as autoridades me tinham feito poderia servir como

minha defesa de tese. E assinei vários documentos prometendo não discutir o assunto com ninguém, inclusive com meu marido, nem enfrentar um potencial processo, embora, eles nunca tivessem dito de qual acusação.”

“E então, senhorita Hunt, porque é que estamos tendo esta conversa?”

“Eu recebi uma... vamos chamar uma dispensa especial. Tive permissão para continuar meus estudos e definir uma condição específica. Mas, para os completar, meu novo orientador de faculdade teria que ser pelo menos superficialmente informado do que eu havia escrito. Os poderes que devem ser vistos no corpo docente de todas as universidades do condado de Orange, determinaram que você cumpria com suas exigências. A escola tem um programa de mestrado em Psicologia Criminal, que você dirige. Você tem um relacionamento com a DNR e fez um trabalho de campo lá. Você tem até uma opção de aulas práticas lá em raros casos em que um aluno manifesta interesse e se mostra promissor. Você é minha única opção em cinquenta milhas em qualquer direção.”

“Suponho que deveria ficar lisonjeado. E se eu me recusar a ser seu orientador?”, ele perguntou.

“Você deveria ter recebido uma visita de alguém que representa o Painel para tratar de tudo isto - em como seria de seu melhor interesse, etc. Estou surpreendida que você não tenha recebido. Eles geralmente são bastante meticulosos.”

Hosta pensou por um segundo.

“Recebi recentemente vários e-mails e uma mensagem de voz de alguém chamado Dr. Ranier”, disse ele. “Mas como o nome não me era familiar, eu os ignorei.”

“Eu recomendo que você responda a mensagem, Professor”, sugeriu Jessie. “É possível que seja um pseudônimo, talvez de alguém que você já conhece.”

“Farei isso. De qualquer forma, acredito que não vou ter que passar por todas as habituais burocracias para conseguir que lhe deem autorização para fazer suas aulas práticas na DNR?”

“Fazer as aulas lá foi a condição específica que mencionei anteriormente. Foi a razão pela qual eu concordei sem muito alarido com o acordo de confidencialidade deles”, Jessie lhe disse, incapaz de conter o entusiasmo de sua voz. “Eu esperei quase dois anos por isto.”

“Dois anos?”, Hosta perguntou surpreso. “Se você completou sua tese assim tem tanto tempo, não deveria nesta altura já ter seu diploma?”

“Essa é uma longa história que eu terei que compartilhar noutro momento. Mas entretanto, posso presumir que tenho sua autorização para fazer minhas aulas práticas no DSH-Metro, especificamente na DNR?”

“Assumindo que sua história se confirma”, disse ele quando chegaram à porta do gabinete. Ele a abriu mas não a convidou para entrar. “Mas eu tenho que fazer a pergunta que faço a qualquer aluno que peça para fazer o trabalho de campo lá - tem a certeza de que quer fazer isso?”

“Como é que você me pode perguntar isso, tendo em conta tudo o que eu te disse?”

“Porque uma coisa é ler sobre as pessoas que estão detidas naquelas instituições”, ele respondeu. “Coisa bem diferente é interagir com elas. Tudo se torna real muito depressa. Eu assumo a partir das redações em sua tese que você está informada sobre alguns dos presos que estão lá?”

“De alguns; eu sei que o estuprador em série de Bakersfield, *Delmond Stokes*, está lá. E o múltiplo assassino de crianças que foi capturado no ano passado por aquela polícia aposentada também está lá. E tenho a certeza que Bolton Crutchfield também está lá.”

Hosta olhava para ela, como se a decidir se lhe devia ou não dizer o que estava pensando. Finalmente ele pareceu tomar uma decisão.

“É esse quem você quer observar, não é?”

“Eu tenho que admitir, tenho curiosidade”, disse Jessie. “Eu ouvi todos os tipos de histórias sobre ele. Eu não tenho certeza quantas delas são verdadeiras.”

“Uma história que lhe posso garantir que é verdadeira é que ele assassinou brutalmente dezenove pessoas durante meia dúzia de anos. O que quer que seja verdade ou lenda, isto é um fato. Nunca perca isso de vista.”

“Já estive com ele?”, Jessie perguntou.

“Já. O entrevistei em duas ocasiões.”

“E como é que foi?”

“Senhorita Hunt, essa é uma longa história que eu terei que compartilhar noutro momento”, ele disse, lhe devolvendo suas próprias palavras. “Por enquanto, vou falar com o Dr. Ranier e verificar sua boa-fé. Assumindo que isso ocorre sem incidentes, entrarei em contato com você para marcar suas aulas práticas. Eu sei que você vai querer começar em breve.”

“Eu começaria amanhã se pudesse.”

“Sim, bem, pode demorar um pouco mais que isso. Enquanto isso, tente não ficar batendo com a cabeça nas paredes. Tenha um bom dia, senhorita

Hunt.”

E com isso ele fechou a porta de seu gabinete, deixando Jessie no corredor. Ela se virou para ir embora. Ela olhou ao redor no corredor desconhecido, notando que tinha estado tão imersa na conversa que não tinha prestado atenção em mais nada. Ela não tinha ideia nenhuma de onde estava.

Ela ficou ali durante um momento, se imaginando sentada cara a cara com Bolton Crutchfield. Essa ideia tanto a entusiasmava como a aterrorizava. Ela tinha querido - não, ela tinha precisado - de falar com ele já tinha algum tempo. A possibilidade de que isso poderia acontecer em breve fez com que ela sentisse um formigueiro em antecipação. Ela precisava de respostas a perguntas que ninguém sequer sabia que ela tinha. E só ele as poderia dar. Mas ela não tinha a certeza se ele iria fazer. E mesmo que ele estivesse disposto a fazer isso, o que é que ele poderia exigir em troca?

CAPÍTULO CINCO

Jessie estava tão nervosa que telefonou para Kyle no caminho da escola para casa, embora soubesse que ele estava sempre muito ocupado durante o dia e quase nunca respondia. Desta vez não foi diferente, mas ela não pôde deixar de enviar uma mensagem mesmo assim.

“Oi, querido”, disse ela depois do sinal. “Só queria que você soubesse que meu primeiro dia de aulas correu muito bem. O professor é uma figura, mas acho que consigo trabalhar com ele. E espero começar minhas aulas práticas em breve, talvez esta semana se as coisas evoluírem bem. Na verdade, estou um pouco estonteada. Eu espero que seu dia também esteja a correr bem. Eu pensei em fazer um jantar especial para nós esta noite, especialmente agora que, na verdade, encontramos as caixas com todas as panelas e frigideiras. Me diga a que horas você pensa chegar hoje à noite e eu prepararei algo simpático. Podemos abrir uma daquelas garrafas de vinho que guardamos e talvez começar a expandir nossa pequena unidade familiar. Ok, falamos em breve. Eu te amo.”

Ela parou na *Bristol Farms* a caminho de casa e gastou algum dinheiro nuns robalos, que ela planejava rechear e cozinhar inteiros. Encontrou alguns *broccolins* com bom aspecto e agarrou neles também. No caminho para a caixa, levou também umas batatas.

Ela estava tentada a encontrar algo decadente para a sobremesa, mas sabia que Kyle tinha andado fazendo exercício físico arduamente e não iria comer nada disso. Além disso, eles tinham um pouco de sorvete italiano no congelador que também serviria perfeitamente. Quando ela saiu do supermercado, ela tinha todo o menu planejado em sua cabeça.

*

Jessie olhou para os pratos intocados de comida na mesa da sala de jantar, e depois verificou o telefone pela terceira vez nos últimos cinco minutos. Eram 7:13 da noite e ainda não havia notícias de Kyle.

Ele havia enviado uma mensagem de texto, logo após ela ter deixado a mensagem de voz, lhe dizendo que o plano para o jantar parecia ótimo e prevendo estar em casa às 6:30 nessa noite. Mas quase quarenta e cinco minutos tinham passado e ele ainda não estava aqui. Pior, ele não tinha nem mesmo telefonado.

Ela tinha preparado tudo para que o jantar estivesse quente e na mesa esperando por ele às 6h45 da tarde, caso ele se atrasasse um pouco. Mas ele não apareceu. Ela tinha enviado duas mensagens de texto e deixado uma mensagem de voz no tempo decorrido. E ainda assim, ela não sabia nada de Kyle desde aquela primeira mensagem. Agora o peixe estava sobre a mesa, praticamente frio, olhando para ela com olhos insensíveis.

Finalmente, às 7:21, ele ligou. Pelo barulho de fundo, ela soube, antes mesmo dele falar, que ele estava num bar.

“Oi, Jess”, ele gritou para ser ouvido sobre a música. “Me desculpe ligar tão tarde. Como você está?”

“Eu estava preocupada com você”, disse ela, tentando conter a frustração de sua voz.

“Oh, desculpe”, ele disse, soando levemente arrependido. “Eu não queria preocupar você. Surgiu uma coisa de última hora. O Teddy me ligou por volta das seis e disse que tinha mais alguns clientes potenciais para mim. Ele me perguntou se eu podia encontrar com ele e com esses caras a um bar chamado *Sharkie* na marina. Eu achei que, na verdade, não podia deixar passar esse tipo de oportunidade quando sou o cara novo no escritório, sabe?”

“Você não podia ter ligado para avisar?”

“Você está certa”, ele gritou. “Tudo foi tão rápido que não tive tempo para mais nada. Só agora consegui escapar para te ligar.”

“Eu fiz um jantar especial, Kyle. Nós íamos celebrar hoje à noite, se lembra? Abri uma garrafa de vinho de cem dólares. Era para ser uma noite romântica.”

“Eu sei”, disse ele. “Mas eu não posso desistir disso. Eu acho que posso tornar ambos os amigos de Teddy nossos clientes. E ainda podemos tentar fazer bebês quando eu chegar a casa.”

Jessie suspirou profundamente para poder manter a voz calma quando respondeu.

“Vai ser tarde quando você voltar”, disse ela. “Eu vou estar cansada e você vai estar meio bêbado. Não foi assim que eu imaginei isso.”

“Ouça, Jessie. Peço desculpa por não ter ligado. Mas você quer que eu simplesmente jogue fora uma oportunidade como essa? Eu não estou apenas bebendo aqui. Estou fazendo negócios e tentando fazer alguns novos amigos ao mesmo tempo. Vai usar isso contra mim?”

“Eu acho que estou conhecendo quais são suas prioridades”, ela respondeu.

“Jessica, você é sempre minha maior prioridade”, insistiu Kyle. “Estou apenas tentando equilibrar tudo. Eu acho que estraguei tudo. Eu prometo que vou estar em casa às nove, ok? Isso se encaixa em sua agenda?”

Ele soara sincero até à última frase, que pingava de sarcasmo e ressentimento. A barreira emocional que Jessie tinha erigido entre eles estava se desmoronando lentamente até ela ouvir aquelas palavras.

“Faça o que você quiser”, ela respondeu bruscamente antes de desligar.

Ela se levantou e se viu de relance no espelho da sala de jantar. Ela tinha vestido um vestido de noite de cetim azul com um decote profundo e uma longa fenda no lado direito que começava em sua coxa. Ela tinha seu cabelo apanhado num coque casual que ela esperava desfazer como sendo parte de uma sedução pós-jantar. Os saltos que ela usava a erguiam de seus normais cinco pés e dez polegadas para bem mais do que seis pés de altura.

De repente, tudo pareceu tão ridículo. Era como se ela estivesse jogando um triste jogo em que se vestia elegantemente. Mas na realidade, ela era apenas mais uma patética dona de casa esperando que seu homem voltasse para casa e desse à sua vida algum sentido.

Ela pegou os pratos e caminhou até à cozinha, onde colocou as duas refeições no lixo, peixe inteiro e tudo. Ela foi se trocar, vestindo roupa confortável. Depois disso, voltou para a sala de jantar, agarrou na garrafa aberta de Shiraz, encheu um copo até à borda e deu um gole enquanto caminhava para a sala de estar.

Ela se atirou para o sofá, ligou a TV, se acomodando para ver o que parecia ser uma maratona de *Life Below Zero*, uma série de *reality* sobre pessoas que viviam voluntariamente em áreas remotas do Alasca. Ela justificou dizendo a si mesma que isso a ajudaria a apreciar que tinha pessoas que viviam muito pior do que ela em sua casa chique na Califórnia do Sul, com seu vinho caro e sua televisão de tela plana de setenta polegadas.

Por volta do terceiro episódio e da meia garrafa vazia, ela adormeceu.

Ela foi acordada por Kyle lhe chacoalhando suavemente o ombro. Olhando para cima através de seus olhos embaçados, ela entendeu que ele estava um pouco embriagado.

“Que horas são?”, ela murmurou.

“Onze e pouco.”

“O que aconteceu para você não estar em casa às nove?”, ela perguntou.

“Eu fiquei retido”, ele disse timidamente. “Preste atenção, querida. Eu sei que deveria ter ligado antes. Isto não se faz. Lamento mesmo.”

“Tudo bem” disse ela. Ela tinha a boca seca e lhe doía a cabeça.

Ele passou um dedo ao longo do braço dela.

“Eu gostaria de fazer as pazes com você”, ele propôs sugestivamente.

“Hoje não, Kyle”, disse ela, afastando a mão dele enquanto se levantava.

“Eu não estou com disposição. Nem um pouco. Talvez da próxima vez você possa tentar não me fazer sentir como se eu fosse sua segunda escolha. Vou para a cama.”

Ela subiu as escadas e, apesar da vontade de olhar para trás para ver a reação dele, continuou sem dizer mais nada. Kyle não disse nada. Ela se arrastou para a cama sem sequer desligar a luz. Apesar da dor de cabeça e da boca seca, ela adormeceu em menos de um minuto.

*

Jessie sentiu um ramo espinhento lhe arranhar o rosto enquanto corria pela floresta escura. Era inverno e ela sabia que, mesmo descalça, seus passos, pisando as folhas caídas e secas que cobriam a neve, eram barulhentos; que ele provavelmente os ouviria. Mas ela não tinha escolha. Sua única esperança era continuar a correr e esperar que ele não conseguisse a encontrar.

Mas, ao contrário dele, ela não conhecia bem a floresta. Ela estava correndo às cegas, completamente perdida e procurando qualquer referência familiar. Suas pequenas pernas eram demasiado pequenas. Ela sabia que ele se estava aproximando. Ela conseguia ouvir seus passos pesados e sua respiração ainda mais pesada. Ela não tinha onde se esconder.

CAPÍTULO SEIS

Jessie se sentou na cama, acordando a tempo de ouvir seu próprio grito. Ela demorou um pouco para se orientar e entender que estava em sua própria cama em Westport Beach, vestindo as roupas com as quais ela tinha adormecido bêbada na noite anterior.

Seu corpo estava todo coberto de suor e sua respiração era superficial. Ela pensou que estava mesmo a ouvir o sangue a correr em suas veias. Ela levou a mão até sua bochecha esquerda. A cicatriz do galho ainda estava lá. Já não se notava tanto e poderia ser quase toda escondida com maquiagem, ao contrário da cicatriz mais longa em sua clavícula direita. Mas ela ainda conseguia sentir sua saliência. Até mesmo agora, ela quase que conseguia sentir a espetada afiada.

Ela olhou para a esquerda e viu que a cama estava vazia. Ela percebeu que Kyle tinha dormido lá porque seu travesseiro estava recuado e os lençóis estavam todos bagunçados. Mas ela não sabia onde ele estava. Ela tentou ouvir o som do chuveiro, mas a casa estava em silêncio. Olhando para o relógio da cabeceira, ela viu que eram 7h45 da manhã. A esta hora ele já teria saído para o trabalho.

Ela saiu da cama, tentando ignorar sua cabeça latejante enquanto se arrastava para o banheiro. Depois de um banho de quinze minutos, metade do tempo gasto simplesmente sentada nos ladrilhos frios, ela se sentiu pronta para se vestir e descer. Na cozinha, ela viu uma nota colocada na mesa do café. Dizia “Desculpa novamente pela noite passada. Adoraria uma outra oportunidade quando você estiver com disposição. Te amo.”

Jessie deixou-o de lado e preparou um pouco de café e aveia, a única coisa de que se sentia capaz de comer agora. Ela conseguiu terminar meia tigela, jogou o resto no lixo e caminhou até à sala de estar da frente, onde uma dúzia de caixas fechadas esperava por ela.

Ela se acomodou no sofá de dois lugares com uma tesoura, colocou o café na mesa de apoio e puxou uma caixa em sua direção. Enquanto ela, distraída, ia vendo o que estava nas caixas, eliminando os itens à medida que os localizava, sua mente viajou para sua tese da DNR.

Se não fosse pela briga deles, Jessie quase certamente teria contado a Kyle não apenas sobre suas iminentes aulas práticas na instituição, mas também sobre as conseqüências de sua tese original, incluindo seu interrogatório. Isso teria sido uma violação de seu Acordo de Confidencialidade.

Ele obviamente conhecia as linhas gerais, uma vez que ela tinha discutido o projeto com ele enquanto fazia a pesquisa. Mas o Painei tinha feito com que ela jurasse segredo sobre o assunto depois, até mesmo do marido.

Parecia estranho esconder de seu parceiro uma parte tão importante de sua vida. Mas tinham garantido a ela que tal era necessário. E para além de algumas perguntas gerais sobre como as coisas tinham acontecido, ele, na verdade, não a pressionava sobre o assunto. Algumas respostas vagas o deixavam satisfeito, o que tinha sido um alívio na época.

Mas ontem, com seu entusiasmo pelo o que tinha feito - visitar um hospital psiquiátrico para assassinos - numa situação sem precedentes, ela estava preparada para finalmente o pôr a par das coisas, apesar da proibição e de suas conseqüências. Se a briga deles teve algum resultado positivo, foi que isso a impediu de lhe contar e colocar em risco o futuro de ambos.

Mas que tipo de futuro é este se eu não puder compartilhar meus segredos com meu próprio marido? E se ele parece alheio a que eu tenha segredos?

Ao ter este pensamento, uma leve onda de melancolia tomou conta dela. Ela tentou afastar de sua cabeça, mas na verdade não conseguiu fazer muito bem.

Ela se assustou com o toque da campainha. Olhando para o relógio, ela entendeu que tinha ficado sentada no mesmo lugar, perdida em sua desilusão, com as mãos pousadas numa caixa de embalagem fechada, durante os últimos dez minutos.

Ela se levantou e caminhou até à porta, tentando sacudir a escuridão de seu sistema a cada passo que dava. Quando ela abriu a porta, Kimberly, que morava do outro lado da rua, estava diante dela com um sorriso alegre no rosto. Jessie tentou corresponder.

“Oi, vizinha”, disse Kimberly com entusiasmo. “Como vai o desencaixotamento?”

“Devagar”, admitiu Jessie. “Mas obrigado por perguntar. Como é que você está?”

“Eu estou bem. Na verdade, tenho algumas senhoras do bairro em minha casa agora para tomar um café no meio da manhã e então pensei que você gostaria de se juntar a nós.”

“Claro”, respondeu Jessie, feliz por ter uma desculpa para sair de casa por alguns minutos.

Ela pegou nas chaves, fechou a porta e foi com Kimberly. Quando elas chegaram, quatro cabeças se viraram em sua direção. Nenhum dos rostos parecia familiar. Kimberly as apresentou a todas e levou Jessie até à mesa do café.

“Elas não esperam que você se lembre de seus nomes”, ela sussurrou enquanto enchia as chávenas. “Portanto, não sinta qualquer tipo de pressão. Todas elas estiveram onde você está agora.”

“Isso é um alívio”, Jessie confessou. “Eu tenho tanta coisa em minha cabeça ultimamente que mal me consigo lembrar de meu *próprio* nome.”

“Totalmente compreensível”, disse Kimberly. “Mas eu devo avisar, eu falei sobre a questão de ser especialista do FBI em perfis criminais, pelo que poderão fazer algumas perguntas sobre isso a você.”

“Oh, eu não trabalho para o FBI. Eu nem sequer me formei ainda.”

“Confie em mim - isso não importa. Todas pensam que você é uma *Clarice Starling* da vida real. Não me costumo enganar muito no que respeita a assassinios em série.”

Kimberly subestimara.

“Você fica na mesma sala juntamente com esses caras?”, perguntou uma mulher chamada Caroline com o cabelo tão comprido que algumas madeixas chegavam às suas nádegas.

“Depende das regras da instituição”, respondeu Jessie. “Mas eu nunca entrevistei um sem que estivesse comigo um especialista em perfis criminais experiente ou um investigador experiente, assumindo a liderança.”

“Os assassinos em série são tão inteligentes quanto parecem ser nos filmes?”, uma mulher tímida chamada Josette perguntou hesitante.

“Eu não entrevistei assassinos em série suficientes para chegar a uma conclusão”, Jessie disse. “Mas com base na literatura, bem como em minha experiência pessoal, eu diria que não. A maioria desses homens - e eles são quase sempre homens - não é mais esperta do que você ou eu. Alguns escapam por muito tempo devido a investigações mal feitas. Alguns conseguem evitar a captura porque escolhem vítimas a quem ninguém liga - prostitutas, sem-abrigo. Demora algum tempo até que as pessoas notem que essa gente está desaparecida. E às vezes eles têm apenas sorte. Quando eu me formar, meu trabalho será mudar a sorte deles.”

As mulheres educadamente encheram Jessie com perguntas, aparentemente não querendo saber que ela ainda não tinha se formado, e muito menos não tinha assumido formalmente um caso de perfil criminal.

“Portanto, você na verdade nunca resolveu um caso?”, perguntou uma mulher particularmente inquisitiva chamada Joanne.

“Ainda não. Tecnicamente, eu sou apenas uma estudante. Os profissionais lidam com os casos reais. Por falar nisso, você trabalha em quê?”, ela perguntou na esperança de a redirecionar.

“Eu costumava trabalhar em marketing”, disse Joanne. “Mas isso foi antes de Troy nascer. Ele me mantém bastante ocupada ultimamente. É um trabalho a tempo inteiro por si só.”

“Eu aposto que sim. Ele está tirando uma soneca agora em algum lugar?”, Jessie perguntou, olhando ao redor.

“Provavelmente”, disse Joanne, olhando para o relógio. “Mas ele vai acordar em breve para lanchar. Ele está na creche.”

“Oh”, disse Jessie, antes de abordar sua próxima pergunta tão delicadamente quanto possível. “Eu pensei que a maioria das crianças na creche tinha mães que trabalham.”

“Sim”, disse Joanne, aparentemente não ofendida. “Mas é tão bom para ele na creche que eu não *consegui* tirar ele de lá. Ele não vai todos os dias. Mas as quartas-feiras são um desafio, pelo que eu geralmente levo ele. Dias de mau humor são difíceis, certo?”

Antes que Jessie conseguisse responder, a porta da garagem se abriu e um homem corpulento de trinta e poucos anos com um cabelo ruivo indisciplinado invadiu a sala.

“Morgan!”, Kimberly exclamou alegremente. “O que você está fazendo em casa?”

“Deixei meu relatório no escritório”, ele respondeu. “Minha apresentação é daqui a vinte minutos, por isso tenho que voltar rápido.”

Morgan, aparentemente o marido de Kimberly, não pareceu surpreendido por ver meia dúzia de mulheres em sua sala de estar. Ele passou por elas a alta velocidade, oferecendo saudações gerais ao grupo. Joanne se inclinou para Jessie.

“Ele é engenheiro ou algo parecido”, ela disse baixinho, como se fosse um segredo.

“Para quem? Um dos fornecedores na área de defesa?”, Jessie perguntou.

“Não, para uma empresa imobiliária.”

Jessie não entendeu porque isso merecia tal descrição, mas decidiu não prosseguir. Momentos depois, Morgan voltou à sala de estar com uma espessa camada de papel na mão.

“Foi bom ver vocês, senhoras”, disse ele. “Peço desculpa de não poder ficar por aqui. Kim, lembra que tenho aquilo no clube hoje à noite. Por isso, volto tarde.”

“Ok, querido”, disse sua esposa, correndo atrás dele para conseguir dar um beijo antes dele sair apressado pela porta.

Quando ele se foi, ela voltou para a sala de estar, ainda corada pela visita inesperada.

“Eu juro que ele se move com tal propósito, que vocês iriam achar que *ele* era um especialista em perfis criminais ou algo assim.”

O comentário provocou no grupo uma onda de risada. Jessie sorriu, sem saber exatamente qual era a graça.

*

Uma hora depois, ela estava de volta à sua própria sala de estar, tentando encontrar a energia para abrir a caixa que estava à sua frente. Enquanto cortava com cuidado a fita, ela começou pensando no encontro para tomar café na casa de Kim. Tinha sido estranho. Mas ela não conseguia entender porquê.

Kimberly era uma querida. Jessie verdadeiramente gostava dela e apreciava especialmente o esforço que ela estava fazendo para ajudar a nova garota do bairro. E as outras mulheres eram todas simpáticas e gentis, se bem que um pouco sem graça. Mas tinha algo... misterioso em suas interações, como se todas compartilhassem um segredo do qual Jessie não estava a par.

Parte dela se achava paranoica por suspeitar de algo assim. Não seria a primeira vez que ela tiraria conclusões precipitadas. Mas todos seus instrutores do programa de Psicologia Forense da USC a tinham elogiado pela sua intuição. Eles não pareciam pensar que ela era mais paranoica do que 'suspeitosamente curiosa', como um professor a tinha chamado. Na época, isso tinha parecido um elogio.

Ela abriu a caixa e tirou o primeiro objeto, uma foto emoldurada de seu casamento. Ela olhou para ela por um momento, olhando para as expressões felizes em seu rosto e no de Kyle. De cada lado deles estavam familiares, todos radiantes também.

Enquanto seus olhos vagueavam pelo grupo, de repente, ela sentiu a melancolia de antes surgir novamente dentro dela. Ela sentiu no peito um aperto de ansiedade. Tentou respirar fundo, mas nenhuma quantidade de inalação ou exalação a acalmou.

Ela não tinha a certeza exatamente do que tinha causado isso - as memórias, o novo ambiente, a discussão com Kyle, uma combinação de tudo isso? O que quer que fosse, ela reconheceu uma verdade fundamental. Ela era incapaz de controlar isso sozinha. Ela precisava falar com alguém. E apesar do sentimento de fracasso que começou a se apoderar dela quando ela pegou o telefone, ela discou o número que tinha desejado nunca ter que utilizar novamente.

CAPÍTULO SETE

Jessie marcou uma consulta com sua antiga terapeuta, Dra. Janice Lemmon. Ela ficou mais relaxada só de saber que iria visitar seus antigos lugares. Seu pânico diminuiu quase imediatamente depois de agendar a sessão.

Quando Kyle chegou em casa naquela noite - cedo - eles encomendaram comida e assistiram a um filme piegas mas divertido sobre realidades alternativas chamado *O 13º Andar*. Nenhum dos dois se desculpou formalmente, mas eles pareciam ter redescoberto sua zona de conforto. Após o filme, eles nem sequer subiram para o quarto para fazer sexo. Em vez disso, Kyle simplesmente foi para cima dela bem ali no sofá. Isso fez com que Jessie se lembrasse de seus dias de recém-casados.

Ele até tinha feito o café da manhã dela nessa manhã antes de sair para o trabalho. Estava horrível - torrada queimada, ovos quase crus e bacon mal passado - mas Jessie gostou da tentativa. Ela se sentiu um pouco mal por não lhe contar seus planos para o dia. Mas, mais uma vez, ele não perguntou, portanto ela não estava propriamente mentindo.

Jessie só se sentiu nervosa no dia seguinte, na autoestrada, com os arranha-céus do centro de Los Angeles no horizonte. Ela tinha feito a viagem de meio-dia desde o Condado de Orange em menos de uma hora, tendo chegado à cidade cedo só para poder dar uma volta por lá um bocado. Ela estacionou no estacionamento perto do escritório da Dra. Lemmon, em frente à *Original Pantry*, na esquina da *Figueria* com a *West 9th*.

Então ela teve a ideia de ligar para sua ex-colega de quarto da USC e sua mais antiga amiga da faculdade, Lacey Cartwright, que morava e trabalhava na área, para ver se ela poderia encontrá-la. Ela deixou mensagem no correio de voz. Quando ela começou a descer a *Figueria* na direção ao Hotel Bonaventure, Lacey mandou uma mensagem dizendo que estava muito ocupada naquele dia, mas que elas sairiam da próxima vez que Jessie estivesse por perto.

Quem é que sabe quando isso vai ser?

Ela esqueceu a decepção e se concentrou na cidade ao seu redor, observando as vistas e os sons agitados que eram tão diferentes do novo ambiente onde ela agora vivia. Quando ela chegou à 5ª Avenida, ela virou para a direita e continuou andando.

Isso fez com que ela se lembrasse dos dias, não tinha muito tempo, em que ela fazia exatamente o mesmo várias vezes por semana. Se ela estivesse se debatendo com um estudo de caso para a aula, ela simplesmente saía para passear pelas ruas, usando o tráfego como um ruído branco, enquanto dava voltas ao caso em sua mente até encontrar uma maneira de o abordar. Seu trabalho era quase sempre mais sólido se ela tivesse tido tempo de passear pelo centro e pensar um pouco.

Ela mantinha em sua cabeça a discussão iminente com a Dra. Lemmon enquanto fazia mentalmente uma revisão sobre o café de ontem na casa de Kimberly. Ela ainda não conseguia identificar a natureza do misterioso secretismo das mulheres que conheceu lá. Mas se deu conta de uma coisa em retrospectiva - como todas estavam desesperadas para ouvir os detalhes de seus estudos de perfil.

Ela não entendia se era porque a profissão em que ela estava a entrar parecia tão fora do comum ou se era simplesmente porque nem sequer parecia uma profissão. Olhando para trás, ela tomou consciência que nenhuma das mulheres trabalhava.

Algumas costumavam trabalhar. Joanne tinha experiência em marketing. Kimberly disse que tinha sido agente imobiliária quando eles viviam em Sherman Oaks. Josette tinha gerido uma pequena galeria em Silverlake. Mas agora elas eram todas mães que não trabalhavam. E, embora parecessem felizes com suas novas vidas, também pareciam famintas por detalhes do mundo profissional, avidamente, quase que devorando culposamente qualquer intriga.

Jessie parou, dando conta que, de alguma forma, chegara ao Hotel Biltmore. Ela tinha estado aqui muitas vezes antes. Este hotel era famoso por, entre outras coisas, ser anfitrião de alguns dos primeiros Oscars da Academia em 1930. Também lhe tinham dito que foi o local onde Robert Kennedy foi assassinado por Sirhan Sirhan em 1968.

Antes de decidir fazer sua tese sobre a DNR, Jessie tinha brincado com a ideia de traçar o perfil de Sirhan. Então ela apareceu um dia sem avisar e perguntou ao porteiro se eles tinham excursões pelo hotel que incluíssem o local do tiroteio. Ele ficou perplexo.

Foi embaraçoso até ele entender o que ela estava procurando. Ele educadamente explicou que o homicídio não ocorrera lá, mas no agora demolido Hotel Ambassador.

Ele tentou suavizar a situação dizendo que JFK conseguiu a nomeação democrata para presidente no Hotel Biltmore em 1960. Mas ela estava muito humilhada para ficar por perto para ouvir essa história.

Apesar da vergonha, a experiência ensinou a ela uma lição valiosa que ficou com ela desde então: não fazer suposições, especialmente numa linha de trabalho em que assumir o erro pode ser fatal. No dia seguinte, ela mudou os tópicos da tese e resolveu que a partir de então ela faria sua pesquisa *antes de* aparecer num local.

Apesar desse fracasso, Jessie voltava com frequência, já que adorava o glamour antiquado do lugar. Desta vez, ela imediatamente se acomodou em sua zona de conforto enquanto percorreu os corredores e salões de baile por uns bons vinte minutos.

Ao passar pela recepção quando estava saindo, reparou num homem jovem, engravatado, indiferente, perto do local do pacote do hotel, folheando um jornal. O que lhe chamou a atenção foi em como ele estava suado. Com o ar-condicionado funcionando no hotel, ela não via como isso era fisicamente possível. E ainda assim, a cada poucos segundos, ele tocava levemente nas gotas de suor que constantemente se formavam em sua testa.

Porque é que um sujeito tão suado está simplesmente lendo um jornal de uma forma tão descontraída?

Jessie se aproximou um pouco e pegou em seu telefone. Ela fingiu ler uma coisa qualquer, mas colocou o telefone no modo de câmera e o inclinou para conseguir observar o homem sem na verdade olhar para ele. De vez em quando ela tirava uma foto depressa.

Na verdade, ele não parecia estar lendo o jornal, mas sim a usá-lo como um adereço enquanto olhava intermitentemente na direção das malas que estavam a ser colocadas no carrinho de bagagem. Quando um dos funcionários começou a empurrar o carrinho na direção do elevador, o homem engravatado colocou o jornal debaixo do braço e seguiu atrás dele.

O funcionário empurrou o carrinho de bagagem para o elevador e o homem engravatado o seguiu e parou do outro lado do carrinho. Assim que as portas se fecharam, Jessie viu o homem engravatado pegar do carrinho uma pasta que não era visível para o empregado.

Ela observou o elevador subir lentamente e parar no oitavo andar. Após cerca de dez segundos, começou a descer novamente. Enquanto o elevador descia, ela foi até ao segurança que estava perto da porta da frente. O segurança, um sujeito de aparência amável, em seus quarenta e muitos, sorriu para ela.

“Acho que tem um ladrão agindo no hotel”, disse Jessie sem preâmbulo, querendo dar a ele um ponto de situação rapidamente.

“Como assim?”, ele perguntou, franzindo a testa ligeiramente.

“Eu o vi”, disse ela, mostrando a foto em seu telefone, “roubou uma pasta de um carrinho de bagagem. É possível que fosse dele. Mas ele foi muito sorrateiro e estava suando como se estivesse nervoso com alguma coisa.”

“Ok, Sherlock”, o guarda disse com ceticismo. “Assumindo que você está certa, como é que o vou encontrar? Você viu em que andar o elevador parou?”

“Oitavo. Mas se eu estiver certa, isso não importará. Se ele for um hóspede do hotel, eu entendo que esse é o andar dele e é aí que ele vai ficar.”

“E se ele não for um hóspede?”, o segurança perguntou.

“Se ele não for, imagino que ele esteja no elevador que está descendo para a recepção agora.”

No exato momento em ela disse isso, a porta do elevador se abriu e o homem suado e engravatado saiu, com o jornal numa mão e a pasta na outra. Ele começou caminhando até à saída.

“Imagino que ele vá esconder aquela pasta em algum lugar e começar todo o procedimento novamente”, disse Jessie.

“Fique aqui”, disse o segurança, e depois falou para seu rádio. “Vou precisar de reforços na recepção o mais rápido possível.”

Ele se aproximou do homem engravatado, que o viu de soslaio e acelerou o passo. O mesmo fez o segurança. O homem engravatado saiu a correr pela porta da frente e colidiu com outro segurança que corria na direção oposta. Ambos se esparramaram no chão.

O segurança de Jessie agarrou o homem engravatado, o levantou, puxou seu braço para trás das costas e o empurrou contra a parede do hotel.

“Se importa que eu veja dentro de sua pasta, senhor?”, ele disse.

Jessie queria ver como tudo iria acabar, mas uma rápida olhada no relógio mostrou que faltavam cinco minutos para sua consulta com a Dra. Lemmon, marcada para as 11h. Ela já não podia voltar a pé e, então, apanhou um táxi só para conseguir chegar a tempo. Ela nem sequer teria oportunidade de se

despedir do segurança. Ela temia que, se tentasse, ele insistisse para ela ficar por perto para prestar sua declaração à polícia.

Ela conseguiu chegar a tempo por pouco. Estava sem fôlego. Tinha acabado de se sentar na sala de espera quando a Dra. Lemmon abriu a porta do gabinete para a convidar a entrar.

“Você veio correndo até aqui desde Westport Beach?”, a médica perguntou com um sorriso.

“Praticamente.”

“Bem, entre e fique confortável”, disse a Dra. Lemmon, fechando a porta e enchendo dois copos de água de um jarro cheio de fatias de limão e pepino. Ela ainda tinha a mesma permanente horrível da qual Jessie se lembrava, com pequenos cachos loiros que saltavam quando tocavam em seus ombros. Ela usava óculos grossos que faziam com que seus olhos afiados, parecidos com os das corujas, parecerem mais pequenos. Ela era uma mulher pequena, com pouco mais de cinco pés de altura. Mas ela estava visivelmente magra, provavelmente resultado do yoga que ela dissera a Jessie que fazia três vezes por semana. Para uma mulher de sessenta e poucos anos, ela estava ótima.

Jessie se sentou na poltrona confortável que sempre usava para as sessões e imediatamente se familiarizou de novo com a vibração a que estava acostumada. Ela já não vinha aqui tinha algum tempo, tinha bem mais de um ano, e tinha esperado continuar a não vir. Mas era um lugar de conforto, onde ela tinha lutado para fazer as pazes com seu passado, e, intermitentemente, sido bem sucedida.

A Dra. Lemmon deu água a ela, se sentou na sua frente, pegou num bloco de notas e numa caneta, os colocando no colo dela. Esse era seu sinal de que a sessão havia começado formalmente.

“Vamos falar sobre o quê hoje, Jessie?”, ela perguntou calorosamente.

“As boas notícias primeiro, eu acho. Vou começar minhas aulas práticas na DSH-Metro, na unidade DNR.”

“Oh... uau! Isso é impressionante. Quem é seu orientador?”

“Warren Hosta na UC-Irvine”, disse Jessie. “Você o conhece?”

“Nós já interagimos”, disse a médica enigmaticamente. “Eu acho que você está em boas mãos. Ele é implicante, mas conhece o trabalho, que é o que importa para você.”

“Fico feliz em ouvir isso porque não tive muita escolha”, observou Jessie. “Ele era apenas um que o Painel aprovaria na área.”

“Eu acho que para você conseguir o que quer, você tem que seguir as regras deles. É isto que você queria, certo?”

“É”, disse Jessie.

A Dra. Lemmon olhou para ela de perto. Um momento de compreensão silencioso passou entre elas. No passado, quando Jessie foi interrogada sobre sua tese pelas autoridades, a Dra. Lemmon apareceu na delegacia da polícia do nada. Jessie lembrava de ver sua psiquiatra falando baixinho com várias pessoas que tinham estado a observar silenciosamente sua entrevista. Depois disso, as perguntas pareceram menos acusatórias e mais respeitosas.

Foi só mais tarde que Jessie soube que a Dra. Lemmon era membro do Painel e estava bem ciente dos acontecimentos na DNR. Ela até tinha tratado alguns dos pacientes lá. Olhando para trás, tal não devia ter sido uma surpresa. Afinal, Jessie tinha procurado esta mulher como terapeuta, justamente devido à sua reputação de especialista nessa área.

“Posso perguntar uma coisa a você, Jessie?”, a Dra. Lemmon perguntou. “Você diz que trabalhar na DNR é o que você quer. Mas você já considerou que o lugar pode não lhe dar as respostas que você está procurando?”

“Eu só quero entender melhor como essas pessoas pensam”, Jessie insistiu, “para que eu possa ser uma especialista em perfis criminais melhor.”

“Eu acho que nós duas sabemos que você está procurando muito mais do que isso.”

Jessie não respondeu. Em vez disso, ela cruzou as mãos no colo e respirou fundo. Ela sabia como a médica interpretaria isso, mas ela não se importava.

“Podemos voltar a isso depois”, disse a Dra. Lemmon em voz baixa. “Vamos avançar. Como é que está sendo a vida de casada?”

“Essa é a principal razão pela qual eu queria ver você hoje”, disse Jessie, feliz por mudar de assunto. “Como você sabe, Kyle e eu acabamos de nos mudar daqui para Westport Beach porque a empresa o transferiu para o escritório de Condado de Orange. Nós temos uma casa grande num ótimo bairro a uma curta distância do porto...”

“Mas...”, a Dra. Lemmon cutucou.

“Há algo no lugar que simplesmente não bate certo. Eu tenho tido dificuldades em entender o quê. Todas as pessoas têm sido incrivelmente amistosas até agora. Já fui convidada para cafés, almoços e churrascos. Recebi sugestões para as melhores mercearias e creches, caso precisássemos de uma. Mas tem qualquer coisa que parece estar... errada. E isso está começando a me afetar.”

“De que maneira?”, a Dra. Lemmon perguntou.

“Me apanho às vezes triste sem ter um bom motivo para isso”, disse Jessie. “Kyle chegou em casa tarde para um jantar que eu tinha feito e eu deixei que isso me afetasse negativamente muito mais do que deveria. Não teve assim tanta importância, mas ele ficou tão indiferente ao assunto. E isso simplesmente me afetou. Além disso, simplesmente desempacotar caixas parece assustador de uma forma que é desproporcional. Eu tenho essa sensação constante e esmagadora de não pertencimento, de que existe alguma chave secreta para um quarto em que toda a gente já esteve e ninguém vai me dar.”

“Jessie, como já faz algum tempo desde nossa última sessão, eu vou relembrar algo que nós já discutimos antes. Não precisa haver uma 'boa razão' para esses sentimentos surgirem. Você está lidando com algo que pode aparecer do nada. E não é um choque que uma situação nova e estressante, não importa o quão aparentemente perfeita seja a imagem, os possa incitar. Você está a tomar sua medicação regularmente?”

“Todos os dias.”

“Ok”, disse a médica, tomando nota em seu bloco. “É possível que precisemos mudar isso. Eu também notei que você mencionou que uma creche pode ser necessária no futuro próximo. Isso é algo que vocês os dois estão buscando ativamente - crianças? Se assim for, essa é outra razão para mudar sua medicação.”

“Estamos tentando... de forma intermitente. Mas às vezes Kyle parece animado com a perspectiva e, depois, fica... distante; quase frio. Às vezes ele diz algo e eu me pergunto 'quem é este cara?’”

“Se lhe servir de conforto, tudo isso é muito normal, Jessie. Você está num novo ambiente, cercada por estranhos, com apenas uma pessoa que você conhece bem para se agarrar. É estressante. E ele está sentindo muitas dessas mesmas coisas, por isso que vocês ficam sujeitos a discussões e a terem momentos em que vocês não se conectam.”

“Mas é isso, doutora”, Jessie insistiu. “Kyle não parece estressado. Ele obviamente gosta de seu trabalho. Ele tem um antigo amigo do colégio que vive na área portanto ele tem esse escape. E todos os sinais indicam que ele está totalmente empolgado por estar lá - sem período de ajuste necessário. Ele não parece sentir falta de nada de nossa antiga vida - nem de nossos amigos, nem de nossos velhos lugares, nem de estar num lugar onde tem vida depois das nove da noite. Ele está completamente ajustado.”

“Pode parecer assim. Mas eu estaria disposta a apostar que, por dentro, ele não tem assim tanta certeza das coisas.”

“Eu aceito essa aposta”, disse Jessie.

“Quer você tenha razão ou não”, disse a Dra. Lemmon, notando o tom de desafio na voz de Jessie, “o próximo passo é você se perguntar a si própria o que vai fazer com essa nova vida. O que é que você pode fazer para isso funcionar melhor para si, enquanto indivíduo e enquanto casal?”

“Eu não sei mesmo o que fazer”, disse Jessie. “Eu sinto que estou a dar uma oportunidade a este lugar. Mas eu não sou como ele. Eu não sou do gênero de me 'atirar de cabeça'.”

“Isso é verdade realmente”, a médica concordou. “Você é uma pessoa naturalmente cautelosa, com bom senso. Mas você pode ter que se adaptar um pouco para sobreviver durante um tempo, especialmente em situações sociais. Talvez tentar se abrir um pouco mais para as possibilidades ao seu redor. E talvez dar a Kyle o benefício da dúvida um pouco mais. Estes são pedidos razoáveis?”

“Claro que são, nesta sala. Lá fora é diferente.”

“Talvez seja uma escolha que você está fazendo”, sugeriu a Dra. Lemmon. “Me deixe perguntar uma coisa. A última vez que nos encontramos, discutimos a origem de seus pesadelos. Suponho que você ainda os tem, certo?”

Jessie assentiu. A médica continuou.

“Muito bem. Também discutimos sobre você compartilhar isso com seu marido, dizendo a ele porque você acorda com calafrios várias vezes por semana. Você fez isso?”

“Não”, Jessie admitiu culpada.

“Eu sei que você está preocupada sobre como ele vai reagir. Mas nós falamos sobre como contar a verdade a ele sobre seu passado a poderá ajudar a lidar com isso de maneira mais eficaz e aproximar vocês dois.”

“Ou a separar”, rebateu Jessie. “Eu entendo o que está dizendo, Doutora. Mas tem uma razão para que poucas pessoas saibam de minha história pessoal. Não é emocionalmente reconfortante. A maioria das pessoas não consegue lidar com isso. Você só sabe porque eu pesquisei sobre sua experiência e determinei que você tinha formação e experiência específicas com este tipo de coisas. Eu procurei você e deixei que você entrasse em minha cabeça porque eu sabia que você conseguia lidar com isso.”

“Seu marido conhece você tem quase uma década. Você acha que ele não consegue lidar com isso?”

“Eu acho que uma profissional experiente como você teve que usar toda a contenção e empatia que tinha para não correr para fora da sala aos berros quando eu contei a você. Como é que você acha que um tipo normal dos subúrbios da Califórnia do Sul vai reagir?”

“Como eu não conheço Kyle, eu não sei”, respondeu a Dra. Lemmon. “Mas se você está a planejar começar uma família com ele - passar o resto de sua vida com ele - você pode querer considerar se você consegue realisticamente esconder dele uma parte significativa de sua vida.”

“Vou levar isso em consideração”, disse Jessie sem compromisso.

Ela percebeu que a Dra. Lemmon tinha entendido que ela não ia desenvolver mais o assunto.

“Então vamos falar sobre medicação”, disse a médica, mudando de assunto. “Eu tenho algumas sugestões de alternativas agora que você está planejando engravidar.”

Jessie olhou para a Dra. Lemmon, observando sua boca se mover. Mas por mais que tentasse, ela não se conseguia concentrar. As palavras flutuavam enquanto seus pensamentos voltavam para aqueles bosques escuros de sua infância, os que assombravam seus sonhos.

CAPÍTULO OITO

Jessie estava deitada na cama, enroscada nos lençóis, tentando ignorar a luz do sol cutucando seus olhos pela fenda aberta nas cortinas do quarto.

Era sua primeira manhã de sábado nesta casa e ela queria que fosse uma manhã preguiçosa, só ela e Kyle, casualmente abrindo caixas, tomando café, fazendo amor. Ontem tinha sido um bom dia. O Professor Hosta tinha enviado e ela um e-mail para avisar que ela iria visitar a DNR pela primeira vez na próxima semana. Ela tinha feito uma ótima corrida até ao porto e voltado. Foi a primeira oportunidade que ela realmente teve de fazer algum exercício e limpar a cabeça desde que eles haviam mudado. Ela se sentia com energia e esperança. Kyle não precisava ir para o escritório por isso eles tiveram o fim de semana livre.

Ela ouviu movimento e relutantemente abriu os olhos. Kyle estava entrando no quarto com uma caneca de café em cada mão. Ela se espreguiçou feliz e se sentou.

“Meu herói”, disse ela enquanto segurava a caneca que ele entregara a ela.

“É só isso que é preciso nos dias que correm?”, ele perguntou.

“Há dez mil anos eu teria esperado que você fosse à caça de um alce ou algo assim. Mas hoje em dia, um café forte faz de você um ótimo e poderoso fornecedor.”

“Bem, estou feliz por cumprir minhas obrigações conjugais.”

“Tem outras obrigações conjugais que espero que você cumpra hoje, senhor”, disse Jessie, se aproximando dele.

“Oh sim?”, ele disse, se fazendo de tolo. “Como o quê?”

“Como dando cabo de mim... assim que eu escovar os dentes; como desembalando finalmente aquela caixa com porcelana na sala de jantar; como tendo sexo comigo outra vez; como me levando a almoçar e ao cinema para sair desse calor - talvez de volta ao antigo bairro; como voltando para casa para uma rapidinha antes de encomendar comida e de nos aconchegarmos no sofá para devorar o resto de *Killing Eve*. Como é que isso soa para um sábado perfeito?”

O olhar em seu rosto sugeria que ele não considerava isso um plano perfeito.

“A primeira parte parece boa”, disse ele com cuidado. “Mas talvez possamos repensar os planos da noite.”

“Oh, esse espetáculo é demasiado assustador para você, homem grande?”, ela perguntou, tentando manter um tom brincalhão em sua voz, embora sentisse que ele estava prestes a tornar isso impossível.

“Eu acho que posso lidar com isso”, disse ele, não alinhando. “Mas talvez façamos isso noutra noite. E talvez a gente almoce por aqui.”

“Mas você sabe como eu adoro a sala de cinema perto de Los Angeles Live.”

“Sim, mas é muito longe para ir ver um filme. Acho que devemos encontrar uma sala de cinema perto daqui que se possa tornar sua nova favorita. Afinal, agora nossa casa é aqui. Você me prometeu que daria a Westport uma oportunidade real.”

Jessie, irritada, estava prestes a responder quando ouviu a voz da Dra. Lemmon em sua cabeça, a lembrando de dar a Kyle o benefício da dúvida. Além disso, ela entendeu que ele não tinha terminado de falar. Relutantemente, ela mordeu a língua enquanto ele continuava.

“Além disso, eu estava esperando que pudéssemos ir ao clube hoje à noite. Tinha outras pessoas que estavam entusiasmadas para nos conhecerem e um monte delas vão estar lá esta noite. Parece a oportunidade perfeita para conhecer algumas pessoas novas.”

“porque todas as coisas sociais que fazemos têm de se centrar em torno deste clube?”, Jessie perguntou. “Nós nem somos membros. Não podemos ser membros de um clube de livros ou algo assim?”

“Fico feliz por ser membro de um clube de livros também, Jess”, disse Kyle, frustrantemente calmo. “Mas não vejo qual o mal em voltar ao Clube Deseo. O motivo para estarmos aqui, pelo menos em parte, é nos tornarmos parte de uma comunidade. Eu me sentia realmente isolado na cidade. Ver amigos era um desafio. Fazer novos amigos era ainda mais difícil. Tem uma comunidade feita aqui, com pessoas que estão a nos receber tão bem. Nossos vizinhos podem, na verdade, se tornarem nossos amigos. E muitos deles frequentam este clube. É um centro social. Porque é que intencionalmente deveríamos nos afastar disso?”

“Eu não estou dizendo que temos de nos afastar”, insistiu Jessie. “Mas temos que nos atirar de cabeça imediatamente? E se eles se revelarem uns

idiotas?”

Kyle olhou para ela com ar severo e ela entendeu que agora era ele que lutava para manter a calma.

“Se eles forem idiotas, nós saímos do clube, Jess”, disse ele, com um tom de voz mais composto do que o rosto. “Mas não estou pedindo para nos atiramos de cabeça. Eu só quero molhar os dedos na água. Podemos por favor tentar?”

Kyle estava fazendo aquilo que Jessie achava cativante e enfurecedor. Ele estava sendo razoável e equilibrado enquanto ela estava a ser menos. Ela sabia que isso era o que o tornava tão bom em seu trabalho.

Independentemente do quão assustador o mercado financeiro ficasse, ele ficava sempre relaxado e concentrado. Seus clientes adoravam isso. A mesma qualidade ajudava a equilibrar a volatilidade e paixão de Jessie. Mas às vezes ela só queria que ele se descontrolasse um pouco.

“Sim”, ela finalmente disse, aceitando que o que ele estava pedindo - sair para um jantar de clube de campo com sua esposa para conhecer novas pessoas - não era irracional. “Podemos tentar.”

*

A poucos segundos de chegar, Jessie sabia que havia julgado mal a noite.

Para começar, ela estava horivelmente mal vestida. Este era claramente um evento formal. Os homens estavam de terno e as mulheres estavam com vestidos de noite. Kyle estava usando um casaco esportivo pelo que ele podia disfarçar e sobreviver. Mas ela estava usando um vestido solto com um xale no caso do ar-condicionado estar muito forte. As outras mulheres estavam de saltos. Ela estava de sandálias.

“Devíamos ir embora”, ela sussurrou agressivamente para Kyle enquanto eles estavam esperando que os encaminhassem até à mesa. “Eu me sinto como uma pedinte no baile.”

“Estamos bem”, Kyle sussurrou de volta. “Ninguém disse nada sobre trajes elegantes. E Teddy nos colocou na lista de convidados portanto não vamos ser expulsos. Se orgulha, mulher. Você está melhor nesse vestido do que qualquer uma dessas mulheres em seus trajes elaborados.”

Ele apertou a mão dela, apoiando, e ela se encostou nele, usando sua presença física como proteção invisível para o desconforto que ela sentia. Teddy avistou eles do outro lado da sala de jantar escura e acenou

calorosamente enquanto se aproximava. Jessie olhou em volta procurando por Melanie, mas não a viu. Com as luzes tão baixas, era difícil distinguir alguém entre os presentes.

“Oi pessoal”, disse Teddy quando chegou até eles. “Chegaram bem na hora; a Agenda está prestes a começar. Jessie, Mel está à sua espera nas Guardiãs Sentimentais. Eu os levo até lá e ela indica a você para onde ir a partir daí.”

“Agenda? Guardiãs Sentimentais?” Jessie repetiu ceticamente. “Essas são palavras extravagantes, Teddy. Eu sinto que preciso de um glossário de termos. Isso não é só um jantar no clube?”

“É”, ele assegurou, aparentemente inconsciente de seu tom. “Mas eles têm essas tradições aqui. Na verdade, não é nada de especial. As senhoras só querem dar a você as boas-vindas à comunidade. Temos uma coisa semelhante planejada para Kyle. E depois vamos nos encontrar aqui novamente para comer a seguir.”

“Qual o nome do grupo dos rapazes?”, Jessie perguntou sarcasticamente enquanto desciam a longa escada até ao nível mais baixo. “Os Caçadores-Coletores?”

Kyle lançou um olhar a Jessie que indicava que ele não tinha gostado.

“Na verdade, nosso nome é Guardadores de Juramento.”

“Oh, isso é muito melhor”, Jessie respondeu, tentando manter um tom sincero em sua voz, mas não conseguindo.

Teddy conduziu eles através da multidão de pessoas que circulavam na penumbra do primeiro andar, todos tomando champanhe e mastigando canapés servidos por ninfas incrivelmente bonitas em justos vestidos de festa pretos. Não tinha uma criança à vista. Jessie perguntou a si mesma se a Enseada dos Piratas estava lotada ou se as crianças tinham todas ficado em casa.

Finalmente, eles chegaram até um pequeno recanto na ponta da sala, onde Teddy parou abruptamente. Diante deles estava uma outra garota linda, que não estava segurando nenhuma bandeja com aperitivos ou bebidas. Ela parecia estar quase de guarda.

Teddy se inclinou e sussurrou algo para ela. Ela assentiu com a cabeça e fez uma coisa atrás das costas com a mão, que Jessie não conseguiu ver bem. De repente, um painel da parede deslizou silenciosamente para trás, revelando uma escadaria escura.

“É aqui que nos separamos”, disse Teddy. “Mel vai encontrar com você lá embaixo para a Agenda. Voltamos todos a nos encontrar aqui daqui a pouco para o jantar.”

“Até já”, disse Kyle, se inclinando para lhe dar um beijo na bochecha.

“O que diabo é isso?”, Jessie sussurrou em seu ouvido quando ele estava perto. “Eu sinto que estou prestes a ser sacrificada através em um ritual.”

Ele se afastou um pouco e ela entendeu que ele estava tentando abafar um sorriso. Ele voltou a se inclinar e a beijou, desta vez em cheio nos lábios. A seguir, a abraçou.

“Só você, Jessica”, ele sussurrou de volta, com sua respiração quente aquecendo sua orelha. “Desligue seu sexto sentido forense por um tempo. Já ocorreu a você que é assim que as pessoas daqui evitam que as coisas se tornem chatas demais? Eles não têm tiroteios noturnos à porta de seus condomínios. Eles não têm sem-abrigo a perseguirem eles pela rua com seringas usadas. Talvez seja assim que eles mantêm as coisas interessantes. Eu acho isso quase... encantador.”

Ele se afastou e ela pôde ver o brilho em seus olhos. Isso lhe dava confiança de que ele estava mais se divertindo do que impressionado com esse espetáculo, e isso, pelo menos, era reconfortante. Ela sorriu efusivamente e se virou para descer as escadas escuras enquanto o painel deslizava de volta ao lugar. O painel fez um estalido e ela ouviu ele trancar. Não tinha para onde ir agora, a não ser para baixo.

A cada passo, o barulho da multidão acima se dissipava. Rapidamente ela ficou em silêncio. Quando alcançou o que esperava ser o fundo, um novo som surgiu. Era música, do tipo instrumental relaxante que se ouvia ao receber uma massagem num spa. Uma luz fraca e cintilante à distância a guiou.

Quando ela finalmente chegou ao último degrau, viu que estava no que parecia ser uma masmorra grande e extremamente bem equipada. Havia tochas nas rústicas paredes de pedra. A arte nas paredes era composta por pinturas de mulheres de aparência grotesca e esculturas abstratas e estranhas que pareciam nascer da rocha.

Havia cadeiras elegantes e antiquadas espalhadas pela sala. Algumas estavam ocupadas por mulheres em vestidos extravagantes, que estavam bebendo. Outras estavam em pequenos grupos, conversando em voz baixa. Quando a sandália de Jessie fez barulho no chão de pedra com seu último

passo, todas se viraram e pararam de falar. Apesar do absurdo da situação, Jessie sentiu um arrepio na espinha.

Passado um longo e estranho segundo, ela viu Melanie sair de trás de duas mulheres muito mais altas e correr até ela. Ela também estava com um vestido de noite que lisonjeava seu corpo diminuto. Seu cabelo curto e escuro estava puxado para trás num nó apertado.

“Você deve estar em pânico”, Mel murmurou quando ela chegou perto dela. “Eu sei que eu estaria. A primeira vez que descii aqui, pensei que eles iam apresentar à sociedade uma virgem algemada ou algo assim. A única coisa que me manteve calma foi saber que, com minha história, não poderia ser eu.”

Jessie sorriu apesar de seu desconforto.

“Que lugar é este?”, ela perguntou.

“É chamado de Santuário”, explicou Melanie. “E o nome se aplica. Tem instalações separadas aqui em baixo, um spa privado entre elas. Apenas membros do clube e candidatos são permitidos aqui.”

“Eu pensei que todo esse lugar era 'o clube'.”

“No andar de cima é mais para exibição. Imagine essa área como sendo a coisa boa por trás do acesso restrito.”

“Espere, você disse candidatos?”, Jessie perguntou, só agora processando aquela parte do comentário anterior de Mel. “Isso é algum tipo de entrevista?”

“Sim”, disse Melanie, surpreendida. “Esta é sua entrevista de adesão para se juntar ao clube. Isso significa que você passou as verificações iniciais sobre suas origens e finanças e sua inscrição foi preliminarmente aprovada. Agora você tem a entrevista. Kyle está passando pela mesma coisa com os Guardadores de Juramento. Ele não lhe contou nada disso?”

“Não”, disse Jessie, sentindo a raiva subir dentro dela. “Ele não contou.”

“Oh, Melanie”, gritou uma morena alta e chamativa no fundo da sala. “É hora de questionar a candidata.”

“Claro”, Mel respondeu antes de se virar para Jessie e dizer calmamente: “Simplesmente seja entusiasta, respeitosa e recatada. Eles podem tentar assustar você. É como trote intelectual. Simplesmente relaxa.”

E a seguir ela foi embora, recuando para o mar de vestidos. A mulher alta deu um passo em frente, ficando próximo. De perto, suas feições eram ainda mais pronunciadas. Cada parte de seu rosto parecia esculpida em pedra. Seu nariz e queixo terminavam em pontas afiadas. Seu torso magro parecia meio

morto de fome. Seus olhos escuros brilhavam à luz das velas. Ela parecia pertencer a uma corte da realeza da Europa mais do que a um clube social de Condado de Orange. O murmúrio parou e a música do spa foi silenciada.

“Sou Marguerite Brennan, presidente das Guardiãs Sentimentais do Clube Deseo. Jessica Madeline Hunt, você foi indicada para afiliação e submeteu sua boa-fé. Chegamos agora à hora de questionar. Você está preparada?”

Jessie olhou em volta para os rostos sérios e pouco sorridentes e decidiu que este não era o momento de dizer piadas. Ela estava chateada por Kyle se ter candidatado a este clube sem ter falado isso com ela primeiro. Ela se sentiu coagida. Mas isso era algo para ela discutir com ele em particular mais tarde.

“Estou”, ela respondeu, reunindo o que ela esperava ser a deferência apropriada.

“Então vamos começar. Você acredita que seu casamento é a coisa mais importante em sua vida?”

A questão era complicada e intrusiva. E era claro qual deveria ser a resposta correta. Jessie decidiu que poderia responder honestamente, pelo menos na maior parte do tempo.

“Sim” disse ela.

“Você pensa em ter filhos?”, Marguerite perguntou, num tom tão indiferente que Jessie pensou que ela poderia estar perguntando se ela pensava em comer frango ao jantar hoje à noite.

Ela abriu a boca, prestes a responder ao que ela considerava um assunto particular com uma resposta sarcástica sobre como poucas pessoas realmente planejavam tal coisa. Mas no último minuto ela pensou melhor.

“Sim”, disse Jessie, novamente decidindo que não havia mal algum em responder com sinceridade.

“A lealdade é uma prioridade para você?”

“Absolutamente”, disse Jessie sem hesitação.

“A discrição é uma prioridade para você?”, Marguerite perguntou.

Essa pergunta poderia ser interpretada de várias maneiras. Mas considerando que ela estava “se inscrevendo” para se juntar a um clube secreto, Jessie decidiu escolher a resposta segura, apesar de ela sentir que Marguerite poderia estar preparando uma armadilha para ela.

“Sim.”

“Você já foi infiel ao seu marido?”, Marguerite perguntou sem emoção.

Acho que chegamos à segunda parte da sessão de perguntas e respostas.

“Você *já*?”, Jessie deixou escapar antes de se conseguir conter.

Marguerite olhou para ela ferozmente e ela alegremente olhou de volta para Marguerite. Ela não seria intimidada por uma qualquer aspirante à realeza da Califórnia do Sul.

“Eu já sou membro”, respondeu Marguerite, num tom todo irritado. “Portanto minhas indiscrições ou a falta delas não são assunto para discussão neste momento. Então deixe-me repetir a pergunta. Você *já*...”

“Não precisa repetir, Marguerite. E, na verdade, isso não é da sua conta. Mas uma vez que eu já disse que a lealdade era uma prioridade para mim, não.”

Marguerite fez uma breve pausa, seus lábios finos se apertaram em algo entre um sorriso e um trejeito.

“Quando você perdeu a virgindade?”, ela perguntou devagar. Ela parecia relutante em perguntar, como se estivesse preocupada com a reação de Jessie.

“Definitivamente não é de sua conta”, respondeu Jessie, entrando no ritmo agora. “Estou disposta a ir até à adolescência, mas não compartilho mais do que isso.”

Ela ouviu murmúrios suaves e soube que suas respostas não estavam mais atingindo o alvo. Ela viu Mel lá atrás, mordendo o lábio nervosamente. Marguerite olhou para ela de mau humor antes de perguntar o que Jessie suspeitava ser a pergunta final.

“Com quantas pessoas você já teve relações sexuais?”

Jessie podia sentir sua pele formigando com indignação justificada. Ela queria dizer “não é da sua conta, senhora ciborgue”. Mas ela sabia que Marguerite a estava testando, tentando a aborrecer. Ela não seria vítima dessas maquinações amadoras. Afinal, ela já havia lidado com manipuladores muito mais astutos.

“Oh, por favor”, ela disse, adotando um tom de falso constrangimento, “é uma pergunta intrusiva num local tão público. Acho que vou ter que remeter você para minha resposta anterior sobre o valor da discrição e apenas dizer - essa informação morre comigo.”

Ela sorriu docemente e ficou esperando que a sentença fosse proferida.

CAPÍTULO NOVE

Mais tarde naquela noite, quando estavam indo dormir, Kyle perguntou novamente.

“Você não entendeu se elas estavam impressionadas ou incomodadas com suas respostas?”

“O rosto da mulher era uma máscara sem emoção”, Jessie disse pela terceira vez. “Eu não tenho certeza se ela teve a capacidade de ficar impressionada ou irritada. Eles nos deixaram ficar para jantar, pelo que não deve ter sido assim tão horrível.

“Poderia ter sido apenas cortesia”, respondeu ele, “não querendo nos jogar no cais. Isso teria parecido ruim.”

Ele ficou calado na cama, com seus olhos correndo de um lado para o outro sem ver. Ele estava claramente ansioso. Parte dela queria aliviar o desconforto dele mas outra parte queria atacá-lo por ele ter se candidato clandestinamente ao clube. Ela tinha se segurando a noite toda mas não tinha a certeza se conseguiria fazer isso por mais tempo.

“Kyle, eu não ia compartilhar detalhes de minha história sexual com um monte de estranhos numa masmorra. Eu imaginei que você soubesse isso sem eu ter que dizer. *Você* respondeu a essa pergunta?”

“Eles não fizeram essa pergunta”, disse ele. “Você não poderia simplesmente ter dado uma resposta segura?”

Ela olhou para ele, estupefata.

“Qual é a resposta segura, querido? Dez? Cinco? Três? Ninguém além de meu querido marido? Eu iria achar que você ficaria mais ofendido por mim.”

“Você parece ofendida o suficiente por nós dois”, ele murmurou em voz baixa. Essa foi a última gota.

“Você sabe o que me ofende?”, ela perguntou. “Que você se tenha inscrito para se juntar a esse lugar sem discutir o assunto comigo primeiro. Que eu tenha sido apanhada de surpresa por uma brigada de “armadilhas” num prova qualquer de garantia de irmandade de adultos.”

“Eu não me inscrevi”, ele insistiu, parecendo genuinamente insultado. “O Teddy me disse que ele tinha feito isso como uma surpresa. E eu não sabia

nada sobre as entrevistas. Eu pensei que nós íamos apenas conhecer algumas pessoas novas no jantar. Não posso acreditar que você ache que eu faria isso por minha iniciativa. Francamente.”

“Você não parece assim tão perturbado com isso”, disse ela, ainda chateada, mas recuando um pouco agora que ela não tinha a certeza do que era verdade.

“E não estou. Eu achei que foi simpático. Ele está tentando nos ajudar a integrar. Talvez ele tenha sido um pouco imprudente ao fazer isso sem nos dizer. E ele definitivamente deveria ter nos avisado sobre o que estávamos fazendo. Mas a verdade é que eu gostaria de me juntar a este clube. E, provavelmente, eu teria falado com você sobre entrarmos para esse clube, mais cedo ou mais tarde, de qualquer maneira. Então eu não vou fingir estar chateado por ele se ter antecipado um pouco.”

“Eu fui interrogada, Kyle”, ela o lembrou.

“Parece que você esteve muito bem.”

“Não é essa a questão”, disse ela, saindo da cama quando sentiu seu sangue subindo.

“O que você está fazendo?” ele perguntou.

“Eu não sinto vontade de dormir agora. E como não quero ficar aqui fervilhando no escuro ao lado de meu marido que hoje está sem conseguir pensar, vou ler um bocado.”

“Oh, por favor, Jessie”, disse ele. “Não é nada de especial.”

“O fato de você achar isso é mais uma razão pela qual eu não quero ficar aqui. Volto para a cama mais tarde. Não fique esperando.”

Apesar de seu melhor esforço para deixar o quarto com dignidade, ela bateu a porta quando saiu. No segundo que fez isso, ela sentiu como se tivesse perdido a razão, como se fosse, de repente, uma criança petulante com uma birra. Mas já estava feito, pelo que ela não deu o braço a torcer e desceu as escadas.

*

Jessie acordou com um sobressalto. Olhando para o relógio, ela viu que já passava da uma da manhã. Ela devia ter adormecido enquanto estava lendo, no sofá da sala de estar para onde ela tinha se atirado. Ela se sentou, tentando despertar.

Ela tinha adormecido num ângulo estranho e seu pescoço doía. Ela se levantou para tentar alongar o pescoço. Depois de alguns minutos fazendo isso, ela decidiu voltar para o quarto. Ela tinha acabado de começar subindo as escadas quando o som que ela tinha ouvido nas noites anteriores ecoou pela casa silenciosa.

Desta vez, não parecia vir do sótão, mas de algum lugar no primeiro piso. Ela desceu e tentou identificar a origem do barulho, circulando todo o primeiro andar e finalmente chegando em frente à lareira da sala de estar, que parecia ser o ponto de origem.

Mas quando ela parou, o gemido também parou. Ela ficou lá durante pelo menos um minuto, esperando, ouvindo. Mas nada aconteceu e ela começou a se sentir boba.

O que tem de errado comigo?

Ela se virou para ir para as escadas quando entendeu que tinha deixado um candeeiro aceso na mesa na sala de estar. Ela foi até lá para desligá-lo e, notando que a cortina estava entreaberta, foi até à janela para a fechar.

Da sua posição estratégica, ela tinha uma visão desimpedida da casa de Kimberly Miner do outro lado da rua. Estava tão calmo quanto se esperaria no meio de uma noite de sábado. As únicas luzes acesas eram uma na cozinha, que devia ter sido deixada acidentalmente, e outra fosca na escada do corredor que levava do primeiro para o segundo andar.

Jessie tinha acabado de começar a fechar a cortina quando viu um movimento pelo canto do olho. Uma jovem estava subindo as escadas da casa dos Miner, voltada para a janela. Parecia ter vinte e poucos anos. Era loira, com uma figura atlética e um bronzeado que cobria todo seu corpo. Jessie sabia disso porque ela estava completamente nua.

A mulher chegou ao topo da escada e desapareceu na escuridão. Cerca de trinta segundos depois, uma segunda figura emergiu do primeiro andar, subindo os degraus. Passado um segundo Jessie entendeu quem era ao ver o cabelo ruivo. Era o marido de Kimberly, Morgan. Ele também estava completamente nu.

Jessie se aproximou da janela para se certificar de que não estava imaginando coisas. E quando o fez, ela bateu no candeeiro de mesa. Ele balançou por um segundo interminável antes de cair, batendo na parede com força enquanto caía e aterrissando no chão com um baque surpreendentemente alto.

Jessie viu a cabeça de Morgan aparecer com o barulho. Dando conta que ficaria visível com a cortina aberta e a luz do candeeiro, ela se baixou depressa e pesadamente para o chão. Com o coração batendo, ela ficou deitada de barriga para baixo, como se estivesse prestes a fazer uma flexão, por uns bons dez segundos antes de cutucar a cabeça novamente.

Morgan aparentemente não estava preocupado com o barulho porque continuou subindo as escadas e logo desapareceu depois que a garota entrou na escuridão. Jessie ficou ali por um longo tempo, olhando para a escada agora vazia.

Eu vi mesmo isso? Eu ainda estou dormindo?

Por fim, fechou a cortina, voltou a colocar o candeeiro na mesa, apagou a luz e voltou para a cama, confusa, exausta e não cem por cento certa de que estivesse em seu perfeito juízo. Ela tentou dormir, mas as perguntas continuavam aparecendo, a mantendo acordada.

Devo contar à Kimberly? E se eu estiver errada? Estou colocando um casamento em risco? Pior, e se eu estiver certa? Se o que eu vi era real, o que diabos está a acontecer neste bairro?

CAPÍTULO DEZ

Na manhã seguinte, Kyle já estava tomando banho e se vestindo quando ela acordou, se sentindo esgotada e indisposta.

“Você vai sair?”, ela perguntou sonolenta enquanto se sentava na cama. “Não é domingo?”

“É, mas fui chamado para uma reunião geral de emergência. Um dos nossos investidores pediu falência na sexta-feira e nós acabamos de descobrir. Vamos ter uma sessão de estratégia às nove.”

“Oh”, ela disse. “Você vai ficar fora o dia todo?”

“Espero que não, mas não posso dar garantias. Eu sei que nós não estamos muito bem agora, você e eu. Talvez possamos falar sobre isso logo à noite?”

“Ok”, disse Jessie, ainda um pouco desconcertada.

“Eu te amo”, disse ele, se inclinando e dando um beijo a ela na testa antes de sair.

“Eu também te amo”, disse ela a um quarto já vazio.

Ela escutou ele descer depressa as escadas, a porta da garagem se abrir e o carro ligar. A porta da garagem fechou e o barulho do motor desapareceu na distância. Enquanto ela se sentava na cama, tentando se orientar, os acontecimentos da noite anterior voltaram à sua cabeça: o interrogatório no clube, a discussão naquela noite, ela descendo as escadas, a visão do estranho corredor de nus no outro lado da rua.

Isso foi real? Ou foi apenas parte de meu sonho?

Não seria a primeira vez que a memória dela pregava peças nela. Mas isso não era uma lembrança de sua infância. Era da noite passada. E isso envolvia estranhos. Ela poderia jurar que tinha visto.

Jessie resolveu ir até casa de Kimberly essa manhã para entender a situação. Ela não queria tirar conclusões precipitadas ou fazer acusações. Mas se ela realmente tivesse visto Morgan e uma garota correndo nua pelas escadas, isso poderia ser algo que sua esposa quisesse saber.

Ela se levantou, tomou um banho rápido, se vestiu e foi na loja de donuts, no fundo da rua, onde comprou uma dúzia. Ela voltou para casa, fez um café para si mesma, depois atravessou a rua e bateu na porta da frente dos Miners.

Kimberly abriu quase imediatamente. Ela estava vestindo um robe e tinha rolos no cabelo.

“Oi, vizinha”, disse ela alegremente. “Que surpresa agradável numa manhã de domingo. Como você está?”

“Estou bem”, Jessie respondeu, tentando corresponder à energia de Kimberly. “Eu só queria agradecer novamente pela sua hospitalidade no outro dia. Trouxe alguns donuts para que você saiba o quanto eu estou agradecida por nos receber tão bem.”

“Isso é tão amoroso. Entre”, ela disse, abrindo a porta e a conduzindo pelo corredor. “Você sabe, lamento não ter conseguido ir ao clube ontem à noite para o grande evento. Nós tínhamos um compromisso anterior.”

“Oh, eu não sabia que vocês eram membros.”

“Claro”, disse Kimberly. “A maioria das pessoas por aqui são. Estamos estado tão ocupados ultimamente que não tivemos oportunidade de passar por lá. Como correu?”

“Bem, eu acho.”

Jessie a seguiu até à cozinha e viu toda a família, incluindo Morgan, sentada à mesa do café da manhã, mastigando. Ele estava completamente vestido, até mesmo vestindo uma jaqueta e calça de esporte, e parecia completamente normal. Jessie estava tendo dificuldade em acreditar em sua própria lembrança da noite anterior.

“Nós já estamos comendo”, disse Kimberly. “Nós temos igreja daqui a pouco. Mas vamos guardar os donuts para mais tarde. Na verdade”, ela disse, se dirigindo sua família, “vocês precisam ir. Eu me encontro lá com vocês.”

“Ouviram sua mãe, crianças”, disse Morgan, levantando e levando seu prato para a cozinha. “Se apressem. Precisamos parar na farmácia no caminho para apanhar a receita de Mikey.”

Ele colocou o prato no lava-louça, beijou Kimberly na bochecha e acenou para Jessie.

“Prazer em ver você de novo”, disse ele, parecendo para todo o mundo como um marido e pai agradável, mas ligeiramente estressado.

As crianças, apesar de terem apenas quatro e dois anos, levaram seus pratos para a cozinha também antes de irem para a sala para calçar mocassins ou elegantes sapatos rasos.

“Nos vemos lá”, Morgan disse à sua esposa antes de se virar para as crianças. “Eu vou estar no carro. Eu saio em sessenta segundos, com ou sem vocês.”

Jessie ficou olhando enquanto as duas crianças se apressaram desesperadamente para colocar os sapatos e sair correndo pela porta. Menos de um minuto depois, a loucura fora substituída por algo parecido com calma.

“Ah, ouça esse silêncio”, Kimberly disse com um sorriso feliz. “É uma raridade ultimamente.”

“Aposto que sim”, concordou Jessie.

“Então, o que se passa, vizinha? Eu tenho que ficar pronta em breve, mas parece que você veio para mais do que apenas deixar uns donuts. Quer compartilhar?”

“Você sabe, eu pensei que tinha algo para falar com você. Mas agora que penso sobre isso, acho que não tenho. Eu vou deixar você se aprontar. Nós podemos falar noutro momento.”

“Tem a certeza?”, Kimberly perguntou quando ela tirou o robe para revelar um top e calça de yoga por baixo.

Jessie estava prestes a responder quando ouviu alguém descendo os degraus. Ela olhou e viu a mesma jovem que ela achava que imaginara na noite anterior. Ela estava vestida agora, com uma camiseta e calça de moletom com uma mochila pendurada no ombro. Mas definitivamente era ela.

“Jessie, essa é Rachelle, nossa babá às vezes. Rachelle, essa é Jessie, nossa nova vizinha do outro lado da rua. Ela trouxe donuts, por isso se atire a eles.”

“Obrigada, mas não posso”, Rachelle disse casualmente. “Eu vou para a praia mais tarde e não quero um inchaço na barriga. Eu só vou comer granola.”

Ela entrou na cozinha, acenado com a cabeça para Jessie enquanto passava por ela. Jessie acenou de volta, fingindo desesperadamente que estava tudo bem. Ela olhou para Kimberly, que parecia estar divertida com a ideia de que um donut deixaria Rachelle gorda, mas alheia ao fato de que a babá estava correndo pela casa nua com seu marido na noite passada.

“Esta garota acha que qualquer outra coisa além de um palito de aipo a vai fazer explodir”, disse ela num leve tom de reprovação. “Imagem corporal super saudável, certo, Rachelle?”

“Certo, Senhora M”, Rachelle respondeu sem ter noção, a cabeça dela agora na geladeira. “Na verdade, tenho que sair em breve para ir me encontrar com meus amigos. Você se importa se eu levar uma tigela para o caminho? Eu a trago de volta na próxima vez que eu vier.”

“Tudo bem”, disse Kimberly.

Rachelle encheu uma tigela com granola e leite, pegou uma colher e saiu pela porta da frente, gritando 'tchau' quando saiu.

“Ela é um distúrbio alimentar esperando acontecer”, Kimberly disse com tristeza depois da garota ter saído.

Jessie ficou ali parada enquanto a vizinha tirava os rolos do cabelo, debatendo se devia dizer alguma coisa. Então, decidindo que ela queria saber, ela falou.

“Kimberly, você sabe que eu disse que queria falar uma coisa com você?”

“*Uh-uhm*”, disse Kimberly vagamente, enquanto olhava para o cabelo no espelho do corredor.

“Bem, me sinto um pouco desconfortável dizendo isso. Nós não nos conhecemos muito bem. Mas sinto que tenho uma obrigação.”

Kimberly ouviu a seriedade em sua voz e se virou para olhar para ela.

“Eu não estou detida por algo forense, pois não?”, ela perguntou, forçando um sorriso, mas claramente inquieta.

“Não é nada disso. É só que... na noite passada eu estava tendo problemas para dormir. Eu olhei pela minha janela e vi algo... incomum.”

“Você estava espionando minha casa?”, Kimberly perguntou. Seu tom era leve, mas o pânico em seus olhos era claro.

“Inadvertidamente. E eu vi sua babá... eu vi Rachelle subindo as escadas... nua. E me perdoe, mas eu vi seu marido subir atrás dela. Ele estava nu também.”

Kimberly olhou para ela sem falar por uns bons cinco segundos. Quando ela finalmente falou, foi devagar e com uma frieza que era novidade para Jessie.

“Eu acho que você cometeu um erro”, disse ela. “Só porque alguém dorme nu não significa que algo desagradável esteja acontecendo.”

“Eles não estavam dormindo, Kimberly.”

“Eles estavam fazendo sexo?”, ela perguntou.

“Não.”

“Eles ao menos estavam juntos? Será que um deles não subiu e o outro seguiu logo depois, sem sequer saber que a primeira pessoa estava lá em cima? Eles tinham noção um sobre o outro? Tem certeza de que Morgan viu ela?”

“Não”, Jessie disse, surpreendida com o interrogatório. “Quero dizer, eu estava meio longe. Mas eles seguiram na mesma direção na mesma janela de tempo.”

“No andar de cima, você quer dizer? Onde todos os quartos são?” ela perguntou sarcasticamente. “Então ela poderia ter ido para seu quarto e ele para nosso. Você viu ele entrar no quarto dela?”

“Estava escuro. Eu não conseguia ver tão ao longe. E eu acabara de acordar.”

“Então você está dizendo agora que não tem certeza do que viu?”, Kimberly perguntou, com seus olhos brilhando. “Porque isso é demasiado grave para dizer a uma esposa e mãe, se você não tiver certeza.”

“Kimberly, tenho a certeza de que os vi subindo as escadas, nus, um logo após o outro. Isso é tudo que estou dizendo.”

“É tudo o que você está dizendo. Só isso?”, Kimberly replicou, com evidente desdém. “E se eu dissesse a você que Rachelle dorme nua e que nós não nos importamos com isso porque nossos filhos são jovens demais para se incomodarem com isso? E se eu dissesse a você que Morgan tem um problema de tireoide que o deixa muito quente à noite e ele dorme nu também, para não ficar demasiado quente? E se eu dissesse a você que ele é sonâmbulo? Você conseguia ver se ele estava acordado ou se ele estava até ciente de que Rachelle estava algures perto dele?”

“Eu não sabia nada disso”, disse Jessie, sem saber o que mais dizer.

“Bem, agora que eu compartilhei todos os tipos de detalhes pessoais sobre minha vida familiar para aliviar suas preocupações de que meu marido não está me traindo, você se sente melhor?”

“Eu estava apenas tentando ajudar”, Jessie disse sem jeito.

“Como foi para você? Funcionou?”

“Eu sinto muito, Kimberly. É só que... se fosse eu, eu iria querer toda a informação.”

“Eu já *tinha* todas as informações, Jessie. Você não me contou nada que eu já não soubesse, excepto que você não é a pessoa que eu pensava que você era. Por favor, saia.”

Jessie, perplexa, caminhou em direção à porta da frente. Quando ela a abriu, ela se virou para tentar mais uma vez. Kimberly estava bem atrás dela com a caixa de donuts, que ela jogou para ela. Um deles saltou da caixa e bateu no peito de Jessie antes de cair no chão. O recheio de geleia explodiu, se espalhando pelo chão e pelos seus sapatos.

“Kimberly, por favor me dê uma chance para...”

Sua vizinha bateu a porta na cara dela. O donut caído, agora esmagado, besuntava o degrau da frente. Jessie achou que parecia quase como sangue.

*

Ainda atordoada e confusa, Jessie ligou para Kyle no trabalho. Ele parecia ocupado, então ela tentou explicar rapidamente. Quando ela terminou, ele não respondeu por tanto tempo que ela achou que a ligação tinha caído.

“Kyle, você está aí?”, ela perguntou.

“Lamento. Eu estou apenas tentando entender porque você iria até casa de nossa vizinha, morando apenas aqui tem dias, para dizer a ela que você acha que o marido dela está tendo um caso. Ela nos levou *brownies*. Você levou a ela alegações de infidelidade. Isso parece uma troca justa?”

“Eu estava esperando que você assumisse o papel de marido compreensivo”, Jessie disse calmamente.

Kyle suspirou profundamente.

“Eu quero, Jess. Mas você está tornando isso difícil. Eu tenho uma emergência no trabalho. E você me liga para me dizer que você estragou nosso relacionamento com a vizinha. E pelo que ela diz, você pode ter entendido tudo errado.”

“Acho que não. Parecia que ela estava escondendo a verdade.”

“Jessie, do que você está falando? Escondendo? Este não é um caso para ser desvendado. É uma família da vida real.”

“Eu sei disso, mas...”

“Ouça”, ele interrompeu. “Mesmo que seja verdade e ele esteja transando com a babá, porque é que isso nos diz respeito? Talvez ela esteja transando com o jardineiro. Talvez eles tenham um casamento aberto. Nós não conhecemos suas vidas. E, no que me diz respeito, a explicação dela pareceu convincente, especialmente porque você nem tem certeza de que estava acordada.”

“Tenho a certeza.”

“Tem mesmo?”, ele perguntou. “Você me disse que mudou seus remédios recentemente, certo? Tem certeza de que isso não poderia estar mexendo com você?”

“Isso não é um efeito colateral disso.”

“Eu achava que drogas diferentes afetavam as pessoas de maneira diferente. E você está tomando isso tem alguns dias. Você consegue me dizer, sem sombra de dúvida, que isso pôde não ser uma coisa química?”

Jessie não respondeu. A verdade era que ela não estava certa de nada. Ela duvidava que a medicação tivesse algum efeito incomum nela. Mas ela tinha certeza? Não. Ela tinha visto algo na noite passada. Mas será que ela tinha interpretado errado algo inocente? Teria ela deixado sua mente permanentemente desconfiada a levar à conclusão mais negra possível do que a uma mais inócua? Ela simplesmente não tinha a certeza.

“Eu não sei”, ela admitiu.

“Ouça, querida”, disse ele, sua voz imediatamente mais suave. “Eu quero ajudar você com isso. E talvez possamos aliviar as coisas. Mas por enquanto, enquanto meu negócio estiver numa mini crise, posso pedir a você para não afastar mais vizinhos hoje? É um pedido razoável?”

“É” disse ela.

“Obrigado. Nos vemos logo. Eu te amo.”

“Eu também Eu te amo”, ela disse, e depois desligou. Ela foi para cima e se arrastou para a cama, onde passou a maior parte dos dois dias que se seguiram.

CAPÍTULO ONZE

Ela teria ficado na cama ainda mais se não fosse pelas aulas práticas. Mas terça-feira era o dia em que ela deveria se encontrar com o Professor Hosta na DSH-Metro em Norwalk para visitar a DNR. Era a primeira coisa em quarenta e oito horas que a deixava entusiasmada o suficiente para tomar banho.

Durante a viagem de quarenta e cinco minutos, ela tentou sem sucesso não pensar nos últimos dois dias. Kyle tinha ido até casa dos Miners na esperança de acalmar as coisas com Kimberly. Mas ela não estava interessada e disse para ele não esperar mais entregas de *brownies*.

Apesar disso, eles haviam sido aceitos no Clube Deseo. Entre o ressentimento de um atual membro do clube e as respostas combativas de Jessie ao seu interrogatório, ela tinha tido a certeza de que eles seriam rejeitados. Mas de alguma forma, eles tinham entrado.

Ela estava tentada a dizer a Kyle que não queria aceitar, especialmente depois do interrogatório de Marguerite Brennan. Essas não eram pessoas com quem ela queria conviver. Mas ela sabia o quão importante ele achava que isso era para o trabalho. Ele já tinha angariado vários clientes através do clube. E depois de estragar as coisas com a vizinha, ela não se sentia em condições de dar ultimatoss. Então ela segurou a língua.

Não seria oficial até ao outono, quando receberam formalmente o convite. Mas eles foram membros provisórios até então, o que lhes permitiu acesso ao clube sem acompanhante.

Em reconhecimento, Teddy tinha dado a Kyle uma nova carteira. Era ridícula - dourada e superdimensionada com um símbolo de “\$”, parecendo algo que Gordon Gekko teria tido em 1987. Apesar de Kyle parecer um tolo quando a tirava do bolso, Jessie não dizia nada. Ela não o queria desanimar estando ele claramente tão feliz.

Na verdade, Kyle estava empolgadíssimo, já planejando passeios de golfe e como maximizar as próximas festas de outono para sua vantagem comercial. Ele parecia em grande parte alheio à melancolia e aos problemas de Jessie. Ou isso, ou ele esperava que, evitando os reconhecer, eles fossem embora sozinhos. Era como se os desentendimentos dos últimos dias fossem

todos águas passadas. Parecia não guardar rancor, o que fazia Jessie se sentir ainda mais culpada por se agarrar ao seu.

Quando ela entrou no estacionamento do hospital, ela tentou afastar todos esses pensamentos de sua cabeça. Ela precisaria estar completamente focada se fosse efetivamente interagir com os pacientes aqui, especialmente na unidade de DNR.

Professor Hosta estava esperando em seu carro e acenou para ela parar ao lado dele. Ela abriu a janela quando chegou perto.

“É bom ver você, Senhora Hunt”, disse ele. “Há um portão de segurança para o acesso à DNR e eles têm uma entrada separada. Você vai precisar me seguir desta vez. Nós vamos dar a você seu próprio passe para futuras visitas.”

Ele entrou em seu carro e liderou o caminho. Depois de uma breve conversa com o segurança no portão, eles foram autorizados a passar. Enquanto ela dirigia, Jessie notou que o guarda estava armado.

Estacionaram num lote de terra empoeirado e indefinido na parte de trás da instituição e foram até à porta de outro portão que cercava todo o prédio, na qual Hosta passou um cartão. Ele zumbiu e eles passaram por um pequeno e desnutrido pátio ajardinado, que levava às verdadeiras portas exteriores do edifício. Era também necessário passar com o cartão. O mesmo processo foi repetido num conjunto de portas internas antes de finalmente entrarem na verdadeira área da recepção da unidade.

Uma vez lá dentro, os dois tiveram que entregar seus itens pessoais e passar por um scanner de ondas milimétricas de corpo inteiro, como os que a segurança dos aeroportos usava como alternativa aos detectores de metal. Em seguida, ambos foram revistados por seguranças adicionais, também armados. Só então eles conseguiram suas coisas de volta.

“Então, eles são bem negligentes aqui então?”, Jessie disse rispidamente quando o processo ficou finalmente concluído.

“Não brinque com a segurança nesse lugar, Senhora Hunt”, disse Hosta, sem humor. “Desde que a DNR ficou operacional sete anos atrás, eles tiveram apenas dois incidentes. Mas combinados, resultaram na morte de quatro guardas e de um presidiário. Eles levam as medidas preventivas muito a sério aqui e você também devia levar.”

“Entendi”, disse Jessie. Ela nunca tinha ouvido falar sobre os incidentes, mas tal não era uma surpresa. Como quase ninguém sabia que esse lugar existia, não havia notícias sobre falhas de segurança. Ela não podia deixar de

perguntar a si mesma quem era o presidiário que morrera, mas se forçou a não perguntar.

“Estamos indo para a área de preparação, onde você encontrará nossa agente de contato de segurança”, disse Hosta. “Só para lhe dar uma ideia de como as pessoas vitais aqui se sentem em relação a tomar precauções, o oficial responsável é um ex-Ranger do Exército. Você receberá mais instruções lá dentro. Por favor, lembre, você é apenas o segundo aluno permitido nesta unidade. É um privilégio enorme que pode ser revogado a qualquer momento. Se isso acontecer, corre o risco de reprovar em suas aulas práticas e não obter seu diploma. Está claro?”

“Sim, professor.”

“Muito bem. Vamos entrar.”

Ele acenou com a cabeça para um dos seguranças, que os levou por uma área assinalada com um sinal com o título despretensioso 'Preparação Transitória'. Aparentemente, nem mesmo o cartão de Hosta conseguia os colocar em todas as partes da instituição. Uma vez lá dentro, Jessie ficou surpreendida com a agente de contato deles. Eles foram recebidos por uma mulher com cabelo loiro escuro puxado para trás num coque apertado. Ela parecia ter a idade de Jessie, talvez alguns anos mais velha.

Ela era mais baixa do que Jessie, cerca de 5,70 pés e claramente bem constituída, mesmo com o uniforme de segurança escondendo isso um pouco. Seus ombros eram largos e Jessie notou que seus antebraços expostos eram musculosos, mesmo sem flexão. Ela supôs que a mulher pesaria cerca de 140 libras, embora duvidasse que algum desse peso fosse gordura.

A mulher era atraente apesar de uma cicatriz grossa sob o olho esquerdo e marcas no rosto e pescoço que se destacavam contra a pele bronzeada. Não se pareciam muito com restos de acne mas mais como pequenas marcas de queimaduras, como se alguém tivesse colocado pontas de cigarro em cada ponto. Jessie perguntou a si mesma se tinha sido assim que ela as tinha pegado. Seus olhos estavam cinzentos e alerta. Ela deu um passo em frente e estendeu a mão.

“Oi, Senhora Hunt”, disse ela. “Sou a oficial Katherine Gentry. Eu serei sua agente de contato de segurança para essa visita.”

“Prazer em conhecer você”, disse Jessie, estendendo a mão para a cumprimentar. O aperto de Gentry era firme, mas não intimidante.

“É bom ver você novamente, professor”, disse a Agente Gentry, acenando com a cabeça para Hosta.

“E você também, Agente”, respondeu ele. “Eu falei à Senhora Hunt que você a irá colocar a par sobre o que esperar.”

“Isso mesmo. Vai ser assim. Vocês vão vestir o uniforme da instituição. Senhora Hunt, você também vai retirar toda sua maquiagem usando o desmaquiante que você encontrará lá. Eu recomendaria não usar maquiagem em nenhuma das futuras visitas. Você também deve remover seu anel de casamento. Existem vestiários conectados a esta área. Depois disso, vamos entrar na unidade. Como esta é sua primeira visita, Senhora Hunt, você apenas estará a observar. Pode levar algum tempo até ficar confortável com o procedimento e o ambiente aqui.”

“Não me agrada isso”, Jessie interveio, ignorando a expressão de surpresa de Hosta, que ela pegou com o canto do olho. “Eu não lutei durante quase uma hora com o tráfego na autoestrada apenas para observar. Eu tenho um número finito de visitas programadas para essas aulas práticas e preciso aproveitar ao máximo cada uma delas. Quero começar a entrevistar pacientes hoje.”

Gentry olhou para Hosta, que encolheu os ombros como se dissesse: ‘É com você’. Jessie ficou surpreendida por um segundo antes de entender que, nesse local, o agente de segurança encarregado deve ser autorizado a anular qualquer decisão tomada pelo pessoal médico.

“Senhora Hunt”, Gentry disse, com um tom de voz baixo e calmo. “Você pode entender que, aqui, chamamos os residentes de presidiários em vez de pacientes, o termo usado no exterior. Você sabe porque isso acontece?”

“Eu imagino que seja para lembrar toda a gente como esses caras são perigosos.”

“Exato. Quando começamos a usar o termo ‘paciente’, a comiseração inevitavelmente se infiltra. E com isso vem a vulnerabilidade. Você sabe porque temos visitantes que precisam usar uniformes e mulheres removendo a maquiagem antes de entrarem na unidade?”

“Não. Por quê?”

“Porque”, disse Gentry, “além de serem incrivelmente perigosos, esses presidiários costumam ser assustadoramente inteligentes. Eles não são os criminosos de jardim que você está acostumada. Se eles estão aqui, eles são um tipo especial de mal. Alguns deles usarão qualquer detalhe pessoal que descobrirem para a manipularem. Eles usam as roupas que você usa, suas joias, sua fragrância, sua maquiagem para discernir suas fraquezas. Quanto menos eles souberem sobre você, melhor.”

“porque você me está contando tudo isso?”

“Porque quero que você entenda que entrar numa entrevista com um deles a frio, sem ter tido a oportunidade de observar de antemão, coloca você em risco. Não é chamada de Divisão Não-Reabilitativa por nada.”

“Eu entendo isso”, disse Jessie. “Mas você precisa apreciar algo sobre mim. Para realmente entender essas pessoas, preciso me envolver com elas sem preconceitos. Eu quero interagir com eles pela primeira vez sem um filtro, para que eu possa ter uma noção genuína deles à medida que reagem a mim. Eu consigo entrar melhor em suas cabeças enquanto estiver na sala.”

“Você já entrevistou alguma vez um residente de uma instituição de não reabilitação antes?”, Gentry perguntou. “Você já interrogou sozinha um assassino em série, apenas com uma janela de vidro a separar você dele?”

“Não.”

“Então, o que faz você pensar que poderia estar preparada para o que eles são capazes de fazer ao vivo?”

“Eu disse que nunca entrevistei um deles numa instituição”, disse Jessie com frieza. “Isso não significa que eu não tenha interagido com um assassino em série de perto. Asseguro, Agente Gentry, que eu estive cara a cara com o mal. Eu sei como é. Eu sei como isso mexe com uma pessoa. Mas eu só consigo ver isso quando posso chegar perto e ficar mais próximo. Eu não vou entender como esses caras pensam, por trás de um espelho qualquer de observação escondido. Eu quero estar na sala.”

Gentry olhou para ela por um longo tempo antes de falar. Jessie podia sentir que ela estava avaliando, calculando, estimando. Finalmente, ela pareceu tomar algum tipo de decisão interna.

“Vão trocar sua roupa”, disse ela. “Não temos o dia todo.”

CAPÍTULO DOZE

Dez minutos passados, depois de Jessie ter vestido o uniforme e assinado um acordo de não divulgação tão detalhado que ela ficou preocupada que, mesmo só mencionando o hospital a Kyle, ela pudesse ser presa, eles deixaram a área transitória de preparação. Os três passaram por outra porta de segurança e caminharam por um corredor longo e mal iluminado, enquanto Gentry conversava com eles sobre as particularidades da unidade.

Ela explicou o procedimento para a interação com os presos: nunca toque no vidro, nunca revele detalhes pessoais, nunca faça promessas, nunca interaja sem um agente de segurança na sala e cerca de meia dúzia de outros 'nuncas' que Jessie não conseguia lembrar.

Ela constatou que as sessões eram limitadas a quinze minutos, a menos que especificamente autorizado de outra forma. Se instruída a sair da sala, ela faria isso sem discutir ou atrasar. A recusa em aderir a qualquer procedimento podia resultar na expulsão permanente das instalações.

Eles chegaram ao final do corredor, onde outra porta se abriu. Jessie olhou para cima para ver uma câmera olhando para ela, uma das dezenas que ela tinha visto em todo o complexo. Eles entraram num posto de segurança que a lembrou de um posto de enfermeiras num hospital.

Três homens e uma mulher, todos armados, ergueram os olhos brevemente antes de retomar suas tarefas. Dois deles analisavam monitores de segurança. Um deles estava inserindo informações num terminal. O quarto, um grande homem hispânico, rabiscou algo num papel preso a uma prancheta antes de se levantar e se aproximar deles. Em pé, ele era ainda mais imponente. Com cerca de 6,6 pés e cerca de 250 libras, ele parecia um jogador profissional de futebol jogando na posição de defesa.

“Como vai, Kat?” ele perguntou à Agente Gentry numa voz alegre.

“Estou apenas trazendo um pouco de carne fresca, Cortez”, ela respondeu.

“Como estão as coisas com os cinco fabulosos?”

“Está tudo na mesma, acho. Gimbel, Stokes e De la Rosa estão cochilando. Jackson está em restrições, por causa de tentar morder seus

pulsos novamente. Crutchfield está trabalhando nas letras de uma música para uma de suas pequenas ninfas.”

“Então, a DNR abriga atualmente apenas cinco presidiários?” Jessie perguntou antes de ser formalmente apresentada.

“Temos dez quartos”, respondeu Cortez, olhando para ela com curiosidade. “Mas eu estou perfeitamente satisfeito por estar meio cheio. Menos residentes significa menos psicopatas.”

“Não necessariamente”, argumentou Jessie. “Significa apenas menos psicopatas *capturados*.”

Cortez bufou e se virou para Gentry.

“Quem é a garota da Vogue que nos vem fazer perguntas hoje?”, ele perguntou.

“Seu nome é Jessie Hunt. Ela está fazendo suas aulas práticas através de UC-Irvine. Assumindo bom comportamento, ela virá nos visitar várias vezes durante o resto do ano. Mas eu não contaria que durasse. É duvidoso que ela seja capaz de seguir o procedimento. Ela é um pouco impulsiva.”

“Desbocada também”, disse Cortez. “Normalmente gosto de desbocadas, mas não aqui. Aqui, a boca pode te matar.”

“Obrigado pela dica profissional, Cortez”, disse Jessie, decidindo que ser considerada apenas mais uma acadêmica não lhe traria nenhum amigo aqui. E se as coisas corressem mal, ela precisaria de amigos. Poderia também se insinuar imediatamente.

“Veja”, disse Cortez, sorrindo. “Desbocada. Talvez eu pague uma bebida para você depois, garota da Vogue. O que você diz?”

“Eu digo que seria um verdadeiro prazer, Cortez. Mas acho que meu marido não ficaria muito satisfeito.”

“Casada”, ele respondeu, abanando a cabeça. “Que desperdício.”

“Basta de flerte” Gentry interrompeu bruscamente. “Vamos acordar De la Rosa para que a Senhora Hunt possa o conhecer. Ele é verdadeiramente encantador - uma boa introdução para as alegrias da DNR.”

“Não”, Jessie disse categoricamente. “Eu quero Crutchfield.”

O lugar ficou em silêncio. Os outros três seguranças ergueram os olhos de suas tarefas, de queixo caído.

“Isso”, disse o Professor Hosta, falando pela primeira vez desde que entrara na sala, “seria um erro”.

“Bolton Crutchfield é nosso presidiário... mais desafiador”, disse Gentry. “Ele bateria em você como um gato brincando com um rato. Você pode

querer aliviar isso um pouco.”

“Sou bem conhecedora de sua história. Eu estudei seus crimes em detalhe e sei sobre suas... inclinações.”, Jessie disse. “Eu sei do que ele é capaz.”

“Não estamos falando de seus crimes”, interrompeu Cortez. “Estamos falando da maneira como ele manipula todo mundo com quem contata, mesmo atrás de um vidro espesso numa sala segura. Ele parece um educado e despretensioso camponês. Mas não se deixe enganar. Ele entra em sua cabeça. É seu tipo de coisa. Psiquiatras profissionais de renome internacional já saíram abalados de entrevistas com ele.”

“Eu entendo”, disse Jessie, com naturalidade. “Eu quero vê-lo.”

Ela viu Hosta e Gentry trocando um olhar que não conseguiu decifrar. Enquanto esperava por uma resposta, ela sentiu um formigamento na espinha, do tipo que costumava sentir quando entendia que algo estava errado. Ela não podia ter certeza, mas todo esse frenesi sobre ela ver Crutchfield parecia... fabricado.

“Você precisará assinar um comunicado”, Gentry finalmente disse, “indenizando o hospital caso algo dê errado. Como profissionais, estamos aqui para manter você segura fisicamente. Não podemos proteger você do que ele possa fazer psicologicamente em você.”

“Isso parece justo”, respondeu Jessie. “Onde eu assino?”

Cinco minutos passados, depois de revistarem novamente seu corpo, ela foi levada até à porta da sala de Crutchfield.

“Aqui é onde eu saio”, disse Hosta. “Eu vou estar observando atrás daquele espelho de dois lados pelo qual você tem tanto desdém. Por favor, lembre, Senhora Hunt, você está aqui como estudante. Isso faz parte de sua tarefa na busca por um diploma. Isso não é uma oportunidade para se transformar em algum tipo de detetive ou agente do FBI. Você não está lá ainda. Entendido?”

“Sim, professor”, disse ela.

Ele assentiu com ceticismo e saiu para a sala de observação. Ela estava agora sozinha com a Agente Gentry, que colocou uma pequena engenhoca em sua mão. Parecia o controlo remoto da chave do carro.

“O que é isto?”, Jessie perguntou.

“É seu instrumento de segurança”, disse Gentry. “Está vendo o botão vermelho no meio? Se as coisas ficarem intensas demais e você precisar desistir, pressione o botão. É discreto o suficiente para que ele não perceba. Eu vou estar na sala com você e ele vai me alertar silenciosamente que você

quer sair. Dessa forma, posso tirar você da sala sem ele entender que foi a seu pedido. Posso dizer que o tempo limite da sessão terminou ou surgir com outra desculpa. Qualquer coisa para que você saia sem Crutchfield saber que perturbou você. Você não quer isso.”

“Ok. Tem certeza de que isso é necessário?”

“Na história de meu tempo aqui, apenas duas pessoas conseguiram passar por uma sessão sem o pressionar, por isso sim, acho que é necessário.”

“Eu suponho que é uma perda de tempo para mim perguntar quem não precisou?”

“Você supõe certo”, disse Gentry. “Se começar a ficar abalada, simplesmente pressione o botão e fique calma. Tente não mostrar. Ele fica entediado facilmente e perturbar as pessoas alivia ele. Se você conseguir sair de lá sem que isso aconteça, considere que foi uma visita bem-sucedida. Está pronta?”

“Prontíssima”, disse Jessie.

“Muito bem então. É hora do espetáculo.”

Gentry fez sinal para a câmera acima delas. Houve um zumbido, depois do qual ela passou o cartão e um segundo e diferente zumbido soou pelo corredor. Jessie ouviu um clique. Gentry abriu a porta e entrou. Jessie seguiu.

A sala estava suavemente iluminada, como um restaurante sofisticado no final da noite, e levou alguns instantes para os olhos dela se ajustarem. Gentry deve ter sabido que ela teria esse problema, porque ela a guiou até uma cadeira atrás de uma pequena mesa equipada com um lápis e um bloco de notas. Quando os olhos de Jessie se habituaram, ela viu que estava diante de uma grossa divisória de vidro que dividia a sala.

Gentry foi até um painel na parede ao lado da porta e pressionou um botão. Lentamente, a luz aumentou ao ponto de Jessie não ter mais que semi-cessar os olhos. Ela observou seus arredores. Para lá da divisória estava o que essencialmente equivalia a uma cela de prisão.

Anexado à parede dos fundos havia uma estrutura de cama estreita, suspensa a cerca de três pés de distância do chão. Parecia que o colchão fino em cima estava realmente embutido na cama e não era removível. Havia um pequeno travesseiro feito do que parecia ser um material de borracha.

À direita de Jessie, havia uma pequena escrivaninha e uma cadeira, também embutidas na parede. Parecia as combinações de mesa e cadeira que ela usava no colégio. Na parte esquerda da cela, não havia nada além de um

pequeno espaço aberto. Jessie suspeitou que esta era a área de “exercício” de Crutchfield, onde ele poderia se mover sem medo de bater em qualquer coisa.

O quarto estava vazio. Jessie estava prestes a perguntar a Gentry onde estava o residente quando ouviu uma descarga a descarregar, seguido por uma voz masculina.

“Porta, por favor”, alguém disse num tom sem pressa.

No canto de trás direito da cela, uma pequena porta curva que Jessie não havia notado anteriormente começou se enrolando mecanicamente. Um homem saiu e foi até a minúscula pia de metal, também embutida na parede, onde lavou as mãos.

Ele estava de costas para Jessie, por isso ela aproveitou a oportunidade para estudar ele o máximo possível sem que ele fizesse o mesmo com ela. Ele era menor na vida real do que ela tinha esperado, provavelmente 5,8 pés e talvez 150 libras. As imagens das notícias não davam uma noção de escala.

Ele usava o que equivalia a um uniforme hospitalar, não muito diferente do que ela usava, apenas que o dela era cinzento e o dele era azul claro. Seus sapatos pareciam com *Crocs*. Seu cabelo, que havia sido raspado firmemente contra seu crânio, era algo aproximado de loiro.

Ele tomou seu tempo lavando as mãos; na verdade, tanto tempo que Jessie começou a suspeitar que ele sabia que ela estava ali e a mantinha em suspense. Finalmente, ele desligou a água e secou as mãos em seu uniforme. Sem se virar, ele falou.

“O que você esperava, senhora?”

O sotaque era ainda mais pronunciado agora e Jessie lembrou que Bolton Crutchfield era das áreas pantanosas da Louisiana do Sul. Ele falara tão pouco em seu julgamento que era fácil esquecer.

“Eu pensei que era maior”, ela admitiu.

Ele se virou, com um sorriso torto no rosto. Ele precisava seriamente de trabalho dental, pois vários dentes apontavam em direções estranhas.

“Eu ouço muito isso”, disse ele.

Jessie deu sua primeira boa olhada nele. O que mais a impressionou foi o quão inexpressivo ele parecia. Seu rosto era agradavelmente suave, não muito bonito, mas também não era censurável. Ele tinha trinta e cinco anos, mas parecia uns bons cinco anos mais jovem. Seu queixo suave e suas bochechas rechonchudas faziam com que ele parecesse inofensivo o suficiente. Apenas o não piscar severo de seus olhos castanhos indiciava que havia algo mais sob a superfície.

“Era assim que você apanhava suas vítimas desprevenidas?”, Jessie perguntou. “Elas subestimavam você?”

“Vamos direto ao assunto então?”, Crutchfield perguntou, fingindo estar levemente ofendido. “Nenhuma apresentação? Nenhuma conversa agradável?”

“Fui levada a acreditar que tinha pouco tempo com você, Senhor Crutchfield. Eu não queria desperdiçar com bate-papo.”

“Mas nem sei seu nome, minha senhora”, insistiu Crutchfield se aproximando da cama e se sentando de frente para ela. “Como podemos conversar se eu não sei como chamar você? Parece horivelmente indelicado.”

“Me chame de Senhora Hunt”, disse Jessie, “embora eu não me importe com minha senhora.”

“Bem, agora estamos finalmente chegando a algum lugar”, disse ele, mostrando seu sorriso de novo. “Agora que eu sei quem você é, é bom conhecer você. Você pode me chamar de Bolton. Algumas pessoas encurtam para Bolt, mas eu não sou fã. Demasiado familiar, sabe?”

“É bom conhecer você também, Senhor Crutchfield”, respondeu Jessie, ignorando seu comentário. “Eu esperava poder fazer algumas perguntas.”

“Parece que você já começou com isso com sua conversa sobre 'subestimar'.”

“Bem, foi assim que você levou suas vítimas a ficarem complacentes? Com sotaque sulista e estrutura não imponente?”

“Você está dando uma olhada em meu tamanho diminuto, minha senhora? Porque isso é muito doloroso. Vamos fazer o seguinte - troco uma resposta por uma resposta. Eu conto a você uma coisa que você quer saber. Depois você presenteia-me com algumas informações sobre você mesma. Eu vi isso uma vez num filme. Parece ser uma troca justa?”

“Fui expressamente aconselhada a não compartilhar nenhum detalhe pessoal com você.” Jessie disse a ele.

“Não duvido”, respondeu Crutchfield. “Mas você não me parece exatamente ser do tipo que obedece a regras. E parece um desperdício para você passar por todas aquelas portas, limpar a maquiagem bonita, tirar a elegante aliança de casamento e não conseguir mais do que um cumprimento de mim.”

Jessie ouviu Gentry se mexer desconfortavelmente lá atrás e sentiu que era um aviso silencioso para não cumprir com o pedido. Mas Crutchfield estava

certo. Ela não era do tipo de deixar que regras atravessassem seu caminho. E havia perguntas para as quais ela precisava de respostas. Afinal, as aulas práticas não eram a única razão pela qual ela estava aqui.

“Pois bem” disse ela. “Responda minha pergunta com honestidade e responderei uma das suas.”

Ela ouviu um suave suspiro de frustração de Gentry e esperou para ser retirada da sala. Mas nada aconteceu. Ela ficou surpreendida e pensou ter visto também um vislumbre momentâneo similar de Crutchfield antes de responder.

“É o seguinte, minha senhora. Se você está planejando matar alguém e esse alguém não está esperando isso, você realmente não precisa que ele subestime você ou seja conduzido a um falso conforto. Você podia sacar de uma faca na frente dele e, se ele não suspeitar que você tem más intenções, ele não vai nem pestanejar. Só depois de você fazer a ação, ou pelo menos começar a fazer, é que ele começa entendendo que você quer machucá-lo. Mas o que ele pode fazer então? Ele ficou - qual é a palavra - incapacitado. Até o bom e velho Cortez podia ser esquartejado se não estivesse sempre alerta, sabe? E ele é um menino crescido. Isso responde à sua pergunta?”

Jessie assentiu e tomou algumas anotações em seu bloco, mais para evitar fazer contato visual do que para tomar notas no papel. Apesar de seus melhores esforços, ela estava inquieta pelo comportamento casual dele ao descrever sua técnica.

“Agora acho que é minha vez, minha senhora. Posso fazer minha pergunta?”

“Um acordo é um acordo”, disse Jessie.

“Eu aprecio sua natureza baseada em princípios, minha senhora. É raro nos dias que correm. Então, porque você está realmente aqui? Quero dizer, eu sei que você é uma estudante ou algo assim, fazendo seu trabalho de campo para poder obter seu diploma e depois ser uma profissional que conta segredos sobre os homicídios, dizendo aos policiais o que tem na cabeça de caras como eu. Mas nós ambos sabemos que essa não é a verdadeira razão. Você está atrás de algo mais que isso. Caso contrário, você poderia ir a qualquer prisão lunática. Mas você veio aqui especificamente para me ver. E, estando lisonjeado, não posso deixar de perguntar a mim mesmo: porque você está aqui?”

Jessie tentou pensar rápido. Se Hosta ou as pessoas daqui achassem que ela tinha algum motivo para querer entrevistar Crutchfield além da pesquisa

acadêmica, eles poderiam acabar com isso. Mas se ela mentisse, ou até mesmo escondesse a verdade, teria a sensação de que Crutchfield saberia e terminaria a entrevista com base na má-fé de sua parte. Ela também teve a estranha sensação de que ele havia dado voltas para concluir a pergunta especificamente para dar a ela tempo suficiente para encontrar uma resposta, sabendo que fornecer a resposta certa seria crucial.

“Senhor Crutchfield”, disse ela, considerando até onde devia ir, mesmo depois de começar falando, “a razão que foi autorizada para eu estar aqui é, como você diz, completar meu trabalho de trabalho para que eu possa obter meu diploma. Mas também é verdade que acho que você pode ter alguns conhecimentos particulares sobre assuntos não resolvidos que são de grande interesse para mim.”

Ela temia que sua imprecisão pudesse fazer com que ele sentisse que tinha sido ludibriado. Mas Crutchfield simplesmente deu um meio sorriso se recostando na cama.

“Sua vez”, disse ele.

Jessie ficou em silêncio por um momento, decidindo a melhor forma de fazer a próxima pergunta. Frases erradas podiam ter grandes conseqüências. Finalmente, ela disse algo que achou que funcionaria.

“Alguma vez você recebeu ajuda? Ou deu alguma?”

“São duas perguntas”, observou Crutchfield.

Jessie não respondeu. Era isso que ela queria perguntar e ela não iria dar a ele a chance de escapar disso. Ela olhou para ele, esperando. Ele olhou de volta para ela, aparentemente divertido com seu descaramento.

“Oh, tudo bem”, ele finalmente disse. “Eu respondo a duas, mas só desta vez, porque eu gosto de sua coragem. As respostas seriam 'sim' e 'sim'. Mas isso é tudo que posso dizer sobre esses assuntos.”

Por enquanto, era tudo de que ela precisava. Antes que ela pudesse processar completamente sua resposta, ele começou falando novamente.

“É minha vez. Vou ser breve com esta, já que consigo ver pela inquietude da Agente Gentry que estamos prestes a fechar a loja aqui. Você está pronta para ser sincera comigo, minha senhora?”

“Sim”, respondeu Jessie, não tendo a certeza onde isso estava a ir.

Crutchfield se endireitou e depois se inclinou para a divisória de vidro, como se fosse sussurrar. O sorriso de um só lado desapareceu. Sua expressão estava sóbria quando seus olhos se fixavam nos dela.

“Ele sabe que você está aqui, Jessie?”

Enquanto ela olhava para os olhos cinzentos de Crutchfield, a sala começou a girar ligeiramente. Ele sabia seu primeiro nome. E ele sabia muito mais que isso.

Ela estava vagamente ciente de que estava pressionando o botão vermelho escondido em sua mão, mas, na verdade, não conseguia sentir ele. Seu corpo inteiro estava fraco e mole. Ela parecia incapaz de se mover.

“Vamos ficar por aqui”, ela ouviu Gentry dizer, parecendo distante, enquanto a agente agarrou ela pelos ombros e começou puxando ela da sala. Os olhos de Crutchfield nunca deixaram os dela e sua expressão permaneceu expectante. Ele ainda estava esperando uma resposta.

Pouco antes de ser arrastada da sala, Jessie conseguiu se soltar, se virando para encarar ele. Com uma robustez inesperada em sua voz, ela respondeu em voz alta e clara.

“Não”, ela disse e depois foi puxada da sala.

*

“Você não foi honesta comigo!”, Hosta assobiou furiosamente enquanto caminhavam pelo estacionamento do hospital de volta para seus carros. “Isso é obviamente mais do que apenas um exercício acadêmico para você. O que você não está me contando, Senhora Hunt?”

“Nada”, ela mentiu. “Apenas disse o que achei que ele queria ouvir. Ele obviamente pensou que eu tinha algum motivo oculto, então eu o deixei pensar que ele estava certo.”

“Eu não acredito nisso nem por um segundo. Você *tem* claramente um motivo; e o homem sabia seu nome!”

Jessie sentiu a conversa perdendo o controle e decidiu que tinha que a redirecionar.

“Eu acho que você não está em posição de me desafiar sobre honestidade, Professor Hosta,” ela disse indignada.

“Você está falando do quê?”, ele quis saber, surpreendido.

“Quero dizer, de jeito nenhum eu teria conseguido ter entrado lá para entrevistar Bolton Crutchfield em minha primeira visita. A menos que isso fosse pré- aprovado a nível superior.”

“Não estou a entender”, disse Hosta defensivamente. Mas Jessie entendeu que tinha atingido um ponto sensível. Ela insistiu.

“Você poderia ter insistido que eu fosse impedida de falar com ele. Mas você não fez isso. E a Agente Gentry claramente tinha autoridade para encerrar o pedido. Mas ela não fez isso. Vocês dois armaram um pouco de confusão, mas no final permitiram a uma candidata a mestre inexperiente questionar um assassino em série calculista em sua primeira vez lá. Não parece estranho a você?”

“O que você está sugerindo?”, Hosta perguntou, notavelmente não respondendo sua pergunta.

“Estou sugerindo que alguém me queria naquela sala e queria ver como Crutchfield reagiria comigo. Por falar em motivos ocultos!”

O Professor Hosta continuou andando, sem dizer mais nada. Só quando chegaram aos carros é que ele finalmente se virou para ela.

“Escusado será dizer que seu tempo aqui não é para ser divulgado”, disse ele, aparentemente continuando a partir da discussão prévia. “Você assinou renunciar para esse efeito, mas eu pensei que um lembrete poderia fazer sentido. Você não pode discutir isso com ninguém que ainda não esteja autorizado. Está claro?”

“Claro que sim.”

“E não tenho a certeza se poderei trazer você de volta para cá. Você violou vários protocolos. É possível que talvez tenhamos de transferir você para outro hospital. Você devia estar preparada para isso.”

“Anotado”, Jessie disse, embora não acreditasse nisso nem por um segundo. Alguém a queria naquele hospital, naquela mesma sala. E ela apostava que teria boas chances de voltar.

“Aproveite o resto de seu dia”, disse o Professor Hosta friamente. “Nos vemos na aula.”

Sem esperar por uma resposta, ele entrou em seu carro e arrancou, deixando ela numa nuvem de poeira. Tossindo, ela se apressou para seu próprio carro e entrou. Quando o ar clareou o suficiente para ela ver, ela arrancou e voltou para o Condado de Orange.

Quanto mais tempo ela estava no carro, mais entusiasmada ela ficava. Era como se a depressão dos últimos dias nunca tivesse existido. Ela pensou na série de portas trancadas que exigiam ser abertas, em suas interações com os seguranças, em todos os lábios apertados e sobrancelhas franzidas, e sentiu um arrepio de adrenalina percorrer seu corpo.

E depois havia Crutchfield. É verdade, sua entrevista tinha terminado mal, assustadoramente mesmo. Mas ela tinha estado cara a cara com um assassino

em série e tinha valido a pena. Parte disso foi emocionante. E produtivo. Ela tinha conseguido parte de uma resposta a uma pergunta que andava a consumi-la havia muito tempo.

Evidentemente, tinha sido necessário se ter aberto com um homem que tinha assassinado quase vinte pessoas; um homem que, de alguma forma, sabia seu primeiro nome e aparentemente muito mais do que isso sobre ela.

Mas isso parecia um pequeno preço a pagar.

CAPÍTULO TREZE

Oito semanas depois, Jessie ainda não voltara à DNR.

Sua confiança de que, por ela ter sido autorizada a visitar uma vez, seria autorizada a visitas subsequentes, parecia ter sido posta em causa. O verão corria para o outono e o tempo ficava claro, e ela perguntava a si mesma se estaria a ser punida por violar o protocolo; ou se quem a tinha deixado entrar naquela sala tinha mudado de ideia.

Fosse qual fosse o motivo, ela tinha tido que ir a outros hospitais estaduais, às vezes em zonas remotas, para suas tarefas semanais de aulas práticas. A maioria de suas visitas tinha sido em Patton, um hospital em São Bernardino que abrigava principalmente pacientes sexualmente violentos. Era a quase noventa minutos de distância. Toda vez que ela fazia a viagem, ela se amaldiçoava por insistir tanto em Norwalk.

Ainda assim, o trabalho era interessante e a mantinha ocupada, a impedindo de ficar obcecada com sua vida cada vez mais insular em WestPort Beach. Ela e Kyle se haviam estabelecido em algo parecido com a normalidade.

O trabalho de Kyle no escritório era ininterrupto. De acordo com Kyle, ele estava tão ocupado que o fato da empresa ter uma localização aqui não era apenas oportunista, mas essencial. Além de seus bônus e comissões, ele foi informado de que receberia um segundo aumento em cima do original que recebeu quando eles se mudaram. Mas estranhamente, ele foi vago sobre quando é que esse aumento ia acontecer e quanto seria. Jessie não amava que o estado financeiro deles, que sempre havia sido uma responsabilidade compartilhada no passado, estivesse se tornando cada vez mais unilateral. Ela se sentia um pouco perdida quanto à posição de cada um deles.

Mas ela não puxava o assunto por agora. Isso era em parte porque ela não queria invadir a única área onde Kyle realmente se sentia como um mestre do universo - seu trabalho. Mas também porque ela se sentia culpada pela briga com Kimberly, que não falava com ela tinha dois meses.

Como resultado, Jessie fizera um incômodo acordo de paz com o marido sobre o tempo que ele passava no Clube Deseo. Ele parecia ter saídas de

golfe intermináveis e encontros de Guardadores de Juramento. E embora ela não o descrevesse como distante, ela não pôde deixar de notar que ele nem sempre parecia totalmente... presente.

Pela sua parte, apesar de ainda não ser um membro formal do clube, Jessie ia às cerimônias obrigatórias das Guardiãs Sentimentais. E desde que ela ficasse perto de Melanie, com quem ela podia sempre contar para uma ou duas piadas mais mordazes, ela se safava. Ainda havia algo desconcertante sobre o clube que ela não conseguia entender, uma espécie de pensamento de grupo quando se tratava de normas de propriedade e sociais que ela considerava desconcertantes.

Mas em meados de outubro, ela desistiu de tentar dar um nome a isso e aceitou que poderia ser assim que as coisas eram feitas num enclave chique e centrado na praia. Era estranho e um pouco sufocante. Mas não tanto que ela não conseguisse seguir com sua vida.

Ajudou o fato de Kyle, apesar de seu absenteísmo constante, parecer comprometido com seu outro grande esforço do outono, fazer um bebê. E na segunda-feira de manhã antes do fim de semana de Halloween, depois de vomitar duas vezes enquanto se preparava para a aula, ela fez um teste que provava isso: ela estava grávida.

Ela esperou até estar no carro a caminho de UC-Irvine para ligar para ele com a boa notícia, de forma a ter tempo ininterrupto para conversar.

“Adivinha?”, ela perguntou quando ele atendeu.

“O quê?”, ele perguntou, soando levemente distraído. Ela ficaria irritada se não soubesse que isso estava prestes a mudar.

“Você sabe aquele quarto extra, aquele que deixámos vazio porque queríamos o guardar para qualquer potencial membro da família?”

“Sei”, disse ele, parecendo mais focado agora.

“Nós vamos ter que começar comprando alguns móveis - móveis muito pequenos.”

“Você está falando sério?”, ele gritou, quase apagando o tímpano dela.

“Você não está brincando, pois é?”

“Kyle Voss”, ela respondeu fingindo que estava a zombar, “você acha que eu iria brincar com algo assim? Eu estou falando completamente sério. Nós vamos ter um bebê!”

“Oh, Jess, isso é tão incrível! Você não imagina como estou animado. Isso é... a vida se alterando.”

“É melhor você acreditar, senhor”, ela concordou. “Todo nosso mundo está prestes a ser virado de cabeça para baixo da melhor maneira.”

“Você sabe de quanto tempo você está?”

“Não, acabei de fazer o teste esta manhã depois de vomitar algumas vezes. Vou telefonar para meu ginecologista hoje para marcar uma consulta. Mas para já, devíamos celebrar. Talvez um jantar chique, se eu o conseguir segurar dentro do estômago? Você quer ir a algum lugar novo?”

“Na verdade, esse momento é perfeito”, disse ele. “Eu ouvi um rumor de que na próxima vez que formos ao clube, eles vão nos dar o convite oficial de membro - sem mais estatuto provisório. Devíamos ir essa noite para que eles possam fazer isso e fazer uma dupla comemoração. Vou ligar com antecedência para que eles possam preparar tudo e vou dizer que nós queremos sentar na sala de jantar formal.”

“Você está brincando, certo?”, ela disse, incapaz de esconder o desapontamento em sua voz.

“Como assim?”

“Kyle, já visitamos esse lugar duas ou três vezes por semana. Eu não acho que ir lá seja uma celebração especial.”

“Mas como eu disse, eles vão fazer tudo o que estiver ao seu alcance por nós”, ele insistiu. “E vai bater certo perfeitamente com o convite oficial para participar. É karma!”

“Isso não é o que karma significa”, disse ela, tentando conter a raiva que sentia subindo dentro dela. “E você não está entendendo. Eu não quero compartilhar isso com mais ninguém. Eu não quero saber do clube hoje à noite. Eu quero que isso seja algo especial. Deixe esta noite ser apenas sobre nós.”

Ele ficou calado por alguns segundos, o que a fez pensar que ele estava a ser reconsiderar. Ela estava enganada.

“Jessica, nós teremos todo o tempo que precisarmos apenas para nós. Mas quero compartilhar nossas novidades com as pessoas que se importam conosco. Eles ficarão animados por nós. E a sinergia com o convite é perfeita demais. Além disso, é muito mais conveniente. Vamos lá hoje à noite e podemos fazer algo só para nós este fim de semana, quando não estiver tão agitado.”

“É assim que vai ser?”, ela perguntou, desapontada. “Tudo é sobre conveniência porque as coisas estão tão agitadas? Você também vai fazer isso

quando for minha primeira consulta no médico? Ou tenho que agendar isso no clube também?”

“Eu vou se puder”, disse ele calmamente, aparentemente indiferente ao sarcasmo dela. “Mas para ser honesto, se você continuar a ir ao médico na cidade, será difícil, especialmente a meio de um dia de trabalho.”

“Você está me dizendo que pode faltar à primeira consulta médica de minha gravidez por causa de coisas de trabalho?”, ela perguntou, incrédula.

“Estou apenas tentando ser honesto”, disse ele. “É muito longe. Talvez você possa conseguir um novo médico, em algum lugar mais próximo. Afinal, você provavelmente vai ter o bebê por aqui de qualquer maneira, certo? Eu posso perguntar no clube hoje à noite. Tenho a certeza que teremos muitas sugestões para bons médicos.”

“Eu tenho que ir. Estou na escola agora”, disse Jessie, apesar de ainda ter quinze minutos para chegar lá. “Podemos conversar mais tarde.”

Ela desligou sem esperar por uma resposta, muito chateada para reagir. Em vez disso, ela manteve os olhos na estrada, se concentrando atentamente a cada mudança de faixa ou a cada viragem, se recusando a pensar noutra coisa que não nos detalhes de sua rota. Ocasionalmente, ela enxugava uma lágrima de sua bochecha.

*

Ela tentou ligar para sua amiga da faculdade, Lacey, depois da aula, para desabafar. Lacey conhecia Kyle desde seus duros dias de curso e poderia ter algumas palavras de sabedoria. Mas, como era usual ultimamente, ela foi parar no correio de voz. Então, precisando de alguém para conversar e não estando a fim de uma sessão de terapia completa com a Dra. Lemmon, ela se arriscou e ligou para Melanie Carlisle.

Para sua surpresa, Mel se ofereceu para um café imediatamente. Meia hora depois, elas passeavam por uma das muitas áreas comerciais de Westport, com bebidas na mão.

Jessie pensou duas vezes se havia de falar com ela, porque no segundo em que ela mencionou a gravidez, Mel começou fazendo muitas perguntas e dando muitas sugestões sobre a preparação do bebê. Era mais do que ela estava disposta nesse momento e, então, ela mudou de assunto.

“Você sabe como vai ser hoje à noite no clube, com este convite?”, ela perguntou, sem entender até àquele momento que ela havia acedido à

preferência de Kyle para o jantar.

“É sempre diferente”, disse Mel. “Às vezes é uma grande festança. Às vezes é mais moderado. Imagino que você esteja esperando pelo último?”

“Mais ou menos”, admitiu Jessie. “Na verdade, eu não sou muito apreciadora de grandes festanças. E o que acontece depois?”

“Depois de quê?”, Mel perguntou.

“Depois que sermos membros oficialmente. Quando é que posso dar uma espiada por trás da cortina para ver o que os homens fazem nessas reuniões dos Guardadores de Juramento? Kyle não vai me contar nada sobre essas reuniões e tem muitas.”

“Para ser sincera, Jessie, não tenho ideia do que eles fazem lá.”

“Como isso é possível?”, Jessie perguntou, atordoada. “Você é membro tem anos, certo?”

“Três anos”, Mel disse a ela. “Poucos dias depois de se mudar para cá, Teddy parecia saber sobre o clube e começou a insistir em entrar. Imaginei que, quando nos instalássemos aqui, ele ficaria menos reservado. Mas não, ele age como se fosse uma fraternidade e ele seria banido se revelasse algum de seus preciosos segredos.”

“Sem ofensa, mas não me pareceu que você suportaria essa bobagem.”

“Nem eu. Antes de virmos para cá, eu controlava tudo, tomava todas as grandes decisões da família, cuidava de todas as finanças. Mas de alguma forma, nos últimos anos, a dinâmica mudou. Eu nem sei bem como. Mas ele está muito mais envolvido, muito mais... insistente para que as coisas sejam feitas do jeito dele. Apenas aconteceu.”

“Parece que você não está totalmente de acordo com a mudança”, observou Jessie.

Mel olhou para ela e parecia prestes a dizer alguma coisa mas mudou de ideia no último segundo. Ela olhou para o relógio.

“Acabei de me lembrar de que tenho uma coisa”, disse ela, sem convicção. “Se importa se ficarmos por aqui?”

“Tudo bem”, respondeu Jessie, embora ela finalmente sentisse que se estava aproximando de descobrir o que a inquietava tanto sobre esta comunidade.

Depois de cada uma ir para seu lado, Jessie voltou para casa. Ela continuava pensando em como Mel, claramente uma mulher forte e capaz, de alguma forma cedera grande parte de sua autoridade e autonomia ao marido.

Talvez Teddy fosse um cara legal a portas fechadas. Mas tudo o que Jessie tinha visto dele sugeria que ele era um idiota egoísta e irresponsável. Ela não entendia porque Mel estava com ele e ela certamente não amava a influência que ele parecia estar tendo em Kyle. Todos os dias, seu marido se parecia um pouco menos com o cara charmoso e atencioso pelo qual ela se apaixonara.

Quando chegou em casa, apesar de se sentir culpada, ela se viu revirando as coisas de seu marido, procurando algo tangível para explicar porque ele, tal como Teddy, tinha sido atraído para o Clube Deseo como uma mariposa para a chama, no momento em que chegara à cidade.

Depois de quinze minutos de busca frenética, ela desistiu. Ela não encontrou nada de suspeito ou mesmo ligeiramente esclarecedor, além de uma porção saudável de culpa, que se aninhava pesadamente em sua consciência.

Seu celular tocou. Era do consultório de seu médico para marcar uma consulta. Ela marcou uma para um dia em que ela não tinha aulas. Eles perguntaram se ela queria ir de manhã cedo ou ao final da tarde para que seu marido também pudesse ir.

“Qualquer hora serve”, ela disse, dando conta que qualquer que fosse a hora, Kyle não iria. Ela conseguiu esperar até que a ligação terminasse para começar a chorar. Só que dessa vez, não foram apenas algumas lágrimas como no carro a caminho da escola naquela manhã. Dessa vez, ela se pôs a soluçar. E não conseguia parar.

CAPÍTULO CATORZE

Jessie se sentia nauseada. E cansada. E indisposta.

Mas ela tentou ignorar tudo isso e aproveitar o melhor possível a noite. Ela disse a si mesma que Kyle não estava a ser intencionalmente insensível aos seus desejos. Ele estava tão concentrado em si mesmo que estava alheio a ela.

Foi por isso que ela sorriu durante o jantar no clube. Eles estavam sentados na sala de jantar formal, como Kyle pedira. Mas isso não te faz qualquer diferença. As pessoas foram até eles a noite toda. Alguns deram os parabéns pelo iminente convite do clube, que aparentemente era um segredo aberto. Outros desejaram uma boa gravidez, que, de alguma forma, também era informação pública.

Ela teria preferido não dizer nada sobre a gravidez até depois de sua primeira consulta. Mas aparentemente Kyle estava excitado demais para se controlar. Ou para deixar ela saber que ele tinha feito asneira. Ela disse a si mesma para não ficar chateada com Kyle, que Seu entusiasmo apenas tinha tirado o melhor dele.

Quase todas as pessoas foram simpáticas. Até mesmo Marguerite Brennan, a interrogadora das Guardiãs Sentimentais, estava convincentemente graciosa. O vizinho deles, Morgan Miner, também passou por lá. Ele parecia desconhecer a acusação que Jessie fizera a respeito dele. Mas Kimberly, como de costume, manteve sua distância.

A apresentação real do convite foi abaixo do esperado. O presidente do clube fez breves comentários, entregou a Kyle um envelope em relevo e todos aplaudiram. Não passou disso.

Quando Kyle foi até outra mesa para conversar com um amigo de golfe, Jessie deu uma olhada no convite. Ela não tinha a certeza porque é que ela sentiu necessidade de ser discreta. Era tanto dela como dele. E, ainda assim, ela ainda tentou ser rápida quando o fez.

O convite formal em si era agradavelmente despretensioso. Jessie estava mais interessada no recibo que o acompanhava. Aparentemente, a taxa de membro do Clube Deseo atualmente era de cem mil dólares por ano.

Como podemos pagar isso?

Quase imediatamente essa pergunta foi substituída em sua cabeça por outra:

Que diabos vamos obter em troca por cem mil ao ano? Isso é muito dinheiro para jantares com frango de borracha, festas de chá e golfe.

Sua curiosidade foi repentinamente substituída por uma súbita e forte vontade de ir no banheiro, e, então, ela se levantou e pediu licença. Mesmo sabendo que isso poderia piorar as coisas, ela levou um copo de água com ela, porque sua boca tinha ficado súbita e inexplicavelmente seca.

É assim que a gravidez vai ser - mudanças corporais intermináveis e imprevisíveis que ocorrem sem qualquer aviso?

Ela caminhou até ao banheiro das senhoras, mas imediatamente viu que a fila estava demasiado grande. Ela nunca iria aguentar. Ela bateu no ombro de uma garçonete que estava passando.

“Há mais algum banheiro onde eu possa ir? Estou grávida e tenho mesmo que ir.”

A jovem pareceu hesitar por um momento antes de falar.

“Não é suposto nós fazermos isso”, disse ela. “Mas tem um banheiro para o pessoal no final do corredor. Quando você vir a porta de vaivém, vire à esquerda.”

“Obrigada”, disse Jessie, decidindo que talvez essa coisa da gravidez pudesse ter algumas vantagens inesperadas.

Ela caminhou pelo corredor, que estava ficando cada vez mais escuro a cada passo. Quando chegou à porta de vaivém, havia tão pouca luz que ela teve que apertar os olhos para ver. Ela estava prestes a abrir a porta quando viu uma pequena curva acentuada no corredor que dava para a esquerda. Era fácil não a ver na quase escuridão. Ela ficou confusa. Era suposto ela ir por ali ou virar à esquerda depois de passar pela porta de vaivém?

Ela continuou pelo corredor só para verificar. Depois de virar a esquina, ela decidiu que esse não era o caminho certo. O corredor tinha pelo menos trinta jardas e ficava tão estreito que, no final, só era possível caminhar em fila única. Claramente, esse não era o caminho para o banheiro ou a garçonete teria mencionado isso.

Mas Jessie ficou intrigada. Então, apesar da bexiga infeliz, ela foi naquela direção. Ela foi depressa, pretendendo apenas ver o que estava no final do corredor. Quando chegou lá, as paredes estavam tão apertadas que ela sentiu uma claustrofobia inesperada.

Ela virou a esquina e quase tropeçou num lance de escadas que levava até um segundo andar que ela não sabia que existia ali. Na parte inferior e no topo da escada, havia velhas lanternas duplas de tons avermelhados, presas à parede. Elas eram a única fonte de luz. Jessie estava mesmo a colocando o pé no primeiro degrau quando ouviu vozes vindas de cima. Uma deles parecia familiar, embora as palavras fossem ininteligíveis.

Por razões que ela não conseguia explicar, ela se apressou a voltar para trás contornando a esquina, para fora de vista. Só então ela colocou ligeiramente a cabeça para fora para ver quem estava falando. Ela viu duas pessoas. A primeira era uma jovem linda num minivestido preto e justo e saltos de quatro polegadas. Alta e bronzeada, com cabelos pretos volumosos que caíam sobre os ombros, ela parecia vagamente familiar. Jessie demorou um segundo a identificar ela como uma das muitas garçonetes do clube.

A garota estava a ajeitar o vestido, que estava um pouco desganhado. O vestido estava enrolado, ficando pouco abaixo de seus quadris e revelando que ela não estava usando calcinha. Quando ela conseguiu puxar o vestido para baixo, se inclinou para trás e apalpou a virilha do homem, na escadaria sombria acima dela.

Ela desceu cuidadosamente os manhosos degraus, e ele a seguiu. Quando seu rosto finalmente apareceu, emoldurado pela luz da lanterna vermelha, Jessie entendeu o porquê da voz lhe soar familiar. Era Teddy Carlisle.

Enquanto descia as escadas, ele fechou as calças e enfiou a camisa para dentro. Quando ele olhou para cima, Jessie se apressou a voltar para trás desaparecendo de vista. Eles estavam a descer os degraus devagar, mas iriam chegar lá em baixo brevemente.

Jessie se virou e correu pelo corredor estreito, tentando desesperadamente alcançar a curva acentuada no final antes que eles virassem na esquina e vissem ela. Ela estava prestes a fazer a curva quando ouviu à distância a voz da garota atrás dela, rindo enquanto dizia algo sobre fazer seu treino noturno.

De repente, o sapato dela ficou preso na carpete e ela caiu. Ela não estava machucada, mas sabia que não havia como se conseguir levantar e virar a esquina, ficando fora da linha de vista, antes que Teddy e a garçonete vissem ela no corredor. Ela já estava vendo as sombras deles fazendo ricochete na parede ao longe. Não havia onde se esconder.

Desesperada, ela olhou para o copo meio cheio de água que ela ainda estava segurando na mão direita. Sem ter tempo para pensar, ela rebolou e arremessou o copo ao longo do comprimento do corredor na direção deles. O

copo ressaltou no tapete duas vezes, mas ainda teve força suficiente para se estilhaçar ao bater na parede oposta. As sombras se imobilizaram.

“O que...” ela ouviu a garçonete dizer apreensiva.

Jessie se levantou o mais rápido que pôde e correu para a curva no corredor.

“Fique aí, Kelsey”, ela ouviu Teddy dizer.

Ela ainda precisava de mais tempo.

“Prostituta!”, ela gritou num tom mais alto e irreconhecível que conseguiu, esperando que o insulto gritado pudesse aumentar a pausa dele por mais um segundo.

“Teddy, espere”, ela ouviu a garçonete sussurrar alto e imaginou ela agarrando ele pelo braço.

Jessie olhou uma última vez para o longo corredor enquanto contornava a esquina. Não havia ninguém à vista.

Quando chegou ao corredor mais largo novamente, ela, de repente, sentiu como se um peso tivesse sido retirado de seu peito e colocado de volta em sua bexiga, que agora estava gritando para ela. Ela empurrou a porta de vaivém e foi para a esquerda, onde a placa para o banheiro das funcionárias estava proeminentemente visível.

Ela abriu a porta e foi rapidamente para uma das divisórias, que ela trancou firmemente antes de se sentar e de, finalmente, inspirar profundamente.

*

Jessie mal dormiu naquela noite. Parte disso era por causa do que ela tinha visto. Não era que ela sequer estivesse chocada por ter descoberto Teddy com outra mulher. Era mais seu atrevimento, essencialmente fazendo isso de forma descarada.

Mas o que realmente a consumiu, o que a manteve agitada e a se virar a noite toda, foi a reação de Kyle quando ela contou a ele.

“Ela estava literalmente a puxar o vestido de volta quando eu os vi”, Jessie disse indignada.

“Eu não estou inventando desculpas para ele”, respondeu Kyle. “Eu só estou dizendo que enfiar nosso nariz nos assuntos deles parece trazer mais problemas do que merece.”

“Mas ele está a trair Mel. Eu gosto de Mel. Eu não posso ficar sem fazer nada.”

“Depois do que aconteceu com os Miners, você quer abrir a caixa de Pandora novamente?”, ele explodiu.

“Isso não é a mesma coisa”, insistiu ela, igualmente agitada. “Melanie não é apenas uma vizinha. Ela é uma amiga.”

“Sim, assim como Teddy”, Kyle respondeu. “Então, porque é que você quer acabar com o casamento de nossos amigos?”

“Eu não estou tentando fazer isso, mas ela tem o direito de saber.”

“Não é de nossa conta, Jessie”, ele insistiu. “Além disso, como você pode ter a certeza do que realmente viu?”

“O que é que você está a insinuar?”

“Você disse que estava escuro”, ele lembrou. “Você teve que ir no banheiro. Suas hormonas estão por todo o lado por causa da gravidez. Talvez você tenha interpretado mal as coisas.”

“Como você acha que eu fiz com os Miners?”

“Você tem que admitir que isso é possível”, disse ele. “Chegou a mudar sua medicação como falamos?”

“Sim. E eu estou bem. Eu não sou uma garota maluca que tem alucinações, Kyle!”

“Eu não disse isso”, disse ele defensivamente.

“Não em tantas palavras. Olhe, eu vou falar com Mel e ela pode tomar uma decisão.”

“Não. Eu proíbo você.”

“*Proíbe?*”, Jessie repetiu incrédula. “Quem é que você pensa que é? Eu sei que as coisas mudaram desde que nos mudamos para cá, mas não tanto assim. Você não me pode proibir de comer um maldito sanduíche de peru, valentão, muito menos decidir por mim. Já se esqueceu de com quem você está a lidar?”

Eles foram para a cama sem dizer mais nada um ao outro.

*

Jessie repetiu a conversa em sua cabeça enquanto tomava banho na manhã seguinte. Nenhum deles falou enquanto se preparavam. Quando ela saiu do banho, ele saiu para seu dia. Na verdade, isso não importava. Embora não

tivesse certeza se estava fazendo isso por preocupação com sua nova amiga ou rancor pelo seu marido, ela já tinha decidido. Ela ia dizer a verdade a Mel.

CAPÍTULO QUINZE

Jessie apareceu na casa dos Carlisle sem avisar por volta do meio da manhã. Daughton, em quem ela não tinha pensado, estava cochilando. Depois de alguns minutos de bate-papo, que Jessie descobriu induzir a úlcera, ela decidiu simplesmente mergulhar no assunto, independentemente das conseqüências.

“Eu vi algo perturbador na noite passada e sinto que tenho que contar a você sobre isso, apesar de eu estar preocupada que você fique chateada comigo”, disse ela, interrompendo abruptamente a dissertação de Mel sobre a limpeza dos mamilos.

“Ok”, Mel respondeu lentamente, com a testa franzida.

“Eu virei na curva errada no corredor do clube e dei com Teddy. Ele estava com uma mulher, uma das garçonetes. Eles estavam descendo algumas escadas. E era bem óbvio que eles simplesmente tinham estado... íntimos.”

Mel ficou olhando de volta para ela por alguns segundos sem falar. Jessie tentou reconhecer a expressão em seu rosto, mas não conseguiu identificar ela no início. Não era uma que ela tivesse previsto, como choque, raiva ou vergonha. E, então, ela conseguiu. O rosto de Mel mostrava resignação.

“Eu esperava que não precisássemos de ter essa conversa durante um tempo”, Mel disse, soando quase apologética.

“Esta não é a reação que eu esperava”, disse Jessie.

“Ontem, quando você perguntou o que se passava nas reuniões dos Guardadores de Juramento e eu disse que não sabia, eu não estava a ser completamente honesta.”

“O que quer dizer com isso?”, Jessie perguntou.

“Quero dizer, eu na verdade não queria saber. Mas eu podia imaginar.”

“Você vai ter que me ajudar aqui, Mel”, disse Jessie, tentando refrear sua frustração. “Estou um pouco perdida.”

“Clube Deseo não é apenas seu clube de campo padrão”, explicou Mel. “Teddy disse a você que a palavra 'deseo' significa 'vontade'. E isso é verdade, no que diz respeito ao público em geral. Mas a palavra também pode ser traduzida como 'desejo'. E por trás de portas fechadas, é assim que os

membros o definem. O Clube Deseo é um espaço seguro para casais que estão em casamentos abertos. Ou, mais precisamente, para os *maridos* que estão neles.”

“Ainda estou perdida”, disse Jessie.

Mel parecia estar tendo alguma luta interna sobre como proceder. Mas depois de alguns segundos, seus olhos assumiram uma seriedade de aço e as palavras saíram.

“Há muitos membros que estão em relacionamentos abertos. Ou que querem apenas ter casos. Mas são caras ricos e poderosos que não querem arriscar suas reputações perseguindo essas coisas em público. Então o clube os protege. Cria um ambiente seguro onde os membros podem ter acesso a mulheres sem temer a exposição na comunidade maior.”

Ela parou de falar e observou Jessie, aparentemente esperando a resposta inevitável.

“Isso é uma coisa conhecida?”, Jessie perguntou, abanando a cabeça, como se tentasse acordar de um pesadelo.

“Em certos círculos, sim”, respondeu Mel. “Tudo é muito organizado. O clube seleciona as 'garçonetes'. Paga a elas para que os membros nunca corram o risco de serem acusados de solicitação. As garotas são as garçonetes de restaurante mais bem pagas do mundo ocidental e isso não inclui suas 'gorjetas'. O clube até faz a elas semanalmente testes para uso de drogas e contágio de doenças sexualmente transmissíveis.”

“E você não se importa com isso?”, Jessie perguntou, incrédula.

“Claro que importo”, retrucou Mel. “Quero dizer, eu me importava. Você tem que entender - eu só soube sobre tudo isso passado um ano de sermos membros. Oficialmente ainda não sei. Não é como se alguém sentasse comigo para ter 'a conversa' como eu estou fazendo com você.”

“A conversa?”, Jessie repetiu.

“Sim. Eu tive que juntar tudo sozinha durante meses. Teddy ainda não me disse exatamente o que faz. É só essa coisa não dita que nós dois sabemos que está a acontecer.”

“Mas como você consegue suportar isso? Eu teria pensado que você teria chutado sua bunda e saído pela porta no segundo que você descobriu.”

“Houve um tempo em que eu teria feito isso”, Mel disse melancolicamente. “Mas quando descobri, estávamos... entrincheirados. Você tem que entender, nós vivemos uma vida de classe média por um tempo. E então o tio favorito de Teddy morreu e deixou uma fortuna no

testamento. De repente, ficamos vivendo na abundância. Nosso estilo de vida mudou. Eu gostei. Eu nunca questioneei o pequeno clube ao qual meu marido se queria juntar, ou por quê. E então eu tive Daughton.”

“Portanto, você se sentiu encurralada?”, Jessie perguntou, tentando resolver as coisas em sua cabeça.

“Eu não iria tão longe”, retrucou Mel. “Mas quando descobri o que estava acontecendo, eu já estava acostumada a essa nova vida. Eu estava acostumada ao dinheiro e ao estilo de vida, o que só era possível graças ao dinheiro de Teddy, não ao meu. E, de alguma forma, o clube normalizava tudo, fazia parecer como se isso não fosse nada de especial. Nenhuma das outras esposas parecia assim tão perturbada. Então, porque eu ia complicar? Ia parecer quase... rude.”

“Eles fizeram a você uma lavagem cerebral.”

“Não”, disse Mel. “Eu gostaria de poder colocar a culpa totalmente neles. Mas eu sou responsável também. Eu fiz uma escolha. Eu desisti um pouco de minha liberdade e muito de meu autorrespeito. Mas eu tenho outras coisas em troca. Contando que eu não balance muito o barco, eu consigo ter esta vida incrível. Eu não tenho que trabalhar. Eu posso estar com Daughton. Eu tenho segurança financeira. E enquanto Teddy não esfregar meu nariz no que ele está fazendo eu posso fingir que tudo está indo muito bem. Foi uma troca que fiquei surpreendida por estar disposta a fazer.”

“Eu acho que eu não poderia fazer essa troca”, disse Jessie.

“Você pode se surpreender. Você já começou por esse caminho e nem entendeu.”

“Você está dizendo que Kyle está me traindo?”, Jessie quis saber.

“Não. Mas se ele se mudou para cá baseado na recomendação de Teddy, então não é uma coincidência. E você está se acomodando à sua grande casa, tendo aulas ocasionais na universidade local, e tendo conversas de café no meio da manhã com outras esposas. Você já se acostumou com isso.”

“Mas eu nunca me acostumaria com Kyle dormindo por aí”.

“Você nunca sabe do que é capaz até que chegue o momento”, disse Mel, com a voz subitamente gelada. “Por favor, não me julgue pelas minhas escolhas.”

“Não foi isso que eu quis dizer...”

“Vamos apenas seguir em frente. “Eu não quero mais falar sobre isso.”

“Me desculpe.”

“Está tudo bem”, disse Mel. Mas claramente não estava.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Jessie sentiu como se fosse explodir.

Fazia mais de vinte e quatro horas desde que Mel revelara a verdade sobre o Clube Deseo. E desde então, Jessie não havia discutido isso com ninguém. Não que houvesse muitas escolhas. Ela não podia simplesmente abordar o assunto com Kyle, não até ela processar tudo isso sozinha. Ela não se sentia pronta para lidar com isso formalmente com a Dra. Lemmon. Só restava uma pessoa.

Ela telefonou para Lacey Cartwright naquela manhã, tendo certeza que ia ser atendida pela sua correio de voz de novo. Mas desta vez, ela atendeu e tinha um par de horas livres em torno da hora do almoço. Isso era tudo que Jessie precisava. Ela estava no carro e foi até ao centro de Los Angeles a poucos minutos de fazer planos.

“Você precisa ser direta com Kyle”, Lacey disse no almoço depois de ouvir toda a história. “Diga a ele qual é sua posição sobre o assunto antes que seja tarde demais. Se ele não entender, volte simplesmente para cá. Você pode ficar em minha casa por um tempo. Droga, eu até ajudo você a pagar a conta de seu advogado para o divórcio. Eu sei de um bom.”

Ela pegou um cartão de visita da bolsa e jogou na mesa. Jessie estava prestes a responder quando o garçom trouxe outra cesta de torresmos. Lacey havia escolhido a *B.S. Taqueria* para o almoço e Jessie aprovou, embora ela não pudesse tomar sua bebida de assinatura. Era chamada de aperto de mão B.S. - uma cerveja *Tecate* em lata com molho picante, limão e sal em volta da boca. Lacey já ia em sua segunda e Jessie salivava, com inveja, só de olhar.

Enquanto esperava que o garçom saísse, Jessie pensava em como abordar o assunto com sua amiga de longa data. Com seu corpo de modelo, alto e magro, pele morena e aparência de fazer parar o tráfego, Lacey Cartwright não estava bem familiarizada com o conceito de ter que se comprometer. Se ela queria alguma coisa, geralmente acontecia.

Ela conhecia Lacey desde a faculdade, bem antes do que Kyle, já que elas foram colegas de quarto no primeiro ano. Mas elas tomaram caminhos muito diferentes desde que saíram da faculdade. Enquanto Jessie se casou e teve

seus solavancos acadêmicos em seu percurso para o mestrado, Lacey mergulhou direto em sua paixão uma semana depois de se formar na USC, trabalhando como compradora no distrito da moda por dois anos antes de fixar uma posição com um estilista de moda. Ela estava bem encaminhada para começar sua própria empresa de criação de roupas antes dos trinta anos, o que sempre tinha sido essencial para seu objetivo de se tornar a mais influente estilista afro-americana lésbica nos Estados Unidos.

Mas como Lacey estava tão singularmente focada em seus objetivos de carreira (não tinha um encontro tinha mais de um ano), ela não era especialmente compreensiva no que respeitava às concessões de uma garota branca e bem casada, especialmente de uma cujo marido ela costumava descrever como 'focado em si mesmo'. Tentar explicar porque ela não foi simplesmente franca seria um desafio.

“É mais complicado que isso, Lace”, Jessie começou. “Estamos entrincheirados lá agora. Nós temos uma casa. Kyle adora seu trabalho. E eu vou ter um bebê.”

“Mas se ele está te traindo...”, Lacey começou.

“Eu não tenho nenhum motivo para suspeitar disso. Eu nem sequer tenho a certeza que ele sabe sobre como esse clube funciona. Eu não quero fazer suposições. Nós nos mudamos para lá por causa de seu trabalho e, convenientemente, um de seus amigos vive nas proximidades. Poderia ser tão simples quanto ele querer sair com seu amigo e usar o clube para os contatos. Eu sei que ele já angariou pelo menos sete membros como clientes. Ele não parece agitado. Na verdade, eu nunca o vi tão feliz, especialmente com a notícia do bebê. É só que ele está... mudando.”

“Como assim?” Lacey perguntou, surpreendendo Jessie por não estar dando mais uma opinião.

“Eu não sei”, Jessie disse hesitante. “Ele parece um pouco emocionalmente ausente às vezes. Não sei se é toda a pressão do trabalho ou o novo ambiente ou outra coisa qualquer. Ele diria que estou imaginando coisas. Ele acha que eu imagino muito ultimamente. E talvez ele esteja certo. Talvez eu esteja vendo coisas que não existem. Mas estou vendo.”

“Então o que você quer fazer?”

“Ele é o pai do filho que vou ter”, disse Jessie. “Ele é o amor de minha vida. O que eu quero é fazer com que isto resulte. Em tempos eu queria que voltássemos para cá. Mas agora não. Agora preciso ver se consigo encontrar novamente o homem com quem me casei. De outra forma não importa para

onde nos mudamos. Eu preciso ver se ele pode ser de novo o velho Kyle, mesmo com todas essas coisas novas em nossas vidas. Eu acredito que esse cara ainda está em algum lugar.”

“E se não conseguir o encontrar novamente?” Lacey perguntou.

“Então eu acho que tenho que pensar em ir embora.”

O garçom voltou com suas entradas e Jessie ficou feliz por parar de falar porque estava tendo dificuldade em acreditar nas palavras que acabavam de sair de sua boca.

*

Jessie ainda não entendia como estava aqui.

Ela praticamente tinha desistido de voltar ao DSH-Metro. Por isso, foi uma surpresa quando o Professor Hosta ligou para ela, na volta do almoço com Lacey, para dizer que ela tinha tido autorização para se encontrar com Bolton Crutchfield de novo no dia seguinte. Inesperadamente, ele não fez referência à discussão deles depois de sua última visita.

Agora, ao passar pela última porta exterior e entrar na recepção da unidade da DNR, onde a Agente Gentry já estava esperando, um pensamento tardio ocorreu a ela. Ela tinha ficado tão animada com a hipótese de voltar que nunca tinha perguntado a Hosta porque ela tinha recebido permissão.

Ela tinha a certeza de que alguém numa posição de poder estava mexendo os pauzinhos para deixá-la fazer essas visitas. Mas com que objetivo, ela não sabia. Parte dela queria desesperadamente resolver esse mistério. Mas outra parte, mais ambiciosa, ficava preocupada que, ao fazer perguntas, tal pudesse sair pela culatra e acabar completamente com as visitas. Então, por enquanto, ela resolveu manter a boca fechada.

A Agente Gentry lembrou a ela das regras enquanto elas percorriam o longo corredor que levava à unidade da DNR. Ela as repetiu com a mesma seriedade de propósito de antes, como se fosse pela primeira vez.

Cortez estava mais uma vez no posto de segurança, embora alguns dos agentes não fossem os mesmos da última vez. Ele parecia focado numa tarefa e mal acenou para ela, saltando a pequena conversa de paquera. Talvez ele tivesse recebido uma reprimenda.

Pouco antes de entrarem na cela de Crutchfield, Gentry fez uma pausa e se virou para Jessie. Ela estava claramente debatendo se deveria dizer o que estava em sua mente. Finalmente, muito calmamente, ela falou.

“Ele sentiu sua falta. Use isso a seu favor.”

Depois colocou o controle remoto das chaves de emergência na mão de Jessie e abriu a porta. Elas entraram. Desta vez, Crutchfield estava imediatamente visível. Estava sentado na cama, de costas encostadas na parede, lendo um livro.

Estava escuro demais para ver qual era e, de qualquer maneira, Jessie não queria parecer muito interessada. Por isso, ela se sentou na cadeira de sua última visita e manteve a cabeça baixa até Gentry acender as luzes o suficiente para ela realmente ver claramente. Mas Crutchfield não esperou por isso para a abordar.

“Eu pensei que você tivesse esquecido de mim, Senhorita Jessie”, disse ele com algo que roçava a diversão. Aparentemente, ele tinha decidido que eles já estavam familiarizados o suficiente para que 'minha senhora' não fosse mais necessário.

“Eu tenho outros pacientes para visitar, Senhor Crutchfield”, disse ela, o que era tecnicamente verdade.

Ela lutou contra o desejo de brincar com ele, embora suspeitasse que era o que ele queria e que poderia fazer ela ganhar pontos. Ela duvidava que pudesse continuar. E sentiu, sem que ninguém lhe tivesse dito, que manter as coisas a um nível profissional, pelo menos inicialmente, serviria como armadura psicológica potencialmente necessária contra o que ele pudesse lançar contra si.

“Você está aqui para responder a mais algumas de minhas perguntas?”, ele perguntou.

“Estou aqui para lhe fazer algumas perguntas”, disse Jessie. “Se você for franco, talvez possamos chegar a algum compromisso.”

“Isso não vai chegar. Você só obtém o que você dá, disse um grande filósofo. Eu acho que preciso de um desses espetáculos profissionais de lulas.”

“Espetáculos profissionais de *quid*?”, Jessie perguntou, certa de que ele sabia o termo adequado.

“Um desses também”, disse ele. “Pergunta por pergunta - como da última vez. É apenas justo.”

“Não pode acontecer - violação do protocolo”, disse a Agente Gentry algures por detrás de Jessie, falando diretamente com Crutchfield pela primeira vez nas suas duas visitas. “A última vez foi uma vez excepcional.”

Crutchfield olhou para ela e Jessie viu uma sugestão quase imperceptível de ódio em seus olhos. Desapareceu quase que imediatamente, embora ele não tenha feito nenhum esforço para esconder o sorriso desagradável que veio a seguir.

“Então eu acho que estamos sem sorte”, disse ele, encolhendo os ombros. “Parece um desperdício. Mas não é decisão minha.”

Jessie se voltou para Gentry, cujos olhos estavam em Crutchfield.

“Podemos, por favor, fazer uma exceção?”, ela perguntou, colocando um tom o mais ingênuo possível. “Afinal, nem sequer sou uma profissional. Eu sou uma estudante. As regras não têm que ser tão duras para mim, não é?”

Ela teve a impressão de que Gentry também estava encenando um papel, ajudando ela fingindo jogar duro.

“Sim, Kitty Kat” Crutchfield entrou na conversa. “Ajudar uma irmã, porque você não faz?”

Gentry olhou fixamente para Crutchfield antes de voltar seus olhos para Jessie.

“É uma violação do protocolo”, ela repetiu, antes de acrescentar: “Eu posso fazer uma exceção, mas não nesses termos. Três perguntas suas para cada uma dele. É pegar ou largar.”

Jessie se virou para o presidiário.

“Que tal, Senhor Crutchfield?”, Jessie perguntou.

“Uma dispensa especial!”, Crutchfield aplaudiu, com sua voz gotejando sarcasmo e acrimônia. “Cortesia da heroica ex-guarda florestal do exército. Senhorita Jessie, você pode não estar ciente disso. Mas depois do tempo da Agente Gentry no exterior, ela voltou para proteger as pessoas aqui na sua cidade natal, apesar de suas cicatrizes pessoais, tanto internas quanto, você sabe, por todo o rosto. Como posso recusar uma oferta tão generosa de alguém que serviu e sacrificou em terras distantes, tudo em nosso favor? Eu aceito!”

“Vamos começar então”, Jessie disse rapidamente, não querendo perder o ímpeto e esperando se afastar de qualquer animosidade pessoal que Crutchfield claramente tivesse para com Gentry. “Porque não começamos com a seleção de vítimas? Qual era seu método?”

“Tem certeza de que você quer que essa seja uma de suas três perguntas, Senhorita Jessie?, ele perguntou. “Me parece meio básico.”

“Por mim está ok”, ela respondeu, decidindo guardar as perguntas que ela realmente queria respondidas para um momento em que ele estivesse menos

agitado.

Ele encolheu os ombros e respondeu.

“Eu não sei se fiz exatamente uma 'seleção'. Eu via alguém e, sem dizer uma palavra, eles simplesmente falavam comigo, de alguma forma. Era como se um pequeno holofote estivesse a brilhar sobre eles e eu tivesse que seguir os holofotes. Eu acho que foi por isso que demorou tanto para as autoridades me encontrarem. Eu nunca tive um 'tipo'. Branco, preto, homem, mulher, velho, jovem. A luz podia brilhar em qualquer um deles igualmente.”

Enquanto ele falava, sua voz estava em grande parte sem emoção. Era mais como se ele estivesse a recitar instruções de montagem da IKEA do que propriamente a explicar seu método de seleção de suas vítimas. Era como se ele soubesse que essa não era a verdadeira área de interesse de Jessie e, portanto, estivesse ele próprio desinteressado.

Quando ele terminou, ela mudou imediatamente para uma questão técnica sobre como ele conseguia evitar deixar vestígios de DNA ou outros detalhes pessoais incriminadores nos corpos. Sua resposta foi direta, mas igualmente sem inspiração e não esclarecedora.

Ela terminou com uma pergunta sobre como ele encontrava e preparava o lugar onde torturava suas vítimas. Ele tratou esta questão mais como um questionário imobiliário do que como um de psicologia forense e respondeu com tanto entusiasmo quanto se poderia esperar. Ela teve a nítida impressão de que, se ele pudesse ter certeza de que só ela estava ouvindo suas respostas, Crutchfield seria muito mais acessível.

Assim que ele terminou, ela viu os olhos dele brilharem de novo. Era a vez dele. Claro, isso era o que ela tinha esperado - assim que ele fizesse sua pergunta, ele seria mais receptivo a responder genuinamente a ela.

“Posso fazer minha primeira pergunta agora? Tenho sido comunicativo o suficiente para você?”

“Prossiga”, disse Jessie, com uma voz calma, mas com sua coluna rígida em antecipação pelo que estava por vir.

“Muito bem então. Eu estava apenas a imaginar como é que a gravidez a está tratando?”

CAPÍTULO DEZESSETE

Jessie manteve sua expressão de pedra, mesmo quando sentiu um calafrio percorrendo sua espinha. Ele tinha feito a pergunta quase vertiginosamente e não conseguiu evitar continuar sem esperar pela sua resposta.

“Quero dizer, dá para entender que você está tendo problemas em aguentar as coisas”, disse ele. “Eu não estou perguntando sobre as coisas físicas. Estou mais curioso sobre como você está lidando com a perspectiva de ser mãe, porque tenho a sensação de que você não teve muito no que respeita a modelos parentais nos quais se basear.”

Jessie deixou de apertar o chaveiro com tanta força com medo de que seu punho cerrado o pudesse acidentalmente ativar. Antes de responder, ela expirou longa e lentamente.

“Como você sabe que estou grávida?”, ela perguntou, fingindo indiferença pelo seu aparente conhecimento de sua história pessoal.

“Então, Senhorita Jessie”, ele repreendeu brincando. “É minha vez de fazer perguntas. Não tente sutilmente fazer uma pergunta extra. Então me diga, como é que você está a lidar com o fato de vir a ser uma futura mãe quando não tem nada de positivo com que trabalhar na velha caixa de ferramentas da memória?”

Jessie ignorou seu coração acelerando enquanto fingia não ficar abalada por suas palavras.

“Estou lendo muitos livros”, ela respondeu, “e assistindo reprises de *Laços de Família*. Aqueles Keatons realmente sabiam o que estavam fazendo.”

“Essa não é uma resposta real”, disse Crutchfield. “Mas vou deixar passar porque estou vendo que é um assunto doloroso. Continue e faça sua próxima ronda de questões. Eu vou apenas torcer para que você seja honesta da próxima vez que eu fizer a minha pergunta.”

Jessie fez exatamente isso, deixando de lado o estranho indício de culpa que sentia por o ter enganado. Ainda assim, ela tinha um plano e pretendia continuar com ele. Então, prosseguiu com mais três questões processuais sobre a mecânica de seus crimes. Ele respondeu a todas completamente, mas sem nenhum de seus habituais gracejos.

“É minha vez novamente”, disse ele depois de terminar sua terceira resposta.

“Estou esperando”, respondeu Jessie.

“O que deixa você assim tão triste, garota - são só os hormônios fazendo das suas? Ou é o Senhor Jessie que não está correspondendo à imagem que você tinha imaginado em sua cabeça? Você está começando a duvidar da constância de sua outra metade? Isso é um problema complicado, não é? Não saber se seu homem está do seu lado?”

“Tem aí alguma pergunta, Senhor Crutchfield? Eu fiquei um pouco perdida na montanha russa de palavras.”

“Minhas desculpas, Senhorita Jessie”, disse ele, fazendo desaparecer de sua voz todos os vestígios de divertida musicalidade. “Me deixe ser mais direto. Você parece triste. É porque você acha que seu marido a pode estar te traindo?”

Jessie ignorou a sensação que teve de que seu peito era um alvo e de que ele simplesmente o tinha atingido. Ele parecia conhecer todos seus pontos mais vulneráveis. Ela forçou um sorriso apertado e abanou a cabeça como se estivesse divertida, mas desapontada com ele.

“Se você quer que eu realmente responda sua pergunta, Senhor Crutchfield”, ela disse, soando mais composta do que se sentia, “você vai ter que gastar menos tempo tentando provocar o choque e mais perguntando algo que eu possa realmente dignificar com uma resposta. Eu vou dar a você uma segunda hipótese, só para ser educada.”

“Certíssimo. Como acho que ambos sabemos que recebi minha resposta, eu lhe pergunto: ele sabe como você está infeliz, como você se sente agitada? Você acha que ele pode estar com medo de perdê-la por causa disso? Você pode responder a esta simples pergunta, não pode garota?”

Jessie o analisou e decidiu retaliar. Ela precisava de alguma boa vontade para sua próxima pergunta. A pergunta que ela tinha estado esperando colocar.

“Fui instruída a não compartilhar nada pessoal com você, Senhor Crutchfield. Mas vou dizer o seguinte. Grandes transições de vida são difíceis. Às vezes, criam trechos interpessoais difíceis, mesmo entre os entes queridos. Isso não significa que as coisas não possam ser resolvidas com comunicação aberta e respeito mútuo. Tenho a certeza que você teve a mesma experiência com seus parentes antes de se mudar para cá.”

Ela sabia que a última afirmação era arriscada, que o insulto poderia o fechar e colocar todos os esforços dela para o conquistar em risco. Mas ele parecia gostar de vê-la indo abaixo, sorrindo maliciosamente e revelando um conjunto de dentes amarelados e tortos.

“Você está cheia de mijo e vinagre, não é, Senhorita Jessie? Bem, continue, é sua vez.”

“Conte-me sobre suas visitas”, ela disse claramente.

Seu sorriso diminuiu. Seus olhos perfuraram os dela. Ela poderia dizer que ele sabia o que ela queria.

“Meu Deus”, ele respondeu, fingindo uma luta para se lembrar. “Eu estive trancado aqui por tanto tempo que não poderia me lembrar de todos os médicos que entraram e saíram ao longo dos anos.”

“Eu acho que você sabe o que quero dizer, Senhor Crutchfield. Eu não estou falando de psicólogos ou agentes da lei. Eu estou perguntando sobre visitantes honestos e genuínos- pessoas aqui sem obrigação profissional.”

“Acho que nunca tive um visitante habitual que me visitasse só para conversar, Senhorita Jessie.”

Jessie se levantou e começou a recolher a caneta e o bloco de anotações.

“Eu respondi honestamente”, disse ela. “Eu pensei que poderia contar com você para fazer o mesmo. Eu pensei que você fosse um homem de palavra. Mas, aparentemente, você prefere se esconder atrás de tecnicidades. Portanto, acho que já acabamos.”

Ela foi para a porta e começou a acreditar que teria que sair quando ele finalmente a chamou de volta.

“Bem, espere aí, querida. Me dê um minuto para rever minhas lembranças. Não sou tão jovem quanto costumava ser, afinal de contas.”

Jessie se virou e esperou ansiosa, ainda de pé, sem fazer nenhum esforço para voltar ao seu lugar.

“Não esteja brincando. Ou me responde ou não me responde. Mas não me faça perder meu tempo.”

“Bem, não é que você é uma mulher sensível mas de ferro?”, ele ficou maravilhado. “Como naquele filme com a garota que era aquela sereia de Nova York. Agora consigo me recordar de um convidado que passou por aqui sob falsos pretextos.”

“O que quer dizer com isso?” Jessie quis saber.

“Um cavalheiro, se a memória não me traiçoa, que tinha a aparência de um profissional médico, mas, como se viu, estava apenas fingindo.”

A Agente Gentry deu um passo em frente.

“Você está dizendo que alguém entrou aqui e falou com você enquanto fingia ser médico?”, ela perguntou, insistindo.

“Eu só respondo a perguntas da Senhorita Jessie, G.I. Jane”, ele respondeu secamente.

Jessie olhou de um para o outro, quase se engasgando com a animosidade compartilhada entre eles.

“Você está dizendo que alguém entrou aqui e falou com você enquanto fingia ser médico?” Jessie repetiu, tanto para si mesma quanto para Gentry.

“Estou. Era um sujeito curioso.”

“De que maneira?”, Jessie perguntou.

“Bem, estamos bem além de suas três perguntas, Senhorita Jessie. Portanto, vou insistir em perguntar mais uma de minhas antes de responder à sua.”

“Por favor”, disse Jessie, apenas querendo acabar com isso para poder voltar à sua pergunta.

“Não precisa de ser rude, Senhorita Jessie. Eu estava apenas me indagando porque é que você está me fazendo uma pergunta para a qual você já sabe a resposta.”

Jessie tinha uma resposta para isso.

“Suspeitar e saber não são a mesma coisa, Senhor Crutchfield”, disse ela. “Eu estava esperando que você pudesse me ajudar a dar o salto de uma para a outra.”

“Com efeito, posso.”

“Então, de que maneira ele era um sujeito curioso, Senhor Crutchfield?”

“Como ele fez sua visita tem alguns anos, seu assunto de discussão parece um pouco peculiar em retrospectiva.”

“E qual foi esse assunto?”

“Eu espero que você já saiba, Senhorita Jessie, que o tópico em discussão era você.”

CAPÍTULO DEZOITO

Gentry esperou para falar até que elas saíssem do quarto de Crutchfield, passassem pelo posto de segurança e se apressassem ao longo do corredor até seu pequeno escritório ao lado do vestiário.

“Você quer me dizer o que diabos está acontecendo?”, ela exigiu saber ao fechar a porta.

“O que quer dizer com isso?” Jessie perguntou, surpreendida pela intensidade que Gentry exibia.

“Você claramente não está aqui apenas para as aulas práticas do mestrado. O que está passando realmente?”

Jessie sentiu uma onda de irritação e engoliu em seco para a conter.

“Que tal eu responder isso quando *você* começar a ser honesta comigo?”, ela disse violentamente.

“Eu? Eu tenho tentado a ajudar”, disse Gentry. “Não sou eu que está tendo uma conversa secreta com um cara que nunca conheceu.”

“Não”, Jessie disse de volta. “Mas você definitivamente tem alguns segredos de sua autoria. E talvez eu comece a confiar em você assim que você me disser porque uma estudante de faculdade inexperiente como eu está a ser autorizada a interrogar um assassino em série. Não me entenda mal. Estou feliz por estar aqui. Mas ambas sabemos que isso está muito para lá da prática padrão. E eu consigo entender que você está seriamente desconfortável com isso. Mas você continua me deixando entrar lá. Porquê?”

Gentry olhou para ela por vários segundos, com os olhos cheios de uma mistura de surpresa e frustração.

“Isso é algo que você terá que resolver com seu amigo professor”, ela finalmente respondeu. “Foi ele que garantiu sua autorização.”

“Mas você é responsável pela segurança da unidade”, rebateu Jessie. “Você poderia a anular se pensasse que minhas visitas eram um risco para a segurança. E, no entanto, você não fez isso.”

“Você está a sugerir que suas visitas *são* um risco para a segurança, Senhora Hunt?”, Gentry perguntou acusadoramente.

“Eu sei que minhas visitas o irritam e que você não ama isso. Mas por alguma razão, você decidiu que é um risco que vale a pena correr. Qual é o motivo?”

Gentry ficou lá em silêncio por um momento. Ela parecia estar pensando o quanto deveria ou poderia dizer. Por um segundo, Jessie pensou que ela estava prestes a abrir o jogo. Mas então sua expressão mudou e ela entendeu que a chefe de segurança havia decidido jogar pelo seguro.

“Fale com Hosta”, Gentry disse com relutância.

Jessie tentou manter sua irritação sob controle, mas não conseguiu evitar uma última farpa enquanto saía do escritório.

“Que obediente, boneca.”

*

No dia seguinte, o Professor Hosta pediu para ela ficar depois da aula.

“Soube que seu entrevistado estava especialmente falador ontem”, disse ele, parecendo animado enquanto caminhavam pelo corredor em direção a seu escritório.

Jessie tinha passado a maior parte da noite sem dormir e toda sua viagem até à escola hoje pensando sobre qual a melhor maneira de desafiar Hosta sobre o que estava acontecendo. Mas algo no tom dele a fez parar.

Ela não conseguia identificar exatamente o porquê, mas, de repente, sentiu que desafiar o Professor seria um erro. Revelar que ela sabia que sua permissão para visitar Crutchfield era parte de algum grande plano - possivelmente iniciado pelo Painei - a colocaria em desvantagem em qualquer jogo maior que estivesse a ser jogado. Então ela mordeu a língua.

“Sim”, ela disse o mais suavemente que conseguiu. “Ele parece estar começando a gostar de mim, o que é gratificante e aterrorizante.”

“Bem, bom para você, Senhora Hunt”, ele respondeu. “Você está bem encaminhada em termos de suas aulas práticas. Exceto qualquer imprevisto, eu diria que seu diploma é quase uma formalidade neste momento.”

Jessie não reagiu ao comentário 'exceto qualquer imprevisto', não tendo certeza se era inofensivo ou um aviso sutil para se manter nos eixos. Claramente ele ainda estava um pouco ressentido com a discussão deles no estacionamento do hospital todas aquelas semanas atrás.

“Então, eu acho que posso me livrar do trabalho em sala de aula durante o resto do semestre?”, ela perguntou brincando.

“Isso magoaria meus sentimentos imensamente”, ele disse, brincando. “Além disso, acho que você definitivamente vai querer participar da próxima sessão. Eu vou compartilhar um pequeno segredo que guardei do resto da classe.”

“Que segredo?”

“Nós vamos ter um orador convidado. Ele é, na verdade, de seu bairro; Detetive Ryan Hernandez, do Departamento da Polícia de Los Angeles, da divisão do centro da cidade.

“Oh, legal”, disse Jessie. “Ele vai falar sobre o quê?”

“Eu não quero estragar a surpresa. Mas vou apenas dizer que ele está na Divisão de Homicídios e Roubos. Eu acho que você vai achar a perspectiva dele muito esclarecedora. Ele era, na verdade, um oficial de patrulha quando seu amigo Crutchfield foi preso. Ele desempenhou um papel instrumental. No entanto, vou deixar que seja ele a compartilhar os detalhes. Não preciso dizer que eu não perderia esta oportunidade.

Jessie assentiu com agrado e saiu. Durante toda a caminhada até ao carro dela, ela lutou contra a vontade de se virar, voltar e confrontar Hosta sobre quaisquer segredos que ele estivesse mantendo.

Foi só quando ela chegou ao estacionamento de sua casa que o sentimento atenuou. E isso porque o carro de Kyle estava lá. Ele tinha chegado em casa cedo.

Ela estacionou na rua e entrou calmamente pela porta da frente. Tirou os sapatos antes de subir as escadas. Enquanto se aproximava do quarto, pensou ter ouvido um rangido distante vindo da direção do futuro quarto de bebê. Parte dela queria desesperadamente dar uma olhada. Mas, se mentalizando de que era apenas um barulho normal da casa, ela forçou o impulso de sua mente e continuou pelo corredor.

Abrindo a porta do quarto, ela ouviu o chuveiro correndo. Felizmente, o som bloqueava o agora distante guincho. Ela caminhou silenciosamente até à porta do banheiro semiaberta, tentando ouvir qualquer som incomum. Não ouvindo nada, ela chamou.

“Em casa mais cedo?”

Ela ouviu um suspiro e um baque.

“Droga, Jess, você me assustou para valer.”

“Me desculpe”, disse ela. “Está tudo bem? Eu ouvi um barulho.”

“Eu derrubei o sabão.”

“Não escorregue nele”, ela disse. “A que devo a honra de sua chegada antecipada?”

“O clube está patrocinando um evento num bar de vinhos Westport”, ele gritou sobre a água. “Eu achei que seria divertido ir. Você está a fim?”

“Não é no clube?”, Jessie perguntou, incapaz de conter sua surpresa.

“Não, Jess”, ele respondeu, parecendo um pouco irritado. “É noutro local inteiramente. Eu pensei que uma mudança de ambiente poderia ser legal.”

“Parece ótimo”, ela respondeu, “mesmo eu não podendo beber. Devo caprichar na roupa?”

“Claro. Talvez usar aquele vestido de coquetel vermelho que fica tão bem a você. Fico pronto em um instante.”

Jessie foi até ao armário para procurar o vestido. Foi apenas quando ela estava desviando os cabides para o lado que ela se deu conta - ela tinha estado bisbilhotando. Porque mais ela iria subir as escadas à socapa?

Eu estava esperando pegar Kyle no chuveiro com uma lambisgoia?

De alguma forma ela tinha deixado Crutchfield entrar em sua cabeça. Mas seu marido não estava trapaceando. Ele tinha chegado em casa cedo para a poder levar para uma noite divertida. E agora ela estava consumida pela culpa. Ela arrancou o vestido da vara com raiva, furiosa com ela mesma por não ver como tinha sido manipulada por um caipira falando arrastado, preso numa cela de vidro.

*

No caminho para o bar de vinhos, Jessie se perguntou se deveria falar com Kyle sobre toda a situação com Teddy e Mel Carlisle. Ele ainda não sabia que ela tinha dito a Mel sobre ter visto Teddy com a garçonete. Ou que Mel havia revelado a verdadeira natureza do Clube Deseo. Ela não amava guardar segredos dele.

Além disso, parte dela queria perguntar se ele estava ciente do que realmente estava a acontecer ali. Mas ela não estava certa de que queria saber a resposta. O que significaria se ele soubesse? Era isso que ele queria - ter um casamento aberto? Ou ele não se importava com esse tipo de coisa e simplesmente gostava de ir por causa dos conhecimentos e do golfe?

Quando chegaram ao bar de vinhos, ela ainda não havia decidido, o que ela interpretou como um sinal de que era melhor manter seu próprio conselho por enquanto. Esta era uma conversa para ter na privacidade de sua casa, não

quando eles estavam chegando a um evento patrocinado pelo próprio clube do qual ela suspeitava.

O lugar não era tanto um elegante bar de vinhos mas mais uma boate de música com uma pequena sala privada que tinha um bar no canto de trás. Parecia ser frequentado por pessoas diferentes das pessoas com quem Kyle costumava sair no clube. Ela reconheceu rostos, mas não sabia muitos nomes.

Kyle pegou um copo enorme de *Cabernet* e apresentou Jessie às pessoas que estavam por ali. Logo em seguida, ele saiu em busca de outra bebida e ela ficou envolvida numa conversa agradável com uma mulher chamada Gina.

“Vocês estão indo para o 'Trazer os Barcos em Festa' amanhã à noite?”, ela perguntou.

“Eu ouvi sobre isso quando nos mudamos para cá”, disse Jessie. “Mas, na verdade, não sei o que é.”

“É uma tradição da Costa Leste”, explicou Gina. “Um último passeio festivo de barco antes que o tempo fique frio demais para sair na água. Claro que, no sul da Califórnia, nunca esfria demais para sair de barco, pelo que é essencialmente apenas mais uma desculpa para uma grande festa. Você deveria ir. É uma ótima oportunidade de ver pessoas passando vergonha, talvez até eu mesma. No ano passado, acordei num barco no meio da noite usando apenas um colete salva-vidas. Ainda não sei como isso aconteceu.

Depois de certamente meia hora ouvindo as histórias de guerra de Gina sem sinal de Kyle, Jessie pediu licença para ir procurá-lo. Ela estava inesperada e vorazmente ansiosa para encontrar alguma comida de verdade. Aqui havia apenas canapés, o que estava a fazer com que ela se sentisse levemente enjoada.

Ela procurou na área principal da boate e depois nos banheiros, mas ele não estava em lugar nenhum. Ela parou um segurança, descreveu seu marido e perguntou se ele o havia visto. Ele assentiu e apontou na direção de um corredor escuro em direção à parte de trás do clube. Ela caminhou de volta, mas só encontrou uma porta com um sinal de 'apenas funcionários'.

Relutantemente, ela abriu a porta e espiou dentro. Parecia uma sala de descanso de funcionários, com duas máquinas de venda automática e duas mesas circulares repletas de pratos sujos. Ela ouviu vozes de algum lugar mais para trás e seguiu nessa direção até chegar a uma porta marcada como 'Escritório do Gerente'. Estava ligeiramente entreaberta.

Olhando através da abertura, ela viu um cara que parecia vagamente familiar sentado atrás de uma mesa. Ela tinha a certeza que era um membro do Deseo Club. Ele estava rindo de uma forma descontrolada com algo que uma pessoa fora de vista tinha acabado de dizer. Ela reconheceu a outra voz imediatamente e abriu a porta toda.

De costas para ela estava Kyle. Ele estava debruçado sobre um canto da mesa do gerente e cheirando uma linha de pó branco através de uma nota enrolada. Colocado próximo na mesa estava sua ridícula carteira com o “\$” em ouro. Ele fez uma segunda linha, alheio ao fato de que seu amigo, tendo visto Jessie, tinha, de repente, parado de rir.

“Isso funciona!”, Kyle berrou enquanto se levantava e exalava feliz.

Ele olhou para o amigo e pareceu entender que algo estava errado antes mesmo de se virar. Quando o fez, ainda havia resíduos de coca em torno de suas narinas e seus olhos estavam brilhando nas luzes fluorescentes.

“Ei, Jess”, disse ele, com uma voz que era uma mistura inquietante de vertigem e vergonha.

Sem uma palavra, ela se virou e saiu.

CAPÍTULO DEZENOVE

Jessie apanhou um carro da *Lyft* até casa. Quando Kyle chegou lá, ela tinha uma mala feita para ele.

“Isso é para o hotel onde você vai ficar esta noite”, disse ela, colocando a mala a seus pés.

“Jessie, sinto muito. Eu fiz uma má escolha. Mas você não acha que está exagerando um pouco?”

“Relativamente a quê?”, ela perguntou. “A meu marido abandonar sua esposa grávida durante meia hora em algum clube noturno estranho e extravagante? Ou a encontrar ele cheirando cocaína numa sala dos fundos como se fosse um figurante num filme de Martin Scorsese? Tem tantas hipóteses.”

“Veja”, começou Kyle, “Coy estava fazendo isso e ele me ofereceu uma dose única. Eu estava super perto de contratar ele como cliente e pensei que dizer não iria atrapalhar o negócio. Foi um movimento idiota, admito. Mas foi uma única vez.”

“Primeiro de tudo, 'Coy estava fazendo isso'? Eu nem sequer sei o que fazer com essa frase. E também, é sério? Porque você não estava a agir como se fosse uma única vez. De acordo com você, essa era 'a coisa'! Eu mal reconheço você ultimamente, Kyle. Onde está o cara que fica com sono depois de duas cervejas? Onde está o cara que disse que todo competidor que fica louco de pedra faz com que seja mais fácil para você roubar seus clientes enquanto ele não está prestando atenção?”

“Estou bem aqui”, ele insistiu. “Fiz uma má escolha.”

“Bem, é uma escolha que vai fazer com que você procure um lugar para dormir esta noite. Talvez o clube de campo tenha quartos especiais para os maridos que tenham sido expulsos, não que nenhuma esposa daqui tenha a coragem de fazer algo assim.”

“Eu realmente acho que você está fazendo uma tempestade num copo de água”, ele disse calmamente, embora seus olhos ainda estivessem vidrados.

“Uma tempestade num copo de água? Como confiar em você depois disso? O que mais você está fazendo em minhas costas?”

O rosto de Kyle se contraiu levemente com a acusação e Jessie entendeu que a culpa dele tinha dado lugar a outra coisa. Raiva talvez?

“O que mais estou fazendo?”, ele perguntou. “Que tal sustentar nossa família?”

Jessie se deu conta que julgara errado. Ele não estava canalizando raiva, mas sim arrogância. Isso só a enfureceu mais.

“Eu não tenho mais a certeza se temos uma família”, ela respondeu, com sua voz firme e mais gelada do que ela esperava. “Se isso não mudar, vou deixar você.”

Ele olhou para ela, incrédulo. Durante vários segundos ele não falou nada. Quando ele finalmente abriu a boca, ela tinha a certeza de que era para pedir perdão.

“Não, Jessica, você não vai”, ele disse, igualmente frio. “Somos uma família. Isso é só um problema temporário. Além disso, esse bebê que você tem dentro de você, é meu. Portanto, você não vai a lugar algum.”

“Isso é uma ameaça?”, ela perguntou incrédula.

“É uma profecia.”

“Saia”, disse ela, apontando para a porta. “Chame uma carona para você e saia agora ou eu chamo a polícia. Você ainda está louco de coca e eu acho que uma apreensão por droga não vai parecer muito bem lá na empresa. Eles nem sequer aprovam funcionários solteiros. O que você acha que eles vão pensar sobre um drogado?”

Parecia que ele queria dizer algo mais, mas pensou melhor. Em vez disso, pegou a mala e saiu. Foi só quando Jessie ouviu o carro sair e ir rapidamente ao longo da estrada que sentiu tudo cedendo.

Ela se deixou cair no chão, pressionando as costas contra a parede em busca de apoio. Soluços pesados sacudiram seu corpo inteiro. Ela demorou dez minutos para ter forças para se levantar de novo. Depois, foi lentamente até a mesa da cozinha, onde jogou a bolsa e procurou pelo cartão de visita que Lacey havia lhe dado de brincadeira no almoço do outro dia. Demorou um pouco, mas ela achou: Craig Plessey, Advogado Especialista em Divórcios.

Ela foi até a sala da frente, sentou no sofá e marcou o número, que entrou diretamente no correio de voz. Depois do sinal, ela falou, ouvindo sua própria voz desconectada, como se ela fosse um espírito, observando os eventos ao longe.

“Meu nome é Jessie Hunt. Eu gostaria de fazer uma marcação.”

Oprimida pela angústia e exaustão, ela colocou o telefone na mesa de café e fechou os olhos, adormecendo em segundos.

*

O bosque era denso e estava brutalmente frio. Os pequenos pés descalços de Jessie, meio dormentes, estavam sangrando por pisotear pedras e galhos. Mas ela pensou ter visto uma clareira ao longe, e, então, ignorou a dor que sentia e continuou caminhando. Um ramo rasgou sua camisola “Sabrina, a bruxa adolescente”, mas ela não parou.

Finalmente teve um intervalo nas árvores. Ela começou a correr. Só no último momento, entendeu que o espaço aberto à sua frente era na verdade a beira de um precipício. Ela freou com força, cavando os dedos na terra e oscilando perigosamente sobre a borda. Jessie conseguiu parar seu ímpeto e cair no chão.

Ela agarrou as ervas cobertas de gelo na beira do precipício e olhou para o lado. A uma altura de, pelo menos, quinze pés, havia um rio furioso com agitados rápidos brancos. O barulho da água batendo nas paredes da ravina soava como um trovão. Mas mesmo assim, ela podia ouvir outro som. Ele ia atrás dela, com passos pesados, se movendo de forma constante, mas sem pressa, esmagando os galhos sob as botas.

Ela não olhou para trás. Em vez disso, se levantou, com os dedos dos pés aparecendo no nada, tentando reunir forças para pular. E a cada segundo, as botas atrás dela se aproximavam.

*

Jessie acordou numa piscina de suor. Ainda não havia luz, mas ela, respirando pesadamente e com medo que seu coração pulasse do peito, saiu do sofá e foi lá em cima para tomar banho. Depois disso, ela voltou para um café descafeinado e para qualquer comida que conseguisse manter dentro do seu estômago.

Era difícil encontrar algo que afastasse sua mente dos acontecimentos recentes. Ela não conseguia se concentrar o suficiente para estudar ou mesmo para ler um livro. Ela não se sentia com vontade para ir abrir as caixas de mudança ainda fechadas. Ela ligou a televisão e passou rápido pelos canais.

Mas mesmo a TV imbecil não resolvia a questão. Os programas de culinária a deixavam indisposta. Os programas de renovação de casas apenas a lembravam de sua própria deprimente vida doméstica. Até mesmo sua série de ficção “*Supernatural*” estava mostrando um episódio envolvendo um demônio invadindo os sonhos das pessoas. Isso era muito próximo do seu caso. Então ela passou a maior parte da manhã assistindo a reprises do ‘*The Office*’.

Quando ela ouviu bater na porta, olhou para o relógio e viu que, de alguma forma, tinha estado alienada por quase duas horas. Ela silenciou a TV e caminhou até a porta da frente. Espreitando através das cortinas da sala de jantar, viu que era Kimberly Miner, que estava carregando uma caixa. Apesar de todo seu ser gritando para não o fazer, Jessie abriu a porta.

“Oi”, disse Kimberly. “Eu trouxe a você uma oferta de paz.”

Ela estendeu os braços para revelar que estava segurando uma caixa de donuts do mesmo lugar onde Jessie tinha conseguido os dela meses atrás. Ela olhou da caixa para o rosto de Kimberly, vendo nela uma expressão inesperada: compaixão.

“Oi”, disse ela, pegando a caixa. “Obrigada.” Você quer entrar?”

“Lamento. Não posso. Tenho que levar minha filha para uma aula de natação. Mas só queria dar isso a você e dizer que lamento que as coisas tenham ficado... difíceis entre nós.”

“Também lamento”, disse Jessie, ainda confusa. “Eu não me deveria ter metido na sua vida.”

“É difícil, quando você quer fazer a coisa certa, quando quer ajudar alguém que você não conhece assim tão bem, mas você não sabe como.”

“É verdade”, concordou Jessie, sem saber o que mais dizer.

Houve uma pausa longa e desajeitada. Kimberly finalmente disse.

“Vou ver você hoje à noite no ‘Trazer os Barcos em Festa’? É sempre um bom momento.”

“Oh, caramba”, disse Jessie, desapontada. “Esqueci completamente. Não tenho a certeza do que vai acontecer.”

“Ok, bem, se você for e estiver procurando um rosto amigável, me procure, ok?”

“Claro”, prometeu Jessie. “Obrigado, Kimberly.”

Sua vizinha se aproximou e deu a ela um abraço amistoso. Depois se virou e se dirigiu para o outro lado da rua. Jessie levou a caixa de donuts para a cozinha e a deixou em cima do balcão. Só então ela notou que a janela da

cozinha, uma que dava para a casa dos Miners, estava aberta, exatamente como estava na noite anterior, quando ela tinha expulsado Kyle.

Ela sentiu um nó no estomago. Quanto da discussão deles na noite passada tinha Kimberly ouvido? Claramente o suficiente para sentir que tinha que trazer donuts de compaixão. De repente, Jessie soube qual era a sensação de ter as portas secretas de sua vida privada arrombadas. Ela se sentiu mal.

*

Jessie estava na sala de espera várias horas depois, tentando recuperar o fôlego sem parecer muito esgotada para as mulheres ao seu redor.

Para além do 'Trazer os Barcos em Festa', ela também tinha esquecido sua primeira consulta de Obstetrícia-Ginecologia. Quando seu lembrete no celular tocou uma hora antes da consulta, ela teve que se apressar a vestir roupas decentes e sair pela porta.

O trânsito estava ruim e ela estava atrasada. Mas quando ela ligou para os avisar, a recepcionista disse que não se preocupasse, pois eles também estavam atrasados. Ainda assim, ela não chegou ao consultório de Beverly Hills antes de quinze minutos depois do horário marcado.

Quando finalmente a chamaram para seu primeiro ultra-som, quase meia hora depois, ela estava calma o suficiente ao ponto de não ter medo de ter sua pressão arterial tirada. A enfermeira percorreu sua história, tomou sua pressão (117/76 - *boa!*) e temperatura e fez uma série interminável de perguntas.

Finalmente, Jessie ficou deitada para poderem aplicar nela o gel para o ultra-som. Ela se instalou e respirou fundo. Passado pouco tempo, ela ouviu um coração pequeno batendo. Ela olhou ansiosamente para a enfermeira.

“Parece saudável”, disse a mulher sem sequer olhar. Ela devia estar acostumada com a reação de Jessie.

Ela moveu o transdutor por vários minutos, fazendo vários cálculos. No fim, ela desligou a máquina e limpou a gosma da pele de Jessie.

“Dá para ver qual o sexo do bebê?”, Jessie perguntou, animada e apreensiva.

“Ainda não, pelo menos não com o ultrassom. Nós provavelmente seremos capazes de ver entre as dezesseis e vinte semanas. E você está apenas de nove. Tem um exame de sangue que você pode fazer se estiver realmente morrendo de vontade de saber. Você está interessada?”

Jessie assentiu entusiasticamente. Algumas pessoas gostavam de todo aquele mistério, mas ela não. Ela era uma mulher que gostava de obter respostas. E se havia uma maneira de conseguir essa, ela a iria utilizar.

“Oh”, a enfermeira disse enquanto revia a ficha de Jessie. “Parece que me escapou uma seção em sua papelada. Existe um cônjuge ou parceiro cujo contato devamos anotar para emergências?”

Jessie olhou para ela e começou a responder, depois se calou. Ela desviou o olhar quando as lágrimas surgiram em seus olhos. Ela se deu conta que não sabia verdadeiramente a resposta para a pergunta. Tinha seu parceiro de vida havia ficado temporariamente com dúvidas? Ele agora era um drogado? Ou pior? A possibilidade a deprimia. Mas mais que isso, a assustava. Ela nunca se tinha sentido tão sozinha.

CAPÍTULO VINTE

Jessie acordou de sua sesta da tarde com o som da porta da garagem se abrindo. Ela se virou e olhou para o relógio. Eram 3:45 da tarde. Era cedo demais para Kyle chegar a casa, mesmo que ele achasse que era bem-vindo. Nervosa, ela vestiu uma calça de treino e uma *t-shirt* e começou descendo as escadas. Ela estava tentada a pegar o taco de beisebol do armário, mas disse a si mesma para não tirar conclusões precipitadas.

Quando chegou ao pé da escada, ela ouviu o som familiar de Kyle colocando as chaves no cesto ao lado da porta da garagem. Uma onda de indignação tomou conta de Jessie e ela caminhou firmemente naquela direção.

Ele vai simplesmente aparecer como se estivesse tudo normal depois da noite passada?

Quando ela virou a esquina, viu seu marido de joelhos no chão da cozinha. Ela parou, estupefata.

“O que...” ela começou.

“Jessie”, ele disse, com um tom de voz mais baixo ao que ela estava acostumada, “por favor, me ouça.”

Algo sobre o tom dele a impediu de o criticar severamente. Ela assentiu e ele continuou.

“Sinto muito... por tudo. Eu fui para um hotel ontem à noite onde quase não consegui dormir. Não por causa de algo errado com o lugar, mas por causa de algo errado comigo. Eu fiquei deitado na cama a noite toda olhando para o teto, pensando em como cheguei a essa situação. E eu entendi. Eu não *cheguei* apenas nessa situação. Eu me coloquei nela.”

Ele se mexeu e estremeceu ligeiramente. Seus joelhos provavelmente estavam o matando no chão de pedra da cozinha. Jessie estava tentada a dizer para ele se levantar, mas ela não queria interromper. E sinceramente, ela meio que gostava de o ver desconfortável.

“Eu não consegui me concentrar o dia todo”, continuou ele. “Na verdade, meu chefe me deu uma bronca a determinada altura porque eu estava completamente desconcentrado. Mas eu só estava pensando em como tinha

arruinado tudo. Eu forcei você a se mudar para cá, apesar de você amar viver no centro da cidade. Insisti em me juntar ao Clube Deseo por causa dos contatos que conseguia fazer. Eu estava tão viciado em trabalho que fui a toda excursão de golfe só de pensar que isso me poderia conseguir um cliente. Estava tão focado em ser promovido que não pensei o suficiente sobre como você estava se adaptando.”

“Se levante”, disse Jessie, depois dele ter feito uma careta pela segunda vez. Quando ele se levantou, ela acrescentou, “Eu sei que seu trabalho é importante para você, Kyle. Não é essa a questão.”

“Eu sei. Mas ainda assim, às vezes eu tenho que me lembrar que nem toda interação humana é sobre trabalho. Eu não precisava fazer com que todas as visitas ao clube fossem para conseguir outra conta. Nós poderíamos ter simplesmente desfrutado de uma noite lá sem a tornar em uma oportunidade de negócio. E eu sei que a noite passada foi além do aceitável. Obviamente, se estou usando a possibilidade de segurar um possível cliente como uma desculpa para cheirar cocaína, passei o limite. Estou envergonhado por não ter visto isso no momento. Olhando para trás agora, não consigo acreditar que fui eu.”

“Também não consegui”, Jessie concordou em voz baixa. “Eu não reconheci você.”

“Nem eu, Jess”, disse ele insistindo numa quase angústia. “Mas tudo isso acaba agora. Eu quero voltar para o velho eu, o cara que você reconhece. O cara que você ama. Portanto, eu tenho uma proposta.”

Jessie, apesar de intrigada, se sentiu um pouco tonta, como costumava se sentir ultimamente, e, então, foi até um dos bancos da cozinha e se sentou.

“Estou te ouvindo”, disse ela.

“Esta noite é o 'Trazer os Barcos em Festa'. Eu acho que é a oportunidade perfeita de deixar as pessoas no clube saberem que nós - eu - estaremos reduzindo o tempo gasto lá: muito menos saídas de golfe, não indo a tantas reuniões de Guardadores de Juramento, esse tipo de coisa. A gravidez é uma desculpa perfeita. Simplesmente vão ficar a saber que, no futuro previsível, eles irão me ver menos.”

Jessie se permitiu imaginar um mundo onde os dois pudessem se aconchegar no sofá para passar uma noite assistindo algo.

“Tenho que admitir, isso soa bem”, disse ela.

“Também acho. E, dessa forma, eu posso dizer a todos na mesma noite, quando eles estiverem todos de bom humor por causa da festa. Eu não tenho

que sentar as pessoas para termos conversas 'sérias'. Eu posso apenas mencionar isso casualmente de passagem e passar para a próxima pessoa. Vai ser mais natural dessa forma. Além disso, podemos apenas nos divertir, uma espécie de última grande explosão antes de entrarmos no modo de aninhamento. O que você acha?"

Eu acho que prefiro não ir mesmo. Mas isso parece um compromisso razoável.

"Eu acho que faz sentido", disse ela, mantendo seus pensamentos para si mesma. "Embora eu não tenha certeza de quanta energia tenho para ir de barco em barco a noite toda."

"Então nos retiramos mais cedo se for necessário", disse ele. "Ou então você pode simplesmente cair na cabine do barco de alguém se ficar assim tão cansada. Eu ouvi que isso acontece o tempo todo nessa coisa. Todo mundo é muito complacente, pelo que me disseram."

"Talvez", Jessie disse, não muito entusiasmada com a ideia de dormir na cama de algum estranho num barco desconhecido.

Kyle pareceu sentir sua hesitação.

"Vou seguir seu conselho sobre isso, querida", ele prometeu. "O que é algo que eu já deveria ter feito. Isso é outra coisa que eu queria dizer. Se você realmente odeia isso aqui, podemos ir embora de volta. É verdade que eu queria que nossos filhos vivessem numa casa com quintal. Mas nada disso importa se você está infeliz. Não é sobre *onde* nós vivemos. É sobre *como* vivemos. E eu quero viver com você, onde quer que a gente pendure nossos casacos no final do dia."

"Você simplesmente se moveria de bom grado?", ela perguntou, atordoada. "Depois de estar aqui apenas alguns meses?"

"Não é o ideal. E admito que não é minha preferência. Mas eu me preocupo mais conosco do que com qualquer emprego ou cidade. Portanto, se é isso que você pensa que precisa para ser feliz, então é claro que eu faria isso."

Jessie, de repente emocional, mas ainda assim muito esgotada para levantar naquele momento, fez sinal para Kyle se aproximar dela. Ele se aproximou e ela segurou nos braços dele. Ele se inclinou e envolveu Jessie em seus braços, fazendo com que ela descobrisse o quanto precisava do calor e segurança dele.

"Eu senti sua falta", ela disse calmamente.

“Eu também”, ele sussurrou de volta, com sua respiração quente em seu ouvido. “Mas nós vamos voltar para um bom lugar. E se você não está preparada para isso, não precisamos nem ir hoje à noite. Eu apenas pensei que fazia sentido.”

“Sim. Nós vamos. Saber que é uma espécie de último festejo me dará um impulso extra de energia.”

“Obrigado, querida”, disse ele, apertando ela com força. Eles ficaram assim por muito tempo.

“Oh, eu esqueci de te contar”, ela disse, quando eles finalmente se separaram, “Hoje fui ao médico. Eu ouvi os batimentos cardíacos!”

Ele parecia animado e triste ao mesmo tempo.

“Eu sinto muito por não ter ido. Da próxima vez vou com certeza.”

“Você quer ver a primeira foto do bebê?”, ela perguntou, contornando rapidamente o fato, ainda doloroso, de que ele não tinha estado lá.

“Claro”, disse ele, com um sorriso tolo no rosto.

“Agora não fique muito animado. É meio difícil de discernir muito. E nós ainda não sabemos o sexo do bebê, embora eu esteja agilizando essa informação. Mas ainda assim...”

Ela mostrou a ele a imagem do ultrassom. Ele olhou, com os olhos bem abertos. Uma lágrima correu pelo seu rosto, mas ele não tentou limpar.

Eles foram para o sofá, onde passaram as horas seguintes procurando online diferentes opções de berço e pesquisando significados de nomes de bebê. O telefone de Kyle tocou uma vez, mas ele deu apenas um olhar de relance antes de o colocar em silêncio e se acomodar com ela.

No momento em que tiveram que se trocar para a festa, Jessie sentiu que a explosão de raiva da noite anterior era história do passado. Ela jogou os donuts de Kimberly no lixo, grata pelo sentimento, mas não querendo nenhuma recordação da situação desagradável que ela esperava ser agora apenas uma lembrança.

CAPÍTULO VINTE E UM

Jessie estava com receio de que o barco em que ela estava se virasse.

Ela nunca tinha visto tantas pessoas no clube ao mesmo tempo. E parecia que todas estavam amontoadas no barco em que ela estava. Ela abriu caminho através da multidão e saiu para o cais, onde precisou de várias respirações profundas para se acalmar.

Tinha sido assim desde que eles chegaram, duas horas antes.

Membros, alguns vestidos com smokings e vestidos de noite, invadiram o clube e a seção adjacente da marina a ele pertencente. Jessie sentiu que não tinha caprichado na roupa, com seu top, calças e blusão. Ela tinha ouvido que eles estariam se movendo de barco para barco e assumiu que as pessoas gostariam de se vestir com roupas confortáveis e quentes, considerando o frio no ar. Kyle deve ter assumido o mesmo porque ele também não tinha seguido a rota do smoking, optando pela sua opção padrão de terno e gravata.

Eles estavam em seu terceiro barco da noite quando Jessie encontrou Kimberly. A multidão era tão densa que ela não a tinha visto até elas ficarem cara a cara. A vizinha, vestida com uma roupa elegante, cor creme, frisada, estilo anos 20, olhou em volta e viu que Kyle estava separado delas por uma parede de pessoas.

“Como você está?”, ela perguntou baixinho.

“Estou bem”, disse Jessie, acreditando em suas palavras pela primeira vez em muito tempo. “Estou muito bem, na verdade.”

“Se lembre do que eu disse sobre rostos amigáveis. Se você acha que precisa sair desse hospício e conversar, eu estou disponível.”

“Eu agradeço, Kimberly. Mas acho que estou bem.”

Só então Kyle chegou. Kimberly acenou para ele educadamente antes de seguir em frente.

“As coisas estão melhores entre vocês duas?”, ele perguntou, surpreendido.

“Nós fizemos as pazes”, Jessie disse, ficando ali mesmo.

Eles desceram a doca para uma seção com menos pessoas e se inclinaram contra o corrimão, assimilando tudo. Daqui, eles conseguiam ver o conjunto

de luzes cintilantes que iluminavam o exterior do clube. Era como se o Natal tivesse chegado dois meses antes.

Havia funcionários por toda parte. Parecia que o clube havia contratado mais dezenas, apenas para atender à demanda de bebidas e aperitivos. A cada poucos segundos, um homem de terno elegante ou uma dessas garçonetes numa minissaia preta apertada se aproximava, oferecendo algo para comer ou beber. Jessie estava maravilhada com a capacidade das garotas caminharem pelo cais de madeira em seus saltos altos, mesmo quando se ressentia delas pelo seu verdadeiro motivo de estarem ali.

“Quer petiscar alguma coisa?”, Kyle perguntou a ela. “Você deve estar morrendo de fome.”

“Sim, comeria já”, Jessie admitiu, de repente ciente do buraco roendo em seu estômago.

“E que tal uma bebida? Eu sei que é suposto ser *verboten*. Mas podes beber um pouquinho? Talvez alguns goles de champanhe para celebrar?”

“Acho que um pouquinho não tem problema”, disse Jessie. “Mas não mais do que isso.”

“Ok, eu volto em alguns minutos.”

Ele se dirigiu para a multidão e em poucos segundos se perdeu num mar de roupas formais. Enquanto esperava, Jessie viu Melanie, vestindo um simples vestido preto, uma doca depois, e gritou para ela. Cuidadosamente elas se dirigiram uma para a outra e se encontraram na ponte que ligava as docas.

“Onde está Teddy?”, Jessie perguntou. Ela não o estava vendo.

“Oficialmente, ele está com alguns dos caras dos Guardadores de Juramento. Não oficialmente, acho que ele está com outra pessoa.”

A frieza da sua voz traiu o ressentimento que sentia pelo acordo com que afirmava ter feito as pazes. Aparentemente, Jessie não era assim tão estranha ao pensar que o “pacto” que muitos desses casais faziam era uma loucura. Ela se deu conta que elas não tinham conversado desde que Mel revelara a verdade sobre o clube, se questionando se essa conversa havia reaberto alguns ferimentos.

“Você está bem?”, ela perguntou.

“Vou estar”, Mel respondeu. “Nem sempre estou bem. Mas é o acordo que fiz, portanto tenho que passar por isso, sabe?”

Jessie assentiu, embora não soubesse. Mel abanou a cabeça como se tentasse afastar o pensamento de seu cérebro.

“E como você está lidando com seu recente... despertar?”

“Me virando”, Jessie disse, não querendo esfregar o nariz de sua nova amiga em seu casamento recentemente revitalizado. “Mas eu vou chegar lá.”

“Eu não tenho dúvidas. Você é um osso duro de roer, Jessie. Eu entendi isso poucos minutos depois de conhecer você.”

“O que você quer dizer com isso?”, Jessie perguntou.

“Nada. Tem apenas algo sobre você, algo em seus olhos. Eles são de aço. Dá para ver que você já lidou com tempos muito mais difíceis do que esse. E claramente você encontrou um caminho através deles, porque aqui está você, firme e inteira.”

“Obrigada, Mel”, Jessie disse, sentindo uma onda inesperada e indesejada de emoção. “Obrigada mesmo.”

“Claro. Nós temos que nos manter unidas, certo?”

Jessie assentiu e estava prestes a responder quando viu Teddy, vestindo um smoking azul forte, na extremidade do cais. Mel também o viu.

“É melhor eu ir até lá”, ela suspirou. “Ele já bebeu um pouco. Fico um pouco preocupada que ele caia na água.”

Ela apertou a mão de Jessie antes de desaparecer no meio da multidão. Jessie voltou sua atenção para Teddy e viu que ele estava conversando com uma das garçonetes e com outro homem, que ela deixou de ver porque ele ficou bloqueado por uma multidão de festeiros. Mas quando um deles mudou de posição, ela viu que a terceira pessoa era Kyle.

Ele estava segurando duas taças de champanhe e ouvindo alguma história animada que Teddy estava compartilhando e a garçonete estava rindo. A garota, loira e linda, usava um pequeno vestido preto que mal cobria sua dourada pele bronzeada.

A cada poucos segundos, ela olhava para Kyle e tocava seu antebraço ou mão de uma maneira muito familiar. Jessie notou que ele se afastava um pouco dela toda vez que ela fazia isso. Mas inevitavelmente, ela se aproximava dele novamente. Por fim, ele disse algo a Teddy e, de seguida, se virou vindo na direção de Jessie.

Kyle habilmente navegou por entre a massa de pessoas entre eles e quando, finalmente, chegou a Jessie, estendeu uma das taças de champanhe para ela.

“Beba furtivamente”, disse ele. “Não quero confusão para meu lado por chamarem minha atenção.”

“Vejo que você fez uma nova amiga”, Jessie notou, acenando com a cabeça para o outro lado da doca para a jovem mulher promíscua e seminua, que ainda estava conversando com Teddy, mas ficava olhando para Kyle. Melanie chegou ao lado de seu marido naquele momento, parecendo não muito feliz.

Kyle pareceu confuso no início, mas depois seguiu o olhar de Jessie e viu quem ela estava referenciando.

“Oh, sim”, disse ele num cansado tom de resignação. “É Natália. Ela é da Ucrânia e vive aqui tem três meses. Ela é super amistosa, como você deve ter notado; muito carinhosa. Eu acho que ela está procurando um papaizinho para pagar suas aulas de inglês e seu protetor solar.”

“Você não parece encantado”, Jessie disse enquanto tomava um gole do espumante.

“Isso é ciúme que ouço em sua voz, Jessica Madeline? Eu não me preocuparia muito. Ela é um pouco indiscreta.”

“Me surpreende que o clube contrate alguém assim”, Jessie sondou, tentando determinar o quanto seu marido realmente sabia sobre como este lugar funcionava.

“Acho que eles raspam o fundo do barril de Westport Beach para esta noite porque o evento é enorme. Meu palpite é que eles preferem ter uma garota bonita que não consiga segurar uma bandeja adequadamente do que uma garçonete que pese mais de cento e cinquenta libras.”

“Isso é muito evoluído para você dizer”, respondeu Jessie.

“Não me dê muito crédito”, disse ele. “Parte do que me irrita é que este deveria ser um lugar com classe. E ela definitivamente *não tem* classe. Ela me disse que trabalha quase todas as noites em algum clube de striptease que eu não consigo lembrar o nome; me ofereceu um desconto em danças privadas.”

Jessie deixou aquele comentário se acomodar em seu crânio, e, depois, se forçou a inspirar e expirar profundamente antes de responder.

“Pela quantidade de dinheiro que gastamos com a associação aqui, você iria achar que eles poderiam ter tido modelos de lingerie”, disse ela depois de tomar outro gole rápido.

Ela tentou soar o mais indiferente possível, mas conseguia ouvir o tom amargo em sua própria voz. Ele pareceu não o pegar, rindo apreciativamente com o sarcasmo dela.

Ela tentou sorrir de volta, mas, de repente, o peso da noite a atingiu. Ela já estava cansada por causa da gravidez. E isso, juntamente com ter de caprichar com a roupa, de ter de ser simpática a noite toda e de ter de navegar em docas frágeis e barcos instáveis, havia cobrado seu preço. Ela sentia a exaustão se instalando em si.

“Você está bem, querida?”, Kyle perguntou, aparentemente notando o corpo dela cedendo.

“Estou muito cansada”, ela admitiu. “Duas horas disso é próximo de meu máximo. Estou prestes a ficar mal-humorada. Podemos, por favor, nos despedir para que eu possa ir para casa e dormir durante doze horas?”

“Absolutamente”, ele prometeu. “Me dê só dez minutos para me despedir pela última vez, já que irei aparecer pouco por aqui depois desta noite. Porque você não senta naquele banco ali? Eu irei ao seu encontro assim que terminar.”

“Tudo bem, mas por favor, seja rápido”, Jessie disse, terminando seu champanhe. “Caso contrário, você me levará daqui no colo.”

Kyle assentiu e saiu apressado. Jessie olhou para o relógio - 10: 01 da noite.

Era tão tarde. Ela estava tão cansada.

Ela se sentou pesadamente no banco e viu Kyle desaparecer no meio da multidão. Respirou profundamente, tentando recuperar seu equilíbrio. As luzes brilhantes do clube contra o céu noturno, combinadas com as roupas brilhantes e joias das mulheres próximas, estavam provocando dor de cabeça em Jessie.

Ela fechou os olhos e se imaginou noutro lugar. Uma imagem imediatamente apareceu em sua cabeça. Ela e Kyle estavam de volta ao centro da cidade, num enorme condomínio novo em seu antigo bairro, desempacotando as caixas da mudança de volta para a cidade. Depois, imaginou o diploma de mestrado na parede de seu pequeno recanto de escritório, onde se instalara durante a licença maternidade.

Ela se imaginou entrando no quarto do bebê para trocar uma fralda e, depois, balançando o bebê de volta ao sono enquanto se levantava para se apressar para sua nova posição em alguma impressionante agência de aplicação da lei. Departamento da Polícia de Los Angeles? FBI? Talvez na equipa da DNR? As opções eram aparentemente ilimitadas.

Seu devaneio foi interrompido pelo som de uma voz estrangeira frágil. Ela abriu os olhos e olhou para cima, vendo a stripper/garçonete Natália em pé

em frente dela, falando um inglês macarrônico, quase ininteligível.

“O que foi?”, ela perguntou.

“Você não quer mais uma bebida?”

A garota estava balançando instavelmente uma bandeja de taças de champanhe, apesar de usar as duas mãos.

“Não, obrigado”, disse Jessie.

“Ok, claro”, disse Natália com muito mais entusiasmo do que a situação exigia. “Você quer comida, talvez? Eu vejo você aqui sozinha, olhando. Talvez comer ajude?”

“Não, eu estou bem”, disse Jessie, tentando evitar que a frustração borbulhando dentro dela transbordasse. A ousadia dessa mulher, seduzindo o marido dela e depois agindo como se estivesse tudo bem, a tinha irritado.

“Estou apenas esperando meu marido.”

“Oh sim, Kyle. Muito bom homem. Muito engraçado. Você é uma senhora de muita sorte.”

“Acha?”, Jessie disse, se levantando do banco. Ela se elevou sobre Natália por pelo menos seis polegadas. Olhando para a mulher, ela notou que ela não era tão bonita de perto. Sua base estava cobrindo sua cara para esconder seu acne e seu rímel estava pesado e aglomerado em alguns lugares.

“Sim”, repetiu Natália. “Kyle é bom marido, com certeza.”

“Sim, e ele é *meu* marido”, disse Jessie, incapaz de conter sua acidez. Ela sabia que sua voz estava mais alta do que ela pretendia, mas ela não estava nem aí.

Natália pareceu assustada e cambaleou para trás. Ela perdeu o equilíbrio e várias taças de champanhe balançaram perigosamente.

“Sim, bom marido”, ela disse, aparentemente incapaz de pensar em mais nada para acrescentar.

“Sim, *marido*”, repetiu Jessie furiosamente, dando um passo em direção à mulher mais pequena. “Isso significa que não está disponível para você colocar suas garras. Portanto, você pode parar de tocar nele e de rir cada vez que ele tosse, entendeu Natália?”

A garota deu outro passo para trás e prendeu o salto de seu sapato num buraco no cais. Ela caiu repentinamente no chão e a bandeja de copos foi com ela, quebrando na madeira. Jessie permaneceu sobre ela, olhando para baixo, cheia de raiva e um pouco de satisfação.

De repente, Kyle estava ao seu lado.

“O que está acontecendo?”, ele quis saber, olhando para uma e para outra.

“Estou só a esclarecer algumas coisas com sua amiguinha” disse Jessie, se sentindo satisfeita.

“Com franqueza, Jess. Você não acha que estás a exagerar?”

“Você está defendendo ela?”, Jessie revidou.

“Não”, ele insistiu. “É só que... você está gritando com os empregados. Ela não merece isso.”

“Ela é uma caça-maridos, Kyle. Estou só avisando ela.”

As pessoas próximas, já falando em voz baixa, ficaram completamente em silêncio. Os únicos sons eram os das ondas batendo contra cascos de barcos e os choramingsos silenciosos de Natália. Um cara qualquer correu para a ajudar a se levantar. Foi quando Jessie notou que a garota não estava usando calcinha.

Ela estava prestes a comentar isso quando, de repente, sentiu uma tontura. Ela estendeu a mão para a parte de trás do banco, mas estava muito longe, e ela se sentiu caindo para trás quando suas pernas cederam. Instintivamente ela colocou seus braços em volta do abdômen para proteger aquela área do impacto da queda iminente.

Mas antes que ela caísse no chão, Kyle estava lá, com os braços por baixo dela, suavizando a descida e a colocando no chão suavemente.

“Jessie, o que se passa?”, ele perguntou, com um tom de voz ansioso e tenso.

“Me sinto a perder os sentidos... tonta”, disse ela, dando conta que estava balbuciando ligeiramente as palavras. “Toda a caminhada, o champanhe, a garçonete safada - estou realmente com dificuldades.”

Kyle manteve a mão sob sua cabeça para que não ficasse apoiada na doca de madeira dura. Ela o viu olhando ao redor desesperadamente até os olhos dele caírem em algo que o acalmou.

“O que foi?”, ela perguntou.

“Estamos bem perto do barco de Teddy. Eu vou levar você até lá e você pode descansar numa cama na cabine até se sentir melhor. Ele não se vai importar. Caramba, você pode passar a noite lá, se não se sente com energia suficiente para ir para casa.”

“Tem certeza?”, ela perguntou, ainda tonta, mas aliviada com a ideia de poder se deitar em algum lugar mais quieto e isolado.

“Claro”, ele assegurou. “É o local perfeito. Estamos com sorte de ser já aqui.”

Jessie sentiu Kyle a pegar em seus braços. Ela tentou manter os olhos abertos para poder ter uma ideia melhor para onde eles estavam indo. Mas era inútil. Ela se sentia fraca e desorientada e, em poucos momentos, desistiu. Ela se afundou no calor do abraço reconfortante de seu marido e permitiu que seus olhos se fechassem.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Jessie foi acordada por uma dor penetrante no crânio. Ela abriu os olhos ligeiramente para que apenas uma fenda de luz pudesse entrar. Mas, de alguma forma, os raios de sol a encontraram e penetraram em si. Ela fechou os olhos novamente e só se atreveu a abrir eles de novo depois que a mão dela estava lá para servir de proteção.

Ela ficou deitada de costas, tentando recuperar. Não reconhecia o que a rodeava, embora notasse que estava numa cama. Seus membros estavam pesados e sua boca estava seca e inchada. Ela abriu os olhos um pouco mais. Seu ambiente ficou mais claro. Ela sentiu um leve movimento de balanço e notou que o quarto em que ela estava era minúsculo, com todas as paredes extremamente próximas da cama. As janelas de vigia eram o indicador final. Ela estava num barco.

E então as memórias voltaram. A festa, o champanhe, a discussão com a garçonete, a súbita exaustão e tontura induzidas pela gravidez, quase caindo antes que Kyle a levasse para um barco, este barco.

Depois disso, tudo ficou em branco. Ela não lembrava de entrar na embarcação ou de ser colocada na cama ou de qualquer coisa, até esse momento. Olhando pela janela, ela sabia que não tinha dormido por doze horas inteiras, como ela tinha dito a Kyle que queria. O sol, com seus raios implacáveis, mal aparecia acima das colinas na distância. Ainda era de madrugada.

“Kyle?”, ela murmurou, com as palavras a saírem distorcidas, até mesmo para si.

Ela tentou se apoiar em seus cotovelos, mas a tentativa a deixou tonta e enjoada e imediatamente desabou e fechou os olhos.

“Kyle, você está aqui?”, ela perguntou um pouco mais alto.

Não houve resposta.

Ela respirou fundo várias vezes antes de rolar para o lado e se levantar para sentar na beira da cama. Jessie esperou que a náusea retornasse, mas ela se conteve, aparentemente com pena dela.

Ficou sentada ali por vários minutos apenas com calcinha e sutiã, caída para a frente, com os cotovelos nos joelhos, o rosto nas mãos, reunindo forças para se mover novamente. Quando finalmente se sentiu capaz, ela se virou para a cama novamente.

Para sua surpresa, viu outra pessoa deitada ao lado de onde ela havia dormido. Havia um lençol sobre a cabeça e a maior parte do tronco da pessoa, mas uma perna bronzeada aparecia.

“Kyle?”, ela disse cautelosamente, embora ela soubesse que não podia ser ele. Era a perna de uma mulher.

Ela se inclinou e puxou o lençol para revelar Natália, deitada de lado, longe dela. Apesar de seu estado diminuído, Jessie sentiu uma versão modificada de sua raiva da noite anterior e empurrou a mulher bruscamente.

“Acorde”, ela sussurrou. “O que diabo você está fazendo aqui?”

Natália continuava deitada de lado, indiferente ao mundo.

“Ei”, disse Jessie novamente, desta vez mais alto e com mais força, “eu disse, o que está você fazendo aqui?”

Ela agarrou o ombro de Natália e a puxou, a deixando deitada de costas. A garota, ainda usando seu minivestido preto, não ofereceu resistência e ficou pendurada preguiçosamente, com o braço esquerdo estendido sobre a cama. Seus olhos estavam abertos.

Jessie pestanejou várias vezes, tentando processar o que via. Ela sentiu como se estivesse desconectada de seu próprio corpo, pairando sobre a cena, desapegada da emoção, metodicamente absorvendo tudo.

Natália estava olhando para o teto, com seus olhos cegos pontilhados de manchas vermelhas. Sua pele era de um azul claro. Seu pescoço era um arco-íris feio de vermelho, roxo, azul e preto e tinha marcas profundas e perfurações.

Jessie olhou fixamente para suas próprias mãos e viu que suas unhas estavam cheias de sangue seco. Ela as colocou perto e viu o que parecia ser pele por baixo das unhas. Ela tocou com sua mão no braço mais próximo da garota. Estava frio.

Algo sobre isso a tirou de seu devaneio de pesadelo e de volta à realidade do momento. O horror do que estava diante de Jessie, de repente, se apoderou dela e ela abriu a boca para gritar.

“Kyle!”

Um segundo depois, ela ouviu bater à porta, o que a assustou no silêncio.

“Jessie? “O que foi?” ela ouviu o marido gritar enquanto o ouvia abanar a maçaneta da porta. “Porque a porta está trancada? “Você está bem?”

Jessie saltou da cama e foi até a porta, destrancou a corrente e a maçaneta, abrindo ela. Kyle estava diante dela numa *t-shirt* e boxers, com os olhos sonolentos e despenteado.

“Eu não sei o que aconteceu”, disse ela, apontando para a cama.

Kyle olhou ao redor dela. Seus olhos olharam para a cama e ele ficou boquiaberto.

“O que...?” É Natália?”

“Eu não sei como ela chegou aqui ou o que aconteceu”, implorou Jessie, levantando a voz. “Eu acabei de acordar e a encontrei lá.”

Kyle olhou para ela, atordoado, depois de volta para o cadáver na cama. Ele parecia perdido.

“O que está acontecendo?”, Jessie chorou.

Isso pareceu arrastar ele para fora de seu estado de choque.

“*Shh*”, ele sussurrou, olhando para trás. “Entre para o quarto.”

Ele levou ela, entraram os dois no quarto, e ele fechou a porta com a chave. Ele olhou ao redor do quarto por alguns segundos, sua mente claramente tentando pensar rápido.

“Você não se lembra dela entrar aqui?”, ele perguntou.

“Não. Não *me* lembro sequer de eu entrar aqui. A última coisa que consigo lembrar é de você me carregando do cais, dizendo que Teddy tinha um barco em que eu podia dormir.”

“Você não se lembra de eu despir você e dizer que ia procurar uma garrafa de água e um pouco de *ibuprofeno* no clube?”

Jessie abanou a cabeça.

“E você não se lembra mesmo de ela chegando a bordo do barco?”, ele perguntou.

“Não, Kyle. Você diz isso como se eu devesse me lembrar.”

“É só que eu cruzei com ela em meu caminho até lá. Ela perguntou se poderia ir no barco para acalmar as coisas com você. Eu disse que era melhor não, que você não estava se sentindo muito bem. Mas quando olhei para trás, vi que ela estava vindo para cá, pelo que imaginei que ela ia tentar de qualquer maneira. Quando cheguei de volta alguns minutos depois, a porta do quarto estava trancada e você não estava respondendo. Eu apenas presumi que você tivesse trancado a porta para que ela não pudesse entrar, que ela se tivesse ido embora e que você tivesse adormecido”

“Eu não me lembro de nada disso”, disse Jessie. “Tem certeza?”

“Eu não tenho certeza de nada agora”, disse ele, olhando de volta para o corpo de Natália. “Eu só pensei em deixar você dormir e ver como você estava de manhã. Então eu caí no sofá lá fora. Eu não ouvi nada até você começar a chamar por mim.”

Jessie se sentiu ligeiramente tonta de novo e se sentou na cama, o mais longe possível de Natália. Depois de um longo silêncio, ela falou.

“Bem, acho que é melhor chamarmos a polícia”, disse ela, sem saber o que mais fazer.

“Sim, é claro”, ele concordou, se ajoelhando na frente dela e pegando as mãos dela. “Tenho a certeza de que eles podem ajudar a resolver tudo isso.”

Ele olhou para baixo e depois de volta para ela. Seus olhos estavam questionando.

“O que foi?”, ela perguntou.

Ele olhou para Natália e depois de volta para as mãos de Jessie.

“Parece que ela foi sufocada”, ele disse baixinho.

“Sim”, concordou Jessie, tremendo ligeiramente. “Eu vi isso também.”

“E suas unhas estão com sangue”, ele disse, de novo muito calmamente. “É possível que...”

Ele não terminou a frase, mas ela sabia o que ele estava pensando. Ela olhou para as mãos novamente. Era como se ela tivesse esquecido à força o estado em que elas estavam até agora.

“Você não acha que eu...?”, ela começou.

“Eu não sei, Jessica”, ele disse com relutância. “Ela poderia ter assustado você quando veio e você ter pensado que ela era uma intrusa ou, algo assim, e ter se defendido; talvez você não tenha percebido quem era porque você estava demasiado exausta?”

“Não! Eu não sei. Eu não me lembro de nada mesmo.”

“É com isso que me preocupo”, ele disse. “Aquela garota está morta. Parece que alguém a sufocou e suas unhas estão todas cheias de sangue. Isso não é bom, especialmente com sua memória tão nebulosa. Além disso...”

“Além disso o quê?”, Jessie perguntou, com seu estômago dando uma cambalhota.

“Você discutiu com ela ontem à noite. Você foi bastante agressiva. Muitas pessoas viram.”

“O que você quer dizer com isso, Kyle?”

“Eu estou dizendo que o que quer que tenha acontecido, não é bom.”

“Então, vamos ter que explicar isso para que todos entendam”, disse ela com firmeza.

“Sim, você tem razão”, disse ele, se erguendo e se sentando na cama ao lado dela. Ele estava visivelmente desviando o olhar de Natália.

“*Eu estou certa*”, disse Jessie, escolhendo acreditar nisso.

“Você está mais ligada a essas coisas do cumprimento da lei, pelo que você é que sabe”, disse ele, e, em seguida, relutantemente acrescentou, “Mas qual é a probabilidade deles acreditarem em você? Quer dizer, com o pescoço, as mãos, a discussão e tudo mais?”

Jessie não respondeu, apesar de uma resposta surgir em sua mente.

Não muita.

“Posso oferecer uma proposta alternativa?”, ele perguntou hesitante.

“O quê?”

“Talvez pudéssemos fazer tudo isso desaparecer”, sugeriu ele.

“Como assim?”

“Eu não pensei totalmente nisso”, ele admitiu. “Mas ninguém além de mim sabe que ela ia ver você. Havia tantas pessoas vagueando que duvido que alguém a notasse. E a última vez que alguém viu você, eu estava carregando você, meio consciente, para esse barco.”

“Onde você quer chegar?”

“Estou dizendo que ninguém precisa saber que ela morreu nesse barco ou em qualquer lugar perto de você. Ela estava bebendo, assim como todo mundo. Quem vai dizer que ela simplesmente não tropeçou no cais, bateu com a cabeça, rolou na água e se afogou? Não é inconcebível.”

“Você está dizendo que devíamos simplesmente a levar lá para cima para o convés e a jogar no mar?”, Jessie perguntou incrédula.

“Não. Nós não poderíamos fazer isso aqui. Alguém poderia ver. E seu corpo seria encontrado imediatamente. Os policiais veriam as marcas em seu pescoço e saberiam que ela não se tinha apenas se afogado. Teríamos que a levar para mais longe na baía, para que ela não fosse descoberta durante algum tempo.”

Ele se levantou e cuidadosamente evitou o corpo de Natália ao se aproximar da janela maior para olhar lá para fora.

“Ainda não amanheceu”, disse ele. “Poderíamos sair, nos livrarmos dela e estar de volta antes que alguém acordasse. Ninguém sentiria nossa falta. Nem a falta dela.”

“Kyle, a família dela sentiria sua falta”, disse ela, chocada com a sugestão. “Eles exigiriam uma busca.”

“Que família?”, ele perguntou. “Ela me disse que acabou de se mudar da Ucrânia tem alguns meses. Ela é nova aqui. Ela é uma stripper. Não é propriamente um trabalho das nove às cinco. Se ela desaparecer, eles provavelmente vão presumir que ela foi embora. Pode levar meses até que alguém pergunte por ela.”

“Eu não gosto disso. Eu não fiz nada de errado. Se eu me entregar, as autoridades podem entender.”

“Eles podem”, ele reconheceu, olhando para Natália. “Mas podem não entender. As portas e janelas estão todas trancadas por dentro, então não tem como negar que foi você. E o pescoço parece muito ruim. Pode ser difícil eles acreditarem que você fez isso por estar atordoada ou em autodefesa.”

“Eu não sei. Essa é uma decisão sem retorno.”

“Também é uma decisão sem retorno se entregar por homicídio, querida”, ele pressionou. “Você está grávida de nosso filho. Você está prestes a terminar a pós-graduação. Você quer mesmo arriscar tudo isso acreditando que algum procurador vá ser super compreensivo?”

De repente, a náusea que ela tinha sido capaz de subjugar ressurgiu. Jessie se apressou, mal conseguindo chegar a tempo. Ela ficou debruçada sobre o vaso sanitário por um tempo, vomitando até sair apenas a bÍlis. Quando Jessie terminou, Kyle lavou o vaso sanitário, ajudou ela a se levantar e, depois, levou-a para o quarto onde lhe dissera que ele tinha dormido.

“Vamos fazer isso”, disse ele com firmeza. “Eu vou cuidar disso, ok. Eu não posso ficar sem você.”

Ele a acomodou no sofá em que ele tinha dormido e acariciou seu cabelo. Em poucos segundos, ela adormeceu.

*

Quando acordou, Jessie se deu conta que eles não estavam mais na marina. O barco estava rolando vigorosamente sobre o que parecia serem ondas muito maiores.

Ela se sentou e descobriu que se sentia um pouco melhor. Olhando através da porta em direção ao quarto onde ela tinha passado a noite, ela viu que a porta estava fechada. Ela se levantou cautelosamente, enrolou um cobertor

em volta dela mesma e caminhou para a escada, onde agarrou o corrimão. Segurando firme, ela subiu os degraus com cuidado até chegar no topo.

O sol estava mais claro agora e ela teve que apertar os olhos. Eles estavam em algum lugar na baía. O ar estava gelado e, de forma mágica, ela ficou com pele de galinha por todo seu corpo. Kyle estava na proa de costas para ela. Ele parecia estar empurrando algo pesado.

Um segundo depois, ouviu um estrondo alto e soube o que havia acontecido. Ele se virou e pareceu tão surpreendido por a ver que quase ele mesmo caiu na água. Ele se equilibrou e se aproximou.

“Está feito”, disse ele. “Vamos voltar rápido, antes que alguém perceba que o barco não está lá.”

De repente, Jessie sentiu vontade de vomitar e isso não tinha nada que ver com os enjoos matinais. Ela se inclinou para o lado e vomitou. Ela não conseguia deixar de pensar no corpo de Natália batendo na água.

Kyle segurou seus ombros até ela terminar. Então, sem dizer uma palavra, ele foi até ao leme e virou o barco na direção da marina. Enquanto eles voltavam para a costa, Jessie se encostou na amurada, olhando de volta na direção de onde eles vinham.

Um proeminente afloramento rochoso se projetava perto de onde Kyle havia jogado Natália, cercado por boias acesas para avisar os marinheiros para se manterem afastados. Jessie suspeitava que ele tivesse jogado o corpo lá, assim seria menos provável que os barcos o encontrassem.

“Jessie”, ele gritou, “eu preciso que você pegue o leme para eu poder lavar o convés. Eu não quero deixar nenhum resíduo de pele ou outra coisa qualquer coisa, apenas por precaução.”

Jessie se deslocou meio ausente em sua direção, ainda meio atordoada, mal começando a aceitar que eles tinham acabado de encobrir um homicídio - um que ela aparentemente havia cometido.

Dez minutos depois eles estavam de volta ao cais. Kyle amarrou o barco enquanto Jessie desceu e se vestiu na cabine principal. Ele se juntou a ela lá em baixo, indo para o quarto para substituir os lençóis da cama e colocar os usados numa mochila que tinha encontrado no armário. Em seguida, ele pegou sua mão e a levou para fora do barco, ao longo da doca, e de volta ao clube. O sol já tinha nascido completamente agora, mas ainda não havia uma alma à vista.

Kyle abriu a porta do clube e eles atravessaram a sala de jantar escura e silenciosa. Eram apenas sete e meia da manhã e o dia tinha amanhecido

menos de uma hora antes, mas eles já conseguiam ouvir atividade na cozinha. Tachos e panelas estavam sendo movidos e vozes distantes podiam ser ouvidas. Em breve os membros que estavam nos barcos iriam começar a se agitar e a entrar, prontos para um café da manhã quente.

Kyle conduziu Jessie pelas escadas e atravessou a porta do átrio, que também estava vazio, saindo pela porta da frente do clube. Eles estavam no carro cinco minutos depois e em casa dez minutos depois disso. Jessie foi direta para o andar de cima para tomar um banho. Ela permaneceu debaixo da água por vinte minutos, esfregando as unhas quase o tempo todo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Quando ela acordou, sua visão estava confusa. Ela olhou para baixo e viu que estava sentada numa cadeira de madeira com os pulsos amarrados nos braços com corda grossa. Sua cabeça estava presa contra as costas da cadeira para que ela não a conseguisse mover de um lado para o outro. Seus pés balançavam frouxamente. Ela era pequena demais para tocar no chão.

Quando ela pestanejou para clarear a visão, ela sentiu dedos ásperos em seu rosto, puxando a pele logo abaixo e acima de seus olhos para que eles ficassem bem abertos. E, em seguida, esses dedos colocaram algo como fita adesiva na pele dela para que ela não conseguisse fechar os olhos. Seus olhos começaram a lacrimejar, mas sua visão, agora quase normal, permitiu que ela observasse a cena à sua frente.

Ela estava numa cabana escura e ali estava uma mulher em frente a uma lareira acesa. Ela estava nua. Seus braços estavam acima de sua cabeça, suspensos com algemas a vigas do teto. Seus olhos estavam arregalados de medo, mas ela não conseguia gritar porque sua boca estava cheia de algum tipo de tecido.

Jessie abriu a boca para gritar, mas descobriu que ela também tinha algo em sua boca, a impedindo de fazer algo mais do que grunhir. Uma voz masculina falou suavemente num tom estranhamente delicado de algum lugar atrás dela.

“Você tem que ver, pequena joaninha. Você tem que saber a verdade”, a voz disse.

Então ele deu um passo em frente e ela viu que ele tinha uma longa faca na mão direita.

Mais uma vez ela tentou gritar, sem sucesso. Enquanto ele se aproximava da mulher, Jessie usou toda sua força para tentar fechar suas pálpebras. Mas não adiantou. Elas permaneceram abertas, obrigando a que ela observasse através de olhos cheios de lágrimas.

Jessie acordou assustada, com o coração acelerado. Kyle, sentado na beira da cama, perguntou se ela estava bem, mas ela não respondeu. Ela apenas rolou e puxou as cobertas sobre a cabeça, tentando bloquear o mundo.

Ela passou o resto da manhã na cama e a tarde também. Foi só em torno da hora do jantar que Kyle conseguiu convencê-la a descer para saborear uma sopa de galinha com macarrão, aninhada no sofá.

Ele deu a ela um pouco de chá quente e ela voltou para o quarto novamente. Desta vez, ela conseguiu dormir por doze horas inteiras. Jessie considerou uma bênção não ter tido nenhum pesadelo. Ou se teve, não conseguia se lembrar dele.

Eles estavam sentados no sofá naquela manhã de domingo com a TV ligada, mas sem som. Jessie bebeu um café descafeinado e Kyle o que parecia ser um uísque. Ninguém falou por vários minutos. Finalmente Kyle pigarreou e começou a conversa que sabia ser inevitável, mas que temia mesmo assim.

“Vai ficar tudo bem, Jess”, disse ele, tentando soar tranquilizador. “Eu tenho conferido as notícias. Ela está desaparecida tem quase trinta e seis horas e eu não li uma palavra sobre ela. Como eu suspeitava, ninguém vai dar pela falta dela.”

“Eu não sei se deveria ficar consolada ou horrorizada com isso”, disse Jessie.

“Talvez ambas as coisas. Mas para nossos propósitos, prefiro ficar consolado. E enquanto nós formos espertos, acho que podemos continuar assim.”

“Parece que você esteve pensando sobre isso enquanto eu dormia, então eu vou perguntar: o que é ser 'esperto'?”

“Eu *estive* pensando sobre isso”, ele admitiu. “E cheguei a algumas conclusões, algumas das quais duvido que você vá amar. Você está pronta para elas?”

“Não havendo outro jeito”, disse Jessie, amargurada, meio satisfeita por ser capaz de qualquer outra reação que não a depressão.

Ele ignorou o tom dela e mergulhou.

“Eu acho que não devemos fazer movimentos grandes e dramáticos nos tempos mais próximos. E isso inclui mudar de cidade. Eu sei que eu disse que estaria disposto a fazer isso por você. E estou. Mas se nós vendêssemos a casa e nos afastássemos agora, apenas alguns meses depois de chegarmos, isso definitivamente iria atrair atenção indesejada, você não acha?”

Jessie queria discutir com ele, mas a lógica dele era sólida. Iria parecer estranho. Ela assentiu.

“O mesmo é válido para o clube”, continuou ele. “Eu disse a algumas pessoas que elas me iriam ver menos. Mas, se, de repente, eu desaparecer de vista depois de ir lá com tanta frequência, no momento exato em que essa garota desaparece, as pessoas podem estabelecer uma ligação.”

“Eu pensei que você tinha dito que ninguém ia dar pela falta da garota”, protestou Jessie.

“Eu duvido que deem”, reiterou Kyle. “Mas não posso ter certeza. E se alguém tomar conhecimento e as autoridades começarem fazendo perguntas, o foco pode recair sobre a pessoa com quem ela esteve discutindo na noite em que ela foi vista pela última vez.”

“Mas fui eu, não você.”

“E é exatamente por isso que eu acho que *você* precisa voltar e ir aos eventos também. Conseguimos justificar que você esteja ausente por alguns dias, com os enjoo matinais e tudo mais. Mas qualquer coisa mais do que isso e esses mexeriqueiros vão começar fazendo perguntas. Você precisa ser vista lá, parecendo normal. Talvez até feliz.”

Jessie olhou para ele como se ele fosse louco. Se forçando a manter seu tom de voz, ela respondeu.

“Eu não sei se isso é possível, Kyle. Eu *não* estou feliz. Eu não estava antes disso e definitivamente não estou agora. Eu quero sair daqui!”

“Eu entendo”, ele disse pacientemente. “Mas, para nossa própria segurança, precisamos repensar a estratégia. Para já, vamos ficar com a programação atual por um tempo.”

“Quanto tempo?”, Jessie quis saber. “Quanto tempo até podermos sair razoavelmente deste lugar sem levantar suspeitas? Eu preciso de uma data.”

“Eu não consigo dizer exatamente. Talvez um ano?”

“Um ano?”, ela repetiu, estupefacta. “Em um ano teremos uma criança. Você vai estar estabelecido no escritório. Nós vamos estar enraizados. Você nunca vai querer ir embora.”

“Foi apenas uma estimativa, Jess. Talvez possamos ir mais cedo, se as coisas parecerem calmas e a situação da Natália não for um problema. Mas precisamos ter cuidado. Melhor prevenir do que remediar.”

“Já estou arrependida”, ela murmurou, olhando para baixo para a mesa de café.

“Ouça”, ele respondeu, com uma voz mais comprometida do que antes. “Eu quis dizer o que eu disse. Eu acho que isso tudo vai acabar. Você tem sorte de isto ter acontecido quando aconteceu, sem testemunhas, a uma garota com a qual ninguém se importava. Ninguém além de mim saberá e eu guardarei seu segredo.”

Jessie olhou para ele ficando a pensar no comentário, surpreendida. Kyle tinha ido na cozinha reabastecer sua bebida. Ela abriu a boca e estava prestes a chamar ele de volta, para salientar que ele devia se ter enganado.

Meu segredo? Será que ele não queria dizer nosso segredo?

Mas algo a impediu. Ela não estava completamente certa do quê. Em vez disso, inspirou fundo, expirou e fechou a boca.

Kyle continuou falando enquanto se servia de outro copo.

“Eu vou para o escritório hoje. Eu não tinha planejado fazer isso. Mas depois de receber aquela reprimenda na sexta-feira e... tudo mais, acho que seria sensato mostrar meu rosto. Eu quero aparecer como o entusiasmado cara novo no escritório, especialmente agora. Quanto mais normal for meu comportamento nos dias imediatamente após a festa, melhor para nós dois.”

“Então você vai simplesmente me deixar aqui sozinha?”, ela perguntou.

“Claro. Eu costumo ir algumas horas aos domingos e este é apenas um domingo normal, certo querida?”, ele disse, depois continuou sem esperar por uma resposta. “Só vou estar fora por algumas horas e vou ligar para você quando estiver voltando.”

*

Kyle já estava fora tinha cerca de noventa minutos quando a dor começou. Começou profundamente em seu abdômen e irradiou para fora de lá. Jessie se levantou para pegar um remédio, mas rapidamente se sentou de novo, dominada pela súbita e penetrante agonia que sentia.

Ela tentou ficar em pé novamente, mas não conseguiu encontrar a força. Suas costas estavam gritando e ela se sentiu fraca e enjoada. Enquanto ela processava isso, começou a vomitar incontrolavelmente no tapete da sala de estar.

Ela olhou para o celular, que estava na mesa de café a três pés de distância. Parecia uma milha. Ela estendeu a mão, tentando ignorar as câibras que surgiam do nada e que estavam provocando nela grande sofrimento.

Quando a mão dela agarrou o telefone, ela entendeu que poderia desmaiar a qualquer segundo. Ela só tinha tempo de fazer uma chamada, se tanto, antes de ficar completamente incapaz. Marcou o 911 e rolou para fora do sofá enquanto o telefone tocava do outro lado da linha.

Com o telefone numa mão, ela se arrastou pelo chão, passando pelo seu próprio vômito, até a porta da frente. Parecia um oceano sujo no carpete, zombando dela. Ela baixou a cabeça e se concentrou em mover uma mão para frente, depois a outra, depois um joelho e depois o outro.

Ela acabara de chegar à porta quando uma voz apareceu na linha.

“911. Qual é sua emergência?”, uma mulher perguntou calmamente.

A porta da frente estava trancada e ela teve que colocar o telefone no chão para pegar a maçaneta. Ela se atrapalhou com isso por alguns segundos antes de conseguir pegar ela.

“Daqui fala do 911. Qual é sua emergência?”, a voz repetiu.

Jessie queria falar, mas achava que não conseguiria fazer isso e virar a maçaneta. Então ela se concentrou na última. Ela usou as duas mãos para girar a maçaneta, e, depois, se atirou para a porta, abrindo ela enquanto desabava com sua metade de cima no alpendre e a metade inferior ainda no saguão.

Seus pensamentos estavam a ficar turvos quando ouviu a voz no telefone pela terceira vez.

“Daqui fala do 911. Você está tendo uma emergência? Você consegue falar?”

Jessie tentou focar seus pensamentos na última pergunta e abriu a boca, se forçando a dizer alguma coisa, qualquer coisa. E pouco antes de cair na inconsciência, ela foi capaz de gemer uma única palavra através de seus lábios com trejeitos.

“Socorro!”

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O quarto do hospital estava frio e tranquilo. Jessie sabia que era onde ela estava, mesmo antes de conseguir abrir os olhos. O sinal sonoro regular do monitor cardíaco era um som muito familiar para ela.

Ela ficou lá por um minuto com os olhos fechados, se dando um momento para se ajustar. Ela sentia uma ligeira pressão na parte de dentro do braço esquerdo e sabia que isso provavelmente significava que ela tinha uma agulha lá espetada. O ar frio que soprava em sua boca, combinado com seus lábios rachados, sugeria que ela estava usando uma máscara de oxigênio. Ela sentia o material frágil de um vestido de hospital pressionando contra sua pele, oferecendo pouca proteção contra a frieza da sala.

Finalmente, com relutância, ela abriu os olhos. As luzes estavam apagadas e demorou alguns segundos para se ajustar. Ela estava num quarto privado. Havia uma pequena janela quadrada de vidro na porta, através da qual ela via enfermeiras circulando pelo corredor.

Kimberly Miner estava sentada numa cadeira perto da porta, adormecida, com a cabeça caída para o lado no que parecia ser uma posição extremamente desconfortável. Jessie olhou para cima, mas o monitor do coração estava virado para longe dela para que ela não conseguisse ver os números.

Ela olhou para seu corpo, coberto pelo lençol do hospital, e tentou entender sua situação. Ela não lembrava como tinha chegado aqui, mas ela sabia o porquê. A memória da dor latejante que ela tinha sentido em casa ainda estava fresca, mesmo já se tendo desaparecido. Ela se recusou a especular sobre o que isso poderia significar.

Ela viu movimento na janela da porta, vendo que era Melanie Carlisle do lado de fora, conversando agitadamente com alguém fora de sua linha de visão. Eles estavam falando em altos sussurros.

Ver sua amiga encheu Jessie com um sentimento de enorme alívio. Mas isso rapidamente desapareceu quando ficou claro que Mel estava agitada com alguma coisa. Jessie tentou entender suas palavras, mas não conseguiu, por mais que se concentrasse. Essa percepção a fez considerar, pela primeira vez,

que ela poderia estar tomando algum tipo de medicação para a dor que estava entorpecendo suas percepções.

Mel entrou pela porta e colocou um sorriso no rosto, onde uma carranca tinha estado pouco antes. O som fez Kimberly se mexer em sua cadeira e abrir os olhos.

“Você está acordada”, disse ela, parecendo aliviada. “Eu não sabia o que pensar quando encontrei você na sua porta da frente.”

Jessie queria responder, mas não conseguia com a máscara de oxigênio no rosto. Ela apontou preguiçosamente para isso.

“Espere, querida”, disse Mel e, em seguida, abriu a porta e chamou em voz alta alguém no corredor. “Ela está acordada e está tentando conversar. Alguém pode vir aqui e tirar a máscara do rosto dela, por favor?”

Alguns segundos depois, uma enfermeira entrou. Ela verificou os sinais vitais e depois começou removendo a máscara. Quando ela o fez, Mel pegou na mão de Jessie e falou.

“Deixei várias mensagens a Kyle. Foram todas parar ao correio de voz, o que me faz pensar que ele desligou o telefone. Mas tenho a certeza de que ele as receberá em breve e estará aqui imediatamente.”

Jessie tentou responder, mas sua garganta estava seca e ela só tossia.

“Você pode pegar um pouco de água, por favor?”, Mel perguntou à enfermeira, que assentiu e começou a encher uma xícara com um canudinho.

Só então o médico entrou. Ele era jovem e seus olhos estavam focados na ficha em suas mãos, que estavam tremendo ligeiramente. Jessie se deu conta que ele não queria olhar para ela.

“Olá, Senhora Hunt”, disse ele, finalmente olhando para ela quando não tinha escolha. “Eu sou o Dr. Farah. Eu sei que você deve estar desorientada e assustada. Primeiro, me deixe dizer que você não sofreu nenhum dano permanente. Você vai passar aqui a noite para ficar sob observação. Mas você poderá ir para casa amanhã.”

Ele estava falando rápido, como se esperasse que a velocidade de suas palavras a distraísse da pergunta óbvia, para a qual ela já suspeitava qual seria a resposta.

“O bebê?”, ela conseguiu dizer.

O médico olhou para Mel, que se aproximou e agarrou a mão dela. Os olhos do Dr. Farah caíram novamente na ficha antes de aparentemente se lembrar de fazer contato visual.

“Sinto muito em dizer isso a você, mas temo que tenha tido um aborto espontâneo, Sra. Hunt.”

Mel apertou a mão dela. Ela mal sentiu isso.

“Eu sinto muito, querida”, ela sussurrou baixinho.

“Ainda bem que você ligou para o 911”, disse o Dr. Farah. “Você estava com hemorragia e, se não tivesse sido tratada, poderia estar em risco também. Eu sei que não é muito conforto. Mas você deve ser elogiada pelo seu raciocínio rápido. Sei que deve ter sido difícil pensar em tudo com a dor que você deve ter tido.”

“Dano permanente?”, ela perguntou com uma voz rouca, tentando obter respostas antes de adormecer completamente, o que ela poderia dizer que estava iminente.

Ele pareceu entender o que ela estava perguntando.

“Em termos de futuras gestações, é um pouco cedo para ter certeza. Mas estou otimista de que você será capaz de tentar novamente.”

“Razão?”, ela murmurou, sentindo a angústia começando a se aproximar dela e tentando desesperadamente controlar ela por um pouco mais de tempo.

O Dr. Farah suspirou, claramente relutante em falar disso.

“Razão?”, ela disse mais alto, com sua voz seca ressoando nas paredes.

“É difícil saber esse tipo de coisa com certeza”, disse ele. “Seu trabalho de laboratório inicial foi inconclusivo, embora estivesse claro que seu nível de hormônio do estresse estava elevado. Mas não podemos tirar muitas conclusões disso. Nós teremos mais resultados nos próximos dias. Mas você deve se preparar para a possibilidade de nunca sabermos definitivamente porque isso aconteceu.”

“Obrigada, doutor”, Jessie sussurrou antes de começar a chorar. Seus olhos ficaram tão cheios de lágrimas que ela não conseguia ver mais nada para além de cores pouco nítidas. Ela ouviu um gemido alto e, embora não pudesse ter certeza, supôs que era seu. Seu corpo começou a se rebelar, se convulsionando involuntariamente em espasmos de pesar.

“Deem sedativos a ela!”, ela ouviu o Dr. Farah dizer de algum lugar distante. Ela queria dizer a ele para não o fazerem, para deixarem ela sentir isso, deixarem que ela sofresse. Era parte de sua penitência pelo que ela tinha feito. Mas antes que ela conseguisse dizer alguma coisa, as cores se tornaram negras e o mundo dela também.

Quando Jessie acordou na manhã de terça-feira, decidiu que sairia da cama. Exceto pelos intervalos no banheiro, ela não tinha saído da cama desde que Kyle a tinha levado do hospital para casa na manhã anterior.

Ela tinha recebido ordens para ficar em repouso por vinte e quatro horas. E apesar de ela estar um pouco relutante com isso, ela não conseguia ficar escondida no quarto com seus pensamentos e pouco mais por mais um segundo.

Kyle tinha apoiado, mas com contenção. Ele estava sempre lá com gelatina, sopa, chá ou medicamentos. E ele se comportava de acordo com os padrões comuns que alguém poderia esperar de alguém nessa situação. Mas ela sabia que ele estava desapontado. Seus olhos, geralmente brilhantes e focados, estavam apagados e apáticos. Ele parecia estar lutando para reunir a energia para a consolar. Ela não o culpava. Ele também havia perdido algo.

Jessie esperou que Kyle saísse para o trabalho para se vestir. Ele já havia faltado na segunda-feira para ficar em casa com ela e era óbvio que ele estava preocupado com o que estava a acontecer no escritório em sua ausência. Mas ela sabia que, se ela lhe tivesse dito que planejava ir à aula hoje, ele teria hesitado e insistido em ficar em casa com ela.

Portanto, ela não disse nada. Quando ele saiu, ela lentamente percorreu sua rotina. Jessie conseguia se mover, mas tudo demorava mais que o normal. Quando ela ficou pronta para sair, já estava atrasada para a aula.

Enquanto dirigia, Jessie tentava manter seus pensamentos nos assuntos acadêmicos. Ela dizia a si mesma que, na verdade, era o dia perfeito para ela voltar para a escola. Essa aula supostamente teria o detetive da divisão do centro da cidade. Ela estava aliviada por ter algo novo e intrigante onde focar seu cérebro, em vez de ter os pensamentos sombrios que ricochetearam dentro de sua cabeça quando ela tinha um tempo de sossego e de silêncio. E, pelo menos na escola, ninguém sabia o que havia acontecido com ela, pelo que ela não teria que lidar com mais rostos de pena dos simpatizantes.

Quando chegou à sala de aula, ela estava cinco minutos atrasada. Ela se sentou no canto enquanto o Professor Hosta fez uma careta de frustração para ela. Felizmente, ele estava a repetir os requisitos das teses novamente, algo que ela já tinha feito, pelo que não tinha perdido nada excitante.

Ele continuou por mais alguns minutos antes de apresentar o homem que estava sentado em silêncio na cadeira atrás dele. Jessie não conseguia

propriamente ver o cara porque o professor estava bloqueando sua visão, mas ela escutou com interesse sua introdução.

“Turma, agora que já tratamos da parte obrigatória, eu gostaria de apresentar o homem pelo qual eu sei que vocês vieram aqui hoje. Detetive Ryan Hernandez, da divisão do centro da cidade do Departamento da Polícia de Los Angeles. Ele trabalha na Divisão de Roubos e Homicídios, numa unidade especial chamada SEH. Deviam perguntar a ele o que isso significa. Então, sem mais delongas, por favor, dêem as boas-vindas ao Detetive Hernandez.”

A turma aplaudiu quando o detetive se levantou, permitindo a Jessie dar sua primeira olhada nele. Sua primeira reação foi que ele era jovem para um detetive de uma unidade que soava ter algum prestígio. Ela duvidava que ele fosse muito mais velho que ela, talvez trinta no máximo.

Ele não era muito imponente à primeira vista. Talvez tivesse seis pés de altura e cento e noventa libras de peso. Seu cabelo preto era curto, não tipo militar, mas perto. Seus olhos castanhos estavam alerta, observando os estudantes enquanto subia no palanque.

Quando ele chegou lá, ele colocou as mãos nas laterais do palanque. Jessie viu seus antebraços musculosos flexionados dos cotovelos até os pulsos. Mesmo seus dedos, incluindo o da aliança de casamento de ouro, pareciam fortes.

Jessie também não pôde deixar de notar que, sob o uniforme no torso, não parecia haver um pinga de gordura. Antes de abrir a boca para falar, ele sorriu amigavelmente e Jessie pôde sentir a sala inteira relaxar. Ela se perguntou se ele tinha pensado em ser ator ou modelo antes de se decidir pela aplicação da lei.

“Ei pessoal”, disse ele num tom autoritário, encantador. “Meu nome é Ryan. Mas podem me chamar de Detetive Hernandez.”

O Professor Hosta soltou uma gargalhada, mas o resto da turma permaneceu em silêncio.

“Já vi que não foi boa ideia começar com uma piada”, disse o Detetive Hernandez. “Como o professor de vocês indicou, eu trabalho nos Roubos e Homicídios no Departamento da Polícia da Los Angeles. Eu estive na polícia por oito anos, cinco como detetive e dois com o SEH. Para poupar vocês, vou dizer o que isso significa. SEH significa Seção Especial de Hollywood. Nosso trabalho é percorrer a cidade e eliminar, permanentemente, se

necessário, fãs de celebridades excessivamente entusiasmados. É uma nova unidade bastante sigilosa, portanto, por favor, mantenham ela secreta.”

Desta vez foi Jessie quem riu, apesar de seus melhores esforços para se controlar. Os outros estudantes a olharam como se ela tivesse cuspidos num padre.

“Rapaziada”, disse o Detetive Hernandez, abanando a cabeça, desapontado. “Eu conto quinze pessoas nessa sala e minhas duas primeiras piadas só tiveram efeito em dois de vocês. Estou pensando que talvez precise recuperar meu dinheiro daquela aula de improvisação.”

“Você deveria os processar”, disse Jessie.

Hernandez olhou para ela com apreço.

“Vou levar isso em consideração, senhora”, disse ele antes de se dirigir a toda a classe. “Agora a sério, SEH significa Seção Especial de Homicídios. Isso significa que investigamos casos com grande relevância e cobertura intensa da imprensa. Também investigamos incêndios criminosos, homicídios envolvendo múltiplas vítimas e casos de assassinos em série.”

Houve um murmúrio coletivo entre a classe, mas ninguém falou, e, portanto, ele continuou.

“Antes de falar, achei que seria interessante fazer um pequeno estudo de caso. Afinal, este é um ambiente acadêmico. Quando terminarmos e todos vocês estiverem um pouco menos impressionados, nós poderemos ter a sessão de Perguntas & Respostas pela qual vocês estão ansiosos. Professor Hosta, você pode diminuir as luzes, por favor?”

Enquanto Hosta fazia o que tinha sido pedido, o Detetive Hernandez abriu o computador portátil e pressionou uma tecla. Uma tela em branco apareceu no quadro branco na frente da sala.

“O que estou prestes a apresentar a vocês é um caso real, embora os nomes reais tenham sido deixados de fora para proteger a privacidade dos envolvidos. Esta é a família 'Smith'.”

No tela apareceu um menino com cerca de cinco anos e, em seguida, uma garota que parecia ter sete. Ambos tinham cabelos claros e olhos azuis. Depois disso, apareceu uma imagem de uma mulher atraente, com cabelo loiro escuro e olhos azuis em seus trinta e poucos anos. E finalmente um homem de quarenta e poucos anos apareceu. Ele era careca, com uma longa cicatriz escorrendo pelo lado esquerdo do seu rosto bem barbeado, do ouvido até a mandíbula. Ele tinha algum tipo de tatuagem no pescoço, mas não era claramente visível na foto.

“Esta unidade familiar é relativamente recente. Um dos progenitores ficou viúvo tem vários anos e depois se casou novamente. Infelizmente, houve um lapso no julgamento, uma vez que a nova esposa tinha um histórico de se insinuar na vida de famílias que tinham acabado de perder alguém e fazer com que se apaixonassem loucamente por ela.

“Então, quando tudo parecia estar predestinado a ser feliz para sempre, o novo cônjuge matava o resto da família, limpava contas bancárias, roubava qualquer coisa de valor e desaparecia no éter. Foi isso que aconteceu nesse caso, cerca de quatro anos atrás. Foi o terceiro incidente que temos conhecimento. Felizmente, a agressora foi presa e atualmente cumpre uma sentença de prisão perpétua para que vocês consigam dormir tranquilos esta noite.”

Ninguém na turma se sentiu especialmente à vontade com essa notícia. Além de algumas mudanças desajeitadas em seus assentos, todos permaneceram em silêncio. Hernandez continuou.

“Vou distribuir uma ficha com informações básicas sobre os envolvidos. Depois, vou dar a vocês cinco minutos para ver se alguém consegue adivinhar como o agressor foi apanhado. Parece divertido?”

Enquanto Jessie esperava para obter sua ficha, ela ficou estudando os rostos na tela. Ela sentiu uma inexplicável coceira no cérebro, como se ela devesse estar pegando algo que estava pairando nas bordas de sua consciência. E ainda assim, ela não conseguia identificar o que era.

Alguém lhe entregou uma ficha informativa. Não havia muitos fatos. Ela analisou as idades das crianças. O menino tinha quatro anos e a garota seis. A esposa, de trinta e oito anos, trabalhava numa creche e o marido, de quarenta e dois anos, era militar aposentado que agora trabalhava como segurança. Quando ocorreram os homicídios, eles estavam casados tinha cerca de sete meses, depois de um ano de namoro.

O pai tinha sido morto primeiro, com a garganta cortada e depois esfaqueado várias vezes no peito. As crianças apenas tiveram suas gargantas cortadas. Os corpos foram descobertos no dia seguinte, quando nem as crianças nem o pai falecido apareceram na escola e no trabalho. Momento esse em que o assassino já tinha ido embora. Essa era toda a informação disponível.

Jessie releu as anotações e olhou para os rostos da família novamente. Havia tão pouca informação com que trabalhar que ela sabia que a solução tinha que ser bastante simples, algo que não exigia ficar debruçada sobre

arquivos durante horas. Era algo que, assim que ela entendesse, tornaria tudo mais óbvio.

Ela conseguia ouvir outros estudantes sussurrando entre si. A frase “PTSD” foi usada mais de uma vez. Um cara na frente dela refletiu que talvez o pai se sentisse emasculado indo de GI Joe a Paul Blart, Mall Cop.

“Dois minutos”, gritou o Detetive Hernandez.

Ele estava sorrindo largamente, parecendo um gato que tinha comido uma família inteira de canários. Isso apenas reforçou a suspeita de Jessie de que todo o caso era um truque.

Jessie fechou os olhos e respirou fundo, tentando tirar todas suas suposições de sua cabeça. Ela voltou ao básico, mas não o básico do caso - o básico do Detetive Hernandez. Era ele que os estava tentando enganar e era ele que tinha total controlo sobre como a informação havia sido apresentada a eles. Ele não era confiável para os propósitos deste estudo de caso. Jessie duvidava que ele desse a eles informações falsas explícitas. Isso não seria justo. Mas ele poderia sombrear os fatos como quisesse.

Como ele podia fazer isso?

E então, de repente, ela entendeu o que o detetive tinha feito - um movimento tão casualmente sorrateiro que era quase imperceptível. Ela olhou para a tela novamente, reprocessando a informação que tinha recebido à luz de sua percepção, e uma teoria começou se infiltrando.

“O tempo acabou”, disse o Detetive Hernandez enquanto o Professor Hosta acendia as luzes. Os rostos no quadro branco eram mais difíceis de ver agora, mas Jessie ainda conseguia distinguir seus contornos. Olhar para eles a partir dessa nova perspectiva apenas reforçou sua hipótese em rápida evolução. Ela olhou de volta para a folha de dados para verificar mais uma coisa. Batia certo. Ela estava quase certa de que sabia agora o que tinha acontecido, ou pelo menos como a aula tinha sido concebida.

“Sem mais discussão”, instruiu o Professor Hosta, castigando duas jovens mulheres conversadoras no canto da frente da sala.

“Alguma ideia sobre o que aconteceu?”, Detetive Hernandez perguntou. “Se sintam à vontade para as dizerem gritando. Nós trabalhamos de forma colaborativa no SEH. Brainstorming é uma grande parte do que fazemos. Não tem razão para que não seja assim aqui também.

“O pai ficou louco”, disse ansiosamente o cara na frente de Jessie. “Você não disse na ficha informativa quanto tempo tinha desde que ele tinha deixado o exército. Imagino que ele estivesse desempregado há algum tempo

depois de ter saído, e tivesse que obter o que considerava um trabalho de segurança humilhante para ajudar a sustentar a família. Isso foi demais para seu ego e um dia ele perdeu a cabeça. Talvez a esposa tivesse dito algo que tivesse levado ele a fazer isso. Foi por isso que ele a esfaqueou muito. Ele não tinha a mesma raiva em relação às crianças, por isso ele apenas cortou suas gargantas.”

“Isso não explica a natureza em série do crime”, salientou uma das garotas tagarela na frente. “O Detetive Hernandez disse que essa foi, pelo menos, a terceira vez que isso aconteceu. Portanto, duvido que ele tenha simplesmente se passado. A ficha informativa não dizia *como* ele tinha deixado o exército. Aposto que ele foi dispensado de forma desonesta, saltando de cidade em cidade, exaltando seu orgulho de ser soldado. Isso seria muito reconfortante para uma mãe solteira e viúva. Ela poderia dispensar a cicatriz em seu rosto, um sinal óbvio de que ele estava perturbado e provavelmente se envolvendo em muitas brigas, se isso significasse que ela tinha alguém em quem se apoiar. Infelizmente, parece que pelo menos três mulheres depositam sua confiança no cara errado.”

Continuou assim por muito mais tempo - pessoas lançando teorias e o Detetive Hernandez escrevendo versões abreviadas delas no quadro branco. Jessie notou que ele se certificou de não escrever nos rostos dos membros da família. Alguns poderiam ter pensado que era por respeito, mas ela suspeitava que havia outro motivo.

“Estamos quase sem espaço no quadro”, disse ele. “Alguém quer lançar uma teoria de última hora antes de eu dizer se alguém acertou?”

Jessie olhou ao redor da sala. Todos pareciam ou confusos ou satisfeitos por já terem dado a resposta correta.

Ela levantou a mão.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Hernandez estava prestes a falar, mas vendo o braço de Jessie no ar, se deteve.

“Sim?”, ele disse, fazendo sinal para ela.

“Eu acho que eles pegaram o assassino enviando fotos digitalmente alteradas do suspeito para potenciais locais de estabelecimentos comerciais noutras cidades.”

“O quê, para os serviços de segurança de outros centros comerciais?”, o cara na frente dela perguntou ironicamente. “Ou você acha que os agentes do FBI foram de cidade em cidade postando cartazes 'Procura-se' em praças de alimentação locais?”

Jessie sorriu docemente para ele, convencida de que sua superabundância de arrogância estava prestes a ser esvaziada. Até então, ela tinha estado hesitante em dizer muito, por medo de ser derrotada. Mas agora que alguém tinha tentado, ela se sentiu ainda mais segura dela mesma e decidiu que não havia razão para esconder isso.

“Eu duvido que fosse o FBI”, ela disse, “mais provavelmente a Interpol. E não vejo qual era o interesse de ir a shoppings. Uma aposta melhor seria pré-escolas, creches e, melhor ainda, serviços privados de referência para babá.”

“Você acha que foi a esposa?”, a garota na frente com a teoria da dispensa desonesta queria saber, incrédula. “Você acha que essa pequena coisa dominou aquele cara grande?”

Na verdade, ela bufou com a perspectiva. Jessie olhou para o Detetive Hernandez, que visivelmente não bufou, e que estava olhando para ela com expectativa, com um leve sorriso nos lábios. Isso era tudo o que ela precisava.

“Não creio que ela tenha tido que o dominar, porque ela já tinha cortado a garganta dele. Mas ela não estava preparada para o grande lutador que ele era. Ela provavelmente deveria ter se preparado. Afinal, ele tinha aquela tatuagem bem ali no pescoço, o que parece ser algum tipo de insígnia das Forças Especiais. Isso, junto com a cicatriz no rosto, sugere que ele já tinha passado por tempos difíceis. E isso foi provavelmente o motivo pelo qual ela

teve que esfaquear ele várias vezes no peito, porque a garganta cortada não foi suficiente para o matar imediatamente.”

A sala de aula estava silenciosa. Jessie, encorajada, continuou.

“Claro, isso não era necessário com as crianças. Eles confiavam nela implicitamente. Afinal, ela era sua babá tinha quase dois anos. E isso foi provavelmente como ela conquistou o coração do triste pai viúvo. Ele viu como ela era boa com as crianças e pela primeira vez se imaginou com outra pessoa.”

“Como poderia um policial do shopping pagar uma babá particular?”, o idiota na frente dela quis saber.

Jessie tentou que seu desdém por esse inútil não se notasse na sua voz.

“Você assumiu que ele trabalhava num shopping”, ela observou calmamente. “Isso não estava na ficha informativa nem em nada que o Detetive Hernandez disse. E não tem nenhuma razão para pensar que ele trabalhava. Ele era ex-militar, provavelmente numa unidade altamente treinada. Ele parece aprumado, respeitável e profissional na foto. Meu palpite é que ele trabalhava como segurança privado, talvez numa empresa. E eu estou supondo que ele tinha algum dinheiro do seguro de vida por morte de sua esposa. Não é loucura pensar que ele poderia pagar uma babá.”

“Porque você disse que a Interpol estaria fazendo a investigação?”, outro aluno perguntou.

Jessie tinha esquecido de explicar isso antes, mas estava feliz por o fazer agora.

“Se houvesse um assassino em série de uma família, especialmente uma mulher, que tivesse sido apanhada e levada à prisão perpétua, acho que alguém aqui teria ouvido falar sobre isso. Teria estado em tudo o que era notícia. Isto é, a menos que tivesse acontecido no estrangeiro. E o Detetive Hernandez disse que ela foi condenada à prisão perpétua. Se tivesse acontecido aqui, ela provavelmente estaria no corredor da morte. Mas a maioria dos países europeus não tem pena de morte.”

“Algo mais?”, perguntou o idiota, obviamente irritado pela sua teoria não ter sido bem sucedida.

“Sim, o cabelo dela está claramente tingido de loiro. E parece bem fino e seco. Como se ela tivesse pintado muitas vezes e de uma forma amadora, quase como se tivesse que fazer isso rapidamente para fins de disfarce. É por isso que as autoridades iriam enviar várias fotos, para levar em conta uma provável mudança na aparência.”

Todos se voltaram para a frente da sala.

“Ela está certa?”, o idiota perguntou.

“Sobre o cabelo pintado?”, o Detetive Hernandez refletiu. “Não sei. Mas, em geral, sim. Essa mulher foi capturada na Bélgica depois de cometer um homicídio de uma família na Suíça e dois na França. A maioria dos outros detalhes estava correta, embora o marido não fosse das Forças Especiais. Essa tatuagem era pela sua unidade de bombas, que foi como ele pegou a cicatriz. Deram a ele uma medalha por bravura depois que ele ter perdido a mão esquerda, desarmando uma. Foi por isso que ele deixou o serviço. Excelente trabalho.”

“Obrigada”, disse Jessie, com o rosto ficando vermelho.

“Posso perguntar como você chegou até lá?”

“Claro. Eu gostaria de poder dizer que foram os fatos do caso, mas, na verdade, foi mais você. Eu notei que as duas crianças tinham o nariz e a boca do pai, mas isso só depois que eu comecei pensando que ele era a vítima. Uma dica foi que você colocou as fotos das crianças primeiro, depois a da madrasta e finalmente a do pai, o que dava a impressão de que ele era o mais novo membro da família, mesmo que você nunca tenha dito isso.”

“Oh sim”, disse o idiota, como se fosse sua descoberta.

Jessie o ignorou e continuou.

“Então comecei pensando em como você os descreveu. Você nunca disse o gênero da vítima ou do agressor. Inicialmente, pensei que você estava apenas a ser formal. Mas, retrospectivamente, isso me pareceu tão estranho que teve que ser intencional. A ficha informativa também não era específica. E então me lembrei que você disse que o assassino havia sido pego e condenado. Assim não fazia sentido que você não pudesse usar seus nomes. Não havia necessidade de proteger a privacidade de ninguém. O caso estava no registro público. Então tinha que haver outra razão para você estar a ser tão cauteloso com isso. Depois que dei o salto de que ela era a assassina, o resto começou a se encaixar.”

“Bem, tenho que dizer, minha senhora...”

“Jessie”, ela corrigiu.

“Tenho que dizer, Jessie, que nos três anos em que tenho apresentado este estudo de caso, você é apenas o segundo aluno a chegar à conclusão correta. Parabéns.”

“Obrigada”, disse ela, corando pela segunda vez.

“Também é desnecessário dizer”, disse ele, agora se dirigindo a toda a turma, “que esse caso é instrutivo em relação a algo que nós, como agentes da lei, não podemos nunca nos distrair - fazer suposições. Todos nós entramos nessas situações com preconceitos sobre as pessoas envolvidas. Mas é nosso trabalho, e será trabalho de vocês, colocar os preconceitos de lado para que consigam se concentrar mais claramente e ver o que está acontecendo de verdade. Obrigado pelo tempo de vocês.”

A turma aplaudiu e ele se virou para o Professor Hosta dando a palavra a ele.

“Obrigado, detetive. E bom trabalho, Senhora Hunt - acrescentou o Professor Hosta. “Eu gostaria de usar o tempo que nos resta para deixar que vocês façam ao Detetive Hernandez todas as perguntas que vocês guardaram até agora. Pode ser, Ryan?”

Hernandez concordou com a cabeça e foi quase imediatamente agredido com uma série de perguntas, que respondeu em rápida sucessão. Ele tinha crescido na zona este de Los Angeles e tinha estado, na verdade, numa quadrilha durante boa parte de sua adolescência. Ele entrou para a academia de polícia depois que seu irmão mais novo foi assassinado numa esquina e o assassino nunca foi encontrado. Aparentemente, a investigação foi superficial, na melhor das hipóteses, o que o motivou a buscar justiça para sua comunidade.

Ele já estava trabalhando na batida policial tinha mais de três anos quando participou na investigação da cena de um homicídio e descobriu algumas pistas que tinham escapado aos detetives. Essas pistas ajudavam a ligar o homicídio a um assassino em série que operava na cidade tinha anos. Ele foi designado para a equipe que investigava o caso e desempenhou um papel na apreensão do assassino, um homem chamado Bolton Crutchfield, que atualmente era mantido num hospital psiquiátrico.

Ele foi promovido a detetive e depois designado para a SEH, onde servia desde então. Em resposta a uma das garotas tagarela na frente, ele revelou que era casado, mas não tinha filhos, embora esperasse que isso mudasse algum dia.

“Esse é todo o tempo que temos hoje”, disse Hosta dando um passo à frente.

Jessie olhou para o relógio. A aula tinha terminado. Tinha passado voando. Os alunos começaram saindo, embora muitos parassem para

conversar com Hernandez. Parte de Jessie queria ficar ali também. Ela tinha muitas perguntas sobre o trabalho dele.

Mas ela também se lembrou que apenas quatro dias antes, ela havia matado uma mulher inocente num incidente sob efeito de álcool do qual ela nem se conseguia lembrar. Talvez conversar com um detetive de homicídios não fosse a melhor coisa a fazer nesse momento.

Então, dolorida por ter ficado sentada muito tempo, Jessie cuidadosamente desceu os degraus e foi na direção da porta. Ela estava quase lá quando o Professor Hosta a parou.

“Muito bem, Senhora Hunt. Eu tenho que admitir que teria ficado muito desapontado se você não tivesse resolvido o mistério. Por um tempo tive minhas dúvidas.”

“Eu também, professor”, ela admitiu, esperando encurtar a conversa e sair rapidamente.

“Você está animada para sua reunião final com nosso amigo em Norwalk?”, ele perguntou. “Ouvi dizer que ele é surpreendentemente receptivo ao conversar com você.”

Jessie mordeu o lábio. Ela não sabia porque fora autorizada a entrevistar Crutchfield. Mas era claramente uma decisão do Painel. E apesar das pretensões de esquecimento de Hosta, Jessie estava cada vez mais desconfiada que ele poderia ser um membro. O que quer que estivesse a acontecer, ela não queria revelar o quanto ela suspeitava. Então, ela representou a imagem da estudante de pós-graduação entusiasmada, mas ingênua.

“Estou ansiosa por isso, Professor. Eu aprendi muito até agora. Obrigada por correr riscos por mim.”

“O prazer foi todo absolutamente meu”, disse ele, claramente lisonjeado.

Jessie sentiu um leve tapinha no ombro. Ela se virou e deu de cara com o Detetive Hernandez, que sorria para ela.

“Eu só queria dizer bom trabalho. Foi bom ouvir como você colocou todas as peças do quebra-cabeça no lugar. Eu acho que você pode ter escolhido o ramo de trabalho certo.”

“Obrigada”, ela respondeu, meio emocionada, enquanto sentia seu estômago nervosamente às voltas, reconhecendo que ela estava olhando nos olhos de um homem cujo trabalho era pegar pessoas envolvidas em crimes - pessoas como ela. Ela se perguntou o quanto sua linguagem corporal a estava

denunciando naquele exato momento. Felizmente, tinha lá vários alunos, incluindo as garotas tagarelas, esperando impacientemente para falar com ele.

“Parece que você está saindo e eu acho que vou ficar preso aqui por um tempo”, disse ele. “Mas aqui está meu cartão. Por favor, mantenha contato comigo. O departamento precisa sempre de bons especialistas em perfis criminais, mesmo os com pouca experiência. Tenho a certeza de que poderíamos encontrar uma maneira de usar seus talentos.”

“Muito obrigada. Farei isso”, disse ela, sentindo gotas de suor escorrendo por suas costas abaixo. “Mas você está certo. Eu tenho que ir. Mais uma vez, obrigada por ter vindo. Foi realmente... instrutivo.”

Ele abriu a boca para responder, mas ela já estava do lado de fora da porta antes dele conseguir dizer mais alguma coisa. Quando Jessie atravessou para o outro lado do campus, entrou num banheiro e se enxugou. Mesmo com respirações profundas, foram precisos mais de dez minutos até que seus ombros se relaxassem e sua frequência cardíaca voltasse ao normal.

*

Jessie estava a meio caminho de casa quando o advogado do divórcio ligou de volta. Ela deixou a ligação ir para o correio de voz e ouviu a mensagem pedindo para ela ligar de volta quando fosse mais conveniente. Quando terminou, ela apagou a gravação e o registro da chamada. Ela não tinha a certeza se queria mais o divórcio. E na verdade, isso não importava de qualquer maneira.

Não havia como ela conseguir se divorciar agora. Kyle tinha apoiado ela nos últimos dias. Mas ela imaginava que isso não continuaria se ela apresentasse a ele os papéis. O que faria ele nessa situação? Ele poderia em teoria revelar o que ela tinha feito? Não parecia o momento ideal para afastar ele.

Sacudindo o pensamento de sua cabeça, ela desviou na direção do Porto de Balboa. Jessie não sabia o porquê, mas sentiu um forte desejo de ver a água. Ela estacionou no topo da colina e desceu os mesmos degraus íngremes que descera na primeira visita ao clube com os Carlises, enquanto Daughton gritava 'boom!', a cada passo.

O tempo havia mudado desde aquela manhã e o frio estava agora francamente frio. Os ventos do oceano passavam por Jessie que fechou o

casaco até ao pescoço. Quando ela chegou lá em baixo, olhou para as ondas que lentamente rolavam e batiam contra o cais.

A paisagem enviou seus pensamentos de volta para outro momento quando ela estava sobre uma massa de água. Ela tinha estado tentada a pular nesse dia também. Mas naquela época tinha sido para se salvar. Hoje podia ser para acabar com sua vida.

Como isso tinha acontecido tão rápido? Poucas horas atrás, ela estava no topo do mundo, resolvendo um mistério que tinha deixado o resto de sua turma perplexa. Agora ela estava olhando para seu reflexo na água, contemplando um casamento machucado, a perda de seu filho não nascido, e o fato de que ela havia matado alguém, uma garota cujo sobrenome ela nem sabia.

Jessie sabia que era sua depressão tomando posse e que ela precisava combater isso com razão e muito em breve com medicação. Mas nesse momento tudo o que ela conseguia fazer era olhar fixamente para o azul e contemplar como seria libertador acabar com toda a angústia que sentia.

“Tem uma sereia aí em baixo?”, uma voz familiar perguntou.

“O quê?, Jessie perguntou, olhando para cima e vendo Melanie Carlisle, usando roupa de treino, olhando com curiosidade para ela.

“Você parecia estar estudando essa água tão de perto. Eu pensei que talvez houvesse uma criatura mágica logo abaixo da superfície.”

“Não”, disse Jessie, tentando afastar o manto de desespero que tinha envolvido ela. “Apenas algas. Mas você sabe, às vezes isso pode ser legal também.”

“*Uh-uhm*”, disse Mel, não convencida. “Como você está, querida?”

Jessie sabia que ela estava falando sobre o aborto e decidiu que não teria mal se permitir revelar uma fração do que estava sentindo.

“Estou tentado ultrapassar a situação”, ela admitiu, com lágrimas indesejadas vindo aos seus olhos.

“Claro que sim”, disse Mel, caminhando até ela. “Estou um pouco suada, mas você se importa se eu te der um abraço?”

Jessie balançou a cabeça e abraçou Mel primeiro, apertando ela com força. Elas ficaram assim por um tempo e foi Jessie quem soltou Mel primeiro, se sentindo um pouco embaraçada. Mel olhou para ela, sorriu e tirou um fio de cabelo dos seus olhos. Depois, ela olhou para a água.

“Parece que eles finalmente limparam o lugar”, disse ela, sentindo, de alguma forma, que Jessie queria mudar de assunto.

“O que você quer dizer com isso?”

“Você sabe, depois do 'Trazer os Barcos em Festa', houve uma grande confusão nas docas e na água. Você não acreditaria em algumas das coisas chocantes que surgiram nos últimos dias.”

Todo corpo de Jessie ficou frio e rígido. Ela precisou de todo seu autocontrole para não gritar a pergunta que estava em sua cabeça. Em vez disso, ela olhou para a água com uma expressão de leve interesse, depois se virou para trás e perguntou o mais casualmente possível, “Que tipo de coisa?”

“Bem, por um lado, uma boneca sexual de corpo inteiro! A primeira pessoa que a viu, uma qualquer jararaca aposentada, pensou que era um corpo humano e se assustou, começou a gritar, quase tendo um ataque cardíaco. Eu adoraria saber a história de como isso entrou lá. “

“Sim, eu também”, concordou Jessie, aliviada.

“Muito bem, querida”, disse Mel numa voz que sugeria que ela tinha terminado. “Se você acha que você está bem, vou continuar minha caminhada. É meu treino do dia e já sinto o suor começando a secar nesse frio. Isso não é um bom sinal. Além disso, quero voltar para casa. Teddy tem estado uma pilha de nervos ultimamente e eu estou preocupada que ele possa acidentalmente atear fogo na casa. Você se importa?”

“Claro que não. Pode ir”, Jessie insistiu. “E Mel, obrigada.”

Mel atirou um beijo rápido a Jessie e foi-se embora, andando rápido pelo caminho do porto em direção à marina. Jessie caminhou lentamente atrás dela até que encontrou um local de onde ela conseguia ver claramente o afloramento de rocha, onde Kyle tinha despejado o corpo de Natália. A essa distância, parecia uma pequena e inofensiva saliência no oceano, e não o lugar de descanso final de uma garota que merecia algo melhor.

Ela sentiu que estava escorregando de novo e tentou afastar esse pensamento. Seu telefone tocou e ela atendeu imediatamente, feliz pela distração. Era a enfermeira do consultório de Obstetrícia-Ginecologia. Sua voz era vigorosa e Jessie levou um segundo para entender porquê. Ela não sabia sobre o aborto. Aparentemente, o médico do serviço de urgências de Westport Beach ainda não tinha informado ela e eles não tinham nenhuma ideia do que tinha acontecido.

“Recebemos o resultado da análise ao sangue para o teste do sexo do bebê que você pediu”, disse a enfermeira. “Você vai ter um rapaz!”

“Obrigada”, Jessie disse, desligando sem outra palavra.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Jessie se sentiu deslizando de volta para o lugar escuro. Tentando desesperadamente se agarrar à borda do abismo emocional, Jessie procurou em sua mente qualquer coisa para mudar seu foco, para afastar dela o terrível conhecimento de que nunca iria conseguir conhecer seu pequeno homem que poderia ter sido seu orgulho e alegria. Seus joelhos se dobraram e ela agarrou o corrimão da doca em busca de apoio.

Ela ficou lá, tentando lutar contra a hiperventilação que ela estava sentindo e que estava se apoderando dela, quando ouviu uma notificação tocar em seu celular. Ela foi ver, feliz por ter qualquer coisa para além dela mesma em que se focar.

Era uma mensagem do Professor Hosta: “Lembrete - última entrevista a Crutchfield”.

Isso era suficiente para acalmá-la. Ela tinha seu encontro final com Bolton Crutchfield amanhã.

“Você precisa se preparar”, disse ela em voz alta.

Então, durante o resto da caminhada de volta para o carro, o caminho para casa e o restante da tarde até Kyle chegar em casa, ela manteve o equilíbrio se concentrando em Crutchfield e na persistente pergunta que ainda tinha para ele, a pergunta que ela tinha que encontrar alguma maneira de colocar. A certo ponto, ela até quase que riu ao pensar que estava sendo salva da miséria por uma reunião com um assassino em série.

Quando Kyle chegou, ela se sentiu quase normal novamente. Ela havia feito o jantar e até mesmo uma torta. Kyle agradeceu mas mal pareceu notar. Ele ainda fez todas as perguntas padrão - como ela se sentia? Se precisava de alguma coisa?

Mas ele parecia distraído, como se seu foco estivesse noutro lugar. Ele brincava distraidamente com a carteira “\$” que Teddy tinha dado a ele, rodando-a repetidamente com os dedos. Aparentemente, um dia de volta ao trabalho tinha sido tudo o que ele precisava para voltar ao seu antigo eu viciado em trabalho. Era quase como se nada - matar Natália, o aborto espontâneo - tivesse acontecido.

*

No dia seguinte, Jessie se sentou na seção de visualização da cela de Bolton Crutchfield, esperando nervosamente que ele voltasse. Ele tinha sido levado para seu banho semanal obrigatório. Com todas as precauções de segurança necessárias, o processo levou uma hora. A Agente Gentry disse a Jessie que podia esperar por ele no escritório dela, mas ela achou que poderia lhe dar uma vantagem estar esperando no espaço dele quando ele voltasse.

Quando Crutchfield entrou, não pareceu surpreendido por encontrar ela lá, embora Gentry tivesse dito a ela que a visita seria inesperada. Ele caminhou até à cama como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo e casualmente se sentou.

“Tão bom ver você de novo, Senhorita Jessie”, ele demorou, se arrastando nos “ee” de seu nome. “Onde nós estávamos?”

“Infelizmente, esta será nossa última visita, Senhor Crutchfield. Minhas aulas práticas estão quase completas e acho que não estou autorizada a vir para além de hoje. Portanto, teremos que aproveitar ao máximo o tempo restante.”

“Que pena”, ele respondeu. “E agora que finalmente nos estávamos a conhecer.”

“Você sente que me conhece?”, ela perguntou, sentindo que tinha uma hipótese de fazer uma pergunta antes de todo o procedimento “três por um” ser restabelecido. Ela sentiu Gentry, de pé perto da porta, se mexer e se deu conta que ela tinha entendido a tentativa também.

“Certamente”, disse Crutchfield. “Por exemplo, posso dizer que, agora, você está carregando um fardo poderoso, embora agora não seja mais físico.”

Ele riu para si mesmo com a deixa. Jessie, se dando conta do ele se estava referindo, olhou friamente para ele, se recusando a deixar que ele visse o choque e dor que tinha provocado. Ele continuou, inconsciente ou despreocupado.

“Ao início, imaginei que ter perdido o pequeno que crescia em sua barriga é que tinha deixado você abatida”, disse ele, olhando para a Agente Gentry e claramente sentindo prazer na reação que conseguiu obter dela, se não de Jessie. “Mas então eu entendi que era outra coisa que estava destruindo você.”

“Fale”, Jessie disse sem emoção.

“Com certeza”, ele respondeu, com seus penetrantes olhos castanhos perfurando Jessie impiedosamente. “Você está carregando um peso, algum tipo de culpa por algo que fez, ou pelo menos pensa que fez.”

“Como você pode ter tanta certeza disso?”, ela perguntou.

“Sem falsa modéstia, tenho um dom que me permite ver os outros com clareza. É assim como uma palpitação, sabe? É como, se você não tiver uma coceira, é muito fácil ver os outros se coçando. E você está coçando algo ferozmente, Senhorita Jessie.”

“Porquê?”, ela perguntou, ignorando o medo de que ele a fosse acusar de matar alguém naquele quarto baseado simplesmente em sua linguagem corporal.

“Sua cabeça está dizendo a você que você fez algo abominável. Mas seu instinto está a gritar outra coisa. E você não sabe em qual confiar. Isso tem consumido você toda por dentro. Bem, vou dar um conselho a você. E você sabe que eu não estou no negócio de consultoria, portanto isso deve ser bom. Confie em seu instinto, Senhorita Jessie. Confie em sua intuição. Talvez você não seja a pessoa que deveria estar se consumindo por dentro.”

Jessie olhou para ele, tentando determinar se o que ele estava dizendo era genuinamente planejado para a ajudar ou apenas outro jogo perverso. Ele era um assassino em série, afinal, ela lembrou a si mesma, não um terapeuta. Ele simplesmente olhava também para ela, com os lábios ligeiramente franzidos em dúvida, oferecendo nada.

Antes que ela pudesse tirar qualquer conclusão, uma sirene ensurdecadora disparou, a sala escureceu e uma luz vermelha começou a piscar. Jessie, que quase saltou da cadeira, não pôde deixar de notar que Crutchfield não reagiu de todo ao caos. Ele piscou depressa o olho a Jessie, mas permaneceu imóvel. Ela se virou para olhar para a Agente Gentry, que já estava no rádio.

“Relatório da situação!”, ela ordenou.

“Jackson está a ficar louco”, Cortez gritou de volta com urgência. “Ele está batendo a cabeça contra a estrutura da cama e mastigando seus pulsos com os dentes. Está jorrando sangue por toda parte.”

“Eu vou já para lá”, disse Gentry, e, em seguida, apontou para Jessie. “Você vem comigo!”

Jessie olhou para Crutchfield, cujo rosto ainda estava impassível. Mas ele parecia estar disposto a que ela entendesse alguma coisa com os olhos. Nesse momento, ela fez uma escolha. Ela pegou o bloco de anotações e se levantou.

Quando ela se virou para a porta, ela fingiu tropeçar e caiu no chão, rasgando uma folha de papel quando caiu.

“Mexa-se, agora!”, Gentry ordenou, ajudando Jessie a se levantar. Jessie se deixou ser puxada para cima, rapidamente amassando o papel numa bola apertada quando a policial a puxou para fora do quarto. Quando chegaram à porta, Jessie tropeçou novamente e “acidentalmente” bateu no batente da porta. Quando ela usou a mão esquerda para se apoiar, ela enfiou o papel na ombreira da fechadura. Uma vez no corredor, Jessie se forçou a focar sua atenção em Gentry e não na porta se fechando atrás dela.

“Vá para o posto de segurança”, ordenou Gentry. “Fique aí até que isso esteja resolvido. Entendeu?”

“Entendi”, Jessie disse, assentindo.

Ela foi nessa direção e Gentry correu para o lado oposto. Só quando teve certeza de que a outra mulher estava fora de vista é que ela deu meia volta e regressou para a porta de Crutchfield. Sem parar para pensar, ela agarrou a maçaneta e puxou com força. Abriu sem dar luta.

Para sua surpresa, Crutchfield não estava mais sentado na beira da cama, mas em pé perto da divisória de vidro com uma expressão de expectativa no rosto. Ele não falou. Em vez disso, mexeu um único dedo para ela se aproximar dele. Fingindo como se não fosse grande coisa ficar a poucas polegadas de um assassino em série, ela se apressou até ao copo, engolindo apressadamente apesar de seus melhores esforços.

“Não temos muito tempo”, disse Crutchfield com uma voz abafada, ainda trêmula, mas sem nenhum dos sotaques deliberadamente preguiçosos de antes. “Jackson só consegue manter eles ocupados por um tanto tempo. Minhas instruções eram para que ele os atrasasse durante pelo menos dois minutos, mas não tem garantia. Por isso, me faça a pergunta que você tem estado reunindo coragem para colocar tem semanas agora.”

Jessie não precisou de mais estímulos.

“Todas suas mortes são cópias”, disse ela num sussurro apressado. “Mas o homem que você está copiando encobriu os assassinatos dele queimando os corpos depois. As autoridades nunca revelaram os métodos que ele usou - eles nem estavam cientes de todos eles. No entanto, você está. Como isso é possível?”

“Acho que você já sabe a resposta para essa pergunta, Senhorita Jessie. Aquele visitante que eu tive de volta não era apenas alguém procurando uma

conversa amigável. Ele era - qual é a palavra que as pessoas usam hoje em dia - meu mentor. E ele queria verificar como eu estava.”

“Mas como vocês se encontraram?”, ela perguntou. “Como vocês se encontraram na primeira vez?”

“Eu era um admirador de seu trabalho”, disse Crutchfield.

“Entendi. Mas como você soube de início como ele tinha cometido seus crimes? Vocês não esbarraram um no outro sem querer numa lanchonete.”

“Eu acho que você sabe a resposta para isso também, Senhorita Jessie. Mas eu vou brincar com você. Eu tive acesso à declaração da única testemunha sobrevivente de seus crimes, uma garotinha chamada Jessica Thurman. Ela era apenas muito pequenina na época, com cerca de seis anos de idade. E as coisas que ela descreveu eram tão terríveis que os policiais pensaram que ela estava tendo pesadelos por causa do que ela tinha passado. Eles pensaram que ela tinha ido e criado um bicho-papão para explicar o que não conseguia entender corretamente. Eles escreveram tudo, mas na verdade não acreditaram nela. Era demasiado louco. Mas *eu* acreditei nela. E fui procurar o artista cujo trabalho ela tinha ilustrado com tanta clareza vívida. E eu o encontrei, Senhorita Jessie. Eu encontrei seu bicho-papão e ele me ensinou seu ofício. Talvez nem todos seus truques, mas a maioria deles - os verdadeiramente bons, pelo menos.”

“Então ele está vivo?”, Jessie perguntou mais para si do que para Crutchfield. “Depois de todos esses anos, ele ainda está vivo?”

“Vivo e de boa saúde, como a música diz.”

“E ele sabia que eu viria ver você um dia destes?”, ela pressionou. “Que eu veria as semelhanças entre seus crimes e os dele?”

“Efetivamente, Senhorita Jessie. Ele sabia que algum dia você reconheceria sua obra. Ele sabia que você iria encontrar uma maneira de chegar até mim. Ele deixou comigo uma mensagem para você. Você quer saber a mensagem?”

Jessica assentiu. Mas então, a porta se abriu atrás dela. Ela se virou para ver Gentry e Cortez indo em sua direção. Rapidamente voltou-se para Crutchfield.

“Me diga”, ela exigiu.

Mas antes que ele conseguisse responder, ela se sentiu sendo empurrada por trás. Seu rosto ficou encostado contra o vidro e ela sentiu suas mãos sendo algemadas atrás das costas. Crutchfield se abaixou e, por um breve momento, ela achou que ele poderia sussurrar a mensagem. Mas em vez

disso, ele se inclinou e beijou o vidro onde a bochecha dela estava pressionada , e, depois, recuou.

“Me conte!”, ela gritou quando foi puxada para trás à força. Mas tudo o que ele fez foi observar solenemente enquanto ela era arrastada para fora da sala.

CAPÍTULO VINTE E SETE

“Eu podia mandar prender você!”

Jessie estava sentada numa cadeira no escritório de Gentry, com a mão esquerda algemada a um cano perto da parede. O oficial reviu o vídeo da troca de Jessie com Crutchfield várias vezes. Mas por causa das sirenes e do quão perto eles estavam um do outro, o áudio era inútil. Claramente frustrada, ela agora estava recorrendo a ameaças.

Jessie entendeu a frustração dela e tentou não a exacerbar. Em vez disso, possivelmente pela quarta vez, ela se desculpou.

“Lamento. Eu não me apercebi que era uma violação voltar lá. A porta estava destrancada e pensei ter ouvido ele pedindo ajuda.”

“Pare simplesmente !”, Gentry gritou. “Você está apenas piorando as coisas para si. Você foi explicitamente informada sobre as regras de interação com os presos, toda vez que você foi lá. A porta não estava aberta. Encontramos o maço de papel no batente da porta. Você colocou ele lá. Ele nunca pediu ajuda. Ele sabia que você voltaria. Ele estava esperando por você. E vocês falaram calmamente durante quase um minuto antes de eu voltar. Porque é que eu não devia prender você por ajudar e apoiar um prisioneiro? Como sei que você não estava tentando ajudar ele a fugir?”

Jessie olhou para a mulher à sua frente, que obviamente estava furiosa. E, no entanto, Gentry não ligou para a polícia. Ela não tinha feito outra coisa senão ler a ela o regulamento sobre os motins. E esta não era a primeira vez que Jessie quebrava o protocolo. Era uma ocorrência regular. Então o que estava detendo Gentry? Porque Gentry estava dando a ela uma hipótese de explicar, mais uma vez?

“Agente Gentry, posso colocar uma questão a você?”

“O que é?, Gentry gritou, depois repetiu mais baixinho, “O que é?”

“Porque não estou num carro de polícia agora mesmo a caminho de me ser instaurado um processo na delegacia da polícia local?”

Gentry parecia que ia gritar de novo, mas conseguiu se conter. Ela se sentou e soltou um longo e profundo suspiro.

“Senhora Hunt”, ela finalmente disse, com um tom de voz quase normal agora, “eu serei honesta com você se for comigo. Porque não fazemos um acordo como o que você tinha com Crutchfield? Vamos simplesmente equilibrar um pouco mais as coisas. Digamos que você me faz uma pergunta e a seguir eu faço a você uma pergunta. Parece justo?”

“Sim”

“Ok, a razão pela qual estou relutante em prender você é esta: Crutchfield quase nunca consente em dar entrevistas. E quando o faz, a pessoa geralmente sai a chorar ou com nós na garganta. Por alguma razão, ele não parece interessado em perturbar você tanto quanto aqueles outros. Minha esperança é que a disposição dele para conversar com você possa levar a uma eventual disposição para revelar detalhes que ele guardou para si mesmo. Das dezenove vítimas que conhecemos, apenas quinze corpos foram encontrados. E pessoas mais espertas do que eu acham que ele teve muito mais do que dezenove vítimas. Talvez ele diga a você onde os outros corpos estão enterrados. Talvez ele admita outras mortes. Alguns especialistas acham que ele teve um cúmplice. Talvez ele fale sobre isso. Qualquer coisa que ele compartilhe com você é mais do que ele compartilhou com alguém em anos. Então, prefiro não excluir a única pessoa com quem ele está disposto a conversar. Mas você faz com que seja difícil não fazer isso. Isso responde à sua pergunta?”

“Sim”, admitiu Jessie. “Sim”

“Agora é minha vez. E lembre-se, você prometeu ser honesta. O que vocês dois discutiam lá?”

Jessie olhou para Gentry por um longo tempo, estudando sua cicatriz sob os olhos e a minúscula marca de queimaduras no rosto. Ela sentiu que Gentry tinha provavelmente visto coisas na guerra quase tão más quanto Jessie tinha visto aqui em casa. E, nesse momento, ela decidiu confiar nela.

“Podemos ir lá fora?”, ela perguntou baixinho.

Gentry imediatamente se levantou, soltou ela e, depois levou-a rapidamente através dos múltiplos postos de segurança até elas chegarem no estacionamento. O ar estava frio, mas o sol estava brilhando e Jessie teve que apertar os olhos para ver.

“Então?” Gentry instigou.

Jessie se atirou de cabeça, sabendo que tinha apenas que começar e continuar, se ela ia contar tudo. Ela decidiu ser honesta sobre tudo o que disse, embora planejasse excluir alguns detalhes.

“Quando eu era pequena, cresci no sudeste do Missouri, na beira do Ozarks. Meus pais se divorciaram e eu fui criada pela minha mãe. Um dia, fui seqüestrada por um homem que me levou para uma cabana isolada no meio da mata. Ele tinha várias pessoas presas lá. Ele me mostrava vídeos de como as tinha capturado. Depois, ele matava elas no porão, de maneiras indescritíveis. Ele me obrigava a assistir.”

“Oh, meu Deus”, Gentry murmurou, mas Jessie continuou.

“Depois de matar a todos, ele ia embora por alguns dias para recolher mais vítimas. Ele me deixava algemada a um poste, com um pouco de comida, um balde que servia de banheiro e um colchão sujo para dormir. Quando ele voltava, tinha mais três ou quatro pessoas e, depois, matava elas, sempre me obrigando a assistir.”

Gentry estendeu a mão na direção da parede atrás dela para se apoiar, e, depois, ficou em submissão, olhando para o chão.

“Uma de suas vítimas, uma mulher, tinha um grampo que caiu de seu cabelo. Eu o apanhei. Quando ele estava dormindo, eu consegui forçar as algemas e fugir para a floresta. Eu estava descalça e era inverno. Havia neve no chão. Eu não sabia onde estava indo, mas continuei correndo. Por fim, eu ouvi passos atrás de mim e sabia que ele estava me perseguindo. Eu cheguei a um penhasco com vista para um rio. Eu olhei para baixo. Estava tranquilamente a quinze pés de profundidade e partes do rio estavam congeladas. Ele se aproximou, mas eu estava suficientemente longe para conseguir pular antes que ele chegasse até mim. Mas eu não conseguia fazer isso. Eu simplesmente fiquei ali.”

“Ele me pegou e me levou de volta para a cabana e disse que eu tinha que assistir mais uma vez; que ele tinha algo especial para eu ver. Ele fixou meus olhos abertos com fita adesiva e disse: 'Você tem que ver, pequena joaninha. Você tem que saber a verdade.' Ele estava sempre me chamando de joaninha.”

“Enfim, ele tinha uma mulher algemada às vigas do teto. Só que dessa vez não era no porão. Estava bem ali na sala de estar, então eu sabia que essa era diferente. Ainda me lembro do som que as vigas de madeira faziam com o peso das algemas. Rangiam e gemiam, quase como se estivessem elas mesmas em sofrimento. Às vezes ainda as ouço.”

Naquele momento, Jessie se deu conta de uma coisa. Os rangidos e gemidos que ela estava ouvindo na nova casa - a origem dos quais ela tinha passado tanto tempo tentando encontrar - tinham estado sempre apenas em

sua memória. Não é de admirar que ela nunca tenha encontrado a origem dos barulhos.

Ela olhou para Gentry, que estava olhando para ela expectante. Jessie respirou fundo e continuou.

“E então vi quem era a mulher. Era minha mãe.”

Gentry se forçou a ficar em pé. Era óbvio que ela queria dizer alguma coisa, mas não conseguia encontrar nenhuma palavra.

“Tudo bem”, Jessie disse a Gentry. “Não tem nada que você possa dizer que torne isso melhor. Acredite em mim. Então ele a matou. Não vou descrever como. Quando ele terminou, ele me fez um corte do ombro até ao pescoço. Ele disse que era uma lembrança.”

Ela puxou a gola da blusa para mostrar a cicatriz rosa que se projetava de sua pele.

“E, em seguida, ele foi embora. E nunca voltou. Eu estava presa naquela cabana, a sangrar, com o corpo de minha mãe morta próximo de mim, durante três dias antes de ser encontrada por alguns caçadores. A essa altura, o fogo na lareira já havia se apagado tinha muito tempo e eu estava morrendo de fome e com hipotermia. Eles me levaram para um hospital onde fiquei durante duas semanas. Prestei depoimento na polícia. Eles encontraram alguns dos vídeos e alguns corpos queimados, mas nunca encontraram todas as pessoas que eu falei para eles. Eu acho que eles pensaram que eu tinha inventado muitas das coisas.”

“Para onde você foi depois disso?”, Gentry conseguiu perguntar. “Seu pai a acolheu?”

“Não. Ele não era desse tipo. E o FBI estava preocupado que, embora não se conhecesse nenhum suspeito para processar, esse cara pudesse vir atrás de mim para o caso dele ser alguma vez pego, para que eu não pudesse vir a ser uma testemunha. Então os US Marshals me colocaram no Programa de Proteção às Testemunhas. Fui adotada por uma família em Las Cruces, Novo México. O pai estava na agência local do FBI e o filho deles tinha morrido recentemente com câncer. Fazia sentido. Eles estavam procurando uma criança para amar. Eu precisava de um ambiente seguro longe do Missouri. Então minha vida enquanto Jessica Thurman acabou e eu comecei uma nova como Jessica Hunt. Mas eles me chamavam de Jessie porque minha mãe costumava me chamar de Jessica e isso era doloroso demais para ouvir.

“Eu sinto muito”, disse Gentry. “Eu não consigo imaginar como isso era.”

“Obrigada. Mas ainda não respondi à sua pergunta, sobre o que nós discutimos.”

Gentry assentiu, aparentemente se tendo esquecido que era o que ela originalmente queria saber.

“Ok” disse ela. “Fale para mim.”

“Os seqüestros que vi nesses vídeos e os assassinatos que vi naquela cabana eram apenas de meu conhecimento e do homem que os cometera. Eu descrevi eles em minha declaração, mas apenas de maneira geral. De qualquer forma, ninguém acreditou em mim. No entanto, Bolton Crutchfield sabia tudo sobre eles.”

“Como é que você sabe disso?”, Gentry perguntou.

“Porque os homicídios que ele cometeu foram realizados da mesma maneira”, disse Jessie. “Ele foi treinado pelo homem que originalmente cometeu os homicídios.”

“Como você pode ter certeza?”

“Porque ele admitiu isso para mim. Ele se referiu ao homem que matou minha mãe - os policiais naquela época o chamaram de O Carrasco de Ozarks - como seu mentor. Ele me disse que o homem sabia que eu ia aparecer um dia. Foi por isso que ele visitou Crutchfield nesse hospital. É o que ele tem querido o tempo todo.”

CAPÍTULO VINTE E OITO

Jessie fez a longa viagem de volta a West Port Beach, pouco consciente do trânsito à sua volta. Por mais inquietantes que fossem, as revelações de Crutchfield sobre a origem de seus crimes fortaleceram suas suspeitas mais do que derrubaram elas. Ela suspeitava disso tinha muito tempo e era reconfortante saber que essas suspeitas estavam corretas.

Havia ainda outra coisa que ele tinha dito que andava à volta em seus pensamentos; que ela não podia ignorar. Ela ainda conseguia ouvir as palavras dele ecoando em seu cérebro: “Confie em seus instintos. Talvez você não seja a pessoa que deveria estar se consumindo por dentro.”

Seus instintos estavam gritando para ela que, se ela não se lembrava de matar Natália, então ela provavelmente não tinha feito isso. Jessie tinha muitas lembranças que gostaria de bloquear para sempre. Mas elas estavam bem ali, prontas a reaparecer em seus sonhos, ou mesmo quando ela estivesse acordada. Ela tinha aprendido da maneira mais difícil que banir tais lembranças não era realmente uma opção para ela.

Mas se Jessie aceitasse que não tinha matado a garota, então isso significava que tinha que considerar a possibilidade de que a pessoa que disse a ela que deveria ter sido ela mesma - seu próprio marido - é que tinha feito isso.

A ideia parecia absurda. Ela conhecia Kyle Voss tinha quase uma década e nada sobre ele jamais tinha sugerido que ele era capaz de tal ato. Até eles se mudarem para WestPort Beach, as piores coisas que ela poderia dizer sobre Kyle era que ele era um pouco viciado em trabalho e tendia a ser um pouco possessivo. Mas, considerando toda bagagem psicológica de Jessie, essas coisas sempre pareciam pequenas.

Desde a mudança, as coisas tinham piorado, com certeza. Insistir em se juntar a um clube de campo que era uma fachada para um clube de sexo secreto não era bom, mesmo que essa não fosse sua razão para entrar.

E apesar dele ter cuidado dela depois do aborto, ele se tinha tornado distante e pouco presente. Mas, de novo, todo mundo lidava com a tragédia de maneira diferente e ela não estava em posição de julgar.

Ela tinha flagrado ele cheirando cocaína numa boate. E, embora preocupante, ela não estava inclinada a tirar conclusões permanentes sobre o caráter dele com base nisso. Ela tinha feito muito pior em seus tempos de ensino médio e faculdade e isso não a transformou num monstro.

A única coisa que realmente a tinha surpreendido tinha sido o quão prontamente ele tinha encoberto a morte de Natália. É verdade que era um momento de crise e qualquer um pode entrar em pânico numa situação como essa. Mas ele não parecia estar em pânico. Ele parecia que... tinha propósitos bem definidos.

Ao sair da via rápida, algo que o Detetive Hernandez tinha dito ontem surgiu em seu pensamento. Era algo sobre, ao conduzir uma investigação, evitar fazer suposições e deixar de lado preconceitos sobre pessoas.

Ocorreu a Jessie que sua melhor aposta seria conversar com alguém que tivesse uma percepção diferente de Kyle da que ela tinha. Jessie pensou em uma pessoa que tinha conhecido Kyle antes dela. E ele vivia a poucos quarteirões dela.

*

Jessie tocou a campainha da casa dos Carlisle e esperou, tentando manter o nervosismo sob controle. Melanie abriu a porta, claramente feliz e surpreendida por ver ela.

“Duas vezes em dois dias”, observou ela. “A que devo a honra?”

“Me desculpe por aparecer sem avisar. Na verdade, eu vim até aqui para falar com Teddy. Liguei para o escritório dele e eles disseram que ele foi para casa mais cedo. Ele está aqui?”

“Está”, disse Mel, claramente surpreendida. “Você quer entrar?”

“Na verdade, preciso falar com ele em particular. Eu sei que isso soa estranho. Mas é importante. Você se importa?”

Mel obviamente se importava. Mas ela fez um esforço admirável para esconder isso.

“Claro que não”, disse ela. “Me dê um segundo que eu vou chamá-lo.”

Jessie ficou sem jeito na porta da frente enquanto Mel recuava para dentro da casa. Ela ouvia sussurros, mas não conseguia distinguir as palavras. No entanto, a partir do tom, ficou claro que Mel estava desconfiada e Teddy estava confuso. Um minuto depois ele apareceu.

“Que se passa?”, ele perguntou através de um olhar cerrado.

“Eu só queria falar com você sobre uma coisa. Podemos ir para perto de meu carro?”, ela perguntou e seguiu naquela direção sem esperar por uma resposta.

Quando chegaram à entrada da garagem, ela se virou e viu Teddy de braços cruzados defensivamente.

“Eu não posso demorar muito”, disse ele. “Eu prometi a Daughton que voltaria rápido.”

Jessie duvidava que isso fosse verdade, mas falou isso.

“Tudo bem. Eu, na verdade, me sinto meio boba perguntando isso”, ela disse, deslizando para a história que ela tinha preparado em sua cabeça no caminho. “Mas o aniversário de Kyle está chegando no começo de dezembro. Vai fazer cerca de dez anos desde sua formatura no colégio e eu pensei que poderia ser divertido dar a ele alguns presentes alusivos a essa época. O problema é que eu efetivamente não sei muito sobre aqueles dias além do que ele me disse. Então eu me toquei que tenho uma ótima fonte de informação dessa época - você. Eu estava esperando que você pudesse me contar um pouco sobre como ele era no colégio. Talvez algumas coisas que ele próprio não estive disposto a compartilhar comigo.”

“Que tipo de coisa?”, ele perguntou, claramente intrigado, mesmo estando ainda um pouco à defesa.

“Nada demasiado revelador. Não quero deixar ele desconfortável. Talvez algo levemente embaraçoso ou tolo? Por exemplo, ele era popular? Ele namorou muito?”

Teddy contorceu o rosto e Jessie se deu conta que ele tinha acreditado e estava genuinamente tentando pensar em boas histórias. Então ele olhou de volta para ela.

“Na verdade, ele não era muito diferente do que é agora. Era um verdadeiro lutador mesmo naquela época; sempre sabia o que queria e como fazer isso acontecer.”

“Ok. Você consegue pensar em alguma história que mostre isso em ação?”

Ele pareceu desorientado por um segundo, mas então seu rosto se abriu num sorriso de recordação.

“Eu me lembro de uma história interessante que mostra o quão persistente ele era”, ele disse, mas depois pareceu reconsiderar. “Mas envolve uma garota. Você fica confortável com isso?”

“Claro que não. Eu nunca presumi que eu tivesse sido a primeira namorada dele.”

“Ok, ele levou a chefe da torcida ao baile”, disse Teddy. “Interessante, hein?”

“Interessante, Teddy”, concordou Jessie. “Mas não é uma história. É uma declaração. Você pode me dar alguns detalhes?”

Teddy se contorceu um pouco ali, claramente ainda sem saber o que estava fora dos limites.

“Pode me contar”, Jessie o adului. “Esse material tem uma década. É tudo águas passadas. Eu só estou procurando material colorido.”

Ela conseguiu ver o sulco na testa dele suavizar e soube que ele estava convencido.

“Tudo bem então. Havia uma garota chamada Becky Patrone. Ele estava seriamente interessado nela. Quero dizer, todo mundo estava, mas especialmente Kyle. Ela era a chefe da torcida e super inteligente - ela era quase oradora da turma. Ela tinha uma bolsa de estudos para Harvard.”

“Parece uma verdadeira preguiçosa”, disse Jessie, tentando manter a brincadeira leve.

“Ok, certo. De qualquer forma, Kyle queria convidar ela para o baile de formatura. Mas ela já tinha companhia - o namorado dela. O nome dele era Reese alguma coisa. Ele era o *quarterback* do time de futebol e presidente do conselho estudantil. Eles eram como um casal de estrelas. E apesar de Kyle ser geralmente muito pretendido, não havia como Becky abandonar seu namorado astro do futebol para ir ao baile com um cara de quem ela era apenas amiga.”

“Parece um sério dilema”, disse Jessie.

“E foi. Isso foi até Reese ser preso”, Teddy disse maliciosamente.

“Pelo quê?”

Ele parou novamente, a testa franzida retornando. Aparentemente, ele havia se lembrado de algo mais sobre a história e agora estava pensando duas vezes se a compartilhava.

“Me conte, Teddy”, disse ela com seu mais tranquilizador tom de voz. “Não faz qualquer sentido parar agora.”

Isso pareceu fazer sentido para Teddy e ele continuou.

“Na verdade, foi bastante horrível”, disse ele, de repente sério. “Ele foi acusado de drogar e estuprar uma garota numa festa algumas semanas antes do baile. Ele negou e Becky apoiou ele por um tempo. Mas, depois, os policiais encontraram uma, *uhm*, prova física qualquer de que ele tinha estado com essa outra garota. Então, mesmo que fosse consensual, ele tinha

trapaceado. Becky deixou ele e ficou devastada. Mas Kyle ofereceu a ela um ombro para chorar, convencendo ela de que não devia perder o baile por causa de algo que outra pessoa tinha feito. Ele se ofereceu para levar ela e ela foi.”

“Que bom para Kyle, acho”, disse Jessie, tentando manter o julgamento fora de sua voz. “Mas não tão bom para Reese.”

“Não, isso meio que estragou a vida dele. E a verdade é que... eu acho que as acusações foram eventualmente descartadas por falta de provas ou algo assim. Mas era tarde demais. Sua reputação estava arruinada.”

“Então Kyle e Becky começaram a namorar?”, Jessie perguntou.

“Não propriamente. Eu acho que ela sempre viu ele mais como um amigo do que como um possível namorado. Eu sei que ele esperava se juntar a ela em Harvard também - ele se candidatou. Mas ele não entrou, não que houvesse alguma vez alguma chance disso.”

“Isso é muito ruim”, disse Jessie. “Então eles se afastaram depois?”

“Na verdade, por um tempo parecia que ele poderia ter tido outra oportunidade”, Teddy se lembrou, de repente. “Becky foi acusada de colar num exame final no final daquele ano. Foi meio louco porque ela já tinha tudo preparado para a faculdade e tinha uma ótima média para entrar. Lembra que eu disse que ela foi quase oradora? Bem, ela teria sido se não tivesse feito trapaça naquele teste. E isso custou a ela a bolsa de estudos para Harvard também. Ela não conseguia ir sem a bolsa e todas as outras universidades a excluíram depois disso, incluindo a USC, para onde Kyle estava indo, como você sabe. Então ela acabou tendo que ir para uma faculdade pública.”

“Isso é mesmo ruim”, disse Jessie. “Ela foi para algum lugar próximo, pelo menos?”

“Não. Kyle esperava que ela fosse. Ele pensou que ela ia ficar perto de casa para economizar dinheiro depois de perder Harvard. Mas ela surpreendeu todo o mundo. Ela foi para algum lugar no Arizona. Acho que ela queria se livrar de todas as fofocas de sua cidade.”

“Isso é muito triste. Espero que ela tenha dado a volta por cima.”

“Oh, não se sinta muito mal”, disse Teddy. “Ouvi dizer que ela ainda assim conseguiu se sair bem. Afinal, ela era super gostosa e super inteligente. Acho que li num e-mail de ex-alunos que ela agora é advogada em Phoenix.”

“Fico feliz em saber que funcionou para ela”, Jessie disse de forma neutra. “Caso contrário, eu me sentiria mal usando qualquer parte dessa história

como presente de aniversário para Kyle. Mas já que ela está bem, talvez eu possa fazer alguma referência ao fato de Kyle ter levado a líder da torcida ao baile.”

“Ele adoraria isso”, Teddy concordou.

“Eu estava pensando em fazer isso no clube. Mas agora que ele está reduzindo suas idas lá, eu talvez tenha de encontrar um bom restaurante em vez disso. Alguma recomendação?”

“Reduzindo?”, perguntou Teddy, perplexo. “Do que você está falando?”

“Kyle não contou a você que ele iria diminuir o número de visitas ao clube?”

“Não”, disse Teddy. “Eu me lembraria disso, considerando o quanto foi difícil para ele entrar lá.”

“O que você quer dizer com isso?”, Jessie perguntou, tentando não parecer que se importava muito.

“É só que, bem, Kyle e eu nos conhecemos na escola, mas não éramos super chegados. Por isso, eu fiquei um pouco surpreendido quando um dia ele me ligou do nada.”

“O que ele queria?”, Jessie perguntou. Ela conseguia sentir seu sangue bombeando mais rápido, mas tentou não deixar que sua voz traísse ela.

“Ele disse que vocês dois estavam se mudando para cá e ele tinha ouvido falar coisas fantásticas sobre o Clube Deseo. Ele queria saber como entrar.”

“Ele já sabia do Clube quando vocês conversaram pela primeira vez?”, Jessie perguntou. “Você não falou a ele sobre o Deseo?”

“Não. Ele sabia tudo sobre o Clube e que eu era membro. Ele tinha muitas perguntas específicas.”

“Como o quê?”

Teddy pareceu, de repente, desconfortável novamente, como se tivesse revelado algo que não deveria.

“Coisas sem importância”, disse ele, sem convicção.

“Que tipo de coisa?”, Jessie perguntou novamente, tentando ser brincalhona.

Mas não funcionou. Ela se deu conta que Teddy não queria continuar aquela conversa.

“Escute, eu tenho mesmo que voltar para Daughton”, ele disse, se lamentando.

Jessie decidiu que o tempo para uma abordagem discreta terminara. Ela precisava jogar duro.

“Teddy, eu sei sobre o clube. Eu sei o que realmente acontece lá.”

“Eu não sei do que você está falando”, disse ele, olhando por cima do ombro dela na direção da porta da frente.

Jessie também olhou para trás. Melanie não estava lá, mas é evidente que ele estava preocupado que ela pudesse ouvir. Ele achava mesmo que sua esposa estava alheia ao que lá se passava? Às coisas que ele estava fazendo?

“Você *sabe*”, disse Jessie. “Você sabe porque você está aproveitando o que eles oferecem. Eu vi você com aquela morena no pequeno canto de cima da sala de jantar. Qual era o nome dela novamente, Kelsey? Eu gostei de verdade de seu mini vestido preto, apesar de ela não estar usando nada por baixo.”

Os olhos de Teddy se arregalaram e Jessie entendeu que ele devia estar tão acostumado a não ser chamado à atenção pelo seu comportamento que não lhe ocorria que não fosse um segredo.

“Escute, você não pode contar a Mel sobre Kelsey”, ele disse, com sua voz implorando.

“Eu não quero fazer isso”, insistiu Jessie. “E não vou, se não precisar. Mas preciso que você me conte a verdade sobre Kyle.”

Teddy olhou para ela, tentando avaliar o quão sério ela estava. Ela decidiu apressar as coisas e se virou para a casa.

“Vamos ver como Mel reage à história do mini vestido”, disse ela olhando para trás.

“Ok, espere, pare”, ele sussurrou.

“Começe a falar tudo agora”, disse Jessie, se virando. “Último aviso”.

“Tudo bem. Ouça, seu marido pode ser um empresário de sucesso, mas também tem alguns desejos que prefere manter em segredo. Ele me disse, tem algum tempo, que estava entediado com a vida de casado; que queria apimentar as coisas. Alguém lhe tinha falado no Deseo. Ele fez toda essa pesquisa e sabia tudo sobre o Clube quando me ligou. Ele tinha perguntas muito específicas sobre como poderia participar de coisas que eles tinham lá sem arriscar sua reputação.”

“Então você está dizendo que a nossa mudança para aqui foi apenas para que ele pudesse se juntar a esse clube?”, Jessie perguntou ceticamente.

“Foi ele quem sugeriu fazer aqui um escritório satélite, se oferecendo para vir para cá. Ele sabia que você nunca iria concordar com o estilo de vida que ele queria viver. Ele disse que você era super hetero - definitivamente não alinhando em troca de casais ou orgias. Mas ele calculava que quando você

estivesse aqui, vivendo numa casa elegante, com muito mais rendimento disponível, um bebê a caminho, longe de todos seus conhecidos, exceto dele, você iria achar que era melhor ficar. E se você descobrisse algo suspeito, você estaria tão enraizada que, simplesmente, iria ter que aturar isso. Isso não é incomum por aqui.”

Jessie olhou para ele, se questionando como poderia ele ser tão estúpido a ponto de não conseguir se dar conta que o que ele estava descrevendo estava acontecendo em sua própria casa. Mas já que ele não estava se dando conta, ela não ia dizer nada. O medo de que sua esposa “descobrisse” o que ela já sabia era realmente seu único trunfo.

“E o barco?”, ela perguntou.

“Como você sabe sobre o barco?”, ele quis saber.

Algo disse a Jessie que eles não estavam falando da mesma coisa e ela decidiu deixar que ele assumisse a liderança, para que ela não dissesse a coisa errada.

“Você me diga”, disse ela.

“Você sabe, é muita pretensão sua. Mas você e Kyle são mais parecidos do que você pensa. Você ameaça dizer à minha esposa sobre Kelsey. Ele fez a mesma coisa quando soube que eu a levava para o barco algumas vezes.

“Você fez sexo com Kelsey em seu barco?”, Jessie perguntou, igualmente chocada e enojada.

“Mel fica mareada mesmo quando o barco está ancorado”, disse Teddy.

“Eu sabia que ela nunca iria lá. Fiquei feliz por ele não saber sobre a funcionalidade extra ou ele provavelmente me teria chantageado com isso.”

“Funcionalidade extra?” Jessie perguntou.

Teddy parecia em pânico. Ficou claro que ele havia dito mais do que pretendia.

“Hum, sim”, disse ele, obviamente inventando uma resposta falsa enquanto falava. “Comprei um sistema de navegação atualizado. Foi muito caro. Eu não falei para Mel. Se Kyle soubesse, ele teria usado isso contra mim.

“Teddy”, disse Jessie, fazendo seu melhor para soar reconfortante e forte ao mesmo tempo. “Você é independente e rico. Você engana sua esposa com uma garçonete do clube. Eu simplesmente não acredito que você se iria importar com o que ela pensasse sobre você comprar um novo sistema de navegação. Me conte sobre a verdadeira funcionalidade extra ou Mel vai ficar

sabendo de Kelsey. Não vou dar a você outra oportunidade. E estou ficando muito cansada de suas tentativas patéticas para me enganar. Fale tudo *agora*.”

Ela olhou fixamente para ele de uma forma penetrante. Durante um longo e extático segundo, houve um silêncio elétrico entre eles, enquanto ela esperava para ver se ele cedia.

É assim que todos meus interrogatórios vão ser?

A complicada mistura de adrenalina, antecipação e pavor era mais inebriante do que qualquer bebida que já bebera.

“Eu tenho uma câmera”, ele murmurou, finalmente desabando.

“Uma câmera?”, Jessie repetiu, de repente sem fôlego.

“Sim. Eu tenho uma câmera de segurança no quarto. É ativada através de movimento e eu às vezes gosto de... rever as imagens. Se ele soubesse disso, ele seguramente usaria isso contra mim.”

Jessie não disse nada.

Teddy pareceu tardiamente dar conta da caixa de Pandora que tinha aberto e rapidamente perguntou: “Você não vai dizer nada sobre isso, vai?”

“Claro que não, Teddy”, disse ela, tentando soar o mais reconfortante possível. “Eu prometi que se você fosse honesto comigo sobre Kyle, eu não diria nada para Mel. Você cumpriu o que prometeu. E eu também vou cumprir.”

Teddy olhou para trás de Jessie novamente e ela se deu conta que Mel deveria estar na porta. Ela se virou e viu um olhar desconfiado no rosto de sua amiga diminuta.

“Tudo bem aqui fora?” Mel perguntou.

“Tudo está ótimo”, disse Jessie. “Seu marido estava apenas me dando boas ideias de aniversário para Kyle. Desculpe por ser tão secreta sobre isso.”

“Você acha que eu não conseguia guardar um segredo?”, Mel perguntou.

“Você? Sim. Mas eu não tinha a certeza de quanto seu pequeno rapaz “boom!” aí conseguiria pegar. Eu não queria arriscar. Não é verdade, Teddy?”

Teddy assentiu sem convicção.

“E eu posso contar com você para não abrir a boca para Kyle, verdade?”, ela acrescentou com ênfase extra. “Seria realmente uma decepção se alguém revelasse algo que não deveria, você não concorda?”

Teddy acenou com a cabeça mais vigorosamente desta vez.

“Muito bem. Eu tenho que ir. Vejo vocês mais tarde - Jessie disse ao entrar no carro.

Quando ela saiu, ela acenou para Mel, que não acenou de volta, mas olhou para ela com uma mistura de dúvida e desdém.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

A mente de Jessie estava acelerada. Com as novas informações sobre a razão pela qual eles tinham mudado para Westport Beach, ela começou a analisar tudo que tinha ocorrido na última década através de uma nova lente. A caminho da marina, onde o barco de Teddy estava ancorado, ela fez duas ligações. A primeira foi para Lacey. Surpreendentemente, ela atendeu.

“Ei, senhora”, disse sua amiga calorosamente.

Jessie ficou surpreendida com o quão normal a voz de Lacey soava até que ela se lembrou que elas não falavam tinha dias. Na verdade, isso era uma coisa boa, uma vez que Jessie queria ir direto ao ponto e isso não seria possível se Lacey soubesse tudo o que estava acontecendo.

“Ei para você também”, ela respondeu, e, durante alguns minutos de conversa banal, ela colocou uma voz animada.

Somente quando ela teve a certeza de que não pareceria estranho, ela fez a pergunta que estava querendo fazer o tempo todo.

“Ei, posso fazer uma pergunta aleatória a você?”

“São meu tipo favorito de pergunta”, disse Lacey.

“Kyle e eu estávamos contando a um vizinho sobre como nos conhecemos e ele mencionou como acabamos saindo juntos na primeira vez. Ele lembrou que era suposto eu ter saído naquela noite com um cara que não apareceu. Você se lembra disso?”

“Claro.”

“De novo, qual era o nome desse cara?”, Jessie tentou se lembrar.

“Khalid. Ele estava no segundo ano.”

“Certo, Khalid. Ele não acabou por ser expulso da escola ou algo louco assim?”

“Hum, sim. Mas não foi só isso. Talvez você não se lembre porque Kyle estava ocupado conquistando você. Mas o cara foi deportado.”

“O quê?! Jessie perguntou, incrédula. “Como não ouvi falar disso?”

“A escola tentou ser discreta. Eu só descobri todos os detalhes meses depois. Ele foi preso por vender drogas. Eles encontraram um enorme

estoque em seu dormitório. Ele estava aqui com um visto de estudante da Jordânia. Foi revogado e ele foi deportado menos de uma semana depois.”

“Como eles descobriram sobre seu estoque escondido?”, Jessie perguntou. “Quero dizer, metade da galera na escola, incluindo eu, poderia ter sido apanhada pelo que escondíamos em nossas gavetas de meias.”

“Já faz um tempo, e, por isso, não lembro de todos os detalhes, mas acho que foi uma ligação anônima.”

“Isso é estranho”, disse Jessie. “Quem saberia sequer denunciar isso?”

“Você acha isso estranho?”, Lacey contrapôs. “Então ouça o seguinte. Khalid era um muçulmano devoto. Pelo que eu ouvi, ele nunca sequer tinha tomado um gole de álcool, muito menos consumido drogas. Seus amigos disseram que a ideia de que ele era um traficante era para lá de ridícula. Mas ele foi embora tão rápido que nunca houve sequer a possibilidade de montar uma defesa.”

“Eu não fazia ideia.”

“Bem, você estava ocupada se apaixonando naquela época. Não me lembro de você prestar atenção em muito mais que Kyle naqueles dias.”

“Sim, acho que não”, concordou Jessie, pensando em que mais ela não tinha prestado atenção.

“Ei, você está bem, querida?”, Lacey perguntou. “Você parece incomodada.”

“Não, eu estou bem”, Jessie rapidamente assegurou. “Acho que simplesmente me sinto mal por ter estado tão inconsciente do que estava acontecendo naquela época.”

“Não se sinta mal. Eu sei que ele veio de uma família com bons contatos. Eu acho que ele acabou por ser transferido para uma escola na Inglaterra.”

“É bom ouvir isso”, disse Jessie, feliz por ter despistado sua amiga.

“Escute, eu tenho que desligar. Mas vamos nos encontrar em breve, ok? Eu sinto falta de sair.”

“Combinado”, ela ouviu Lacey dizer assim que ela desligou a chamada.

No semáforo seguinte, ela pegou da sua bolsa o cartão de visita do detetive Ryan Hernandez e discou o número. Foi para o correio de voz.

“Oi, detetive”, disse ela. “É Jessie Hunt, a aluna da classe do Professor Hosta que descobriu seu estudo de caso. Lamento incomodar você, mas eu tinha uma... pergunta sobre aplicação da lei que eu queria perguntar. Você pode, por favor, me ligar quando tiver oportunidade? Obrigada.”

Ela considerou ligar de volta com mais detalhes, mas já estava entrando no estacionamento da marina e decidiu que assim com menos detalhes era mais seguro por agora.

*

Não foi difícil entrar no barco de Teddy. Um sujeito mais velho, de pele envelhecida, abriu e segurou o portão de segurança da doca para Jessie sem fazer qualquer pergunta, e o guarda que perambulava pela doca não prestou atenção nela enquanto ela passava propositalmente por ele.

Quando ela subiu a bordo, foi direta para o quarto, se certificando que não olhava para a cama. Levou apenas alguns segundos para encontrar a câmera escondida, que, na verdade, não estava tão escondida quanto fora do caminho, aninhada numa pequena estante entre dois livros.

Pelo que ela conseguia ver, a câmera tinha uma visão clara da cama e da maior parte do quarto. Agora tudo o que ela precisava fazer era encontrar uma maneira de acessar a filmagem. Pensando no que sabia sobre Teddy, não era difícil adivinhar onde ele deixara as instruções para a câmera. Ele não queria que Mel fizesse perguntas sobre o motivo pelo qual ele tinha comprado a câmera, por isso, ele teria guardado as informações aqui no barco, que era improvável que ela visitasse e, assim, encontrasse elas.

Em poucos minutos, ela encontrou um armário com uma caixa de plástico marcada como 'Papelada'. Dentro havia várias pastas de papel pardo. Uma delas estava marcada como 'docs do barco'. Outra como 'doc de mergulho'. A que estava no fundo dizia simplesmente 'câmera fotográfica'.

Ela folheou e encontrou a página que listava informação sobre o site e o aplicativo da câmera. Logo abaixo, havia espaços para o proprietário colocar o nome de usuário/e-mail e senha. Escrito numa caligrafia perfeita estava o endereço de e-mail, `TeddyCWestport@deseo.com`, seguido pela brilhante senha, 'TeddyCWestportboatcamera'. Jessie agradeceu em silêncio por Teddy ser um cara tão simples.

Jessie introduziu os dados de acesso no aplicativo em seu telefone e ficou animada ao ver que estava conseguindo. Apareceram os registros de vídeo dos últimos seis meses. Ela procurou cronologicamente até cinco dias antes e encontrou o registro das 10 da noite, a última vez que ela se lembrava de estar consciente.

Ela decidiu assistir a filmagem em algum lugar mais privado. Por isso, ela rapidamente colocou tudo de volta onde tinha encontrado e deixou o barco, tentando parecer o mais casual possível. Enquanto ela caminhava pela doca, ela passou pelo local onde ela e Natália tinham discutido e onde ela tinha posteriormente entrado em colapso. Vendo isso, um comentário que Kyle fez naquela noite voltou à sua cabeça. Quando ele a levou para o barco de Teddy, ele disse: “É o local perfeito. Estamos com sorte de ser já aqui.”

Que conveniente.

Quando Jessie voltou para o carro, ela abriu o aplicativo novamente e assistiu ao vídeo. Começava às 10:09 da noite com Kyle levando ela para o quarto, colocando ela na cama e tapando ela com os lençóis. Ele saiu do quarto e passados cerca de trinta segundos sem nenhum movimento, o vídeo terminou.

O vídeo seguinte começava dezoito minutos depois, às 10:27h da noite, quando Kyle levou uma segunda mulher para o quarto, com a cabeça pendendo desleixadamente sobre o braço dele. Era claramente Natália. Jessie não pôde deixar de notar como a expressão de Kyle estava impassível, como se ele estivesse apenas levando o lixo para jogar fora.

Ele deitou Natália ao lado de Jessie, que não havia mudado da posição do vídeo anterior. Então ele pegou cada um dos dedos de Jessie e raspou as unhas dela ao longo da pele do pescoço de Natália.

Jessie fez uma breve pausa no vídeo, já que a magnitude daquela ação ameaçava destruir ela. Seu estômago se contorceu num nó de repulsa e ela teve que sair do carro por um minuto para se recompor. Quando teve a certeza de que conseguia lidar com isso, ela carregou de novo no 'play'.

O vídeo foi retomado com Kyle concluindo a raspagem das unhas. Quando terminou, ele rolou Natália, colocando ela de lado e puxando os lençóis sobre ela também. Ele então trancou a porta do quarto e colocou a corrente trancando a porta. Depois disso, ele abriu a grande janela da entrada, saiu e fechou a janela. Segundos depois, o vídeo termina.

Um novo vídeo retoma na manhã seguinte com Jessie se mexendo quando despertava. Era inquietante assistir a um incidente que ela tinha vivido pessoalmente, de uma forma tão distante, especialmente sem ter qualquer som para dar um contexto. Mas era como ela se lembrava dele: voltando a si lentamente, seguido da tomada de consciência da mulher a seu lado e, finalmente, a percepção de que a mulher, que ela reconheceu, estava morta.

Ela se viu destrancando a tranca da corrente e a maçaneta da porta, Kyle entrando parecendo confuso, e, depois, chocado. Ela viu ele fechando a porta, falando com ela, ajudando ela a sentar na cama e conversando com ela um pouco mais. Jessie lembrou que foi nesse momento que ele propôs se livrar do corpo de Natália.

Ela observou ele manobrando em volta do corpo e olhando pela grande janela da entrada. Mas desta vez, do ângulo da câmera, que era diferente do dela naquela manhã horrível, ela notou algo novo. Quando ele olhou pela janela, ele fechou seu trinco.

Logo em seguida, quando ele falou com ela um pouco mais, ele iria notar que só ela poderia ter cometido o homicídio porque a porta e as janelas estavam trancadas. Mas ela tinha na frente provas claras de que ele tinha saído pela janela, e trancado ela mais tarde. E, depois, tentou alegar que ela era responsável pelo crime porque tudo estava trancado.

Ela podia não ter um vídeo dele realmente estrangulando Natália, mas o que ela tinha certamente sugeria que ele - seu próprio marido - estava tentando incriminar ela. O vídeo terminou novamente. Continuou novamente mais tarde, quando Kyle sozinho, regressou para levar o corpo de Natália do quarto.

O vídeo seguinte era mais tarde naquela manhã, quando Kyle retornou ao quarto uma última vez para trocar os lençóis. Depois disso, o único vídeo que restava era de Jessie na manhã de hoje, entrando no quarto e descobrindo a câmera.

Ela ficou sentada no carro por um longo tempo, decidindo como proceder. Parte dela, a desesperada em pânico, queria apenas apagar tudo. A filmagem estava marcada como “não visualizada”, antes de Jessie ter assistido a ela, portanto, ela sabia que tinha sido a única pessoa vendo isso até agora.

Mas quanto mais tempo ela estava ali, à medida que o sol da tarde começava a escurecer no horizonte, menos inclinada ela estava a se livrar do vídeo. Em vez disso, um plano começou a se infiltrar em sua cabeça. Quanto mais pensava nele, mais gostava dele, apesar dos enormes riscos.

Quando os últimos raios de sol caíram abaixo do Oceano Pacífico, Jessie resolveu ir em frente. Ela tinha sido um bode expiatório por muito tempo. Agora ela ia tomar conta de seu próprio destino, independentemente das consequências.

Ela ligou o carro e saiu do estacionamento.

CAPÍTULO TRINTA

Jessie estava com um nível de adrenalina e de agitação tão elevado que só quando entrou em seu bairro notou a mensagem de voz do Detetive Hernandez. Parecia que ele tinha ligado quando ela estava no barco, que tinha pouca cobertura de rede, pelo que seu telefone nem sequer tinha chegado a tocar.

Ela estava prestes a verificar isso quando o telefone tocou. Era o Dr. Farah, o jovem Obstetra-Ginecologista que tinha dito a ela que ela tinha perdido o bebê naquele dia no hospital. Ela mandou a chamada diretamente para o correio de voz também. De seguida, ela ouviu as duas mensagens.

A de Hernandez era breve e sua voz soava atormentada. “Desculpe não ter atendido. Fico feliz por responder a qualquer pergunta que possa. Me ligue quando tiver oportunidade.”

A de Dr. Farah era apenas um pouco mais comprida e também ia direta ao ponto.

“Olá, Senhora Hunt”, disse ele, soando mais confiante e profissional do que pessoalmente. “Nós já temos os resultados das análises do seu sangue hoje e houve alguns... resultados incomuns. Encontramos um medicamento inesperado em seu sistema. Gostaria que você viesse amanhã. Gostaria de repetir as análises para ter certeza de que não houve nenhum engano. Por favor, me ligue de volta o mais cedo possível.”

Isso era estranho.

Que tipo de medicamento podia ser tão inesperado? Além da vitamina pré-natal que tomara na época, Jessie não tinha mudado de medicação desde que tinha recebido a receita revisada de antidepressivos da Dra. Lemmon dois meses antes.

Jessie estava tentada a ligar de volta, mas naquele momento ela estava estacionando na entrada. Ela abriu a porta da garagem e viu que o carro de Kyle já estava lá. Qualquer chamada teria que esperar. Este não era o momento para se distrair. Ela precisava manter todo seu foco no que ela estava prestes a fazer.

Ela parou ao lado do carro dele, colocou o telefone no silêncio, ligou o gravador e entrou. Kyle não estava na cozinha nem na sala do café da manhã, mas ela viu uma garrafa aberta de *bourbon* no balcão da cozinha.

“Kyle, cheguei em casa”, disse ela na voz mais casual que conseguiu.

“Aqui”, ele gritou da sala de estar.

Ela entrou e encontrou ele esparramado casualmente no sofá, com um copo quase vazio na mão. Na mesa de café à sua frente tinha dois recipientes de plástico com sushi de supermercado. Um estava quase vazio. O outro não estava aberto. Atrás dele, um fogo crepitante, cheio de troncos de lenha estaladiços, ardia na lareira.

“Primeira lareira da temporada”, observou, tentando parecer brincalhona. “Esses invernos brutais do sul da Califórnia exigem isso, imagino. Eu acho que pode cair abaixo de cinquenta hoje à noite.”

“Trouxe jantar para você”, disse ele, ignorando sua tentativa de piada enquanto fez sinal com a cabeça na direção da mesa. “Mas você não apareceu.”

Ela notou que ele estava balbuciando um pouco e se perguntou quantos desses *bourbons* ele já teria bebido. Ela fingiu não notar.

“Estou vendo isso. Se eu soubesse que você ia tomar a iniciativa, eu teria tentado voltar mais cedo.”

“Onde você estava?”, ele quis saber. “Porque você está voltando tão tarde?”

“Apanhei trânsito ruim no regresso de minhas aulas práticas. E depois eu parei na escola para verificar algo na biblioteca. Você não ligou senão eu teria pulado a última parada e voltado direto para casa. Você sabe como eu amo sushi. E agora posso comer sushi de novo.”

Teve um tom na última linha que ela desejava ter retido. Mas a mensagem do Dr. Farah ainda estava nadando em sua cabeça e isso tinha levado a um pensamento.

E se o medicamento inesperado em meu sistema não chegou lá acidentalmente?

Kyle não pareceu notar o tom dela. Ele tomou outro gole antes de falar novamente.

“É melhor você começar. Já está aí tem algum tempo.”

“Claro, apenas me deixe colocar confortável”, disse ela, voltando para a cozinha para colocar a bolsa e tirar o casaco. Ela se certificou de que seu telefone, no bolso da calça, não estava visível antes de ela retornar.

“Eu acho que você não está sendo completamente honesta comigo”, disse Kyle quando ela voltou.

“Do que você está falando?”, ela perguntou tão inocentemente quanto pôde, considerando a súbita onda de frio que percorreu seu corpo.

“Você quase nunca chega tarde. E quando faz isso, você sempre liga para me avisar. O fato de você não ter feito isso me faz desconfiar sobre seu paradeiro. Devo desconfiar, Jessica?”

Ele parecia ainda mais seco do que antes. Mas a nitidez de sua pergunta fez com que ela se questionasse se ele estava de todo bêbado ou apenas fingindo de forma a que ela baixasse a guarda. Neste momento, ela acreditava que ele seria capaz de qualquer coisa.

“Eu chego atrasada uma vez e você me faz um interrogatório?”, ela ripostou. “Eu não consigo contar quantas vezes você ficou até tarde sem me avisar. Eu entendo que você esteja chateado com o aborto, mas, por favor, não procure razões para implicar comigo.”

Ela parou por um momento, debatendo se deveria continuar. Se ela dissesse a próxima linha, não teria retorno. Afinal, ela suspeitava que seu marido havia matado uma mulher e a estava incriminado por isso.

De qualquer maneira, nesta altura, ainda tinha alguma coisa a que retornar?

“E, por favor”, ela continuou antes que ele pudesse responder, “não me culpe por todo seu plano desmoronar.”

Os olhos dele se estreitaram e ele se endireitou.

“Que plano?”, ele perguntou bruscamente.

Ela notou que ele ainda tinha um discurso arrastado, sugerindo que a embriaguez era legítima. Ela não tinha a certeza se isso era uma coisa boa ou ruim, mas suspeitava que estava prestes a descobrir.

“Seu plano para me incriminar de matar Natália”, disse ela, deixando isso a pairar, observando sua reação.

Os olhos dele se arregalaram, mas quando ele falou, sua voz estava firme.

“Do que você está falando?”

Ela pressionou, sabendo que só tinha uma breve janela para obter uma reação verdadeira antes dele se reagrupar e entrar no “modo de proteção”.

“Você sabe, como você matou aquela jovem garçonne e depois tentou me convencer de que tinha sido eu, apesar de eu estar inconsciente o tempo todo.”

Ela podia dizer pelos olhos dele que, apesar da leve névoa de álcool, ele já havia se recuperado e estava pensando em sua próxima jogada, agora que seu desconhecimento fingido havia acabado. Mas o que ele disse em seguida surpreendeu Jessie genuinamente.

“Teddy me fez fazer isso”, disse ele, sua voz grossa de vergonha.

“O quê?”, ela perguntou, surpreendida.

“Eu sei que isso não me absolve”, disse ele, de cabeça baixa, se recusando a fazer contato visual. “Mas eu não sabia o que fazer - entrei em pânico.”

“O que você está dizendo?”

“Teddy estava tendo um caso com Natália”, disse ele, com sua voz quase um sussurro. “Quando voltei para o barco naquela noite, depois de pegar água e *ibuprofeno* para você, encontrei ele no convés com ela deitada a seus pés. Ele tinha estrangulado Natália. Teddy disse que ela ia contar a Mel sobre eles e ele se descontrolou. Eu disse a ele que tínhamos que ir na delegacia. Mas ele se virou contra mim. Ele disse que devíamos colocar isso em você; que você não se lembraria do que tinha acontecido naquela noite depois de sua discussão com Natália e que, se eu tentasse persuadir você de que você tinha feito isso, você acreditaria em mim. Ele disse para convencer você de que você era culpada e depois me livrar do corpo. Eu recusei. Então ele ficou desagradável e disse que se eu não fizesse isso, você e o bebê ficariam em perigo; que eu nunca saberia quando ou como, mas que você pagaria por isso se eu não alinhasse com o plano dele. Era como se ele fosse uma pessoa diferente.”

Jessie tentava processar se isso era sequer possível. Ela estava inconsciente no momento em que isso tinha acontecido, pelo que não havia como saber se o que Kyle descreveu acontecera. A câmera no barco não mostrava a cabine principal, por isso não havia como verificar a história.

Kyle interpretou o silêncio dela como cepticismo e continuou.

“Teddy disse que se eu te contasse a verdade, você ficaria em perigo. É por isso que eu fiquei hesitante em contar alguma coisa até agora. E é por isso que eu tenho estado tão ausente ultimamente. Primeiro isso acontece, depois você perde o bebê? Eu estava completamente perdido. E Teddy me visitou quando você estava no hospital só para me dizer para eu não tentar me fazer de esperto; que, mesmo você tendo abortado, ele ainda pode fazer algo com você. Ele falou tão friamente sobre isso.”

Jessie dava volta em sua cabeça às palavras dele. Tudo sobre sua história era tecnicamente plausível, mas algo não se encaixava direito. Primeiro, ela

conhecia Teddy Carlisle. E a menos que ele fosse o melhor ator do mundo, ele não parecia ser o tipo de pessoa que conseguia elaborar um plano assim. Ele era fraco e covarde. Mas ele também era meio cabeça-dura. Ela simplesmente não comprava que ele fosse capaz de manobras tão maquiavélicas.

E apesar de ela não ter tido motivos para duvidar da honestidade de seu marido até recentemente, uma década de conhecimento provara uma coisa. Ele era um pensador rápido. Ela tinha visto isso muitas vezes na vida profissional dele - sua capacidade de manipular supervisores ou clientes. Era um dom. Mas por algum motivo, nunca lhe ocorrera que ele pudesse usar o mesmo dom nela. Não até agora.

“Eu não acredito em você, Kyle”, disse ela com naturalidade. “Teddy não é exatamente uma mente criminoso. E quando falei com ele esta tarde, ele não agiu como um homem que tivesse encoberto o homicídio de sua amante e ameaçado minha vida. Tente de novo, querido.”

Ela viu um brilho de raiva passar pelos olhos de Kyle, seguido por frustração momentânea. Isso foi rapidamente substituído por uma expressão que ela não conseguiu identificar a princípio.

“Ok”, ele disse num tom resignado. “Eu vou contar a verdade. Claramente perdi sua confiança. Vou botar tudo para fora e espero que você veja as coisas da minha perspectiva.”

“Eu sou toda ouvidos”, ela respondeu.

“É bem simples. *Eu* dormi com Natália”, ele disse, se recusando a olhar para ela. “Foi apenas uma vez, mas eu fiz isso. Foi numa noite quando alguém no clube me deu Ecstasy. Eu não sei porque eu aceitei. Eu disse para mim mesmo que era para conquistar clientes, mas não tenho mais certeza. Independentemente disso, quando dei por mim estava... com ela. Eu me arrependi imediatamente. Tentei esquecer isso. Evitei o clube. Essa foi uma das razões pela qual concordei em não ir mais. Deixei você pensar que era porque você tinha pedido, mas esse era o motivo. E, depois, na noite da festa, ela me abordou. Ela disse que ia contar a você sobre aquela noite. Implorei para ela não fazer isso e pensei que a tinha convencido. Mas quando voltei para o barco mais tarde com a água e o remédio, ela estava lá, prestes a abrir a porta do quarto. Eu acho que simplesmente me descontrolei.”

“Você estrangulou ela?”, Jessie perguntou.

“Eu estava com muita raiva. Essa mulher estava tentando destruir minha família e eu simplesmente... sim, eu simplesmente não consegui me conter.”

“E então você me culpou?”, Jessie pressionou.

Kyle acenou com a cabeça e quando ele estava prestes a voltar a falar, ela notou a mesma expressão em seu rosto, a que ela não conseguia identificar antes. Só que agora ela conseguia. Era determinação. Isso parecia estranho, considerando sua confissão.

“Eu senti lá junto ao corpo dela por um tempo”, ele admitiu. “Pensei em chamar a polícia. E, então, tive essa ideia, como um relâmpago, uma maneira de me livrar da ameaça que ela representava e evitar que você tentasse ir embora. Eu estava perdido, tenho vergonha de dizer. Mas quando você acordou e viu o corpo dela, eu fiquei comprometido.”

Ele baixou a cabeça e caiu na poltrona em frente ao sofá onde ela estava sentada. Ele parecia estar completamente em baixo. E ainda assim...

Não consigo ver o rosto dele. Não sei o que ele está pensando.

“Eu não posso deixar de pensar que o estresse de tudo isso é a causa de você ter perdido o bebê”, ele murmurou em voz baixa. “E eu não sei como vou conseguir viver com isso.”

E foi quando ela, finalmente, entendeu. Kyle quase que a tinha conseguido enganar. Mas ele tinha exagerado, sendo um pouco patético demais.

“Mencionar o aborto foi um erro, querido”, disse ela, impressionada com a falta de emoção em sua própria voz. “Isso me lembrou da verdadeira razão pela qual isso aconteceu: você me drogou. O que quer que você tenha posto naquele champanhe me deixou muito volátil. E então você me colocou numa posição onde o conflito com Natália era quase inevitável. Você me colocou numa situação em que todos me vissem perder a cabeça com ela. E então, o que quer que essa droga fosse me deixou inconsciente, convenientemente ao lado do barco de Teddy. Você me drogou. Você planejou meu acesso de raiva público. Você planejou para que eu acabasse naquele barco. Você provavelmente atraiu Natália lá enquanto eu dormia. Então você a matou e imputou a culpa em mim. Mas você não esperava que a droga que você me deu me fizesse abortar. E você não poderia saber que o médico do hospital me ligaria para me contar sobre um medicamento inesperado em meu exame de sangue. *Você fez tudo isso, amor. Eu só estou me perguntando porquê.*”

Ele ficou de frente para ela com a cabeça para baixo por vários segundos antes de se mexer. Então ele enfiou a mão no bolso e, por um segundo, Jessie achou que ele ia sacar uma arma. Mas era apenas aquela ridícula carteira de dinheiro com o cifrão. Ele o jogou na mesa de café e olhou para cima. Seus olhos estavam brilhando com algo parecido com maldade.

“Eu sei que você odeia essa coisa”, disse ele suavemente. “Mas eu tive que tirar isso. Estava se cravando em minha coxa e dificultando a concentração.”

“Concentração em quê?”

“Sobre o que fazer a seguir”, disse ele. “Afinal, as coisas não podem continuar assim, podem?”

Jessie sentiu o sarcasmo subir em sua garganta e, pela primeira vez, decidiu não se conter.

“Você quer dizer, comigo a viver com o homem que assassinou uma garota, me culpou por isso e me deu uma droga que me fez perder meu filho não nascido? Sim, eu diria que isso é material de separação.”

“Você me perguntou porque”, ele lembrou a ela, imperturbável pelo tom dela. “Você quer mesmo saber a resposta, Jessica?”

“Quero mesmo.”

“Ok” disse ele. “Mas não tenho a certeza se você vai gostar. Aqui vai. Estou cansado de você. Estou cansado de estar casado com você. Eu só queria um pouco de diversão para apimentar as coisas. Eu ouvi sobre este clube que tornava esse tipo de coisa possível. Mas eu sabia que você nunca iria concordar com isso.”

“Com um casamento aberto?”, ela perguntou. “Sim, muito perspicaz da sua parte.”

“Você torna as coisas tão difíceis, Jessie. Você tem todos esses demônios que assombram você. O trabalho que você quer está nesse mundo sombrio e isso enfraquece você. Eu só queria passar um bom momento, me divertir um pouco. Eu pensei que você talvez abraçasse isso. E, depois, quando ficou claro que você não faria tal coisa, decidi abraçar isso sozinho. Mas você fez com que até esse esforço fosse miserável.”

“Porque você não me deixou se você estava tão infeliz?”, ela perguntou.

“Eu não posso fazer isso, Jessica. Você sabe que o Clube não vê com bons olhos casamentos desfeitos. Nunca nenhum divorciado arranjou parceira lá. Acabam todos por ser abandonados. Mas os homens com casamentos felizes, especialmente aqueles com crianças pequenas, parecem subir a escada à velocidade da luz. Eu não podia arriscar isso. Portanto, criei um plano.”

“Para me forçar a ser a pequena esposa perfeita?”, ela se voluntariou.

“Exatamente. Não foi minha primeira escolha. Mas eu imaginei que se você temesse que, me deixando ou saindo de casa, você pudesse ir parar na prisão, você encontraria uma maneira de se virar. E quando o bebê nascesse,

você ficaria tão enraizada na comunidade que desistiria da ideia de voltar para o centro da cidade.”

“Então você matou alguém para me manter sob controle?”, ela perguntou, ainda mal capaz de processar tal informação.

“Tempos desesperados, medidas desesperadas”, disse ele, encolhendo os ombros. “É por isso que a próxima parte vai ficar feia.”

“O que isso significa?” Jessie perguntou, enquanto seus cabelos da nuca se eriçavam.

“O que isso significa, minha querida”, disse ele, se levantando, “é que as coisas vão acabar mal para você.”

CAPÍTULO TRINTA E UM

Jessie também se levantou, tentando antecipar o que poderia acontecer em seguida. Mas ela não estava preparada quando Kyle se adiantou rapidamente, estendeu o braço até ao outro lado da mesa de café e deu um soco em seu queixo.

As pernas de Jessie tremeram e ela desabou de costas no sofá enquanto as estrelas explodiam diante de seus olhos. Mesmo enquanto a dor irradiava pelo seu torso abaixo, ela tentou se levantar do sofá. Mas antes que ela fizesse algum progresso, ele estava em cima dela. Ele bateu no rosto dela mais duas vezes e ela caiu para baixo, atordoada e incapaz de se mover.

Ela não conseguia ver, mas sobre a onda de dor quente em seus ouvidos, ela ouviu Kyle se aproximando. Passado um minuto, ele estava em cima dela novamente. Ela sentia ele agarrando seus pulsos e segurando eles juntos enquanto envolvia eles em fita adesiva. Em seguida ele fez a mesma coisa com seus tornozelos.

Ela pestanejou afastando as lágrimas em seus olhos e viu Kyle se dirigindo para o telefone.

“Imagino que você se esteja perguntando qual é o plano agora”, disse ele numa voz mais relaxada do que ela esperava, dadas as circunstâncias.

“Infelizmente, parece que vou ter que mudar para o plano D. Ou é o E?”

Ele olhou para ela como se esperasse que ela respondesse, mas, depois, deve ter se apercebido que ela estava incapaz de falar. Ele continuou.

“O plano E é fazer com que pareça que uma das explicações que dei a você anteriormente era legítima. Você veja, para os propósitos do álibi da noite de hoje, *foi* Teddy quem teve o caso com Natália. Ele *ameaçou* tua vida quando eu descobri que ele a tinha matado. E depois que você foi falar com ele, ele entendeu que tinha que agir. Então ele veio até aqui e atirou em você com uma arma não identificável que eu acabei de comprar na semana passada. Eu estava no andar de cima e corri para cá. Quando eu vi o que aconteceu, eu ataquei Teddy violentamente. Ele atirou em mim, mas eu não desisti. Nós andamos à pancada, lutando pela arma. A arma disparou, matando ele. Liguei para a polícia, devastado pelo rumo dos acontecimentos.

O único sobrevivente da incursão na loucura de meu amigo do colégio. É muito triste, mesmo.”

Jessie tentou dizer a Kyle que ele nunca se safaria, mas tal só saiu como um resmungo.

“Isso me lembra”, ele disse enquanto cortava outro pedaço de fita adesiva e colocava sobre a boca dela. “Eu não posso deixar que você alerte ele, gritando ou algo assim. Eu sei que isso é desconfortável e sinto muito por isso. Em outras circunstâncias, eu simplesmente atiraria em você acabando com sua agonia. Mas para que isso funcione, vocês dois precisam morrer ao mesmo tempo. Eu não quero um médico legista curioso notando que as horas das mortes não se encaixam em minha história. Então você terá que esperar até que ele chegue aqui para tudo isso acabar. Além disso, a quem mais posso contar sobre meu grande plano? Depois dessa noite ele vai ter que ser meu pequeno segredo. Portanto, você acha que pode me culpar por eu dizer alguns disparates para alguém que não vai ser capaz de contar isso a ninguém? E se eu não me gabar, ninguém o fará.”

Ele havia encontrado o número de Teddy e estava prestes a ligar quando a campainha da porta tocou. Jessie viu Kyle desaparecendo para a sala da frente. Um momento depois, ele voltou.

“Você não vai acreditar nisso”, ele sussurrou. “Mas Mel está em nossa porta da frente e ela parece chateada. Acha que eu deveria deixar ela entrar?”

Jessie balançou a cabeça vigorosamente de um lado para o outro, provocando em seu crânio uma dor aguda.

“Eu entendo”, ele disse simpaticamente, quando a campainha tocou novamente. “Você não quer que nada de ruim aconteça com sua amiga. Mas isso pode realmente funcionar. Vai fazer mais sentido se Teddy receber um telefonema para vir até aqui de sua esposa. E, depois, mais tarde, quando eles fizerem a investigação, irá parecer menos suspeito do que se eu chamasse Teddy usando meu telefone. Claro que isso significa que Mel tem que morrer também. Mas eu posso inventar uma história para encobrir isso. Estou a ficar muito bom nisso. Volto já.”

Ele se dirigiu para a porta da frente, ignorando os grunhidos de protesto quase inaudíveis de Jessie. Quando ele se foi, ela olhou em volta, desesperada por qualquer coisa que mudasse a dinâmica.

Ela se amaldiçoou pela arrogância que a fez pensar que ela poderia conseguir uma confissão e de não ter, de alguma forma, apenas saído de casa.

Quase dez anos com ele tinham deixado ela complacente e confiante demais. Mas ele não era a mesma pessoa que ela tinha conhecido.

Ela tinha tido visões de gritar para Kyle seus crimes e, em seguida, sair e ir direto para a delegacia. Ela tinha mesmo pensado que ele ficaria tão atordoado que simplesmente deixaria ela ir? Ela imaginou que, à medida que ele se enrolava numa bola de culpa, ela poderia simplesmente ligar para o 911? Ela mal podia tolerar sua própria idiotice.

Pare com isso! Isso não vai ajudar você nem Mel. Encontre uma solução, rápido!

Jessie se forçou a olhar ao redor da sala novamente, desta vez focando em qualquer coisa que pudesse ajudar ela a tirar a fita adesiva. O atizador da lareira era muito desajeitado e estava muito distante. Ela nunca chegaria até ele a tempo, muito menos seria capaz de o usar. Havia um enorme vaso de vidro na prateleira da lareira. Mas chegar até ele, derrubar e encontrar um pedaço de vidro apropriado para cortar e se libertar parecia impossível, mesmo que tivesse tempo para usar isso.

Então seus olhos caíram na carteira de dinheiro de Kyle, com o fantástico símbolo “\$” brilhando à luz do fogo. Ele tinha tirado ela de suas calças porque estava espetando sua perna. As bordas eram muito afiadas.

Quando ela ouviu Kyle abrir a porta da frente, ela se inclinou para a frente e pegou a carteira em suas mãos fechadas.

“Oi, Mel”, disse Kyle na entrada da casa. “Você parece chateada. Está tudo bem?”

“Posso entrar?”, ela perguntou, parecendo irritada. “Eu preciso discutir algo com Jessie.”

“Claro”, ele respondeu, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. “Entre. Ela está na sala de estar. Existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?”

“Não. É uma coisa de mulheres.”

Jessie podia ouvir Mel andando em sua direção, alheia a Kyle fechando e trancando a porta atrás dela. Enquanto esperava que sua amiga entrasse no quarto, Jessie olhou para baixo para ter certeza de que o clipe não estava visível.

Mel virou a esquina, viu Jessie sentada no sofá, amarrada e com o rosto ensanguentado, e abriu a boca para gritar. Mas antes que ela conseguisse, Kyle apareceu atrás dela, agarrou a parte de trás de sua cabeça, jogando ela com força contra a parede. Ela caiu no chão com um baque.

Kyle se inclinou e pressionou sua orelha contra o peito dela enquanto verificava seu pulso. Passado um momento, ele olhou para cima.

“Ainda viva”, ele disse alegremente. “Graças a Deus. Isso teria complicado as coisas.”

Jessie viu Kyle mexendo no bolso de Mel e pegando seu telefone. Marcou um número e esperou, sorrindo agradavelmente para Jessie enquanto o telefone tocava.

“Ei, amigo”, ele disse quando Teddy atendeu. “Não entre em pânico, mas sua esposa me pediu para ligar. Ela veio até aqui para conversar com Jessie, mas troçou no alpendre e torceu o tornozelo. Eu a levaria de volta, mas Jessie está muito em baixo por causa do aborto. Ela está super deprimida. Estou realmente com medo de a deixar sozinha. Você pode vir rápido e pegar sua esposa?”

Ele esperou enquanto Teddy respondia, se ajoelhando casualmente sobre o corpo inconsciente da esposa de seu amigo.

“Não, não acho que você precise acordar Daughton. Eu sei que você não quer deixar só, mas estamos falando de dez minutos no máximo. Ele nunca saberá que você saiu.”

Ele escutou de novo, depois assentiu.

“Ok, amigo. Vejo você em breve.”

Ele desligou e exageradamente limpou um suor inexistente de sua testa.

“Foi por pouco. Por um minuto eu pensei que ele ia trazer o rapaz. Isso teria sido um obstáculo confuso. Um garoto chorando no carro enquanto seus pais estão mortos cá dentro? Não seria bom. De qualquer forma, ele estará aqui em breve, por isso é melhor eu pegar essa arma. Não se preocupe, querida. Isso tudo acabará em breve.”

Ele se levantou e subiu as escadas, onde aparentemente havia escondido sua arma ilegal. Quando Jessie teve certeza de que ele estava no segundo andar, manobrou a carteira de dinheiro para que conseguisse raspar sua ponta afiada contra a fita adesiva que segurava seus pulsos. Parecia apontado o suficiente, mas como ela tinha dificuldade em conseguir segurar, estava indo devagar. Ela tinha apenas feito um pequeno rasgo numa extremidade quando ouviu Kyle descendo a escada. Ela parou de cortar, escondeu a carteira entre as palmas das mãos novamente e olhou para cima.

“Ela ainda está inconsciente?”, ele perguntou, olhando brevemente para Mel enquanto descia. “Ótimo. Nós não precisamos de nenhuma complicação. Acho que vou ter que disparar contra Teddy primeiro, já que ele é a única

ameaça real neste momento. Acho que vou fazer com que ele venha aqui para apanhar Mel. Depois me aproximo bastante e disparo contra suas tripas. Tem que parecer que estávamos lutando de perto. Eu não sei se faz diferença eu matar você ou Mel a seguir. Eu estou pensando dizer aos policiais que ela, de alguma forma, descobriu sobre o caso de Teddy com Natália e ameaçou contar à polícia, pelo que ele teve que a matar também. Talvez acabemos primeiro com ela porque isso é mais um crime passionai. Ele vai atirar no peito dela num momento de pânico louco. Então ele mata você em seguida, porque ele me ameaçou que faria isso. Isso é mais metódico. Ele vai atirar em você na cabeça para me castigar de não guardar seu segredo. Depois, vou ter que encontrar uma maneira de atirar em mim mesmo sem fazer com que pareça óbvio que fiz isso. Eu precisarei segurar a arma longe o suficiente para que pareça que *Teddy* fez isso enquanto eu estava correndo em direção a ele. Ou talvez eu consiga prender o gatilho a alguma coisa. Mas sabe que mais, decido isso depois. Eu terei alguns minutos depois que você morrer, antes de ligar para o 911. Às vezes você tem que improvisar, certo, querida?”

Ele olhou para ela como se estivesse realmente esperando que ela respondesse. Ao não receber resposta, ele encolheu os ombros, agarrou Mel por baixo dos braços, arrastando ela para o lado de Jessie no sofá.

“Não posso ter ela em nenhum lugar próximo dos salpicos de sangue de meu 'confronto' com Teddy. Alguém pode juntar as peças todas.”

Uma luz vinda da calçada, de repente, brilhou através das cortinas da sala de jantar.

“Oh, parece que ele já chegou”, Kyle disse animadamente. “Está na hora do espetáculo!”

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Assim que ele desapareceu de vista, Jessie começou a cortar na pequena incisão que já havia feito na fita. A cada poucos cortes, ela puxava seus pulsos, tentando abrir mais o rasgão.

“Ele está chegando, querida”, Kyle gritou num sussurro alto da outra divisão da casa. “Isso é tão intenso que eu sinto que posso fazer xixi nas calças. Talvez eu faça isso depois de levar um tiro? Isso pode parecer mais realista.”

Ela estava quase livre, mas preocupada que o último puxão na fita adesiva pudesse fazer barulho o suficiente para Kyle notar. Depois, ela ouviu os passos de Teddy no alpendre e teve uma ideia. Ela esperou. A campainha tocou e naquele momento ela arrancou seus pulsos com toda a força que conseguiu reunir. A fita se rasgou fazendo barulho, liberando suas mãos. Ela imediatamente começou a trabalhar na fita em seus tornozelos.

“Ei, amigo”, ela ouviu Kyle dizer quando ele abriu a porta. “Sinto muito por isso. Eu sei que você não queria deixar Daughton em casa sozinho, mas você estará de volta num instante.”

Ela cortou com força e rapidez a fita. Desta vez foi muito mais fácil, pois ela conseguia segurar o clipe do dinheiro e colocar toda sua força nele.

“Eu pensei que você estaria esperando cá fora com ela”, disse Teddy, “para que ela pudesse entrar logo e nós pudéssemos ir no mesmo momento.”

A fita se soltou e Jessie se levantou, usando o braço do sofá para se equilibrar. Ela procurou por qualquer coisa que pudesse usar para se defender.

“Oh não, cara. Como eu disse, eu não queria deixar de todo Jessie sozinha. Mel está no sofá da sala de estar com ela. Ela está mantendo um olho nela para mim. Você terá que ajudá-la a sair.”

Os olhos de Jessie caíram no atizador da lareira. Não era perfeito, mas era pesado e era melhor do que nada. Ela foi rápido ao redor do sofá e gentilmente tirou ele do coldre.

“Ok”, disse Teddy, sua voz se aproximando e ecoando um pouco quando ele entrou na casa. “Vamos ser rápidos então.”

Jessie atravessou a sala e entrou na cozinha o mais silenciosamente que pôde. Ela sabia que Kyle iria direcionar Teddy para a sala da mesma maneira que tinha feito com Mel, para que ele pudesse andar atrás dele e manter a vantagem.

“Ela está mesmo aí”, disse Kyle. “Me deixe apenas fechar a porta para manter os insetos fora. Vou já atrás de você.”

Jessie contornou a esquina da cozinha e espiou a tempo de ver Teddy andando pelo corredor até à sala de estar. Kyle estava alguns passos atrás de Teddy, com sua mão direita segurando a arma atrás dele.

Jessie olhou para a porta da frente. Por um segundo, ela ficou tentada a fugir. A casa de Kimberly era do outro lado da rua. Ou se Teddy tivesse deixado as chaves em seu carro, ela poderia simplesmente saltar lá para dentro e fugir.

Mas isso significava que Teddy e Mel quase certamente morreriam. E se isso acontecesse, dessa vez ela seria parcialmente responsável. Além disso, ela estava cansada de fugir.

“Ei, Mel, como você está?”, Teddy perguntou quando virou a esquina para a sala de estar. “Que...”

Jessie sabia que ele devia estar vendo sua esposa caída inconsciente no sofá. Kyle virou a esquina logo depois dele. Jessie foi na ponta dos pés atrás de Kyle, sabendo que no segundo que ele visse que ela tinha fugido, ela perderia a vantagem.

“Desculpe por isso, amigo”, ela ouviu Kyle dizer e entendeu que ele ainda não tinha olhado para o sofá. Sua atenção estava focada em seu amigo, em quem ele estava prestes a atirar. “Eu gostaria de explicar, mas é complicado.”

Ela sabia que ele poderia disparar a qualquer segundo e começou a correr, erguendo o atizador sobre a cabeça. Ele deve ter visto que algo estava errado porque ela ouviu algo como 'o quê?', logo antes da cabeça dele aparecer por trás da parede.

Ela estava próximo, e, correndo para ele, baixou com força o atizador. Os olhos dele se arregalaram e ele virou a arma, que tinha estado apontada para Teddy, na direção dela. Ela acertou solidamente no topo do crânio dele quando ouviu a arma disparar.

Ao acertar em seu marido, ela ouviu vidro quebrando atrás dela e se deu conta que ele tinha falhado. Eles caíram ao mesmo tempo e ela caiu em cima dele, amortecendo sua queda. Ela rebolou de costas e viu que ele estava estonteado, mas não inconsciente.

Do ferimento em sua cabeça, escorria sangue pelo seu rosto abaixo. Mesmo assim, ele se ajoelhou ao lado de Jessie, tentando pegar o atizador que caíra das mãos dela. Agarrando ele pelo cabo, Kyle ergueu ele bem acima de sua cabeça, fazendo, de seguida, com que descesse com força na direção do rosto dela.

Jessie conseguiu levantar as mãos e desviar o atizador de sua cabeça. Um momento depois, ela sentiu como se seu lado esquerdo estivesse queimando. Ela respirava com dificuldade por causa da dor repentina. Antes de conseguir processar totalmente aquilo, ela viu Kyle erguendo o atizador pela segunda vez. Ela sabia que já não tinha forças para desviar outro golpe.

Quando ela levantou os braços novamente, ela viu pelo canto do olho um movimento desfocado, antes de tudo explodir numa névoa de vidro brilhante. Ela sentiu o corpo de Kyle aterrissar pesadamente em cima de seu peito. Olhando para baixo, ela viu que ele estava inconsciente.

Jessie olhou para cima e viu Teddy olhando para ela, de boca aberta. Nas suas mãos ensanguentadas havia fragmentos do vaso da lareira, aquele que ela tinha por breves momentos considerado usar para se libertar.

Ela tentou falar, mas se deu conta que a fita adesiva ainda estava cobrindo sua boca. Ela a arrancou, ignorando sua pele ferida por baixo.

“Ele queria matar todos nós”, ela murmurou. “Ele matou aquela garota, a Natália. E ele ia matar nós todos em seguida.”

Teddy parecia estar sem palavras. Finalmente ele conseguiu murmurar apenas uma.

“Porquê?”

“Não é a questão mais importante agora, Teddy”, disse ela, se sentindo subitamente tonta. “Chame a polícia. E se certifique de que ele não acorda antes deles chegarem aqui. Ele estava a meio segundo de atirar em você e ele tentará novamente se tiver a chance.”

“Ok”, Teddy concordou, “mas Jessie...”

“Sim?”

“Você está sangrando muito.”

“O quê?”, ela disse, agora mais consciente da sensação de calor em seu lado esquerdo. Ela olhou para baixo e viu sangue escoando de suas vísceras. Ela estava levando suas mãos para baixo para com elas pressionar seu ferimento, quando se sentiu caindo para a frente. E tudo se apagou.

Ela estava no mesmo hospital de antes e se perguntou se era a mesma sala também. A pintura e a configuração da sala eram idênticas.

Jessie estava acordada tinha cerca de meia hora e ainda não recebera nenhuma resposta. Os médicos e as enfermeiras não lhe diziam nada além de que o aticador a havia perfurado no lado esquerdo do abdômen, que havia falhado todos os principais órgãos, e que ela iria se recuperar completamente.

“Alguém pode me dizer o que está acontecendo?”, ela quis saber, com uma voz rouca, pela quarta ou quinta vez. “Meu marido está detido? Melanie Carlisle está bem?”

“Eu já disse a você”, disse a enfermeira obviamente irritada, “não podemos compartilhar nenhuma informação adicional até que as autoridades tenham falado com você. Existem vários detetives conversando lá fora agora. Tenho a certeza de que um deles entrará em breve para discutir a situação com você.”

Ela saiu, deixando Jessie sozinha com uma televisão sem som, uma caixa de algodão, uma pulsação aborrecida no lado esquerdo e um soro no braço direito. Ela tinha a certeza de que essa era a razão pela qual ela se sentia um pouco bêbada.

A porta se abriu, revelando alguém que ela ficou genuinamente chocada por ver. Olhando para ela com uma mistura de simpatia e admiração, estava o detetive Ryan Hernandez, do Departamento da Polícia de Los Angeles, do centro da cidade.

“O que você está fazendo aqui?”, Jessie resmungou.

“Que bom”, ele respondeu, abanando a cabeça. “Eu venho do centro de Los Angeles para ver você e esta é a saudação que recebo?”

“Desculpe. Estou apenas confusa.”

“Bem, você foi perfurada com um aticador de fogo”, ele reconheceu. “Portanto, eu vou ter de dar um desconto a você dessa vez. Sua mensagem de voz para mim parecia bastante urgente. Liguei de volta e não ouvi nada. Então eu liguei de novo - nada ainda. Liguei uma terceira vez e como você não devolvia as ligações fiquei um pouco preocupado. Assim, mesmo me sentindo um pouco estranho com isso, dei o passo extra de mandar rastrear seu telefone por GPS e descobri que você estava nesse hospital. Então, decidi que iria passar por aqui. Parece que tomei a decisão certa.”

“Oh”, disse Jessie, entendendo quase tudo apesar de se sentir um pouco tola enquanto ouvia o detetive Ryan Hernandez. “Isso significa que você me

pode dizer o que está acontecendo?”

“Acho que sim. Mas você deve saber que eu não sou o único que está aqui para falar com você. Tem alguns detetives locais que têm umas perguntas. Consegui segurar eles por um pouco, com o pretexto de que você gostaria de ver um rosto semi-conhecido quando acordasse.”

“Agradeço”, disse Jessie, tentando se sentar para beber um gole de água por um canudo. “É sempre bom ver um rosto semi-conhecido. Mas posso fazer uma pergunta?”

“Claro”, disse o Detetive Hernandez, se movendo para o lado dela, ajudando ela a se erguer para que ela conseguisse beber mais facilmente.

“Porque você precisa de um 'pretexto' para falar comigo?”

“Ah, essa palavra suscitou sua curiosidade, não é? É o seguinte. Os detetives descobriram a gravação de áudio em seu telefone. É bastante conclusivo. A confissão de seu marido é das confissões mais claras com que jamais me deparei.”

“Você viu o vídeo também?”, Jessie perguntou.

“Vídeo?”

“Eu encontrei imagens da câmera do barco onde ele matou Natália. Isso inclui ele colocando seu cadáver do meu lado enquanto eu estava inconsciente numa cama, entre outras coisas.”

“Eu não vi isso”, disse Hernandez. “Mas eu vou fazer os caras saberem disso. Isso ajudará também.”

“E, no entanto, você ainda precisava de um pretexto”, Jessie lembrou.

“Exato. Seria inapropriado eu falar demais. Mas eu só queria que você soubesse que seu marido está alegando que você foi cúmplice depois do acontecimento; que você estava no plano para se verem livres do corpo da garota. Na verdade, ele sugere que foi ideia sua e que você disse a ele onde o fazer.”

Jessie olhou para Hernandez de perto. Ela queria acreditar que ele estava do lado dela, que ele estava tentando a ajudar, talvez até mesmo a avisar. Mas ultimamente, ela não estava inclinada a confiar em mais ninguém a não ser ela própria.

“E um profissional da justiça relativamente decente compra essa história?”, ela perguntou, se certificando de soar o mais insolente possível.

“Não creio”, disse Hernandez. “Ele criou tantas histórias diferentes, incluindo cerca de quatro diferentes no áudio que você gravou, que seria difícil levar a sério o que ele diz.”

“Então, porque estou sentindo uma vibração incerta de você, Detetive Hernandez?”

“É só que eu já vi a entrevista dele algumas vezes agora”, ele disse, sem olhar nos olhos dela. “E é claro que ele é um mentiroso patológico, provavelmente um sociopata.”

“Mas...”

“Mas quando ele falou sobre você saber sobre o plano de despejar o corpo e não se opor a isso, houve uma inflexão ligeiramente diferente na voz dele, quase como uma credibilidade queixosa e incerta.”

“E então, o que você está dizendo?”, Jessie perguntou, sentindo um fio de medo rastejar para dentro de seu peito, apesar das drogas felizes.

O Detetive Hernandez, de repente, parou de evitar o contato visual e a olhou nos olhos, sem pestanejar. E, naquele momento, ela soube que ele sentia que parte do que Kyle dizia era verdade.

“Provavelmente não é nada”, disse ele depois de um momento de silêncio. “O cara conta mentiras da mesma maneira que a maioria das pessoas respira. Apenas pensei que você deveria saber. De qualquer forma, sua amiga Melanie está em recuperação. Ela tem uma concussão, mas está bem. O marido dela está bem, embora pareça que ele não consegue se lembrar do que aconteceu. Não é a pessoa mais esperta, aquele. Eu usei seu telefone para verificar suas últimas chamadas e cheguei até sua amiga Lacey. Ela está na sala de espera e vai entrar quando os detetives terminarem de falar com você. Meu entendimento é que você terá que ficar aqui pelo menos uma noite, talvez duas. Mas depois você deverá poder ir para casa, ou para onde quer que você se sinta confortável. Enquanto isso, vou deixar que descanse.”

“Obrigado, detetive. Eu agradeço.”

“Não tem problema”, disse ele quando saiu pela porta. “E me chame de Ryan.”

Ela assentiu e, depois, ele saiu. Ela fechou os olhos, se permitindo um momento para descansar antes que os outros detectives entrassem. Mas suas pálpebras estavam pesadas e ela não tinha muita vontade de abri-las novamente nos próximos momentos. Os outros detetives teriam que esperar um pouco mais.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Uma semana depois, Jessie saiu do elevador do prédio do condomínio de Lacey, no centro de Los Angeles, caminhando lentamente pela recepção, usando a bengala com a maior parcimônia possível.

Ela acenou para o segurança, que segurou a porta aberta para ela. Uma rajada fria de ar de novembro bateu forte e ela baixou a cabeça para evitar a força total do vento em seu rosto. Por breves instantes, ela pensou em simplesmente voltar para o andar de cima do apartamento quente de Lacey, onde tinha um espaçoso quarto de visitas só para ela.

Mas os médicos tinham dito a Jessie que quanto mais ela saísse e andasse, mais rápido ela se recuperaria de sua punhalada.

Eu tenho um ferimento de uma punhalada.

Ela balançou a cabeça, incrédula com o pensamento, depois pensou melhor. Afinal, ela tinha lidado com um monte de coisas inacreditáveis nas últimas semanas. Ela tinha ficado sabendo que seu parceiro de quase uma década era um assassino sociopata que a tinha incriminado por homicídio. No entanto, ela não tinha detectado a verdadeira natureza dele, colocando em dúvida o quão boa psicóloga forense ela poderia vir a ser.

Teria ele sido sempre assim? Eu estava assim tão alienada? Ele era assim tão bom a esconder isso de mim? Ou melhorou ao longo do tempo?

As perguntas atormentavam Jessie constantemente. É claro que, em sua sessão com a Dra. Lemmon ontem, a terapeuta lhe dissera para não ser muito dura com ela mesma; que muitas vezes temos dificuldade em ver os sinais em alguém tão perto de nós. E isso lembrou Jessie novamente daquilo que Bolton Crutchfield dissera no último encontro deles, quando ele disse a ela para confiar em seu instinto.

“Talvez você não seja a pessoa que deveria estar se consumindo por dentro”, ele tinha dito. Aparentemente, ele tinha visto isso o tempo todo.

Ela seguiu em frente, se arrastando pela rua na direção do café na esquina, ignorando o vento chicoteando as mechas de cabelo contra seu rosto. Ela não se importava. Apesar dos túneis de vento criados pelos arranha-céus do centro, havia algo reconfortante em estar de volta ao antigo bairro.

Agora que ela estava de volta ao seu ambiente familiar, sua vida em Westport Beach parecia quase um pesadelo. E, no entanto, tudo tinha sido real. As esposas suportam as leviandades de seus maridos porque não têm liberdade financeira para dizer não. Mulheres deixavam de lado seus sonhos para satisfazer as exigências de cônjuges egocêntricos.

E ela quase tinha sido uma delas. Mas no caso dela era pior. Ela tinha sido manipulada nessa direção por um sociopata que estava disposto a matar pela vida que queria. Mas, se não fosse por terem acontecido algumas coisas, ela poderia ter vivido durante anos uma vida alienada ao lado dele.

Mas essa vida tinha terminado. Ela logo estaria solteira novamente. E embora a dor de perder o bebê ainda por vezes a sobrecarregasse com uma sensação de dor e de vazio, ela tinha a noção de que essa era uma oportunidade para começar de novo. Talvez um dia ela pudesse começar uma família em seus próprios termos.

Esse pensamento impulsionava Jessie enquanto ela se movia lentamente pela rua. Este era o lugar onde ela queria estar enquanto reiniciava sua vida. Enquanto percorria a calçada lotada, protegendo os olhos da luz do sol que refletia do vidro de uma torre próxima, Jessie deu por si apreciando o fedor que emanava de uma rede de esgoto próxima e do jato de exaustão de um caminhão de entregas que passava. Ela estava em casa.

Ela não sabia quanto tempo ficaria na casa de Lacey, apesar de ela ter sido convidada para ficar o tempo que quisesse. De um jeito ou de outro, ela estava hospedada na área. A casa em Westport ainda precisava ser vendida e seu advogado havia dito que ela não poderia fazer isso até que Kyle fosse condenado, o que ele esperava que acontecesse nos próximos seis a nove meses.

Com todas as provas contra ele, todos concordavam que era um caso de fácil julgamento. Havia a gravação de áudio de Jessie, junto com o testemunho de Teddy. Ninguém, além do Detetive Hernandez (ou Ryan, aparentemente) tinha sequer mencionado a afirmação de seu marido de que ela estava envolvida no plano de se livrarem do corpo. Provavelmente iria surgir no julgamento, mas talvez não. Afinal, não era um álibi, apenas uma desculpa. E, tendo em conta que ele tinha drogado ela, provocando o aborto, até essa desculpa parecia duvidosa.

Como resultado, as coisas estavam melhorando. As autoridades tinham prendido a rede de prostituição que estava a ser despejada do Clube Deseo, que, segundo rumores, estava à venda a preço de uma pechincha. As aulas

práticas de Jessie tinham acabado e ela tinha passado na aula de Hosta, o que significava que ela se iria formar no mês seguinte.

Ela já estava recebendo ofertas para fazer consultoria em casos de várias agências policiais locais e também estava brincando com a ideia de se candidatar ao programa de estágio de dez semanas da Academia Nacional, que acontecia no FBI. Ela planejava rever suas opções durante as férias.

Quando a casa fosse finalmente vendida, ela seria financeiramente independente, o suficiente para não se preocupar muito em escolher um trabalho com base em seu salário. E isso sem contar com o que ela iria receber do divórcio pendente. Ela podia até ter os recursos e tempo livre para vasculhar no Paineiro e descobrir, entre outras coisas, porque eles tinham estado tão dispostos a deixar que ela interagisse com Bolton Crutchfield.

Caso contrário, desde que ela não pensasse muito em Natália - cujo último nome ela aprendera era Urgova - caindo do barco e se afundando na água fria do Oceano Pacífico, ela estava bem. A imagem vinha a ela de vez em quando, mas ela geralmente conseguia se livrar dela. A verdade era que ela tinha imagens muito piores presas em sua cabeça.

Quando saiu da lanchonete, com o copo quente na mão, ela pensou se deveria voltar para o apartamento ou passear um pouco. Antes que ela pudesse tomar uma decisão, ela sentiu olhos nela e se virou.

Para sua surpresa, viu a agente Kat Gentry a cinco pés de distância, olhando para ela. Ela se assustou tanto que se desequilibrou para trás, perdendo o equilíbrio. Gentry avançou rapidamente, agarrando seu antebraço e estabilizando Jessie até ela conseguir recuperar seu equilíbrio.

“Desculpe”, Gentry disse. “Não quis assustar você.”

“O que você está fazendo aqui?”, Jessie perguntou espantada. “Isso não é um pouco fora de sua jurisdição?”

“Um pouco”, Gentry disse. “Mas eu não estou aqui em negócios oficiais. Todos nós ouvimos sobre o que aconteceu com você e queríamos ter certeza de que você estava bem. Cortez estava especialmente preocupado.”

Gentry abriu um sorriso na última linha, o que deixou Jessie, de alguma forma, à vontade.

“Isso é muito simpático. Mas tenho a nítida sensação de que isso é uma desculpa e que você tem outra razão para me procurar.”

Gentry olhou para ela com um olhar longo e duro como se estivesse considerando se deveria ser completamente honesta ou simplesmente dizer adeus.

“Você sabe, você pode até acabar por ser decente em seu trabalho. Isso é, desde que nenhum de seus outros casos envolva seu ex. Você parece não compreender muito disso.”

“Agente Gentry”, disse Jessie, “não me parece que nos conheçamos assim tão bem para você estar fazendo piadas tão ousadas às minhas custas.”

“Provavelmente não. Estou apenas tentando ganhar tempo, acho”, Gentry disse enquanto tirava um envelope do bolso do casaco e o entregava a Jessie. Era branco e do tipo barato e não havia nada escrito nele.

“O que é isso?”, Jessie perguntou.

“Tem algum tempo que eu andava a pensar se havia de dar isso a você. Mas finalmente decidi que era melhor prevenir do que remediar.”

“Você está sendo um pouco enigmática”, disse Jessie, pegando o envelope.

“É de Bolton Crutchfield. Ele disse que você precisava estar ciente de uma coisa. Ele disse que você estava em perigo. E isso iria convencer você de que ele estava dizendo a verdade.”

“Você acredita nele?”, Jessie perguntou enquanto abria o envelope.

“Eu já trabalho com o cara tem algum tempo agora. Ele me odeia, nunca disse nada para mim ou sobre mim sem um sorriso de desprezo ou sem desdém em sua voz. Mas quando ele me pediu para dar isso a você, pela única vez desde que o conheço, ele pareceu sincero. Eu acho que ele gosta de você, de um jeito que não mata.”

“Ele escreveu isso aqui?”, Jessie perguntou, puxando para fora a única folha de papel e desdobrando ela.

“Não. Ele disse que era do homem que visitou ele aquele dia, o mentor dele, o Executor de Ozarks. Ele disse que essa era a mensagem que o homem deixou para você.”

Jessie desdobrou a página e olhou para ela. Ela sentiu seu sangue ficando frio. Gentry olhou para as palavras na página:

ATÉ BREVE, JOANINHA.

Gentry olhou para Jessie, que engoliu em seco e se lembrou de respirar.

“Isso é do homem que seqüestrou você?”, ela perguntou. “Aquele que matou sua mãe e essas outras pessoas?”

Jessie assentiu.

“Mas como você pode ter certeza que não é só Crutchfield brincando com você?”, Gentry perguntou. “Como você sabe que é realmente do mesmo cara?”

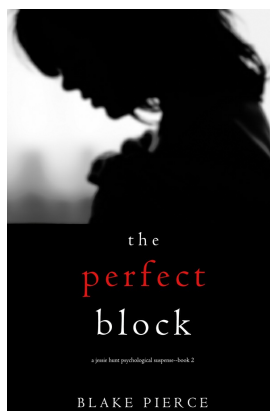
“Porque ele foi a única pessoa que disse essa frase para mim. Ele costumava dizer isso todas as noites quando me colocava na cama, antes de tudo se desmoronar.”

“Espere, o quê?”, Gentry disse, confusa. “Ele colocava você na cama? Como isso é possível?”

Jessie devolveu a folha de papel, com seu corpo pulsando com um medo que ela não sentia tinha anos, e se forçou a dizer as palavras em voz alta.

“Porque ele é meu pai.”

AGORA DISPONÍVEL PARA PRÉ-ENCOMENDA!



O PRÉDIO PERFEITO **(Um Thriller Psicológico de Jessie Hunt—Livro Dois)**

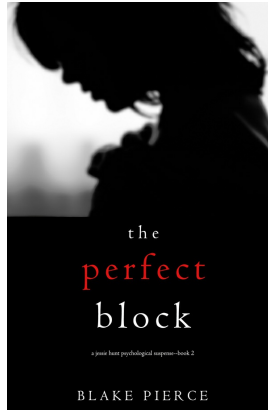
Em O PRÉDIO PERFEITO (livro #2), a estreante especialista em perfis criminosos, Jessie Hunt, de 29 anos, pega nos destroços de sua vida arruinada e deixa os subúrbios para começar uma nova vida no centro de Los Angeles. Mas quando uma socialite rica é assassinada, Jessie, encarregada do caso, se vê de volta ao mundo das perfeitas paisagens dos subúrbios, caçando um assassino demente no meio das falsas fachadas da normalidade e mulheres sociopatas.

Jessie, prosperando novamente no centro de Los Angeles, tem a certeza de que está ultrapassando seu pesadelo suburbano. Pronta para colocar seu casamento fracassado para trás, ela consegue um emprego no departamento de polícia local, adiando sua entrada na Academia do FBI.

É atribuído a Jessie um inequívoco assassinato em um bairro rico, um caso simples para iniciar sua carreira. Mas seus chefes não imaginam que este caso é mais complexo do que se suspeitava. Nada pode preparar Jessie para o primeiro caso, que a vai obrigar a investigar as mentes dos casais ricos e suburbanos que ela pensava ter deixado para trás. Por trás de suas fotos de família polida e sebes bem cuidadas, Jessie percebe que a perfeição não é o que parece.

Um thriller psicológico em ritmo acelerado com personagens inesquecíveis e suspense de cortar a respiração, O PRÉDIO PERFEITO é o livro # 2 de uma nova série fascinante que vai fazer você ler pela noite dentro.

Livro #3 na série Jessie Hunt—A CASA PERFEITA—está também agora disponível para pré-encomenda.



O PRÉDIO PERFEITO
(Um Thriller Psicológico de Jessie Hunt—Livro Dois)

Sabia que eu já escrevi múltiplas séries de mistérios? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!



Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho); da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)